

# SER MÃE HINDU

*Práticas e Rituais Relativos à Maternidade  
e aos Cuidados à Criança na Cultura Hindu  
em Contexto de Imigração*

IVETE MONTEIRO



acidi

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I. P.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

# **SER MÃE HINDU**

*Práticas e Rituais Relativos à Maternidade e aos Cuidados  
à Criança na Cultura Hindu em Contexto de Imigração*

Ivete Monteiro

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

MONTEIRO, Ivete Rosária Almeida dos Milagres

Ser mãe hindu: práticas e rituais relativos à maternidade  
e aos cuidados à criança na cultura hindu  
em contexto de imigração – [Teses, 9]

ISBN 978-989-8000-37-8

CDU 316  
392  
314  
673

PROMOTOR  
ALTO-COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO  
E DIÁLOGO INTERCULTURAL (ACIDI, IP)  
[www.acidi.gov.pt](http://www.acidi.gov.pt)

AUTORA  
IVETE MONTEIRO  
E-mail: [ivete.monteiro@gmail.com](mailto:ivete.monteiro@gmail.com)

EDIÇÃO  
ALTO-COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO  
E DIÁLOGO INTERCULTURAL (ACIDI, I.P.)  
Rua Álvaro Coutinho, N.º 14, 1150-025 LISBOA  
Telefone: (00351) 218 106 100 Fax: (00351) 218 106 117  
E-mail: [acidi@acidi.gov.pt](mailto:acidi@acidi.gov.pt)

EXECUÇÃO GRÁFICA  
EDITORIAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PRIMEIRA EDIÇÃO  
250 EXEMPLARES

ISBN  
978-989-8000-37-8

DEPÓSITO LEGAL

265 694/07

LISBOA, NOVEMBRO 2007

Dissertação de Mestrado  
em Comunicação em Saúde

Autora: Ivete Monteiro

Orientadora: Professora Doutora Natália Ramos

Universidade Aberta

Lisboa, 2005

*Que é feito de ti, mãe, onde estás?  
Não te esqueceste de mim, pois não?  
Quando te sentas lá fora sobre o nosso telhado sob a lua  
Ainda contas contos de fadas?  
Ou, sozinha na cama, ficas acordada pela noite,  
Com lágrimas e mágoa no coração?  
Ainda levas flores ao templo ao amanhecer para as orações  
Pela tua filha exilada, pelo seu bem-estar?*

Rabindranath Tagore

## Índice

PREFÁCIO	9
NOTA PRÉVIA	11
SUMÁRIO	13
ABSTRACT	15
INTRODUÇÃO	16
<b>PARTE I — REVISÃO TEÓRICA</b>	<b>23</b>
<b>1. O HINDUÍSMO</b>	<b>23</b>
1.1. A Religião	25
1.1.1. Os textos sagrados	25
1.1.2. O conceito de Deus	29
1.1.3. A moral e a ética	31
1.1.4. Os ensinamentos	32
1.1.5. Os valores	33
1.2. A Sociedade	37
1.2.1. As castas sociais	37
1.2.2. As ordens espirituais	39
1.3. A Família	41
1.3.1. A mulher na cultura hindu	42
1.3.2. A maternidade	54
1.3.3. O nascimento	56
1.3.4. Os idosos	58
1.3.5. O culto e os rituais	59
<b>2. A MIGRAÇÃO</b>	<b>64</b>
2.1. O Porquê da Migração	66
2.2. A Necessidade de Manter a Identidade	67
2.3. Formas de Adaptação	69
2.4. A Integração na Sociedade de Acolhimento	74
2.5. A Segunda Geração	75
2.6. A Maternidade em Situação de Imigração	76
2.7. A Saúde	81
2.8. O Papel dos Profissionais de Saúde	83

<b>3. A COMUNIDADE HINDU EM PORTUGAL</b>	<b>85</b>
3.1. A Identidade Cultural	90
3.2. Zonas de Comércio e Actividade Profissional	94
3.3. Actividades e Comportamentos para Preservar a Identidade	96
3.4. Actividades Desenvolvidas para a Integração na Sociedade de Acolhimento	105
<b>PARTE II — INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA</b>	<b>109</b>
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>109</b>
4.1. Tipo de Estudo	109
4.2. Local de Realização do Estudo	114
4.3. População-Alvo	115
4.4. Selecção da Amostra	117
4.5. Procedimentos Metodológicos e Técnicas Utilizadas	117
4.6. Instrumentos de Colheita de Dados	123
4.6.1. Construção dos instrumentos de colheita de dados	126
4.6.2. Validação dos instrumentos de colheita de dados	127
4.6.3. Implementação dos instrumentos de colheita de dados	128
4.7. Organização e Tratamento de Dados	129
4.8. Limitações do Estudo	129
4.9. Implicações Éticas	131
<b>5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	<b>132</b>
5.1. Caracterização dos Sujeitos do Estudo	133
5.1.1. Caracterização da população-alvo	133
5.1.2. Caracterização da amostra	134
5.1.2.1. Percurso migratório	140
5.1.2.2. Razões da migração	141
5.1.2.3. Dificuldades sentidas com a imigração	142
5.2. Análise e Interpretação dos Dados	149
5.2.1. Valores do hinduísmo	149
5.2.2. Aspectos mais característicos da cultura hindu	151
5.2.3. Transmissão de valores e de práticas	153
5.2.4. Manutenção de hábitos da cultura de origem	158
5.2.5. Aproximação da sociedade de acolhimento	162
5.2.6. Maternidade	169
5.2.6.1. Cuidados e rituais durante a gravidez	174
5.2.6.2. Cuidados e rituais no pós-parto	186
5.2.6.3. Cuidados de higiene e conforto da criança	196

5.2.6.4. Mau-olhado e protecção da criança	207
5.2.6.5. Rituais e festas da criança	214
5.2.6.6. Dormir	221
5.2.6.7. Crenças	224
5.2.6.8. Educação dos filhos	226
5.2.7. Cuidados de saúde	230
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>235</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>249</b>
<b>FILMOGRAFIA</b>	<b>255</b>
<b>ANEXO — GLOSSÁRIO</b>	<b>257</b>
<b>ANEXO — CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA</b>	<b>268</b>

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Caracterização geral da amostra	135
Quadro 2 – Distribuição da amostra estudada, segundo o grupo etário	136

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Distribuição das mulheres hindus entrevistadas, de acordo com a idade	136
---	-----

## Índice de Fotografias

Fotografia 1 – Celebração do <i>Navrati</i>	98
Fotografia 2 – <i>Mandir</i> doméstico	102
Fotografia 3 – Porta de uma casa hindu decorada com símbolos de boas-vindas	122
Fotografia 4 – Pormenor do chão decorado com símbolo de boas-vindas na entrada de uma casa hindu	122
Fotografia 5 – Avó hindu a dar banho ao seu neto	198
Fotografia 6 – Momento da massagem efectuada por uma avó hindu	201
Fotografia 7 – Técnica de massagem efectuada por uma avó hindu	201
Fotografia 8 – Celebração do <i>Holi</i>	204
Fotografia 9 – Pormenor do uso de <i>cajal</i> nos olhos e na testa	210
Fotografia 10 – Elementos de protecção contra o mau-olhado	210
Fotografia 11 – Pormenor da mesa de celebração do <i>Chatti</i>	214
Fotografia 12 – Alimentos colocados na celebração do <i>Chatti</i>	214
Fotografia 13 – Espelho tapado após o nascimento da criança	224

## PREFÁCIO

No mundo contemporâneo as questões da diversidade cultural, da mobilidade das populações e das relações interculturais, estão no centro da preocupação da maioria dos Estados e são da maior importância no contexto do mundo globalizado.

Desde 1970, o número de migrantes internacionais quase triplicou, constatando-se que perto de 200 milhões de mulheres e homens vivem actualmente fora dos seus países de origem, que 95 milhões destes migrantes são mulheres e que um terço das migrações internacionais são migrações familiares. Com efeito, os fluxos migratórios têm vindo a aumentar um pouco por todo o mundo, tocando todos os continentes e os diferentes sectores da vida pública, prevendo-se que em 2050 as migrações internacionais atinjam os 230 milhões.

Na União Europeia, desde 1980, o número de migrantes provenientes de países extra europeus aumentou 75%, Portugal tendo vindo, igualmente, a reforçar o seu carácter de país de imigração, esta representando 6,7% do total da população residente em 2004.

Estas novas realidades multi/interculturais fazem com que os homens e as mulheres do século XXI, mantenham múltiplas pertenças identitárias e redes transnacionais, dupla nacionalidade, desenvolvam novas formas de relações sociais, familiares e intergeracionais e novas práticas de cidadania, tenham conquistado novos direitos e acessibilidades mas conheçam, também, novos conflitos e problemas de adaptação, de educação e de saúde e novas formas de discriminação e de exclusão.

As problemáticas da diversidade cultural e da interculturalidade implicam um novo reposicionamento metodológico e epistemológico ao nível da pesquisa e da intervenção, nomeadamente, no domínio da saúde, vindo colocar novos desafios às estratégias e às políticas, no que diz respeito à gestão da comunicação, particularmente da comunicação intercultural, das identidades e dos conflitos, bem como à gestão das interacções entre o eu e o outro, entre o universal e o singular.

A obra aqui apresentada, ao centrar-se na comunidade hindu residente na área metropolitana de Lisboa, em particular, nas representações, práticas e rituais relativos à maternidade e aos cuidados às crianças na cultura hindu em contexto migratório, oferece para análise e discussão uma temática da maior pertinência e actualidade ao nível da prática e da investigação.

Esta publicação tem como base a investigação que *Ivete Almeida Monteiro* realizou no âmbito da sua Dissertação de Mestrado em Comunicação em Saúde defendida na Universidade Aberta.

A autora, especialista em saúde materno-infantil apresenta com muita clareza, fundamentação e aprofundamento, questões relacionadas com a maternidade em situação de aculturação e migração, conseguindo com sensibilidade e competência introduzir o leitor na riqueza e complexidade da cultura hindu e nas vivências, práticas e tradições das mães desta comunidade.

Através da palavra e da imagem, da escuta e da observação, nomeadamente, fotográfica e fílmica, a autora analisa a tradição e a modernidade, a influência da cultura de origem e da cultura de acolhimento nas concepções, práticas e rituais relativos à maternidade e aos cuidados às crianças nas mulheres imigrantes hindus de diferentes gerações, evidenciando como este domínio continua a ser um universo predominantemente feminino e como a riqueza e a vitalidade dos vínculos familiares e intergeracionais nesta comunidade, mesmo em contexto migratório, contribui para a manutenção dos valores e tradições do grupo e para o seu fortalecimento identitário.

Trata-se de uma obra de referência na área da cultura, saúde e migração, nomeadamente, no âmbito da saúde materno-infantil e da gravidez, maternidade e cuidados infantis na cultura hindu, a qual vem sensibilizar para a importância de implementar cuidados de saúde culturalmente competentes e de promover políticas e estratégias adaptadas às características e necessidades das populações e ainda, contribuir para a formação dos diferentes profissionais, particularmente, dos que trabalham neste domínio e com famílias oriundas de outros universos culturais.

Professora Doutora Natália Ramos  
Universidade Aberta  
Lisboa, Maio de 2007

## NOTA PRÉVIA

Os fluxos migratórios são uma constante nos nossos dias, transportando pessoas, culturas e valores para novas realidades, favorecendo o intercâmbio de ideias, conceitos e tradições que se mantêm ou se transformam, fazendo parte de um presente mas, sobretudo, construindo um futuro. O conhecimento mais atento destas culturas revela-se fundamental contribuindo para alargar horizontes, enriquecendo o nosso dia a dia, permitindo uma valorização não só cultural e social, mas sobretudo um acréscimo inegável a nível pessoal.

O presente livro surge na sequência da dissertação de mestrado em Comunicação em Saúde, apresentada à Universidade Aberta em 2005, sob orientação da Professora Doutora Natália Ramos.

A actualidade da temática da maternidade e dos cuidados à criança em contexto de migração mantém-se, exigindo por parte de todos um entendimento mais profundo das várias realidades que se misturam e que constituem a sociedade portuguesa. A comunidade hindu, radicada em Portugal há muitos anos, é muito rica em tradições e rituais que vale a pena conhecer. Este estudo pretende ser um estímulo para esse conhecimento e de tantas outras culturas que fazem hoje parte da nossa realidade.

Neste momento seria impensável esquecer todos os que de alguma forma colaboraram, apoiaram e acreditaram que esta investigação seria possível. Correndo o risco de ser injusta e esquecer algum nome, gostaria desde já agradecer a todos que me acompanharam neste percurso, expressando o meu sincero obrigado e eterna gratidão.

Não poderia, todavia, deixar de destacar a minha orientadora, Professora Doutora Natália Ramos pela sua disponibilidade, incentivo, espírito crítico e carinho pelo tema que sempre conseguiu transmitir e que serviu de estímulo no desenrolar deste estudo; aos meus pais Arsénio e Filomena por me terem dado a vida, por cuidarem de mim, por me ajudarem a crescer, por estarem presentes e por me amarem sempre; ao meu tio António Almeida pelo seu exemplo de perseverança, teimosia e insistência e por me ajudar a acreditar; aos representantes da Comunidade Hindu de Portugal, pela sua disponibilidade, sabedoria e prazer em conversar sobre o hinduísmo e por partilharem as suas vivências e a sua realidade; à Dr.<sup>a</sup> Surya, Mena, Madhavi, Bina, Yoguita, Kilona, Sadya por partilharem a sua visão feminina sobre o hinduísmo; aos funcionários da Comunidade

Hindu de Portugal, pelo seu acolhimento e boa vontade e, em particular, a todas as mulheres da comunidade hindu por abrirem e me deixarem entrar não só nas suas casas, mas também nas suas memórias e nos seus corações.

## SUMÁRIO

A migração tem sido uma constante ao longo dos tempos mantendo-se até aos dias de hoje. Quer seja por razões económicas, sociais ou políticas, o movimento de pessoas entre os países tem vindo a intensificar-se, convertendo-se num intercâmbio de culturas e de valores ao qual não podemos ficar alheios. Portugal, nas últimas décadas, tem acolhido pessoas oriundas de diversas partes do mundo, as quais se aglomeram e constroem comunidades dentro da sociedade portuguesa, como é o caso da comunidade hindu.

A maternidade é um dos aspectos que mais é afectado com a imigração, sofrendo a forma de cuidar das crianças influências da cultura de origem e simultaneamente da cultura de acolhimento, criando por vezes, conflitos difíceis de ultrapassar.

A maternidade e os cuidados à criança na cultura hindu em contexto de imigração constituem a temática deste estudo, cujos objectivos são identificar as concepções sobre a maternidade e cuidados à criança das mulheres da comunidade hindu, analisar quais as práticas e cuidados relativos à maternidade e à criança que são mantidos da cultura de origem, analisar o que foi introduzido nessas práticas da cultura de acolhimento e analisar a forma como as práticas da maternidade são transmitidas entre estas mulheres.

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, analítico e transversal, baseado numa metodologia qualitativa, tendo sido escolhidas a entrevista semi-estruturada, a observação fílmica, a observação fotográfica e a observação participante como instrumentos de colheita de dados. Estes instrumentos de pesquisa, aplicados a mulheres hindus residentes na área metropolitana de Lisboa, permitiram conhecer a cultura hindu numa perspectiva mais alargada, englobando algumas variáveis, relacionadas com a imigração, que influenciaram a prática da maternidade hindu.

Na cultura hindu, a maternidade é considerada uma bênção de Deus e é valorizada pela mulher grávida, pela sua família e por toda a comunidade. Existem práticas e crenças, transmitidas de geração para geração de um modo informal, sobretudo através da tradição oral e através da observação de práticas e comportamentos, que continuam a ser seguidas e respeitadas, mesmo quando inseridas num contexto de imigração.

A influência da cultura de acolhimento faz-se sentir de forma ténue nos cuidados, embora seja mais visível nas mulheres mais jovens que

nasceram e cresceram em Portugal (segunda geração) e nas jovens que não vivem com familiares mais velhos, as quais não possuem uma base de referência sólida.

**Palavras-chave:** hinduísmo, maternidade, imigração, práticas de cuidados, crenças, educação precoce, criança.

## ABSTRACT

Migration has been constant over time and has continued until today. Whether it has been for economic, social or political reasons, the movement of people between countries has intensified, becoming an exchange of cultures and values, which cannot be ignored. In recent decades, Portugal has welcomed people from many parts of the world, who have gathered and built communities within Portuguese society, as is the case of the Hindu community.

Maternity is one of the aspects most affected by immigration, with the way of raising children being subjected to both influences from the culture of origin and the new culture, sometimes causing problems, which can be difficult to overcome.

Maternity and care for the child in the Hindu culture within a context of immigration form the theme of this study, the objectives of which are to identify the conceptions of maternity and childcare of women within the Hindu community, analysing the practices and the care relating to maternity and the child which are maintained from the original culture, analysing those practices introduced from the new culture and analysing the way in which information regarding maternity practices are transmitted between these women.

This is an exploratory, descriptive, analytical and transversal study, based on a qualitative methodology using semi-structured interviews, filmed observation, photographic observation and participant observation as data collection instruments. These research tools, applied to Hindu women residing in the Lisbon metropolitan area allow the discovery of the Hindu culture from a wider perspective, including some variables relating to immigration which influence Hindu maternity practices.

In Hindu culture, maternity is considered to be a blessing from God and is highly valued by the pregnant woman, her family and all the community. There are practices and beliefs, passed from generation to generation informally, especially verbally and through the observation of practices and behaviour, which continue to be followed and respected, even when inserted in the context of immigration.

The influence of the new culture is felt tenuously in childcare, although it is more visible in younger women who were born and raised in Portugal (2nd generation) and in young women who do not live with older family members and do not have a solid referential base.

**Key words:** Hinduism, maternity, immigration, child-care practices, beliefs, precocious education, child.

## INTRODUÇÃO

A emigração esteve sempre presente desde tempos muito antigos. O desejo de procurar novas terras, melhores condições de vida, ou simplesmente a necessidade de ir para outro país ou região que proporcione maior estabilidade, maior segurança é uma necessidade presente ainda nos nossos dias e que se traduz pela saída do país de origem e o ingresso num país desconhecido. Esta procura de adaptação à nova realidade, não se processa de forma incólume, ela acarreta marcas e dificuldades que se manifestam a nível pessoal e familiar.

O indivíduo ao aventurar-se num novo mundo entra em contacto com valores e com comportamentos diferentes dos seus. Inicialmente, o migrante distancia-se numa tentativa de preservar o que foi interiorizando mas, o contacto contínuo com uma cultura diferente exerce inegavelmente a sua influência pondo em causa códigos e certezas e conduzindo a um conflito que pode permanecer oculto ou que pode manifestar-se de forma visível e exacerbada. Frequentemente, também ocorre uma alteração da estrutura familiar, a qual tem que enfrentar novos desafios a nível da manutenção da sua dinâmica, dos seus sonhos e do seu projecto de vida. Com efeito, a ida para outro país implica uma adaptação a novas regras e a novas práticas que precisam de ser interiorizadas para uma melhor integração. Surge então o dilema entre manter os rituais e os valores culturais que lhes foram incutidos desde o nascimento ou adquirir e adoptar as referências da cultura de acolhimento. Será necessário abandonar as primeiras? Ou será que se pode construir um equilíbrio entre o que herdamos da nossa cultura e o que encontramos de novo, sem perder a nossa identidade?

Os valores e os conceitos que tomamos como nossos são-nos incutidos desde crianças e crescem e desenvolvem-se à medida que nós também nos desenvolvemos, podendo ser modificados, mas nunca totalmente esquecidos. Ao ir para outro país esses valores, ideias e alicerces nos quais nos fundamentamos são, consciente ou inconscientemente, postos em causa levando o migrante a adoptar estratégias de integração ou por outro lado, a recusar de forma absoluta uma socialização que ponha a sua identidade cultural em perigo. O que leva à opção por um caminho ou por outro? Estará esta opção relacionada com experiências migratórias anteriores, com o que nos ensinaram ou é simplesmente fruto de uma resposta directa ao que experienciamos no dia a dia?

A forma como os migrantes se organizam e como estabelecem barreiras protectoras às suas crianças é uma vertente diferente de se abordar a temá-

tica da migração. Com efeito, a educação das crianças e todo o processo de desenvolvimento até à idade adulta fornecem dados muito fiáveis sobre a cultura, sobre os valores e sobre a forma de adaptação de uma comunidade migrante. O facto de quererem preservar os rituais e tradições, ou por outro lado, adquirirem rapidamente comportamentos da sociedade de acolhimento são indicadores da forma como a integração se processou.

A imigração é um processo complexo, no qual inúmeras variáveis estão implicadas alterando-se com o tempo e consoante as experiências de cada um. A família constitui a vertente mais afectada com este processo, ocorrendo alterações profundas na sua estrutura e na sua dinâmica. O processo de adaptação a uma nova realidade repercute-se em toda a família alterando hábitos que estão enraizados desde a nascença. Esse ajustamento é visível no cuidado e na educação dos filhos e também na forma como as tradições são transmitidas às gerações mais novas, as quais irão constituir a segunda geração de migrantes, com obstáculos e dificuldades bem definidas.

A escolha da temática da maternidade e do cuidado da criança numa cultura diferente foi fruto da vivência profissional diária com crianças e suas mães, as quais cuidavam dos seus filhos de acordo com o que lhes tinha sido ensinado pelas suas mães e avós. Muitas delas complementavam esta sabedoria e conhecimento femininos com informação dada por outras mulheres, com experiência ou com informação obtida através de livros ou outros meios, construindo a sua própria forma de cuidar. A constatação desta realidade aliada à existência de inúmeras culturas que actualmente existem em Portugal veio despoletar a curiosidade por este tema.

Portugal nos nossos dias, e a região de Lisboa em particular, tornou-se local preferencial para os imigrantes, os quais vieram em busca dos seus sonhos e de uma estabilidade social e financeira. A esta vinda inicial segue-se frequentemente a chegada da restante família (mulher e filhos) necessitando de uma nova reorganização e ajustamento aos hábitos e comportamentos que regem a sociedade de acolhimento. Esta adaptação não é isenta de conflitos e de dúvidas, ficando o migrante com um sentimento de desequilíbrio permanente entre o que traz consigo e que faz parte de si e o que deve fazer para ser aceite. Esta dúvida é uma constante frequentemente verbalizada e sentida por muitas mães que têm valores e referências culturais diferentes e que vivem continuamente numa ambiguidade.

Estes aspectos constituíram um ponto de partida para o início de uma simples curiosidade que posteriormente se transformou numa necessi-

dade de conhecer e de aprofundar o cuidar da criança em culturas diferentes. É imperativo conhecer os valores e princípios de outras realidades, de pessoas que vieram viver para Portugal para poder compreender e ter uma atitude activa que vá ao encontro de uma realidade comum e não de uma realidade imposta.

O conceito de maternidade, de família, de cuidar que existe noutras culturas requer uma nova perspectiva, mais aberta e actual, sobre a criança, a multiculturalidade e, de uma forma mais abrangente sobre o mundo. Conhecer o outro, as suas diferenças, nesta perspectiva mais ampla permite uma abordagem diferente dos conceitos, das tradições e dos comportamentos.

A escolha da comunidade hindu residente na área metropolitana de Lisboa constituiu uma forma de conhecimento de uma realidade que esteve sempre muito próxima. O facto desta comunidade estar completamente integrada em Portugal, depois de ter passado por uma integração em Moçambique, foi um estímulo acrescido para a aproximação e compreensão de uma narrativa que se foi construindo, modificando e adaptando com a passagem por diversos países.

Por último, e não menos importante, foi o facto de ter raízes na Índia e ter passado também por Moçambique criando o meu próprio percurso migratório que veio desaguar em Lisboa. As histórias que ouvia em pequena, o modo de cuidar de que se falava, a própria forma como fui cuidada pelas mulheres da minha família e sobretudo pela minha avó, despertaram o interesse sobre esta temática e sobre como os outros cuidam.

A pessoa cresce e desenvolve-se de acordo com o que lhe foi ensinado, com o que aprendeu e de acordo com as escolhas que faz ao longo da sua vida. Este tema resulta, pois de uma confluência de verdades que foram essenciais para o desenrolar da investigação.

Conhecer a forma como as mulheres hindus encaram a maternidade e cuidam das suas crianças bem como identificar o que mantêm da sociedade de origem e o que foi adquirido da sociedade de acolhimento são alguns dos aspectos que merecem atenção deste estudo. O desejo de explorar esta temática associado à escassez de estudos nesta área foram factores determinantes para o desenvolvimento da seguinte pergunta de partida:

*Dentro das concepções de maternidade e de cuidados à criança, o que é que as mães hindus mantêm da cultura de origem e integram da cultura de acolhimento?*

No sentido de tentar dar resposta a esta questão elaborámos as seguintes perguntas orientadoras:

- Qual a concepção de maternidade das mulheres da comunidade hindu de Lisboa?
- Quais as práticas tradicionais relacionadas com a maternidade e os cuidados à criança na cultura hindu?
- Existe transmissão das práticas tradicionais sobre a maternidade entre estas mulheres?
- De que forma é feita a transmissão dessas práticas? Como se manifesta a influência da sociedade de acolhimento?

As questões anteriormente mencionadas enquadram e dirigem a análise que pretendemos realizar para os seguintes objectivos:

- Identificar as concepções sobre a maternidade e cuidados à criança das mulheres da comunidade hindu.
- Analisar quais as práticas e cuidados relativos à maternidade e à criança que são mantidos da cultura de origem.
- Analisar o que foi introduzido nessas práticas da cultura de acolhimento.
- Analisar a forma como as práticas da maternidade são transmitidas entre estas mulheres.

Actualmente, o multiculturalismo é uma realidade em Portugal à qual não se pode fugir. Diversas culturas e línguas convivem e interagem criando uma multiplicidade de costumes, hábitos e tradições que é imperativo descobrir e conhecer. Tal como Ramos (2001, p. 156) refere *“Os encontros e as relações interculturais fazem, actualmente, parte e integram cada vez mais o nosso contexto social, económico, político, religioso, escolar, sanitário, mediático”*.

Uma das comunidades que se encontra bem estruturada em Portugal e particularmente em Lisboa é a Comunidade Hindu. Esta comunidade apesar de já ter sofrido um processo de adaptação em Moçambique, após a descolonização conseguiu reestruturar-se novamente em Portugal mantendo muitas das suas tradições e crenças. A religião, pilar fundamental, mantém-se viva através da criação de templos e das festividades religiosas que se celebram ao longo de todo o ano. É notória uma preocupação constante em manter os hábitos e tradições e inculcar nas crianças e nos mais jovens a cultura hindu. Com efeito, e segundo

Ramos (2002a, p. 478) “a cultura estrutura o indivíduo por intermédio de padrões culturais transmitidos, os quais constituem modelos, regras e lógicas culturais fornecidas à criança desde o seu nascimento pela família, escola e comunidade”.

No entanto, os processos de migração remetem para separações não só familiares, mas também culturais contribuindo para uma maior vulnerabilidade na construção da identidade pessoal e cultural do indivíduo. Esta ideia é sustentada por Ramos (2002a, p. 466) ao afirmar “As famílias, quando separadas do seu grupo social cultural e familiar, desenraizadas e isoladas, apresentam muitas vezes, dificuldades psico-sociais, emocionais, adaptativas”. Efectivamente é na cultura que o indivíduo cresce, desenvolve e adquire as suas referências e quando é afastado dela o seu sistema de pertença desmorona-se.

A fixação de uma população tão numerosa como a população hindu em Portugal implica uma resposta adequada às suas necessidades. Este facto torna-se particularmente evidente no campo da saúde. Existe um número crescente de mulheres hindus que recorrem aos hospitais para terem os seus filhos, o que exige da parte dos profissionais de saúde um conhecimento sobre esta cultura, as suas práticas e os cuidados à mãe e ao recém-nascido por forma a evitar conflitos culturais. Este conhecimento conduz inevitavelmente a uma comunicação mais eficaz devido ao reconhecimento da existência de várias formas de pensar e interpretar uma realidade. É esta comunicação desprovida de preconceitos, com base no conhecimento, que permite a prestação de melhores cuidados de saúde, dirigidos a um grupo com uma cultura diferente mas que importa conhecer.

Por último, a existência de um número reduzido de estudos que abordam esta temática foi justificação e impulso importante para enveredarmos pela temática da maternidade e dos cuidados à criança na comunidade hindu.

O conhecimento de comportamentos e de formas de cuidar implica uma consciência alargada da cultura onde estes hábitos se inserem e requer um despreendimento e uma interiorização progressiva de conceitos e de ideias. É importante conhecer as pessoas para conhecer os seus hábitos, os seus costumes e desta maneira, entendê-los correctamente. Por estas razões, optamos por um estudo exclusivamente qualitativo, utilizando a entrevista semi-estruturada, a observação participante e a observação fílmica e fotográfica para recolha de dados. Este estudo é ilustrado e completado com fotografias obtidas ao longo da investigação e que são, na sua totalidade, da autoria da investigadora. É um estudo analítico, transversal, exploratório e descritivo.

O trabalho que em seguida apresentamos está estruturado em cinco capítulos principais. No primeiro capítulo, procuramos efectuar uma abordagem geral ao hinduísmo, incluindo alguns conceitos-chave desta filosofia que foram considerados pertinentes para uma compreensão mais correcta da temática. O segundo capítulo, tem como eixo orientador a migração sendo retratadas as razões e as alterações causadas pela imigração, as estratégias de integração na sociedade de acolhimento e a influência da imigração no conceito e na prática da maternidade. O capítulo seguinte refere-se à Comunidade Hindu em Portugal, analisando o seu percurso, a sua instalação e a sua adaptação ao país de acolhimento. No quarto capítulo, apresentamos as opções metodológicas efectuadas para a concretização deste estudo e em seguida, fazemos a apresentação, análise e discussão dos dados, utilizando excertos dos discursos das entrevistadas. Terminamos com as conclusões deste estudo, necessárias para a compilação das principais ideias desta pesquisa.

Num mundo onde se cruzam constantemente diferentes culturas e se criam novas formas de adaptação e de ligação, o conhecimento e a compreensão de práticas e tradições constitui uma forma de enriquecimento e de valorização de nós próprios. A maternidade e os cuidados à criança é uma temática não só de grande beleza mas também de extrema importância, sobretudo se estudada em contexto de imigração. Saber como se cuida, o que foi modificado e o que se mantém da cultura de origem constitui o primeiro passo para um longo caminho e para um cuidar consciente, personalizado e sobretudo multicultural.



## PARTE I — REVISÃO TEÓRICA

### 1. O HINDUÍSMO

O hinduísmo assume-se como uma das religiões mais antigas existentes no Mundo. Inicia-se há mais de quatro milénios, influenciando um vasto número de seguidores, actualmente dispersos por todo o mundo. A sua origem remonta ao país que actualmente é designado por Índia.

O conceito de hinduísmo é vasto, não se podendo restringir a uma mera definição, pelo que é imprescindível simplificá-lo. Conio (1986, p. 3) refere que este termo *“abrange um conjunto de doutrinas e práticas religiosas que se foram formando na Índia durante quatro milénios, a partir do período indo-ariano até aos desenvolvimentos determinados pelas sucessivas contribuições devidas tanto às religiões locais como ao encontro com outras crenças”*. Esta filosofia foi-se construindo e alicerçando com base no confronto com vários cultos, diferentes convicções, outras religiões e com o que foi interiorizado pelos hindus, podendo-se afirmar que ela deriva de uma multiplicidade de fontes, tais como os textos védicos, os textos de tradição e a devoção. A íntima ligação que se observa entre o carácter religioso e o popular ainda se mantém nos dias de hoje, constituindo uma das características essenciais desta religião.

Para melhor se compreender os termos hinduísmo e hindu é necessário analisar, embora de um modo superficial, a história da Antiga Índia. Numa primeira fase, que se pode denominar de antiga ou védica, o termo hinduísmo não existia, tendo sido criado quando Alexandre, o Grande, invadiu a Índia em 325 a.C. e cruzou o rio *Sindhu*, que fica onde hoje é o Paquistão, e o chamou de *Indus*, por ser mais fácil de pronunciar em grego. Muitos séculos mais tarde, os invasores muçulmanos chamaram o rio de Hindu, pois tinham dificuldade em pronunciar *Sindhu* e as terras ao leste do rio ficaram conhecidas pelo nome de *“Hindustan”*. Esta ideia é corroborada por outros autores tais como Goswami (2002, p. 101) que citando Embree revela que as palavras “hindu” e “hinduísmo” não são encontradas na literatura védica. Estas designações poderão ter origem numa palavra que *“os gregos tomaram emprestado dos persas, que, por causa da dificuldade que tinham com o “s” inicial, chamavam o rio Sindhu (o moderno Indo) de “Hindu”. Foi com esta palavra que os estrangeiros passaram a designar a religião e a cultura dos povos que viviam na terra banhada pelos dois rios, o Indo e o Ganges, embora os próprios nativos não usassem o termo”*. Também Acharuparambili (1982, p. 3) reforça esta ideia ao dizer *“El nombre hindú procede del río Sindhu (Indus). Los persas*

*deignaron a los indo-arios establecidos en las riberas del Sindhu com el nombre del próprio río, aunque pronunciado a su modo: indu, en vez de sindu”.*

A segunda fase decorre entre o século catorze e o século dezanove, sendo o termo hindu utilizado pelos invasores muçulmanos para designar os habitantes naturais da região. Porém, entre esses habitantes o termo não era utilizado porque os seguidores védicos não reconheciam o seu significado. Nenhum seguidor dos *Vedas* considerava que esse termo realmente o identificava em termos espirituais ou filosóficos. Esta designação era apenas uma denominação externa que se usava em certas circunstâncias.

Estas denominações foram amplamente difundidas e generalizaram-se, estendendo-se a práticas não só religiosas, mas também sociais e culturais, que fossem efectuadas pelas pessoas da Índia. Apesar desta constatação a vertente religiosa continuou a prevalecer, sendo fundamento para os seguidores que se identificam com esta filosofia.

O último período descrito para compreensão do conceito de hinduísmo inicia-se no século dezanove e caracteriza-se pela auto-denominação dos seguidores dos *Vedas* como hindus e a sua religião como o hinduísmo. Com o uso corrente do termo veio também a generalização, sendo o termo hindu adoptado para indicar alguém que nasceu na região, independentemente da sua fé ou filosofia de vida. Conio (1986, p. 10) reforça esta ideia, criada e desenvolvida pelo peso da história, afirmando:

*“Encontramo-nos perante mais de três milénios de história da civilização indiana que se desenvolve num subcontinente habitado por várias raças que só gradualmente e nunca inteiramente foram amalggando-se, mas tudo isto não impediu, pelo menos nos tempos mais recentes, nem a busca da identidade nacional, nem a tensão no sentido de uma «religião eterna» (um sanâtana dharma) que acolhesse em si toda a fenomenologia religiosa da Índia e se colocasse, em certa medida, como modelo de unidade na pluralidade”.*

O hinduísmo não se limita apenas aos aspectos religiosos, estendendo-se a inúmeras vertentes tais como a filosófica, a médica, a moral, entre outras. Actualmente, mais do que uma religião, o hinduísmo assume-se como uma filosofia seguida por muitas pessoas que não a herdaram dos pais ou familiares, mas que a adoptaram como sua devido aos ensinamentos e conceitos que valoriza.

Como todas as religiões, o hinduísmo foi sofrendo uma evolução ao longo dos anos, sendo alvo de influências e de acontecimentos que ocorreram na Índia e no resto do mundo, mas também cimentando-se na tradição e nos costumes das pessoas que seguiam esta filosofia.

Analisando brevemente a evolução do hinduísmo podemos verificar que ocorreram várias alterações, podendo-se considerar, de uma forma geral, dois períodos importantes: o pré-cristianismo e o pós-cristianismo. O período pré-cristianismo também designado por vedismo teve inspiração nos *Vedas*, pelo que poderemos encontrar três fases, distinguidas de acordo com as etapas destas escrituras: o *vedismo*, o *brahmanismo* e o *vedantismo*. Dentro destas três fases, destaca-se o segundo período que está associado ao hinduísmo religioso, e distingue-se do período anterior pela influência de outras culturas.

A partir do século XX, movimentos reformistas pretendem a modificação da corrente religiosa surgindo o Neo-hinduísmo, justificado por Acharuparambili (1982, p. 6) da seguinte forma “*algunos líderes hinduístas, desconfiando del Cristianismo y de la cultura occidental, tratan de reinterpretar los valores religiosos-culturales del Hinduísmo tradicional y de desintoxicar la sociedad hinduista de elementos poco recomendables, acumulados a lo largo de los siglos*”. Todavia, apesar de algumas alterações, nos nossos dias prevalece a forma clássica do Hinduísmo, que continua a ser difundido por todo o mundo, dando resposta às influências de outras culturas e de novas ideias, que continuam a surgir. Mantendo os seus traços originais e a sua filosofia ancestral, o hinduísmo procura constantemente, através dos seus textos sagrados e das práticas que deles advêm, actualizar-se e adaptar-se a diferentes realidades com que se depara.

Valores e ensinamentos procuram ser sempre realçados mantendo constante a procura pelo conhecimento e pela verdade absoluta, como meio de alcançar a iluminação de Deus.

## 1.1. A RELIGIÃO

### 1.1.1. Os textos sagrados

Como qualquer religião, o hinduísmo rege-se por textos que fornecem orientações sobre o modo de vida e que sustentam verdades que todos os seguidores pretendem alcançar. Estes textos surgem como lições de vida realçando os aspectos mais positivos do homem e

procurando que ele atinja a perfeição e a vida eterna. De inspiração divina, estas passagens, podem ser divididas em duas categorias: *Śruti* e *Smṛti*. Os textos que estão incluídos no *Śruti* (que significa ouvido ou coisa ouvida) são considerados terem tido na sua origem a revelação divina, enquanto os livros de *Smṛti* (que significa memória ou o que se recorda) são livros considerados como tradição. Dentro da primeira categoria estão incluídos os *Vedas*, os quais, segundo a doutrina tradicional, são eternos, englobando várias obras de épocas variadas. Crê-se que os *Vedas* foram escritos por sábios, que traduziram em palavras as verdades eternas que ouviram quando se encontravam num estado de iluminação interior, portanto, estes textos não foram escritos por Deus nem por estes sábios. Tal como Acharuparambili (1982, p. 7) afirma “*Esta interpretación no reconoce a Dios como el revelador de las verdades védicas, y ni siquiera considera a los sabios humanos como sus autores, sino tan sólo como sus manifestadores, habiendo sido instrumentos de transmisión de las verdades eternas que les fueran reveladas en los momentos de su ensimismamiento espiritual*”. Contudo, a crença popular e a tradição, que é passada através das gerações até os nossos dias, crê que Deus é o autor dos *Vedas* e por consequência estes textos são considerados como verdades absolutas, autênticas e perfeitas que permitem o verdadeiro conhecimento de tudo o que rodeia o Homem e permitem a iluminação espiritual do próprio Homem.

Segundo a literatura védica, o caminho material conduz ao sofrimento, pois as pessoas satisfazendo-se com os bens materiais não procuram melhorar, optam pelo conformismo e estagnam. O objectivo principal desta literatura é o conhecimento como fonte de libertação e de alcance da proximidade de Deus. Goswami (2002, p. 13) baseado também noutros autores afirma que “*Como sua finalidade principal, a literatura védica transmite conhecimento sobre auto-realização e, portanto, sobre como libertar-se (moksa) do sofrimento*”. Apesar das várias interpretações existentes e após uma análise mais profunda e cuidadosa é unânime a constatação que os *Vedas* “*defendem que a finalidade da vida humana não é resignar-se a um mundo temporário e miserável, mas, esforçar-se para obter felicidade permanente*” (Goswami, 2002, p. 14).

A importância dos *Vedas* no hinduísmo é retratada na seguinte frase de Acharuparambili (1982, p. 8) “*La importancia de los Veda aparece también en el hecho de que la recitación de los pasajes védicos constituye el principal de los sacramentos y demás actos sagrados que consagran el itinerario de la vida de un hinduista*”. Existem quatro *Vedas*: o *Rgveda*, o *Yajurveda*, o *Sâmaveda* e o *Atharvaveda*. Cada um destes *Vedas* apresenta quatro etapas, que representam o desenvolvimento da consciência

religiosa dos antigos indo-arianos. Estas etapas são designadas por *Samhita*, *Brāhmana*, *Ārānyaka* e *Upanisad*.

O *Samhita* constitui a etapa mais antiga dos *Vedas* (entre 2000-1500 e 1000 a.C.). É também conhecido por *Mantra*, ou seja, hino ou fórmula sagrada dirigida a uma divindade. Dentro deste, destaca-se o *Rgveda Samhita* que se caracteriza por um conjunto de hinos que na sua grande parte invocam muitos deuses, personificações de fenómenos ou poderes naturais. Para além destes, existem também hinos que se referem a costumes sociais, questões filosóficas e morais, mitos e lendas.

Os *Brāhmana* (entre 1000 e 800 a. C.) contêm a elaboração de ritos sagrados e um grande número de sacrifícios. Estes livros falam da origem, importância e significado dos vários ritos do sacrifício.

Os *Āranyaka* fazem a ponte entre o ritualismo dos *Brāhmana* e a filosofia dos *Upanisad*.

Os *Upanisad* (entre 800 e 300 a. C.) constituem uma das obras mais importantes do hinduísmo pois contêm a raiz do pensamento hindu. Segundo Acharuparambili (1982, p. 9):

*“Los textos incluyen las intuiciones, experiencias espirituales y especulaciones metafísicas y psicológicas de los videntes y pensadores de la antigüedad acerca del Ser supremo”*. Conio (1986, p. 18) refere *“As Upanishad são sem dúvida um chamamento à interioridade e à procura intelectual e mística do divino”*.

A outra categoria de textos é a categoria de *Smrti*, considerados os textos tradicionais hindus.

Dentro desta categoria, encontramos a epopeia *Rāmāyana*, escrita pelo sábio Vālmiki que viveu no século IV a.C. Esta epopeia narra a vida do rei Rāmā considerado uma das encarnações de *Vishnu* e da sua mulher *Sitā*, ambos vistos como modelos de virtude.

A segunda epopeia é *Mahābhārata* (que inclui o *Bhagavad-gita*). Foi escrita por vários autores, do século IV a.C. ao século IV d.C. e aborda o tema da guerra entre duas famílias reais: os *Pāndava* e os *Kaurava*. Ao longo desta obra é feita referência a deuses e heróis variados através de episódios e lendas. Existem também alusões a elementos da vida social, civil e religiosa da época.

A obra mais popular do hinduísmo é o *Bhagavad-gita*, descrita como uma obra poética de carácter filosófico e místico. Trata-se de um diálogo entre *Krishna* e *Arjun*, seu discípulo, onde se podem encontrar vários ensinamentos sendo o mais importante, o de devoção a Deus. Nele está contido o espírito mais profundo do hinduísmo, não só pela abordagem religiosa mas porque serve como ponto de partida para a discussão, reflexão e aprendizagem espiritual.

O *Dharma śāstra* é o conjunto dos códigos legais que regulam a vida religiosa e social hindu. Dentro destes códigos destaca-se o *Manu-samhita*, que é uma reedição das leis que regem a vida do indivíduo, da família, da sociedade e do estado, tanto nas suas vertentes espirituais como temporais. Nestes textos pode-se encontrar a necessidade de formação de castas e a necessidade de manter a casta dos *brahmanes* como a casta mais alta.

O *Sutra* também se encontra dentro da categoria de *smṛti*, podendo-se encontrar as normas e as regras sobre os sacrifícios védicos solenes, sobre a aplicação das fórmulas sagradas e ainda regras que se referem ao culto não védico tais como cerimónias e sacrifícios que se devem fazer em acontecimentos de carácter familiar como um nascimento ou um casamento.

Além destes, existem outros textos pertencentes à categoria de *smṛti*, os *Purāna*, os *Āgama* e os *Vedānga* e *Upaveda*. Os *Purāna* são textos que contêm lendas sobre a criação do mundo, a origem do homem, o fim do mundo, a luta entre os deuses e os demónios, a encarnação e a divina devoção, entre outras. Os *Āgama* constituem as escrituras das principais seitas religiosas hinduístas. Por último, os *Vedānga* mostram alguns estudos que podem ser considerados como auxiliares dos Vedas, como por exemplo, a gramática ou a astrologia. Dentro destes textos encontram-se indicações que abordam a prática de rituais específicos, tais como, o *Srauta Sutra* que fala do modo correcto de realizar ritos solenes e públicos; o *Grhyta Sutrās*, que se referem aos rituais domésticos e os *Dharma Sutrās*, textos que se referem à lei e à ética social. Os *Upaveda* são os tratados suplementares dos Vedas, tais como a *Āyurveda* (medicina) e a *Gāndharveda* (música), entre outros.

Os textos sagrados fazem referência a Deus de uma forma directa ou indirecta através de histórias, fábulas, de onde se retiram ensinamentos e se constrói a representação quer geral, quer pessoal de Deus.

### 1.1.2. O conceito de Deus

Ao analisarmos os textos védicos poderemos ser levados a crer que existem milhares de deuses na religião hindu, pois encontram-se vários nomes associados a ensinamentos e a crenças. Também a existência de várias seitas que prestam culto, cada uma à sua divindade suprema, tal como *Shiva*, *Vishnu*, *Krishna*, contribuem para que essa ideia prolifere e seja difundida. Aprofundando esta questão, podemos verificar que os vários deuses de que se fala são meras representações do mesmo Deus que tem a capacidade de encarnar em várias formas. Deste modo, passa-se de uma perspectiva politeísta para uma interpretação verdadeiramente monoteísta. Acharuparambili (1982, p. 13) refere que:

*“la diversidad de dioses no es otra cosa que diversos nombres y formas distintas de una sola realidad divina” e acrescenta “un simple campesino hinduista es de algún modo consciente de que las diversas divinidades no son más que aspectos y manifestaciones de un solo Dios supremo”* (1982, p. 14).

Também nos *Puranas*, mais especificamente no *Srimad Bhagavatam*, se explica que Deus pode ser visto de três maneiras distintas que são *Brahman* (Deus no seu aspecto impessoal, energia cósmica, luz divina), *Paramatama* (Deus na sua vertente localizada dentro de todo o ser vivo) e *Bhagavan* (Deus no seu aspecto pessoal supremo).

O hinduísmo considera a existência de um Deus supremo, que está acima das múltiplas representações que podemos encontrar, pois um dos ensinamentos do hinduísmo é que o homem está ligado a Deus e ao universo. Logo, o universo é Deus e tudo o que está no universo representa Deus, demonstrando mais uma vez o seu carácter impessoal. Uma representação comum é a trindade dos principais deuses: *Brahma* (criador), *Vishnu* (conservador) e *Shiva* (destruidor). A força criativa do universo é atribuída a *Brahma*, como Deus. O universo, depois de ter sido trazido à existência por ele, é mantido por *Vishnu* e posteriormente aniquilado pelo deus *Shiva*, para depois ser criado, mais uma vez por *Brahma*.

De acordo com os *Vedas*, a existência terrena e material é muito limitativa e quem se deixa prender pela ilusão material e pelo corpo não consegue alcançar a Verdade Absoluta. Porém, a passagem pelo mundo material e temporário, se bem aproveitada e apreendida, poderá ser de extrema utilidade para atingir o conhecimento. No texto do *Garga Upanisad* pode-se encontrar a seguinte passagem *“É um homem miserável aquele que, embora em um corpo humano, não soluciona os problemas da vida e*

*deixa o mundo assim como o deixa um cão ou um gato, não compreendendo a ciência da auto-realização*". Deste modo, o corpo humano é considerado apenas como um veículo, um transporte que permite o entendimento da verdade suprema. Goswami (2002, pp. 14-15) diz:

*"Os Vedas descrevem a liberação como uma prerrogativa especial concedida aos seres humanos e não às espécies inferiores. Por esta razão o corpo humano é comparado a um barco no qual pode-se atravessar o oceano da transmigração.(...) Se uma pessoa não atravessa o oceano para conseguir liberação eterna não é considerada inteligente, pois a filosofia védica nega a importância de qualquer conhecimento que não conduza ao término do sofrimento"*.

A filosofia hindu acredita que tudo o que faz parte deste mundo constitui a representação da divindade suprema e por isso tem que ser respeitada, estimada e admirada. É desta forma que a natureza se encontra intimamente ligada à cultura hindu. Ela faz parte da vivência terrena e funde-se com o homem, sendo vista frequentemente como expressão das vontades, sentimentos e emoções divinas. Acharuparambili (1982, p. 13) refere que:

*"En los Veda, las más antiguas escrituras sagradas hinduistas, los fenómenos naturales, tales como el sol y el cielo, el viento y la lluvia, la tierra y el fuego, representan a otros tantos dioses, a los cuales se acuden con himnos de alabanza, adoración y súplica"*.

A natureza é venerada em todas as suas formas – água, terra, ar – e é entendida como um prolongamento da imagem feminina do Divino, sendo a mais significativa a da mãe. Segundo Sugirtharajah (1999, p. 108)

*"O culto do Divino enquanto Mãe remonta ao período pré-histórico da civilização Harappa." A Índia é conhecida como Bharat Mata, ou Mãe Índia, e o rio Ganges, sagrado para os hindus, é conhecido como Gagâ Ma [Mãe Ganges] – tudo o que alimenta e sustenta é visto em categorias femininas"*.

A natureza também é vista como feminina, sendo tudo o que nela existe fruto do princípio feminino *prakrti* em interacção com o princípio masculino *purusa*. As florestas que são o sustento de muitas pessoas também são encaradas e adoradas como a Mãe Terra, pois é delas que se extraem alimentos e o ar purificador essencial à vida. Elas são semelhante às mães, protegendo, confortando e alimentando as pessoas que delas dependem. Do mesmo modo, *"do ponto de vista da mitologia hindu, a violência contra a natureza é sinónimo da violência contra as mulheres, pois todas as formas de vida são vistas como desenvolvimentos do princípio feminino"* Sugirtharajah (1999, p. 109).

Tudo e todos que estão nesta vida são representações simbólicas de Deus, pelo que é necessário respeitar e amar. Do mesmo modo, é essencial conhecer os valores fundamentais da filosofia hindu, para que na vida terrena as pessoas possam agir de acordo com eles, buscando a verdade e a libertação espiritual.

### 1.1.3. A moral e a ética

Toda a filosofia hindu é revestida de valores morais e éticos bem definidos e que visam sobretudo a descentralização de nós próprios e a visão clara e objectiva do outro. A sociedade hindu é regida e governada por esses valores que lhe dão equilíbrio e que estão em harmonia com o cosmos e com a espiritualidade. Cada pessoa, cada grupo social, desempenha um determinado papel, que não é nem deve ser considerado inferior, mas sim parte de uma realidade que necessita de estar bem definida.

Renou (1981, p. 93) refere “ *Se os deveres sociais e religiosos se revestem de peso para as castas e estados, as prescrições éticas, no sentido de que resultam desses deveres estão igualmente repartidas segundo as suas divisões. O dharma não é um dharma universal, mas de «casta e de estado»*”. Todos os indivíduos devem cumprir o dever para o qual estão destinados para atingir a libertação espiritual, ou seja, a *moksha*. Esse destino deve ser cumprido através de comportamentos, tanto a nível individual como a nível da sociedade. A ética divide-se em três: *dharma* (o dever, o mérito religioso ou moral), o *artha* (a busca do proveito) e o *karma* (a busca do prazer). Destas aspirações humanas todas, a mais importante, é a *dharma* pois está intimamente relacionada com a *moksha*. A prática do dever moral e religioso ao longo da vida proporciona paz, alegria, força e tranquilidade. O *dharma* universal denominado *Samanya dharma* inclui o perdão, o conhecimento espiritual, a ausência de raiva e de ganância, a pureza, a capacidade de distinguir entre o bem e o mal. O *dharma* mais específico, também conhecido como *Visesha dharma*, inclui os deveres que é necessário cumprir de acordo com o nascimento e de acordo com a posição que o indivíduo ocupa na família e no trabalho.

A nível individual é importante a conceptualização de que todos devemos buscar a verdade e a virtude. Seguindo os ensinamentos em relação aos outros, a virtude é a não violência. Outros valores assumem também grande significado tais como, fazer algo por alguém ou salvar um inimigo. Estas acções valem por si e pelo bem dos outros e não para glória de quem os pratica. No entanto, não se pode ver a pessoa como isolada e única, pois ela insere-se numa sociedade e num cosmos. Os actos e os

pensamentos do indivíduo vão influenciar a sociedade e são o próprio resultado da sociedade. Deste modo, vive-se um processo cíclico em que tudo influencia o indivíduo e este, por sua vez, também influi na sociedade e no universo. Neste processo entram a moral e a ética que estão interligadas e fazem parte de um todo, emanando conhecimentos e ensinamentos que orientam a vida de cada hindu.

#### **1.1.4. Os ensinamentos**

Os ensinamentos hindus estão presentes em todas as acções e em todos os aspectos da vida e cada um deles transporta uma moral que permite uma compreensão do passado, do presente e do futuro.

A religião, e em consequência a filosofia hindu, é muito vasta, abarcando várias áreas e fundindo-se em vários conceitos e entendimentos. Apesar da compreensão de que a própria existência humana é um caminho para o conhecimento, para a libertação e, conseqüentemente, para o alcance da verdade absoluta, esse percurso deverá ser rico em ensinamentos que visem atingir o estado de graça e de proximidade com Deus, entendido como ser supremo e infalível.

As mensagens contidas nos ensinamentos baseiam-se essencialmente no conhecimento de Deus, na sua veneração e no entendimento dos textos religiosos. A aceitação da casta onde se nasce e o dever de seguir as atribuições e comportamentos de cada casta é outro dos ensinamentos. O Homem não deve aspirar a querer ter mais riqueza material, pois esta riqueza é falsa e camufla a verdadeira procura de libertação. O importante é conhecer-se a si próprio, respeitar a sua condição social, agir de acordo com ela e seguir o que lhe está destinado. É também essencial compreender que as outras pessoas também são representações de Deus, pelo que é necessário respeitá-las, amá-las e ter uma postura de humildade e modéstia perante elas.

Os ensinamentos hindus procuram que o Homem seja um ser melhor, mais perfeito e mais bondoso quando da sua passagem pela vida terrena. As acções efectuadas, se forem benéficas para si e para os outros, permitirão a libertação eterna. Pelo contrário, as más acções e os comportamentos incorrectos conduzirão a uma nova reencarnação e passagem pela vida terrena com o intuito de melhorar a índole da pessoa.

### 1.1.5. Os valores

A filosofia hindu assenta em valores éticos e morais fortemente determinados e enraizados no modo de vida dos seus seguidores. Os fundamentos e as bases dos princípios orientadores são constatados no comportamento diário, no entendimento sobre a vida e a morte, e servem de orientação para uma existência voltada para ideais como a justiça, a solidariedade, a humildade e o próximo. Também os costumes, os hábitos, as orações diárias traduzem o desprendimento da vida terrena e a importância que a passagem por este mundo tem para se atingir a verdade absoluta e a perfeição do Homem e, conseqüentemente, a plenitude espiritual.

Todo o comportamento humano, tanto na sua vertente pessoal como social, tem por objectivo a libertação espiritual. Para se alcançar esse intuito é necessário a prática de rituais e de sacrifícios, cumprir determinadas obrigações e respeitar as leis e os ensinamentos existentes em textos tais como os *Veda* ou os *Upanishads*. Só através das acções, de uma prática comportamental moralmente correcta e do conhecimento profundo da natureza de cada um de nós, é que se pode alcançar a imortalidade da alma. Oliveira (2001, p. 56) afirma: “*A imortalidade da alma transmite ao indivíduo a noção da transcendência da sua alma e da presença divina em si e em cada ser humano. Desta noção emerge o sentido da unidade entre os seres humanos, na medida em que Deus está presente em cada um e todos são parte de Deus*”. É com base neste contexto que surgem na filosofia e na tradição hindus, conceitos como o respeito pelo outro, a solidariedade e a bondade. Se a pessoa se limita a olhar para si, para a sua realidade, não está a cumprir, nem a seguir o caminho para a felicidade eterna, pois ao alhear-se de todos os que a rodeiam está também a alhear-se de Deus que está presente em todas as pessoas. Apesar do pensamento filosófico contido nos *Upanishads* acentuar a necessidade e a importância do conhecimento de cada um de nós para atingir a imortalidade da alma, esse conhecimento só se torna possível através dos outros, do que fazemos aos outros e de como nos comportamos perante eles. O comportamento de cada pessoa na sociedade não é necessariamente igual. Cada pessoa deve desenvolver-se e comportar-se de acordo com a sua *varna*, ou seja, de acordo com aquilo que ele nasceu para ser. Um comportamento de um indivíduo pode ser mal visto na sociedade mas, se for adoptado por outro indivíduo, pode já ser considerado como tolerável, visto que respeita a ordem natural das obrigações e dos deveres a que toda a pessoa está sujeita.

Um dos conceitos que é necessário compreender quando se fala em valores e em princípios moralmente correctos, é o conceito de *dharma*. Este conceito longe de ser restritivo abarca vários significados tais como a verdade, o dever, a lei e a ordem, entre outros. Outra concepção que deriva desta é a noção de *svadharma*, ou seja, o *dharma* particular de cada um consoante o sexo, a classe social a que pertence. O *svadharma* é entendido como o percurso traçado que o indivíduo tem de seguir para atingir tanto o seu bem estar pessoal como o bem estar da sociedade na qual o indivíduo se insere e por último para conseguir a libertação espiritual.

O hindu que segue o caminho da libertação espiritual não se preocupa, na vida terrena, com o seu bem-estar económico (*artha*), com a satisfação dos seus desejos (*kama*), com a sua posição social, com o que pode obter e alcançar, pois a procura destes estatutos a todo o custo é condenável. Oliveira (2001, p. 60) refere que “*O dharma, princípio regente do comportamento humano, comporta uma dimensão de solidariedade e de partilha com a qual o indivíduo se deve comprometer. Deste modo, o empenho pelo alcance do artha, deve repudiar as actividades incorrectas como a corrupção, a fraude, a cobiça e avareza que impedem a solidariedade e a partilha*”. Mais uma vez a preocupação pelos outros, pelo seu bem estar estão presentes. A mesma autora continua dizendo (2001, p. 60):

*“Dharma, artha e kama constituem os trivargas, isto é, o triplo objectivo que assegura ao ser humano uma vivência em plenitude. Moksha ultrapassa essa vivência, sendo acessível ao indivíduo quando este atinge a perfeição, após o cumprimento rigoroso dos purusharthas”.*

A libertação espiritual que constitui o objectivo primordial de qualquer hindu é ambicionada, pois se a alma alcança essa libertação não necessita de regressar ao meio terreno para reencarnar e novamente provar através de acções, comportamentos e conhecimentos que atingiu a plenitude espiritual. As acções e atitudes que o indivíduo adopta ou tem é que vão ser determinantes na sua vida, na forma como os outros o vêem e entendem. Knott (1998) reforça esta ideia desenvolvida por A. Sharma (1996) ao referir que o indivíduo é responsável pela sua vida e pela sociedade em que vive, na medida em que as suas acções se reflectem na vida presente. Este compromisso ao atribuir maior responsabilidade ao indivíduo desenvolve a ideia que qualquer pessoa pode progredir nesta vida terrena através da prática do bem, do respeito pelos princípios morais e éticos e por uma conduta exemplar desprovida de interesses que possa beneficiar quem os faz.

De uma forma contraditória podemos pensar que o respeito pelo outro poderia entrar em contradição com o sistema de castas que ainda permanece na sociedade hindu. As classes sociais estão bem estabelecidas e os papéis que os indivíduos da cada casta desempenham são aceites e compreendidos por todos os membros da sociedade. Deste modo, a hierarquização rígida é assimilada desde o momento do nascimento, sabendo o indivíduo qual deverá ser a sua conduta e o que esperam dele.

O conceito de que não se pode prejudicar nem causar sofrimento aos outros permanece e torna-se o contributo pessoal para a harmonia pessoal e social. Todos sabem como se devem comportar para alcançar a libertação espiritual.

Segundo Oliveira (2001, p. 61) “*O hinduísmo propõe ao indivíduo dois modos de vida para alcançar moksha: o caminho da renúncia, isolando-se da sociedade, vivendo, em meditação, jejuando, privando-se de todo o conforto físico (nivrtti marga) e o da participação moderada na vivência mundana (pravrtti marga)*”. O primeiro caminho constitui um processo de interiorização, de introspecção em que o indivíduo se alheia do mundo em que vive, despojando-se dos seus bens materiais, da vida social, do conforto. O isolamento funciona como uma ponte para o auto-conhecimento, pois o hindu ao destituir-se, ao afastar-se da materialização dos objectos e de tudo o que o rodeia está mais receptivo aos ensinamentos e à verdade. O sacrifício e o desprendimento da vida terrena são etapas que o indivíduo precisa de efectuar para atingir a perfeição. O segundo caminho refere-se à humildade, à renúncia dos benefícios, ao comedimento. Ao optar por este percurso e por esta forma de estar na vida, o hindu participa de forma activa, utilizando as suas capacidades, evitando contudo os exageros. Age-se pelo bem e pelos benefícios aos outros e não para nos enaltecermos, para sermos vistos, para termos protagonismo. Oliveira (2001, p. 62) reforça esta ideia ao dizer que “*O objectivo de atingir moksha, pela via pravrtti, obriga, portanto, alcançar o objectivo intermediário, isto é, a contribuição para o bem estar da sociedade (lokasamgraha), desenvolvendo o espírito da solidariedade e evitando os comportamentos egoístas*”. Existem acções tidas como basilares na cultura hindu e que contribuem para uma sociedade correcta e para a harmonia do cosmos. Entre elas encontram-se: o respeito pelos outros e em especial pelos mais velhos, a pureza em acções e em pensamentos e a modéstia.

Existem vários princípios que conduzem à verdade e à perfeição entre os quais podemos destacar o *niyama* e o *yama*. O *niyama* engloba práticas como o estudo dos textos sagrados e a devoção a Deus que permitem

a purificação tanto do corpo como da alma para atingir, mais facilmente, a libertação da alma. Paralelamente, o *yama* abarca cinco conceitos essenciais que permitem não só uma progressão pessoal mas também um desenvolvimento do bem estar e plenitude social. Esses conceitos correspondem ao *ahimsa* (não violência quer seja por actos, palavras ou pensamentos), *satya* (fidelidade à verdade mesmo que seja contra o interesse próprio), *asteya* (não roubar, não cobiçar), *brahmacharya* (contenção em todas as coisas, palavras, actos e pensamentos) e *aparigraha* (rejeição da avaréza). Estes princípios, em conjunto com os ensinamentos existentes na literatura sagrada, permitem que o hindu, desde o nascimento até à morte, seja regido por condutas éticas e morais rígidas que realçam a importância de valores como a veneração de Deus, o respeito pelo outro, a verdade, a disciplina, a dignidade, a bondade. Estes valores encontram-se presentes em todas as acções e actividades diárias de qualquer hindu desde o acordar até ao deitar. Rituais como as orações no *mandir* da casa, o oferecimento de alimentos a Deus e aos vizinhos ou até o sacrifício de evitar algum alimento para favorecimento de um familiar ou amigo mais próximo são frequentes e constituem concretizações materiais que os hindus desenvolvem para se aproximarem do ideal de perfeição pessoal. Não é necessário porém que o hindu desenvolva todas estas acções para alcançar uma reencarnação com menos sofrimento ou mesmo a libertação eterna. Cada pessoa pode escolher de acordo com a sua personalidade, de acordo com o tipo de vida que vive, qual o melhor caminho para se libertar e despojar dos bens terrenos e atingir uma vida melhor. Durante o percurso terreno existem rituais e práticas que se consideram correctas e adequadas e que contribuem para uma reencarnação superior, contudo, se o indivíduo desenvolver acções e comportamentos considerados danosos a outros ou simplesmente se não seguir os preceitos éticos da religião hindu, ele vai sofrer tanto nesta vida as consequências dessas más acções como também numa posterior reencarnação. Oliveira (2001, p. 63) reforça esta ideia ao defender:

*“as acções meritórias (punya) são conducentes a uma reencarnação mais favorável e as más acções (papa), logicamente, a reencarnações que se manifestam num percurso de vida mais atribulado, obrigando a sacrifícios mais numerosos. Toda a acção tem um efeito a ser concretizado na vida presente ou em vidas futuras, sendo as experiências da vida presente resultantes de acções passadas”.*

Este conceito serve para justificar a hierarquização das castas na sociedade hindu.

## 1.2. A SOCIEDADE

### 1.2.1. As castas sociais

Como em todas as sociedades, existem também na Índia diferentes classes sociais às quais correspondem diferentes papéis e consequentemente diferentes obrigações. Na Índia, as castas têm a sua origem tradicional nas quatro classes sociais da primitiva sociedade hindu: *brahmans* (sacerdotes), *kshatriyas* (nobres e guerreiros), *vaisyas* (mercadores e agricultores) e *sudras* (criados). Para além destas quatro castas existe um quinto grupo denominado de *chandalas*, párias ou *dalits* (intocáveis) que se considera que estão impuros desde o nascimento, pelo que são marginalizados. Para melhor compreendermos os papéis e a importância de cada casta poderemos citar Goswami (2002, p. 107) que afirma “*Na concepção védica, o corpo social é análogo ao corpo humano, ou ao corpo do ísvara (Bhagavān). Por conseguinte, os brāhmanas são a cabeça, os ksatriyas, os braços, os vaiśyas, a cintura e os śūdras, as pernas. No corpo social, como em qualquer corpo, todas as partes são importantes, e ninguém negligencia nenhuma parte; contudo, o cérebro é especialmente importante, pois ele transmite informações para as outras partes*”. Relativamente ao grupo dos *dalits* que constitui um número bastante significativo, Carmo (2001, p.204) refere “*A sua privação de direitos é tal que não podem tocar em nenhum membro de qualquer das castas, preparar ou apenas tocar nos seus alimentos, nem sequer tocar na sombra de um brāmane com a sua própria sombra*”. Muitos políticos, filósofos e intelectuais têm lutado por uma maior igualdade de direitos na sociedade hindu, nomeadamente em relação aos *dalits* que são alvo de discriminações sucessivas.

Com o evoluir dos tempos estas quatro castas originárias foram-se subdividindo dando origem a uma miscelânea de castas e grupos que se foram tornando cada vez mais restritos. Conio (1986, p. 10) refere:

*“A estrutura social que desde os antigos tempos da penetração dos Ários na Índia (II milénio a. C.) já apresentava uma subdivisão em «classes» (varna) – sacerdotes, guerreiros, artesãos, servos – complica-se ulteriormente com a multiplicação das castas e subcastas, regulada cada uma, por um direito religioso e civil próprio (dharma). Será portanto o dharma a estabelecer, no plano jurídico, o dever de cada hindu e, de certo modo, a ordenar o vasto acervo das castas colocando cada pessoa e cada «clã» no lugar próprio”.*

Também Carmo (2001, p. 204) referindo-se às castas diz “*São 4 as castas principais (ou varnas, termo que quer dizer “côr” em sânscrito), divididas*

*depois em numerosas “sub-castas”, chamadas jati (palavra igualmente sânscrita que significa “nascimento”; são cerca de três mil), classificadas em função do seu nascimento e das profissões que desempenham.”*

Todo o indivíduo deve comportar-se e agir de acordo com a classe social que pertence, devendo, se necessário, reprimir os seus impulsos pessoais em detrimento da função social para a qual está destinado. Mais do que agir de acordo com a sua consciência, o hindu deve adaptar-se e agir de acordo com o papel inerente às suas condições de nascimento. Tal como Zimmer (2003, p. 121) refere:

*“Na medida em que um indivíduo é componente funcional do complexo organismo social, sua preocupação deve ser a de identificar a si próprio com as tarefas e interesses de seu papel social, e até mesmo ajustar seu carácter público e privado a esse papel. O grupo tem prioridade sobre qualquer um de seus componentes”.*

Cada classe social distingue-se das demais por meio de vestimentas, adornos, trabalho, entre outros aspectos externos que identificam os indivíduos. Porém, além destes sinais exteriores estão subjacentes valores que caracterizam e evidenciam propriedades intrínsecas de cada casta.

A casta dos *brahmanes*, que na sua generalidade era constituída por sacerdotes ou professores do conhecimento védico, era identificada através da sabedoria, tolerância, simplicidade, limpeza, busca do conhecimento, verdade, devoção, fé, pureza espiritual e controlo da mente e dos sentidos. Estas qualidades permitiam um conhecimento e uma pureza espiritual verdadeiras, objectivo primordial de qualquer hindu.

A classe social que corresponde aos nobres e guerreiros, *ksatriyas*, era constituída por indivíduos que se caracterizavam por terem força, destreza, coragem, liderança, audácia, bravura e justiça. Estas características são bem delineadas no *Bhagavad-gita* (18.43) ao se referir aos deveres dos guerreiros *“Heroísmo, poder, determinação, destreza, coragem na batalha, generosidade e liderança são as qualidades de trabalho para os ksatriyas”*.

A casta dos *vaiśyas* era constituída sobretudo por agricultores e comerciantes, os quais consideravam o trabalho no cultivo dos cereais como a vida que lhes estava destinada.

Por último, a casta dos *śūdras* era constituída por pessoas que não tinham inclinação para a vida intelectual, militar ou comercial pelo que se tinham que se submeter a prestar serviços aos outros.

Apesar destas classes se encontrarem bem definidas a nível social, a nível espiritual todas coexistem e têm as mesmas possibilidades de alcançarem o destino supremo. A casta funde-se, deste modo, com o carácter de cada indivíduo e torna-se uma conduta da vida pessoal e pública que é necessário seguir e cumprir. A consciência do valor de agir em conformidade com o papel que desempenhamos assegura a harmonia não só do indivíduo mas também da sociedade. Zimmer (2003, p. 122) reforça:

*“cada um nasce no lugar que lhe compete (svadharma), dentro do cenário fantasmagórico do poder criador que é o mundo, e seu primeiro dever é manifestá-lo, viver conforme a ele e tornar conhecido, por seu aspecto e seus actos, o papel que desempenha no espectáculo”.*

Ao agir perante uma determinada situação, ao procurar dar resposta a um problema o indivíduo deve seguir a ordem moral divina e a casta a que pertence. Zimmer (2003, p. 122) acrescenta;

*“a melhor maneira de lidar com os problemas da vida é indicada pelas leis (dharma), da casta (varna) a que se pertence e pela etapa da vida em que se encontra (áshrama)”.*

### 1.2.2. As ordens espirituais

Para além das castas estabelecidas socialmente, pode-se encontrar as classes espirituais que correspondem às etapas da vida de um indivíduo. Estas fases, consideradas como ideais, correspondem às quatro etapas (aerama) da jornada da vida. São elas: a etapa do discípulo celibatário (brahmacharya), a etapa do pai de família (grihastha), a terceira etapa (vanaprastha) diz respeito a uma vida mais calma e por fim, a quarta etapa (sannyasa) corresponde ao retiro físico e espiritual.

A primeira etapa caracteriza-se pela obediência e submissão, em que o discípulo “bebe” toda a sabedoria, disciplina e conhecimento do seu mestre espiritual. Nesta fase o discípulo tem que respeitar certos preceitos, tais como a castidade, cujo não cumprimento é entendido como um entrave ao verdadeiro conhecimento. Os hindus acreditam que é nesta fase inicial que o carácter da pessoa se molda dando origem ao adulto consciente, devoto e generoso que todos deviam ser. Segundo Goswami (2002, pp. 109-110):

*“Durante esses anos iniciais, o mestre espiritual observa as tendências do estudante e determina o varna para o qual ele está mais bem qualificado. Ao atingir a idade de vinte e cinco anos, o*

*rapaz poderá deixar a vida de brahmacārī e a protecção do mestre espiritual a fim de casar-se e aceitar a vida em família”.*

Quando termina a etapa de discípulo, o hindu entra na fase da vida em família. Após ter interiorizado os ensinamentos do seu mestre, ele desenvolve a sua actividade nos negócios, na sua profissão, como marido e posteriormente como pai. Zimmer (2003, p.124) refere-se a esta fase dizendo “*O jovem pai se identifica com os prazeres e preocupações da vida conjugal (kāma), e de igual modo com os típicos interesses e problemas pertinentes à prosperidade e riqueza (artha) a fim de dispor dos meios necessários, não só para sustentar sua crescente família conforme os padrões condizentes com o seu nascimento ou categoria humana (jāta), mas também para atender as necessidades relativamente onerosas do ciclo ortodoxo de ritos sacramentais*”. A maior parte das pessoas adopta este modo de vida dando resposta às preocupações e obrigações a ele inerentes. Além da obrigação de reprodução e manutenção do bem-estar familiar e comunitário, o *grihastha* deve seguir e respeitar os deveres e ensiná-los aos seus filhos.

O terceiro *āśrama*, também denominado de “partida para a floresta”, corresponde ao desprendimento das funções sociais, dos deveres, das posses e de todos os desejos e bens materiais para a procura da realidade interior de cada um. Esta etapa é entendida como uma preparação para a última etapa na qual o indivíduo se despoja do que já viveu, do que possui para conhecer o seu verdadeiro eu. Zimmer (2003, p. 125) descreve esta etapa ao falar sobre a essência do indivíduo e ao dizer:

*“Esta (a essência) transcende a natureza manifestada e tudo a que a ela pertence: nossas propriedades e prazeres, nossos direitos e deveres, e nosso relacionamento com os antepassados e os deuses. Tentar alcançar essa essência inominável é colocar-se no caminho da busca do eu, e este é o fim e propósito da terceira entre as quatro etapas da vida”.*

Na última etapa de vida, denominada de *renunciante*, existe um corte real e efectivo com tudo o que o rodeia e até um desprezo pelo corpo. A sua preocupação é com a alma, com o auto-conhecimento, com a pureza. Não a pureza de vestes, de adornos, mas uma pureza espiritual que eleva o indivíduo. Inicialmente quem atingia esta última etapa cobria o corpo com farrapos ou com vestes de cor de açafreão, rapava a cabeça. Estas acções tinham o significado de morte social, em que havia uma libertação terrena, dos hábitos adquiridos, em que não pertenciam a ninguém, um desapego de si mesmo e do mundo em que viveram.

Actualmente, estas quatro etapas não se encontram tão diferenciadas e marcadas nas vidas dos hindus, porém alguns traços são ainda visíveis embora de forma ténue ou mesmo dissimulada. A formação inicial é ainda muito valorizada, com o conhecimento dos textos sagrados, dos valores, do que é esperado. Toda a família investe na formação e educação das suas crianças preparando-as para a etapa de vida seguinte. Como marido e pai de família, o homem hindu tem deveres e funções bem estabelecidas e definidas, assegurando o sustento da casa, desenvolvendo a sua aptidão para os negócios, construindo uma base sólida para o crescimento dos seus filhos e cumprindo as suas obrigações sociais e religiosas. Nos dias de hoje todo o jovem hindu ambiciona atingir a sua autonomia, não vista como uma forma de libertação dos pais, mas encarada como uma valorização pessoal e um compromisso perante a sociedade.

Posteriormente, quando já existe uma realização pessoal bem firmada, o indivíduo retira-se do plano social e profissional entregando os negócios aos filhos e procurando uma paz e calma interior, preparando-se para uma libertação e um despojamento de tudo que o impeça de alcançar a *moksha*.

### 1.3. A FAMÍLIA

A família constitui um dos pilares do indivíduo hindu. Ela representa a força, a tranquilidade, a segurança, um prolongamento do próprio indivíduo. A importância da família está presente na seguinte afirmação de Mascarenhas (1943, pp. 20-21) “*A sociedade hindu baseia-se na família e na raça, sem nenhum grupo intermédio de clã ou tribo. O indivíduo não tem existência independente; a unidade não é o homem, mas o pai, a mãe e o filho, que têm atrás de si as gerações de antepassados, e adiante a larga série de indivíduos que devem nascer do seu sangue para manter a sua memória e o seu nome através das idades*”. A casa funciona como um espaço físico de reunião, de agregação dos vários elementos da família, onde se realizam cerimónias que juntam toda a família. Shattuck (1999, p. 78) acrescenta:

*“O lar é a esfera do dharma da família, onde as pessoas cumprem os seus deveres tradicionais, praticam as devoções quotidianas e realizam determinadas celebrações para marcar acontecimentos importantes, como nascimentos e casamentos”.*

O conceito hindu de família é muito mais abrangente que o conceito ocidental. Para os hindus a família é constituída não só pelas pessoas

com as quais temos laços familiares e de sangue, mas também pelo círculo de amigos e de vizinhos que nos são mais próximos e com quem estabelecemos uma ligação afectiva.

É ambição de qualquer jovem constituir a sua família, ter os seus descendentes. Isto acontece devido aos ensinamentos e recomendações que se encontram nos textos e na mitologia hindu, mas também pelo próprio significado que a família tem e que é inculcado e apreendido desde o nascimento. Desde o início é a família que ensina, que orienta, que repreende, mas também que proporciona apoio, amparo. Todos os membros, e não apenas o pai ou a mãe, intervêm na educação e no crescimento da criança. Poderíamos ser levados a crer que este papel que a família desempenha seria mais evidente nesta fase, porém a verdade é que ele se encontra em todas as fases, desenvolvendo-se ou interferindo consoante as necessidades, em cada momento da vida.

Cada elemento da família desempenha uma função específica. O chefe da família sustenta e dá o nome à família, a mulher é responsável por gerir a casa, pela educação dos filhos e pela participação nas actividades religiosas, os avós cuidam e orientam os netos e os restantes membros que trabalham fora de casa contribuem para o orçamento familiar. Esta definição clara de tarefas e de funções é fundamental para a harmonia e para uma boa dinâmica familiar.

Quer educando inicialmente ou dando conselhos e relembrando experiências, a família é o núcleo aglomerador da sociedade hindu, constituindo um porto de partida, mas sendo simultaneamente um porto de abrigo em todas as ocasiões.

### **1.3.1. A mulher na cultura hindu**

A cultura hindu atribui à mulher um papel de relevo na orientação e governo da casa, responsabilizando-a pelas lides domésticas e pela educação dos filhos, mas também sendo um pilar incentivador e de amparo ao seu marido, ajudando-o no desempenho da sua actividade laboral com a finalidade de contribuir para a prosperidade e dignificação da sua família e do seu lar. Este facto encontra-se ainda muito visível nos nossos dias onde o protagonismo é atribuído geralmente ao homem, sendo a sociedade hindu uma sociedade predominantemente patriarcal. No entanto, o desempenho da mulher, considerado por alguns secundário e meramente de apoio, revela-se em toda a sua magnitude como um sustentáculo, um alicerce motivador e consolidador sobre o qual gira

toda a família. Mascarenhas (1943, p. 16) refere “*O espírito da mulher hindu é o escrínio e o repositório onde encontramos inalteráveis, as características e as virtudes da raça. Nos poemas, nos dramas e nas lendas dos tempos védicos estão esculpidas com a delicadeza das filigranas e pirismo tocante e encantador, como num friso animado, as nossas heroínas e santas, esposas e mães dedicadas, e as grandes amorosas*”. Também nos *Vedas* se encontra expresso o papel da mulher, valorizando, uma vez mais, o seu papel de esposa e de mãe, através do seguinte hino:

*“Vem, ó bela esposa! Ó desejada dos deuses!  
Mulher de coração terno e olhar encantador,  
Boa para o marido, boa para os animais,  
Destinada a procriar heróis!”*

Mascarenhas (1943, p. 23)

O papel da mulher hindu tem sofrido alterações ao longo das épocas, acompanhando a evolução natural de uma cultura. Essa evolução está patente nas descrições que se encontram nos livros sagrados, sendo possível através deles observar o desenvolvimento do conceito de mulher e conseqüentemente a sua influência nesta cultura. A descrição das acções, atitudes e comportamentos das mulheres nos livros sagrados ou na literatura funcionam como guias orientadores para as suas tarefas diárias. Independentemente do seu contexto social, económico ou geográfico, as mulheres identificam-se com as esposas dos deuses, com as mulheres religiosas e procuram retirar ensinamentos e modos de comportamento que admiram e com os quais se identificam.

Ao analisarmos o papel desempenhado pela mulher ao longo dos tempos e descrito nos sagrados livros hindus observa-se uma mudança significativa. Com efeito, segundo Sugirtharajah (1999, p. 91):

*“O panteão védico é dominado por divindades masculinas, ao passo que as tradições pré-arianas e pós-védicas estão repletas de imagens femininas do Divino”.*

Se analisarmos os *Vedas*, podemos concluir que é atribuída à mulher um papel de valor dentro da família e da sociedade, reconhecendo as suas necessidades tanto as espirituais como as intelectuais, evidenciando no entanto, sempre, o seu papel de esposa e de mãe. O reconhecimento da importância dos rituais, nomeadamente os religiosos e a participação conjunta dos cônjuges funcionava como força motivadora para o estudo e conhecimento por parte das mulheres. Ao longo dos *Vedas* podemos encontrar alusões a mulheres tais como deusas, filósofas ou videntes que

marcam a importância da figura feminina, valorizando-a e enaltecendo-a. Apesar de se manter a prevalência do masculino existe uma proximidade, uma igualdade no casamento, entre homem e a mulher. O papel atribuído à mulher também é salientado no casamento atribuindo à noiva a designação de ditosa e concedendo-lhe várias funções entre as quais as de partilhar o afecto do marido, a de ser mãe e a de ser companheira na realização de sacrifícios. Tal como refere Sugiratharajah (1999, p. 91):

*“Sendo o matrimónio o ideal defendido pela religião védica e sendo o lar o centro das práticas religiosas, a mulher era indispensável dos pontos de vista doméstico e religioso. Era importante na concepção dos filhos, sobretudo do sexo masculino, e a sua presença e participação em actividades religiosas era essencial.”*

Porém, o papel da mulher hindu vai sendo alterado ao longo dos tempos, sendo esta constatação visível nos textos *brahmanas*. *“Os filhos varões começam a ser mais valorizados e executam-se rituais para prevenir o aparecimento de uma filha. O nascimento de um varão veio a ser encarado como uma benção, uma vez que se pensava que só ele podia assegurar o bem-estar futuro da família.”* Sugiratharajah (1999, p. 93). Deste modo, a vertente doméstica e familiar das mulheres foi adquirindo maiores proporções em detrimento da vertente do conhecimento. Esta ideia é confirmada pelo mesmo autor ao afirmar que *“as mulheres viram-se confinadas à aprendizagem de actividades domésticas e era-lhes comunicado um conhecimento ritual mínimo, apenas para as qualificar para a sua participação nos sacrifícios. Também viriam a ser consideradas impuras durante a menstruação e a gravidez, o que, à semelhança doutras tradições, afectou o estatuto ritual das mulheres”* Sugiratharajah (1999, p. 94). A menstruação torna as mulheres impuras e indignas de estarem perto de Deus. Apesar de ser uma condição natural na mulher, os hindus consideram que as mulheres menstruadas estão numa situação imprópria, pelo que não se podem aproximar do *mandir* doméstico nem ir ao templo.

Com o passar do tempo o ritual começou a dar lugar ao conhecimento, à sabedoria, sendo por este motivo a condição de mulher fortemente afectada pelas teorias que enalteciam a sabedoria e o conhecimento como meio supremo para a salvação. Deste modo, os textos *Upanishads* punham em relevo a vida ascética a qual não estava destinada às mulheres. Segundo Sugiratharajah (1999, p. 94) *“o hinduísmo não era favorável a que as mulheres abraçassem o ideal monástico (...). Na fase final do período védico houve duas classes de mulheres instruídas: as brahmavadinis e as sadyodvahas. Enquanto as primeiras dedicavam-se ao estudo e ao conhecimento, as segundas estudavam apenas até*

*casarem. É, no entanto, patente o papel secundário reservado à mulher na religião através sobretudo dos Upanisads quando ela pede ao seu marido para iluminar o seu conhecimento e mostrar-lhe qual o caminho para a imortalidade.”*

O destino das mulheres foi fortemente influenciado pelos textos sagrados e pelo papel que desempenhou na religião ao longo dos tempos, consequência na maioria das vezes da posição que o homem ocupava e dos seus objectivos. Com efeito, o ideal monástico estava primeiramente associado a homens. Segundo Sugiratharajah (1999, p. 95):

*“A vida de um homem veio a dividir-se em quatro etapas: estudante (brahmacarin), pai de família (grhastha), habitante da floresta (vanaprastha) e renunciante (sannyasin). O casamento era importante na segunda fase, quando o homem partilhava os seus deveres domésticos e religiosos com a esposa. (...) Nos textos jurídicos, as mulheres podiam acompanhar os seus maridos para a floresta apenas se estes assim o desejassem. Mesmo na floresta, o modo de vida ascético das mulheres prendia-se com o serviço aos maridos em abnegação e castidade. Enquanto os homens buscavam a moksa ou salvação, os objectivos das mulheres eram vistos em termos de casamento e renascimento”.*

As funções das mulheres também se encontram bem presentes nos épicos hindus, *Mahabharata* e o *Ramayana*, onde através de histórias se fala da feminilidade ideal, destacando-se a fidelidade da mulher e os sacrifícios a que se sujeitam para benefício dos maridos. Valores como a fidelidade, a submissão ao marido, a permanência junto ao esposo estão patentes e revestem-se de relevância, tomando forma de guias orientadores para a vida do dia a dia. Pode-se analisar esta ideia através de várias personagens femininas tais como *Savitri* e *Sita*, presentes respectivamente nos épicos anteriormente citados. *Savitri* é apresentada como esposa fiel e dedicada, cujo maior desejo é que o seu marido regresse à vida e que possa ter muitos filhos com ele, sendo-lhe atribuída uma grande força espiritual. Paralelamente, *Sita*, que personifica o ideal de mulher hindu, também reforça a ideia de que “o lugar da mulher é junto do seu marido” Sugiratharajah (1999, p. 96). Os laços familiares mais próximos são muito importantes para a mulher hindu, nomeadamente o marido e os filhos, os quais se fundem com ela e são a grande razão do seu viver.

O papel tradicionalmente atribuído à mulher é o de seguir e de apoiar o seu marido, cuidando da casa e dos filhos. Esta visão e conceito ainda se mantêm nos dias de hoje, estando reservado para a mulher a função

principal de cuidadora da casa, do marido e dos filhos. Porém, longe de se tornar reducionista ou limitado, este atributo, este carácter é impulsionador e reveste-se de uma força e energia que inicialmente passam despercebidas. Impulsionador, porque a energia e a consciência feminina incentivam o homem a atingir os seus objectivos, a procurar ser melhor e de força, porque é ela a base da estabilidade, da solidez familiar semeando conforto e também consolo, quando necessário. Estes relatos e estas personagens épicas, entre muitas outras, *“têm sido fonte de grande conforto para algumas mulheres hindus, outras não as têm por tão libertadoras. À semelhança das heroínas épicas, algumas mulheres vêem-se em função do que dão, não do que recebem. A sua felicidade e bem estar são perspectivados em função do encorajamento dos seus maridos para atingirem o sucesso”* Sugiratharajah (1999, p. 100). Com efeito, o sucesso e a designação de boa esposa traduzem-se no sucesso do seu marido e no bem-estar e felicidade da sua família. O mesmo autor anteriormente citado revela que *“é crença comum entre as mulheres hindus devotas que os seus votos e jejuns protegerão o seu marido e filhos”* Sugiratharajah (1999, p. 100). Esta ligação íntima do sacrifício, da devoção à religião encontra-se ainda patente nos dias de hoje, embora de uma forma mais suavizada. Gradualmente, foi permitido às mulheres uma maior participação e uma maior visibilidade não só na vida doméstica, como na vida religiosa e pública, embora nos textos legais, conhecidos por *Dharma úâstra*, as mulheres são relegadas para um plano social e ritual muito baixo. Segundo Sugiratharajah (1999, p. 103): *“a pouco e pouco, o casamento foi equiparado à iniciação nos estudos religiosos, e a devoção e o serviço ao marido substituiu o período de estudo sob um guru, ou mestre espiritual. As tarefas domésticas das mulheres foram equiparadas a rituais realizados pelos homens no seu estádio de chefes de família”*.

Não existe um consenso em relação à mulher na sociedade hindu. Se por um lado, é inegável a importância que a sua vertente de esposa devota e amorosa assume para o bem-estar e realização familiar, por outro lado, o seu lado sedutor é considerado um impedimento para que o homem atinja um plano espiritual mais elevado. Esta dualidade encontra-se presente em vários textos e em várias referências mitológicas apresentando-se as deusas como esposas dedicadas e bondosas ou como mães benevolentes e compreensivas, mas com uma vertente onde a atracção pela vida mundana se opõe aos ideais religiosos. Também no texto do *Bhagavad-gita* (1.40) encontramos referência às consequências da irreligião na família, resultado de condutas menos próprias por parte das mulheres e que se reflectem na sua família e especificamente, na sua descendência. Segundo alguns textos, as mulheres são propensas à

degradação pelo que só através das práticas religiosas se mantêm ocupadas e se afastam das más acções e de maus comportamentos.

Apesar disto, a importância da mulher a nível doméstico é inegável, organizando e cuidando das tarefas da casa, mas mantendo ainda assim, uma dependência relativa. Esta afirmação é sustentada por Sugiratharajah (1999, p. 104) ao dizer “*Nos livros de leis atribui-se às mulheres um estatuto dependente. Uma mulher é vista em relação ao seu marido e família. Ela deverá ser vigiada pelo pai na infância, pelo marido na juventude e pelos filhos na velhice (Manu, 9:3)*”. A esta relação de dependência, de sensação de pertença a outros e não a ela própria associa-se o dever da mulher, ou seja, o seu *stridharma*. O *dharma* da mulher abarca o universo familiar, assentando os seus vértices de equilíbrio na casa, no marido e nos filhos.

A mulher-esposa na cultura hindu assume-se como uma mulher dedicada e fiel ao seu marido. Estes atributos mais do que qualidades assumem-se como deveres que visam elevar o estatuto e a dignidade do marido e conseqüentemente da sua mulher e da restante família. O estatuto da mulher é criado, ou melhor, reflecte-se a partir do estatuto do seu marido, como é constatado por Sugiratharajah (1999, p. 104) ao reportar-se a Manu, quando diz que “*Esposa ideal é a que serve o marido com amor e devoção, mesmo que a ele lhe faltem essas virtudes. O ideal de pativrata, dedicação ao marido, veio a ser visto como o único stridharma, ou dever, da mulher casada. A sua individualidade fundia-se na dele e ela não tinha, por si só, uma existência separada*”. Era esperado que a mulher fosse obediente, que cumprisse a vontade do marido, que os seus objectivos fossem os do seu esposo. Oliveira (2001, p. 67) reportando-se ao Código de Manu refere que “*é suposto que a mulher seja virtuosa, devendo, para isso, cumprir o stridharma, demonstrando dedicação, obediência, paciência em relação ao seu marido e aceitando as restrições impostas à sua liberdade. A violação do dever é punida com uma vida terrena atormentada e uma alma sem paz após a morte*”. Reforçando esta ideia Mascarenhas (1943, p. 50) refere “*a mulher perfeita, a mulher ideal, é a que é carinhosa e terna, resignada e sofredora, compassiva e compreensiva, afável, meiga, tímida sem ser fraca*”. A mulher hindu é ensinada a seguir os preceitos do seu marido e da sua nova família, a ser fiel e digna procurando sempre a perfeição e o ideal de mulher hindu. Mascarenhas (1943, p. 47) afirma “*As mães hindus educam as filhas para que toda a sua vida seja de obediência, de sacrifício e de abnegação... E esta maneira de ser da mulher hindu faz com que todos lhe tributem respeito e veneração*”. Este (pre)conceito sobre a mulher hindu atribui-lhe uma força religiosa, moral, social e espiritual, pois

enaltece a sua capacidade de resistência, de submissão e de seguimento das leis sagradas.

Mais do que ser mulher e esposa, o destino de uma mulher hindu concretiza-se no acto de ser mãe, pois é algo que todos esperam e para o qual a mulher é criada e educada. O facto de poder ter filhos é considerado muitas vezes uma bênção, a que se acresce o dom de educar e de ensinar os filhos, para que na idade adulta sejam hindus responsáveis e respeitados. Esta importância atribuída à mulher no sentido de educar e formar os seus filhos equipara-se ao estatuto de um mestre ou do pai. A possibilidade de ter filhos é entendida como uma etapa de realização e de valorização da mulher que a engrandece e que a valoriza perante a família e também perante a sociedade tal como refere Sugiratharajah (1999, p. 104) *“Uma vez que as mulheres têm sido levadas a crer que serem mães é o seu primeiro dever, qualquer desvio produz culpa e ansiedade. A gravidez liberta a mulher do receio da infertilidade e estabelece a sua identidade adulta”*. A gravidez e a maternidade são encaradas na cultura hindu como um desejo e uma vontade de Deus. A mulher que é abençoada com uma gravidez é entendida como digna, ou seja, todos os actos de bondade, de solidariedade, de uma conduta incólume, são recompensados através da gestação e nascimento de um filho. Mitter (1995) reconhece que a valorização do estatuto social da mulher hindu acontece com a maternidade. Esta permite que a mulher seja considerada um elemento válido, tanto em casa como na sociedade, pois tem a capacidade de conceber filhos, permitindo o prolongamento da família através dos tempos. A valorização é mais forte, se a gravidez tiver como desfecho um rapaz. Na sociedade hindu, o nascimento de um rapaz é muito festejado e celebrado, sendo a posição da mulher não só reforçada, mas também engrandecida, dando-lhe mais valor e tendo por ela mais consideração.

Antigamente, a preferência por um filho do sexo masculino era muito evidente. Sugiratharajah (1999, p. 104) refere-se a esta situação dizendo *“a maternidade engrandece o valor dum mulher ainda mais se ela der à luz uma criança do sexo masculino. Esta preferência tem raízes na crença hindu de que um filho garante a salvação do pai e da família”*. O desejo do nascimento de rapazes numa família prendia-se sobretudo com a continuação do nome da família e com o assegurar da sua estabilidade financeira. As crianças do sexo feminino são menos desejadas por motivos religiosos e económicos, pois uma rapariga ao casar passa a pertencer à família do marido, seguindo as suas tradições e devendo-lhe respeito e lealdade. Também Oliveira (2001, p. 70) refere que *“O facto de não se conceber filhos do sexo masculino é, frequentemente, inter-*

*pretado como um castigo pela conduta menos correcta, em vidas anteriores e que, segundo a lei do karma, se reflecte, de forma negativa, na presente reencarnação*". Outro aspecto da cultura hindu contribui para a prevalência do favoritismo pelo sexo masculino: o dote. O oferecimento de dinheiro ou bens ao noivo e à família, imposto quando uma mulher se casa, contribui para a preferência por gerar rapazes em vez de meninas. Apesar de já mais difuso, o "*pesado costume social do dote continua a atingir todas as classes de mulheres, incluindo mulheres instruídas com carreiras profissionais. O estatuto dum rapariga na família do seu marido depende por vezes do dote que traz consigo*" Sugiratharajah (1999, p. 108). Este costume, embora proibido por lei, ainda se mantém, contribuindo para rebaixar o estatuto da mulher.

A preferência pelo género masculino encontra-se presente em inúmeras culturas nas quais são atribuídos ao homem qualidades e valores que se encontram voltados para o exterior, tais como a desenvoltura, a perspicácia, a ambição, a responsabilidade, que inerentemente lhe dão mais poder. Por outro lado, a mulher encontra-se limitada a um espaço que é consideravelmente mais restrito, o espaço doméstico e privado, desenvolvendo atributos considerados por muitos como inferiores, ou de menor importância. Esta distinção também presente na religião, em que o domínio público da religião é associado ao homem e em que a mulher é relegada para um domínio mais privado também contribui para acentuar esta diferença.

Nos dias de hoje, esta preferência encontra-se mais atenuada, sendo o desejo de ter crianças do sexo feminino já equiparado à alegria de ter rapazes na família, não havendo distinções significativas.

O papel secundário e de subjugação, apenas enriquecido com a situação de maternidade, vai-se alterando com os anos, assumindo a mulher, gradualmente, na esfera doméstica, um papel de maior relevância e vendo o seu poder e autoridade aumentado com o passar dos anos. Com efeito, a mulher depois de casada tem que se integrar numa família que pode ter costumes e práticas diferentes, submetendo-se não só à vontade do marido, mas sobretudo às normas e regras da sua nova casa. É a sogra que orienta as lides domésticas e a quem cabe a organização da casa e do bem-estar da família, cabendo à mulher recém-casada o papel de respeitar e fazer o que lhe dizem, demonstrando constantemente que é uma boa esposa e que foi digna de ser escolhida para pertencer àquela família. Com o passar dos anos, esse papel vai-se modificando, assumindo a nora as rédeas da casa e deixando a sogra descansar. No entanto, o respeito e veneração pelos mais velhos está sempre presente e manifesta-

-se através do pedido de conselhos e opiniões que permitem que os mais antigos participem, com a experiência e com a sabedoria que foram adquirindo ao longo dos anos, na organização da casa. A sogra inicialmente tem um papel de ensinar, de integrar a nova nora nos hábitos e costumes da família, para que o esposo não sinta uma diferença significativa após o casamento. Esse seu papel de ensino vai-se gradualmente convertendo num papel mais passivo, de observação e de orientação.

Para além do papel de gestora da casa, a mulher assume uma importância inegável a nível da prática religiosa, ensinando os filhos e fazendo ela própria orações para favorecer a sua família. Sugiratharajah (1999, p. 115) afirma *“as mulheres são importantes na prática religiosa num sentido mais fundamental. O lar é o centro de práticas religiosas como a adoração diária, os rituais do ciclo de vida, festivais e jejuns. O templo, quase por inteiro domínio dos sacerdotes masculinos, não é central na prática religiosa hindu. O ritual diário (pūjā) é por regra executado pela mãe em nome de toda a família. A educação religiosa das crianças é outra das tarefas da mulher”*. Essa importância é reforçada pela responsabilidade que a mulher adquire no culto diário. É através de orações constantes e sinceras que a mulher atrai a graça das divindades e pede bênçãos, tais como saúde e fortuna, para a sua família. Shattuck (1999, p. 79) acentua o papel da mulher nos cultos diários dizendo: *“De acordo com a tradição, elas têm o poder de proteger as famílias através de um comportamento exemplar, pessoal e ritual. Assim, a mulher cujos marido e filhos sejam saudáveis é considerada virtuosa e abençoada”*.

É importante constatar que a liderança religiosa se encontra a cargo das mulheres, as quais participam de forma activa em festas e rituais de veneração a deuses pedindo protecção, sabedoria e bem-estar. Cabe a elas o papel determinante de manter e cuidar do *mandir* de casa, de partilhar com os familiares e vizinhos os rituais e as honras, de zelar pelo bem-estar espiritual de toda a família. Mascarenhas (1943, p. 46-47) reforça esta ideia ao afirmar *“É a mulher que conserva a herança do pensamento e do sentimento hindu e a cultura espiritual, através do ritual doméstico e das práticas tradicionais a que está ligada uma filosofia de vida bem definida, expressa em contos, em poesias populares, berceuses, narrativas épicas e líricas, que são a Bíblia da Índia”*. Além dos rituais religiosos diários, também são as mulheres que asseguram a perpetuação dos rituais associados a situações especiais como a gravidez ou o nascimento de uma criança. Transmitidos por via oral ou através da prática, estes rituais visam certificar a tranquilidade, a fortuna, o conforto nestas situações. Sugiratharajah (1999, p. 115) refere-se a estas situações dizendo:

*“À semelhança do pūjā diário e de várias festividades em que as mulheres assumem papéis de condução, há rituais destinados ao bem-estar das mulheres. Ritos pré-natais como o simanta, realizado durante os primeiros meses de gravidez, destinam-se a assegurar o bem-estar físico e emocional da criança. Durante a primeira gravidez, as mulheres guzerates realizam um rito especial chamado «convite a Mata» (ou deusa), que é também realizado noutras ocasiões”.*

Os ensinamentos e orientações dadas pelos textos religiosos ou pelas leis abarcam um vasto número de papéis femininos, que nos dão algumas indicações sobre o que deve ser o comportamento e a atitude da mulher. Porém, como em tudo, existem diferentes interpretações e diferentes perspectivas. Este aspecto é realçado pela deusa *Parvati* (consorte da *Shiva*) que representa o ideal doméstico, sendo uma esposa devota e solícita. No entanto, sob as formas de *Durga* e *Kali* mostra-se independente, autónoma e cheia de força – quer criadora, quer destruidora. Esta diferente visão sobre a mulher “*mostra-nos que os papéis femininos não têm necessariamente de se confinar aos de filha, esposa, irmã ou mãe*” Sugiratharajah (1999, p. 107). Estes modelos dinâmicos, que se podem considerar até ousados, permitem que a mulher assuma a sua individualidade, a sua identidade. Longe de renegar o seu estatuto de esposa e de mãe, ela acumula outras funções que a vêm enriquecer e garantir a sua autonomia, modificando deste modo, o seu papel tradicional confinado durante séculos à esfera doméstica.

Actualmente, quer pela evolução da sociedade onde vive, quer pelas vicissitudes da vida, a mulher adquire novas tarefas, que a impelem, nomeadamente, a trabalhar para assegurar e contribuir para a economia da casa, nunca descurando o seu papel de cuidadora e de regente das tarefas domésticas. O poder da mulher alarga-se, estende-se a outros níveis, permitindo que estas utilizem todas as suas potencialidades e todos os atributos que foram adquirindo na vida doméstica, nomeadamente o de gestora, educadora, psicóloga entre outros, para a vida exterior enveredando por profissões que também permitam uma realização pessoal. Ocorre portanto, uma redefinição de papéis dentro da família em que a mulher sai do seu espaço dominante que era a casa e desenvolve a sua vertente profissional, mantendo no entanto, a sua orientação tradicional. Ser uma boa esposa deixou de ser meramente ser uma esposa dedicada, que fazia votos e oferecia sacrifícios para o bem estar do marido e da família, para ser uma mulher que também tem os seus objectivos, as suas opiniões e que pode dar uma contribuição válida para o engrandecimento da família, não só a nível doméstico, mas

também a nível profissional e económico. Sugiratharajah (1999, p. 111) afirma que “*elas (as mulheres) aproveitaram as oportunidades académicas, e qualificaram-se para profissões no campo do direito, da medicina, da educação, da assistência social e similares*”. Todavia, os valores de ordem moral e religiosa fortemente enraizados e consolidados por décadas, senão séculos de cultura, e que se encontram também na tradição oral, na educação, em conceitos que passam de geração em geração são difíceis de mudar ou simplesmente de ser objecto de reflexão. Foi-se assim, construindo a imagem da mulher hindu ideal, com valores, comportamentos e atitudes explicitamente determinados e que ainda hoje prevalece. Oliveira (2001, p. 68) refere que:

*“essas normas passam a dominar a sociedade hindu criando-se um protótipo feminino definidor do olhar da sociedade hindu sobre a mulher, acabando por interferir, de forma alargada, no modo como as próprias mulheres sentem que se devem comportar”.*

A evolução de uma sociedade é feita não só de valores e normas de conduta previamente estabelecidas, mas também de rupturas com conceitos e tradições e conseqüente formulação de novas regras adaptadas ao presente e à evolução natural inerente à sobrevivência de qualquer cultura. Esta evolução também sentida na comunidade hindu adquire maior visibilidade com os pensadores e filósofos hindus, nomeadamente com Mahatma Gandhi, que valorizou a mulher hindu, estimulando a sua participação social e defendendo os seus direitos, realçando, no entanto, o seu valor nas funções domésticas e familiares, preservando sempre a sua cultura. Também os movimentos de defesa dos direitos da mulher, liderados muitos deles por mulheres hindus, vieram redirigir a atenção para a situação da mulher hindu permitindo que ela tenha uma voz activa, que se faça ouvir, que seja respeitada. O livre acesso à educação, ao exercício de uma profissão, à liberdade de expressar as suas opiniões foram apenas alguns dos aspectos realçados por estes movimentos na Índia. Oliveira (2001, p. 77-78) refere: “*Os movimentos, em prol dos direitos da mulher, levam-na a tomar consciência de que o seu papel não se restringe ao domínio privado e doméstico e de que a função social até aí imposta, não era mais do que uma construção da sociedade dominada pelo elemento masculino*”. As mulheres sentem esta mudança e encobrem muitas vezes conflitos interiores difíceis de superar. Muitas acreditam ser o seu destino estar na penumbra do marido pois a sua mãe, a sua avó também assim viveram, outras acreditam na mudança e na inevitabilidade da sua ascensão social. A acomodação e a ausência de contestação são fruto da tradição hindu que crê que “*contradizer o marido não é um comportamento dignificante para a mulher, sendo considerado como pouco feminino. O método*

*indicado para manobrar o marido aconselha a aplicação da suavidade e o uso da sedução, sendo de evitar desafio aberto à autoridade do marido”, Oliveira (2001, p. 79) baseando-se em Mitter (1995).*

Actualmente, tanto na Índia como em qualquer comunidade hindu existente no mundo, o papel da mulher modificou-se sendo frequente encontrar raparigas que desenvolveram outras vertentes que não apenas a doméstica. Valores tradicionalmente atribuídos às mulheres foram sofrendo modificações, elevando o estatuto da mulher, abrindo novas oportunidades e construindo novos desafios às mulheres e à sociedade hindu em geral.

Estes desafios são sobretudo perceptíveis na Índia, onde toda a estrutura social se encontra construída em torno de conceitos que foram sendo herdados e que já se encontram interiorizados. O facto de uma mulher querer estudar, trabalhar ou enveredar por uma profissão considerada não habitual para as mulheres, apesar de permitida, é encarada com apreensão pela família. Esta apreensão é traduzida pela preocupação de que as mulheres ao estudarem, ao adquirirem novos conhecimentos que lhes abrem novos horizontes, questionem e optem por um caminho, um destino diferente do estabelecido tradicionalmente: o de serem esposas e o de serem mães. O entendimento e discernimento adquirido através dos estudos e da troca de opiniões com outros poderão levar as raparigas a questionar e a pôr em causa ensinamentos dos seus pais e de pessoas mais velhas, contestando o que lhes foi inculcado desde que nasceram. Oliveira (2001, p. 80) refere:

*“As famílias, mais acomodadas ao seu papel tradicional, receiam que uma jovem educada e com ambições profissionais corra o risco de fazer opções problemáticas que, na prática, não funcionem. A jovem com formação académica superior é, ainda, em certos meios mais conservadores, olhada com alguma suspeição. Mais esclarecida, esta jovem, denota maior propensão para questionar as regras comportamentais, tradicionalmente, impostas à mulher”.*

As comunidades hindus residentes em países de acolhimento crescem e permanecem numa dualidade, da qual é difícil fugir. Por um lado, encontram-se mais receptivas às transformações culturais e às mudanças no estatuto da mulher, pois crêem que é natural haver uma influência de um país diferente ao qual precisam de se adaptar, por outro lado, temem que essa influência seja tão forte que modifique os ensinamentos e os princípios da cultura hindu, pondo em causa valores e por inerência a educação que os pais da jovem mulher inculcaram. Este equilíbrio que é

necessário manter nas sociedades de acolhimento pode facilmente ser gerador de instabilidade, modificando pensamentos e comportamentos das mulheres. A comunidade hindu é uma colectividade fortemente estruturada que permite várias interpretações e alterações, mas que mantém sólidos e inabaláveis conceitos como o respeito, a fidelidade, a religião. Estes conceitos permitem que influências do meio exterior se tornem mais difíceis de ser introduzidas, pois mais do que mudar ideias implicam mudar mentalidades e suportes antigos que ainda prevalecem e que mudá-los seria considerado como desrespeito.

### 1.3.2. A maternidade

Toda a cultura e toda a sociedade hindu impelem a mulher para o culto da maternidade. Desde criança que as mulheres são ensinadas pela sua mãe, tias ou irmãs a ajudar e a cuidar dos bebés. Por terem uma maior disponibilidade e por permanecerem muito tempo em casa, as mulheres vão interiorizando desde pequenas os gestos, as práticas que estão associados aos cuidados e quando atingem a idade em que são elas próprias a cuidar já conhecem como e porquê devem actuar. A função maternal é entendida como sendo, quase da exclusiva responsabilidade da mulher, a qual, acredita-se, estar melhor preparada para prestar todos cuidados necessários e dar resposta a todas as necessidades da criança.

A existência de famílias numerosas é propícia à integração das mulheres que pertencem a essa família nos cuidados, pois a divisão de tarefas é essencial para haver harmonia e para uma boa gestão da casa.

A maternidade é entendida pelas mulheres hindus como uma das razões da sua existência e é encarada como uma oportunidade para a sua valorização perante a família. Acrescido ao papel de mãe, ela adquire o papel de educadora e de transmissora de valores e práticas característicos da sua família e da cultura hindu. Stork (1986, p. 88) refere *“La femme, au sein de la famille hindoue traditionnelle, par la manière tout imprégnée de ritualité avec laquelle exécute les tâches qui lui sont assignées, et particulièrement celle du maternage, apparaît ainsi comme la gardienne de l’héritage culturel.”* O cuidado das crianças é entendido como uma forma de eternizar os hábitos e as tradições da família. As mães, por permanecerem mais tempo em casa, são as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos, mas todas as mulheres da família são consideradas responsáveis pela educação e pela formação das crianças.

Actualmente, existe uma participação mais activa por parte do pai, o qual se entretém sobretudo a brincar com os filhos, porém o espaço de cuidar directamente da criança está reservado às mulheres.

Desde o momento da concepção e, possivelmente até antes, estabelece-se uma ligação entre a mãe e o seu filho que se mantém após o nascimento. Esta ligação é materializada inicialmente através dos rituais e orações de favorecimento da gravidez mas completa-se através dos cuidados que a mulher grávida tem com a sua alimentação e com o seu estado psicológico. Este período de resguardo mental, onde a mulher é poupada a contrariedades, a idas a funerais e velórios, a aborrecimentos, a cenas violentas ou susceptíveis de a influenciarem negativamente, é proporcionado por toda a família, que a aconselha a ocupar os seus afazeres com pensamentos que tragam energia positiva, que passa para o feto. Stork (1986, p. 99) reforça esta ideia ao afirmar *“Il est donc d’usage d’épargner à la femme enceinte, dans la mesure du possible, les contrariétés et les émotions. Tout ce qui peut l’impressionner, et qui risquerait de retentir sur l’enfant, doit être évité, comme la vue de scènes violentes ou grotesques. Il lui est conseillé, au contraire, de donner à ses pensées une orientation de dévotion, vers l’enfance du dieu Krsna par exemple. De même, il n’est pas rare qu’un vaidya prescrive à un couple, lorsque l’épouse est enceinte, la récitation journalière d’un texte religieux de manière à ce que le fœtus s’en imprègne et qu’il conserve sa vie durant une tournure d’esprit portée à la piété ainsi qu’une conduite juste”*. É crença na cultura hindu que tudo o que a mãe tiver de positivo se repercute no seu feto, fortalecendo-o e impregnando-o com todas as qualidades e valores que a família considera como importantes.

Durante toda a gravidez a mulher vive um sentimento de protecção, de favorecimento por parte da família e dos vizinhos, os quais entendem que tudo o que fizerem de bem para a mulher grávida reverte em bênçãos e em favores para eles.

Após o nascimento da criança, a ligação mãe-filho estreita-se e ocorre como que uma fusão onde a mãe se dedica exclusivamente, nos primeiros dias, ao cuidado e à alimentação do seu filho. Nestas tarefas é ajudada pelas restantes mulheres da família e em particular, pela sua mãe, a qual colabora nos cuidados à criança e ajuda no restabelecimento da mulher através de uma alimentação especial e através de massagens.

Toda a vida da mulher é dedicada à educação e ao desenvolvimento dos filhos proporcionando-lhes princípios e valores, para que cresçam como adultos responsáveis.

### 1.3.3. O nascimento

Uma das principais crenças do hinduísmo é a reencarnação. Esta filosofia acredita que todas as criaturas vivas são parte de *Brahman*, ou seja, uma parte do ser supremo pode manifestar-se sob a forma de uma planta, insecto ou de um corpo humano que pode terminar o seu ciclo de vida e manifestar-se sob outra forma nessa nova vida. Essa manifestação depende sobretudo das acções passadas, que podem ter sido boas ou más. Sob a forma humana, o indivíduo pode, através do seguimento de normas e do conhecimento, quebrar a cadeia do *karma* e atingir a libertação final e regressar a *Brahman*.

O nascimento adquire uma importância primordial pois é ele que vai determinar as funções e o papel que o indivíduo irá desempenhar na sociedade. Mais do que analisar as qualificações e atributos, é o próprio indivíduo que se vai moldar e que vai desenvolver qualidades que respeitem a casta a que pertence e o dever para o qual está destinado. O respeito e o seguimento pelo que já está determinado é condição fundamental para uma reencarnação melhor ou até para a libertação espiritual.

O hinduísmo valoriza o conceito de *samsara*, que significa circular, passar por diversos estádios. É um ciclo de vida, de morte e de renascimento. Esse período constitui um ciclo de renovação e transmigração, no qual, quando se atinge a forma humana, se tem a oportunidade de se libertar desse ciclo através do conhecimento e da auto-realização. É através da reencarnação que todas as criaturas se vão modificando, melhorando até atingirem a libertação. Hattstein (2000, p. 21) refere que “*O objectivo de cada vida humana é assegurar uma boa reencarnação através da prática de boas acções*”. São as acções praticadas no presente e no passado que determinam a transmigração da alma ou a sua libertação.

O nascimento na cultura hindu é visto como uma forma de aperfeiçoamento da pessoa. Essa forma de melhoramento é passageira pelo que deve ser utilizada correctamente, desenvolvendo capacidades que noutras encarnações foram descuradas. Se uma pessoa apenas estiver ligada aos bens materiais e preocupada com as suas acções para benefício próprio, ela vai acumulando muitos *karmas* e para se libertar tem que nascer muitas vezes para alcançar a maturidade e a perfeição e consequentemente atingir a liberdade espiritual.

A repetição sucessiva da vida, da morte e da reencarnação é entendida como uma forma de libertação de tudo o que impede essa realização, tal como a infelicidade ou a ignorância.

O nascimento é encarado como um acontecimento que faz parte de um ciclo. Depois do nascimento, vem a morte e novamente o renascimento. No momento da morte a alma deixa o corpo e renasce noutra pessoa, num animal ou num vegetal, dependendo das acções que foram praticadas nas vidas passadas. O nascimento, numa perspectiva filosófica e religiosa, é encarado como uma nova oportunidade de melhorar, de desprendimento dos valores terrenos, uma possibilidade de alcançar a libertação, a *moksha*.

Numa perspectiva mais intimista e mais familiar, o nascimento é visto como uma fonte de alegria e considerado como uma bênção de Deus. Adota um significado de felicidade e de reconhecimento que a mãe, e de uma forma geral toda a família, foram merecedoras de receber mais uma pessoa no seu seio. Paralelamente, o nascimento de filhos assegura a continuidade da família e uma perpetuação de valores, hábitos e costumes característicos. Mascarenhas (1943, p. 21) refere:

*“O filho tem por missão assegurar a imortalidade dos antepassados pelo culto que lhes dedica e pelos sacrifícios que lhes oferece”.*

O nascimento de uma criança é recebido com muita alegria por toda a família. A presença de mais um membro representa uma continuação mas também é uma oportunidade para se transmitir valores, conhecimentos e práticas que são defendidos pela família e que permitem que a criança cresça e se torne num adulto moralmente íntegro. Na cultura hindu, os filhos são o reflexo dos pais e de uma forma mais abrangente de toda a família.

Apesar de um bebé implicar uma nova organização da família, um novo objectivo, um convergir de ideias e de acções para que a criança tenha tudo o que de melhor se pode oferecer, ela é recebida com grande euforia e contentamento por toda a família, que vê o seu número alargado e o seu nome perpetuado.

Para marcar este acontecimento é frequente realizarem-se cerimónias para agradecimento e para trazer bons auspícios para toda a vida. Shattuck (1999, p. 81) refere *“As cerimónias que rodeiam o nascimento de uma criança incluem doações aos pūjās do templo local e recitar preces, implorando uma longa vida acompanhada de boa sorte”.* Entre as cerimónias mais frequentes encontram-se o *Chatti* e o *Namakarana*. O *Chatti* é uma cerimónia religiosa que ocorre geralmente no sexto dia de vida da criança e que tem como objectivo principal a entrada na vida religiosa. Ocorre no quarto onde a criança dorme, podendo também ser realizada

na sala. Nesta cerimónia coloca-se numa cadeira ou numa mesa um tecido fino, geralmente seda, e coloca-se uma lamparina, um livro e uma caneta vermelha, para que durante a noite a deusa venha escrever o destino da criança. Em redor colocam-se pratos com oferendas de fruta, arroz e outros alimentos. A criança enrolada num tecido de linho ou algodão branco é levada pela tia (irmã mais velha do pai) perto deste altar e é oferecida sete vezes. É também colocado na testa da criança o *tilak* e são atadas nas mãos fios sagrados que conferem protecção.

O *Namakarana* é a cerimónia que consiste na atribuição do nome da criança e realiza-se no 11.º dia após o nascimento. Esta cerimónia é já realizada na sala e convida-se um padre para indicar, de acordo com o dia e a hora do nascimento, a letra pela qual o nome da criança deverá começar. O respeito por esta regra tem a ver com a crença de que, se escolher outro nome, a criança terá que carregar com dois destinos e por isso terá que suportar um destino duplamente pesado, pois as tristezas e a infelicidade serão a dobrar.

#### 1.3.4. Os idosos

Tal como a maior parte das filosofias orientais, também a filosofia hindu incute nas crianças o respeito, a admiração e a reverência pelas pessoas mais velhas. Elas representam a sabedoria e a experiência adquirida, às quais se recorre em caso de necessidade. Essa consideração misturada com gratidão para com os que os educaram e ensinaram está presente em todos os momentos, e também nos gestos mais simples, tais como o pedido da bênção ou a solicitação de um simples conselho, mostrando, desse modo, que as pessoas mais idosas ainda são válidas e têm um papel a desempenhar dentro da família. Na cultura hindu os membros mais velhos são os responsáveis pelo crescimento correcto e pela manutenção de valores espirituais e religiosos. São eles que mantêm as tradições familiares e que dão protecção à família e sobretudo, às crianças e às mulheres, tidas como mais vulneráveis.

À medida que os familiares vão envelhecendo, cabe aos jovens assumir a gestão da casa e do negócio, proporcionando-lhes descanso, repouso e alguma serenidade. A passagem do testemunho do domínio da casa ou da gestão do negócio é considerado como algo natural, que faz parte das etapas de vida, e é feita de forma gradual para que tanto os mais velhos, como os mais novos, possam sentir uma continuidade e para que não ocorra um corte brusco.

Entre as mulheres é frequente que se recorra às mulheres mais velhas em caso de doença, em busca de um conselho ou opinião na educação ou cuidado com os filhos, para se tratarem com remédios tradicionais, ou para que sejam elucidadas sobre um ritual. São os assuntos da casa que ocupam a maior parte destas conversas mas também existe espaço para os assuntos religiosos, sociais e até políticos. Frequentemente são contadas histórias sobre comportamentos e práticas comuns entre mulheres dos tempos antigos que servem de base de reflexão e de aprendizagem.

Relativamente aos homens é frequente consultar as pessoas mais velhas sobre os negócios, sobre os investimentos ou sobre algum assunto familiar que mereça atenção.

Os idosos são assim, entendidos como fonte de sabedoria, não só pelos conhecimentos das tradições antigas mas também, pela experiência que foram adquirindo e que serve para ensinar e orientar os mais jovens. Shattuck (1999, p. 78) reforça o papel dos avós ao dizer “*Os avós ajudam também, principalmente tomando conta das crianças. Geralmente são eles que relatam aos pequenos os mitos e as lendas hindus, transmitindo-lhes a sabedoria da tradição*”. O respeito pelos mais velhos é entendido na cultura hindu como uma obrigação, sendo por vezes motivo de veneração.

Outro aspecto importante é a ligação que os mais velhos têm com a terra de origem. São as recordações que eles têm da Índia, a terra, os cheiros, que permitem que muitos jovens que nasceram em outros países conheçam um pouco das suas raízes. Os idosos na cultura hindu são tidos como experiências vivas e como um testemunho do passado que é fundamental não esquecer. Eles são os verdadeiros conhecedores da vida hindu e de valores ancestrais, de rituais antigos e de histórias que ouviram de seus avós que devem perdurar ao longo das gerações. Os idosos são o principal elo de ligação com o passado mas também um incentivo para o futuro, uma vez que eles constituem os principais educadores das gerações mais novas.

### 1.3.5. O culto e os rituais

Na tradição hindu o culto por deuses e a devoção a personagens mitológicas é bastante comum e atravessa gerações. Eles representam os ideais aspirados por todos os indivíduos e traduzem, através das suas ações, valores e conceitos que devem ser imitados e assimilados.

Também todas as actividades diárias se revestem de uma componente religiosa estando sempre presente a devoção e o respeito bem como os preceitos que se devem cumprir.

A crença num ser superior, longe de limitar os hindus ou de reduzi-los e mostrar a sua insignificância, permite aspirar a uma vida mais completa, a serem pessoas mais capazes, que podem sempre modificar e melhorar. É uma esperança que é utilizada inúmeras vezes para superar acontecimentos menos bons e que são aceites como a vontade divina.

Vários autores referem-se à importância dos rituais na cultura hindu. O seu número variado e as diferentes formas de realização prendem-se com inúmeros factores, tais como a região, a devoção, os hábitos (Fuller, 1992; Michaels, 2004). Entre os rituais mais conhecidos desta cultura destaca-se o *pūjā*, realizado diariamente tanto pelos sacerdotes como por todo o tipo de pessoas, onde Deus é tido como um convidado de honra e onde tudo é feito para enaltecer e agradar à entidade divina. O *pūjā* compreende várias etapas, entre elas a purificação, a adoração e a oferta de alimentos mas, sobretudo, deve ser entendido como um acto de honra e respeito tal como refere Fuller (1992, p. 68):

*“Puja is, in the first place, an act of respectful honoring and that this meaning is inherent in its structure as an ordered series of offerings and services (...) Honor is shown to the deities by presenting offerings and services to their image forms that are (or should be) as luxurious, sumptuous, and delightful as possible, and they should also it the preferences that each deity is believed to have.”*

O culto funciona como uma ligação directa aos deuses, para que orientem as suas acções, para que os favoreçam nos negócios ou para pedirem protecção para a sua família. Tal como Oliveira (2001, p. 81) refere “os rituais hindus são efectuados com o sentido de receber bênçãos, aplacar a vontade dos deuses e para assinalar acontecimentos especiais, realizando-se em templos, em lugares de peregrinação, em santuários ao longo das estradas, caminhos e em casa”. As orações estão presentes em todas as acções e em todos os comportamentos diários que se realizam ao longo do dia. Shattuck (1999, p. 79) reforça este facto ao constatar “As mulheres da aldeia efectuam as preces matutinas quando vão ao rio buscar água e banhar-se. Quando voltam para casa, fazem uma pausa para orar e oferecem um pouco de arroz, um pau de incenso ou uma concha de água às divindades que presidem aos altares locais da beira da estrada. Nas áreas urbanas, as pessoas param para fazer oferendas em

*santuários e templos que ficam a caminho do trabalho ou dos seus outros afazeres*". Os cultos e rituais entendidos como formas de louvor podem ser feitos em templos, congregações ou, de uma forma mais intimista, em casa. Em todas as casas hindus existe um *mandir*, ou seja, um santuário onde se encontram figuras de deuses e de santos pelos quais a família tem devoção.

Para muitos hindus o centro da vida religiosa é o lar, com o seu próprio santuário, onde os membros da família podem fazer os seus cultos diariamente. Os cultos domésticos iniciam-se geralmente logo de manhã, após o acordar, em que é pedida a bênção para aquele dia, para a pessoa que faz a oração, para a família e para todas as pessoas.

O local onde se encontra o *mandir* pode ser na sala, num quarto específico ou num lugar onde se possa meditar e venerar de forma calma e sem interrupções. Todos os membros da família executam as suas orações, individualmente ou em conjunto. Shattuck (1999, p. 78) descreve o culto doméstico da seguinte forma *"As divindades domésticas são veneradas com o mesmo ritual puja que a imagem do templo, mas de uma forma simplificada. O devoto oferece água para beber e para o banho, alimentos e por vezes incenso. Se as imagens domésticas são esculturas, podem estar cobertas com vestes de seda. Quer as gravuras, quer as esculturas são adornadas com flores. Os pūjās domésticos devem ser realizados regularmente, o ideal seria todos os dias, mas em certos casos uma vez por semana (...) o pūjā é realizado antes do pequeno-almoço e de novo à noite, antes do jantar. Todos os alimentos preparados para a família são oferecidos à divindade antes de serem servidos. O principal objectivo do culto doméstico é a protecção do lar, mas os rituais são ainda realizados como expressão da relação pessoal entre o devoto e a divindade da sua escolha"*. Existem vários deuses aos quais se presta devoção. Ao lado do *mandir* é frequente encontrarem-se fotografias de familiares que já faleceram, do casamento dos filhos para que durante o *pūjā* diário estes não sejam esquecidos e que também sejam favorecidos com as bênçãos. No início do dia colocam-se alimentos no *mandir* para oferta a Deus, convidando-o a comer com a família e pedindo deste modo, a bênção diária para si e para os antepassados que já faleceram.

Os templos encontram-se destinados a cerimónias mais solenes ou a festividades, cabendo aos sacerdotes a tarefa de cuidar do templo, de venerar os deuses, de realizar cerimónias e de orientar os hindus nas orações e na interpretação dos textos sagrados. Tanto nos cultos diários realizados em casa, como nos cultos realizados nos templos são feitas

orações e oferendas de flores, fruta ou outros alimentos. As ofertas feitas primeiro aos deuses são posteriormente partilhadas com familiares, vizinhos ou com os mais necessitados. A importância do culto é grande e ele é entendido não somente como uma obrigação mas também como uma forma de saudar os deuses, de agradecimento diário, como forma de relembrar o papel de cada um na sociedade, a aspiração à verdade e o *dharma* que cada indivíduo deve seguir.

A religião hindu é rica em rituais que fazem parte da sua identidade. Eles são transmitidos de geração em geração, de pais para filhos, de avós para netos relembrando não só a ligação com os deuses, mas também mantendo acesa a ligação com os antepassados da família. Conio (1986, p. 18) refere *“Na Índia, o rito de facto, não só permanece, como o mito ao longo do curso dos séculos, como continua ineliminável justamente por aquela exigência de concretizar, exprimir, o sentimento religioso ou a fé, que não pode ser confinado apenas à interioridade ou à formulação conceptual do filósofo ou do teólogo”*.

Gestos, orações, canções e ofertas mantêm-se vivos através da repetição, da tradição oral, do conhecimento e sabedoria dos mais antigos auxiliando e ornamentando qualquer ocasião, particularmente as ocasiões mais festivas.

Os rituais acompanham toda a vida dos hindus e todas as oportunidades servem para festejar a vida, celebrar as mudanças de idade ou saudar a morte, entendidos como processos de renovação e renascimento. Dentro dos rituais pode-se encontrar rituais efectuados em honra de deuses (rituais públicos ou *srauta*) e rituais relacionados com as etapas de vida do indivíduo (rituais domésticos ou *grhya*). Dentro destes últimos destacam-se os *samskaras* que correspondem aos rituais de passagem, mais especificamente rituais relacionados com o nascimento, a maioridade, o casamento e a morte. A cada uma destas fases pertencem vários ritos que têm como objectivo principal marcar a passagem de uma nova fase da vida ou um acontecimento importante para o desenvolvimento tanto físico como psicológico do indivíduo. Segundo Shattuck (1999, p. 80) *“Os samskaras são considerados os sacramentos do Hinduísmo. Trata-se de rituais que conduzem o hindu ao longo do caminho do dharma, da vida virtuosa. A palavra samshara significa «aperfeiçoamento». Estas cerimónias combinam os elementos do pūjā, preces, cantos dos antigos hinos e festas comunitárias.”* O número de *samskaras* varia, no entanto, existem alguns que são considerados os principais. Eles variam desde a concepção até às cerimónias funerárias e entre os principais destacam-se:

- 1.º *garbhadhan* (sacramento de impregnação) – ritual que é realizado antes do momento da concepção para garantir o nascimento de uma criança sã;
- 2.º *punsavanam* – realizado no 2.º ou 3.º mês de gravidez para que nasça uma criança do sexo masculino;
- 3.º *simantonnayana* – realizado entre o 5.º e o 8.º mês de gravidez, para que esta decorra sem problemas e para que a mulher esteja protegida contra os maus espíritos;
- 4.º *jatakarma* – é o ritual do nascimento, que se faz quando a criança está a nascer;
- 5.º *namakarama* – ritual em que se faz a atribuição do nome da criança, geralmente ocorre no 11.º dia após o nascimento;
- 6.º *niskramana* – ocorre no 3.º ou no 4.º mês após o nascimento e corresponde à primeira saída da criança para sua protecção contra os espíritos maus;
- 7.º *annaprashana* – corresponde à primeira alimentação sólida da criança;
- 8.º *chudakarma* – cerimónia que se realiza no 1.º ou no 3.º ano de vida e onde se corta o cabelo da criança, total ou parcialmente;
- 9.º *karnavedha* – ritual que se realiza no 3.º ou no 5.º ano de vida e que consiste na perfuração da orelha para proteger a saúde da criança;
- 10.º *upanayana* – corresponde à atribuição do cordão sagrado e marca a entrada da criança na fase estudantil;
- 11.º *samavartana* – quando são completados os estudos;
- 12.º *vivaha samskara* – ritual do casamento;
- 13.º *grihashthashrama* – sacramentos relativos à casa (posse);
- 14.º *vanprasthashrama* – corresponde à renúncia da vida de casa;
- 15.º *sanyasashrama* – ritual que conduz à vida de monge;
- 16.º *antyeshti* – últimos ritos do morto.

Os costumes e rituais são diversos variando consoante a região da Índia, mas também de família para família e da forma como a tradição é transmitida. As influências exteriores – políticas, sociais e religiosas – também alteraram de alguma forma estes procedimentos, que, no entanto, ainda se mantêm fiéis ao tempo dos antepassados. A Índia na própria diversidade encontrou a sua unicidade.

## 2. A MIGRAÇÃO

A migração é uma realidade que não podemos negar nos nossos dias. A globalização veio acelerar o processo de mudança de pessoas, de trocas culturais, de intercâmbio de valores e ideias políticas, sociológicas e económicas. Num mundo em permanente mudança, as pessoas também modificam valores e comportamentos, numa tentativa constante de dar resposta aos seus sonhos, expectativas e ambições.

O desejo de procurar, de ter uma vida melhor, com condições mais favoráveis, que dê resposta à sua ambição e às suas necessidades leva os homens a procurar outro lugar, quer seja cidade, país ou continente. Esse sonho ou essa ambição, na maioria das vezes idealizado, entra frequentemente em confronto com a realidade encontrada no país de acolhimento. O migrante além dos seus ideais transporta consigo a sua cultura, os seus valores, que geralmente são diferentes do mundo para onde emigra. A cultura permite a formação do indivíduo como ser único. Desde criança que ele se impregna de normas, de valores do seu grupo, interiorizando-os e tomando consciência do seu papel e do papel dos restantes membros da sua comunidade. Através destas normas ele aprende as suas responsabilidades, as suas atribuições desempenhando um papel na sociedade. Ter de prescindir do modo de vida a que estava habituado, entrar num mundo para ele desconhecido, muitas vezes afastado da sua família são fardos que o migrante carrega e que deixam marcas profundas, por vezes difíceis de ultrapassar. A ruptura, às vezes drástica e agressiva, com o local onde cresceu, onde tem as suas raízes nunca é definitiva, visto que ocorreu um processo de interiorização e de assimilação de hábitos, de costumes e de práticas culturais que o indivíduo toma como suas e que é impossível esquecer. Associada a esta realidade encontra-se muitas vezes a imposição do que é esperado do migrante. A submissão a novos valores completamente desconhecidos e diferentes dos seus, o seguimento de novas regras e comportamentos, a sujeição a novas tarefas e novos papéis são obstáculos que surgem e que dificultam a integração na sociedade de acolhimento.

Vários autores debruçaram-se sobre a problemática da saída de um país e entrada noutra, nas suas mais variadas vertentes. O despoletar desta realidade foi fruto de vários factores sociais, económicos e políticos como o desenvolvimento tecnológico, a guerra, a procura de trabalho e a consequente formação de comunidades com uma cultura própria, diferente da do país de acolhimento. Para Rocha-Trindade (1995) actualmente faz mais sentido falar em migração, termo que engloba a

emigração e a imigração, visto a globalização e a livre circulação serem uma realidade que veio atenuar a distância e incentivar a deslocação das pessoas de um lugar para outro. De uma forma mais aprofundada Ramos (2004, p. 255) alerta para o facto da migração constituir *“um processo complexo, contraditório, bipolar, uma experiência de perda, ruptura, mudança, vivenciada pelo indivíduo de uma forma mais ou menos traumatizante ou harmoniosa, segundo os seus recursos psicológicos e sociais, as características da sociedade e as condições de acolhimento da país receptor.”*

Ao analisarmos um processo migratório temos que considerar as duas vertentes. A emigração, ou seja, *“a saída de um país ou região com o objectivo de fixação, temporária ou definitiva, noutra lugar”* (Malheiros, 1996a, p. 30) ou na perspectiva de Ramos (2004, p. 255) *“de sair, de abandonar, de perder o “envelope” protector e tranquilizante dos lugares, dos objectos, das pessoas, das sensações, dos hábitos, da língua, das primeiras marcas e elementos nos quais se estruturou o funcionamento psíquico e cultural”*. A saída do lugar onde nascemos, onde nos estruturamos como pessoas, onde desenvolvemos as nossas redes de amizade e as nossas redes sociais implica alterações que são difíceis de superar. Mas não é só a ruptura com o que construiu que o migrante tem de enfrentar, é também a inserção num novo país, numa nova cidade com costumes e hábitos diferentes dos seus. A imigração entendida como o *“processo de entrada num país ou região com o objectivo de fixação, temporária ou definitiva, nessa área”* (Malheiros, 1996a, p. 30) pressupõe uma adaptação a uma nova realidade, muitas vezes diferente da do migrante, uma reorganização da sua própria identidade e a criação de novos laços sociais e afectivos. Ramos (2004, p. 256) refere-se a este processo da seguinte maneira:

*“A vivência migratória envolve a capacidade de fazer face à mudança que a decisão migratória origina, a capacidade de gerir os sentimentos de abandono, angústia e perda que a ruptura afectiva, física e cultural desencadeia e a capacidade de reconstrução, de incorporação de elementos do novo meio”.*

O conhecimento de um grupo migrante não se limita ao estudo da sua comunidade de origem e da sociedade de acolhimento. É imprescindível a referência aos seus trajectos migratórios, ricos em experiências e condicionantes da sua integração e das estratégias identitárias desenvolvidas. É todo um percurso, uma vida que é necessário conhecer para poder analisar os comportamentos e as acções que o migrante desenvolve e que adquire como suas.

A capacidade do migrante construir a sua identidade étnica dentro de um grupo só adquire validade se o próprio reinterpreta o seu sistema cultural de pertença, o sistema cultural que o acolhe e confronta as suas tradições com as suas necessidades, consciencializando-se das suas raízes e das diferenças sociais e culturais.

O sair das suas origens, do meio onde nasceu e cresceu, que já domina e tem como seu é uma situação difícil e muito desestruturante. Inúmeros factores podem contribuir para esta saída e a idealização de uma melhor vida é apenas um deles. Torna-se pois, indispensável conhecer o que motiva o migrante a sair da sua terra e procurar outra que lhe é desconhecida.

## 2.1. O Porquê da Migração

Ao analisar este processo e o modo como os migrantes o vivenciam, é imprescindível compreender as razões que levam os indivíduos a sair do seu quotidiano, da sua segurança e aventurar-se no desconhecido enfrentando dificuldades de vária ordem. Rocha-Trindade (1995) aponta alguns motivos que poderão determinar a partida do migrante. Falar em migração com base numa única razão seria reduzir, de uma forma incorrecta, este complexo processo. Habitualmente não é apenas uma razão que leva à migração, mas sim um conjunto de motivos, uns mais determinantes que outros, que conduzem a este processo. A decisão de imigrar é pois resultado de um complexo de variáveis onde inúmeros factores se cruzam. De uma forma geral, considera-se que as razões económicas são as principais para o indivíduo decidir sair de um local. A procura de melhores condições de vida ou a necessidade de arranjar meios de subsistência para si e para a família são determinantes para esta saída. Muitas vezes surgem também motivações políticas, nomeadamente relacionadas com a guerra, que geram sentimentos de insegurança e instabilidade e que ameaçam a liberdade física ou simplesmente põem em causa ou impedem a livre expressão de ideias. Frequentemente estas situações levam os indivíduos a optarem por sair do país, por sua livre vontade ou por imposição de outros. Em situações de catástrofe, como os terremotos, existem motivações de emergência, que são designadas por esta terminologia por as pessoas terem que migrar para poderem assegurar a sua sobrevivência diária. As motivações étnico-culturais, cada vez mais frequentes, são outras das razões encontradas para partir. A inclusão e conseqüente absorção de minorias nas sociedades maioritárias pode levar à mudança de país, numa tentativa de manter os seus valores e as suas tradições. Com o

desenvolvimento profissional e com a especialização, um grande número de pessoas com qualificações deslocam-se para outros países onde se estabelecem e desenvolvem a sua actividade profissional, contribuindo para o crescimento do país de acolhimento, quer a nível técnico, quer a nível científico. Os motivos da migração, como já foi referido, são diversos sendo orientados sobretudo para uma melhoria da qualidade de vida, quer a nível económico, quer a nível social. Esta procura de novas condições e novos benefícios traz alterações de vária ordem, com as quais é essencial saber lidar. Baptista e Cordeiro (2002, p. 33) citando Malgenisi e Giménez (2000) sintetizam as razões da imigração da seguinte forma:

*“As razões que provocam a imigração são, pois complexas, e prendem-se não apenas com constrangimentos no plano económico, social e político, como também com idiosincrasias individuais e, ainda, com o contexto familiar e cultural, no sentido da pré-existência de redes de parentesco, de amizade, de vizinhança ou conterraneidade”.*

Quando decide ir para outro país o migrante fundamenta-se em razões externas, mas também mobiliza vontades e ambições internas, pessoais e confronta-as permanentemente com os seus medos, os seus receios, o desconhecido. Esta acareação entre as vantagens e as desvantagens não é isenta de dificuldades, ressaltando entre elas a necessidade de se manter fiel à sua cultura e às suas raízes.

Confrontado com uma nova realidade, o migrante sente necessidade de continuar a ter a sua base de apoio, os seus alicerces culturais mantendo, a qualquer custo a sua identidade.

## 2.2. A Necessidade de Manter a Identidade

Saber enfrentar e adaptar-se a um mundo ou a um país diferente é um dos desafios que o migrante necessita de ultrapassar. Trazendo os seus próprios valores que foi construindo e adquirindo ao longo da vida, ele é forçado a conhecer novos valores, muitos completamente diferentes, e para ser aceite tem que os tomar como seus. Reside neste aspecto o conflito que frequentemente surge e que resulta em angústia e isolamento do migrante.

A construção da identidade tem por base uma multiplicidade de referências, tais como a religião, a cultura. No entanto, para além dos sinais de afirmação de uma identidade única que os distingue e que os

caracteriza, o migrante reconstrói a sua identidade através da influência da sociedade de acolhimento. Existe um reajustamento, consciente ou não, a nível da identidade, visto existirem objectivos e um espaço necessariamente diferentes.

Em situação de migração é imperativo respeitar a diferença dos outros, os seus valores, as suas práticas. Esse respeito passa pelo conhecimento da identidade pessoal e da identidade cultural de cada um. Bastos e Bastos (1999a, p.11) definem identidade como *“um organizador psicossociológico, sócio-histórico e político complexo, na medida em que se processa tanto no nível pessoal e interpessoal como no nível transpessoal e no nível político, das relações internacionais, e decorre tanto de processos de identificação subjectiva e de auto-atribuição como de processos de identificação objectivante e de hetero-atribuição que frequentemente descoincidem”*. O processo de identidade é complexo e engloba diversos factores, tais como o próprio indivíduo, os seus objectivos, as suas motivações, os antecedentes familiares, o meio onde cresceu e onde vive, os processos sociais e relacionais que estabelece entre muitos outros. O modo como o próprio indivíduo se visualiza e a imagem que os outros têm dele num determinado contexto cultural e social, que nos dias de hoje é necessariamente multicultural, são fundamentais para a construção de uma identidade e para a reafirmação ou não de uma etnicidade. Bastos e Bastos (1999a, p. 12) baseando-se noutros autores criam o conceito de identidade étnica ao referir:

*“a identidade étnica pode ser definida, genericamente, como uma identidade sócio-histórica reconstruída em diáspora, referenciada a uma pátria ou origem distante ou perdida e, sobretudo, a uma genealogia (Roosens, 1996) vivida como minoritária, no interior de um Estado multi-étnico, identidade essa que é mantida por um duplo processo de aculturação antagonista (Devereux e Loebb, 1943), mais ou menos agonístico, o qual impede a dissolução cultural da minoria, por assimilação indiferenciadora, na maioria nacional”*.

Cada pessoa é um conjunto de experiências, de hábitos e de comportamentos que estão devidamente enquadrados numa realidade. Nesse espaço que ela adquiriu e tomou como seu, o migrante desenvolve-se e movimenta-se com segurança, pois conhece-se não só a si próprio como aos que o rodeiam, criando, dessa forma, o seu próprio mundo. Ao migrar, o indivíduo põe em causa os novos valores e as novas práticas que enfrenta, mas acima de tudo põe em causa tudo o que aprendeu, todos os conceitos que formou e põe-se a si próprio em causa.

Em lugar de certezas e de convicções, instalam-se dúvidas e interrogações a que urge dar resposta.

A cultura oferece ao indivíduo um conjunto de códigos sociais, de tradições, de crenças que servem de suporte e que norteiam o indivíduo, o que permite um sentimento de pertença, de partilha de um grupo e simultaneamente constitui o meio primordial para a unicidade de cada indivíduo. Ao migrar o indivíduo afasta-se das suas raízes culturais e familiares, distanciando-se das tradições e das práticas que tinha como certas e eternas.

Baptista e Cordeiro (2002, pp. 31-32) afirmam “*a pertença linguístico-cultural, que permite reconstituir sentimentos de pertença, de semelhança e de identificação com o novo lugar de permanência. Este sentimento de pertença abre portas à compreensão de “novo mundo” em condições de imediata inteligibilidade*”. A proximidade da língua é um factor que favorece a comunicação e o contacto entre os indivíduos. A chegada a um novo país onde a língua já é familiar, facilita o estabelecimento de relações e permite, à partida, uma integração e uma inserção mais precoces (Ramos, 1993; 2001; 2004).

A reconstrução no país de acolhimento do modo de vida, do simbolismo e da tradição entra frequentemente em conflito com a sua nova condição, resultando numa procura de formas de adaptação e resolução desse conflito.

### **2.3. Formas de Adaptação**

Os migrantes, ao irem para um país de acolhimento, tendem a isolar-se, a construir o seu próprio casulo numa tentativa de responder às agressões que o contacto com uma nova cultura e com novos valores implica. A preservação da sua própria cultura é mais fácil se não ocorrem contactos com um meio que frequentemente é considerado adverso. Mas o migrante estabelece sempre uma interacção com o exterior. De uma forma mais superficial ou mais profunda, de uma forma consciente ou inconsciente, é essencial este contacto para uma adaptação e uma participação do indivíduo na nova sociedade e para que esta conheça os hábitos do novo membro.

Num esforço para se adaptar, para ser aceite, o migrante esforça-se por adquirir novos conceitos e integrar-se na nova realidade, adoptando comportamentos e tomando como suas outras referências sociais

e culturais. Este assumir de uma nova realidade, diferente e estranha à sua, é acompanhada de muita tensão. O confronto entre o que o migrante é e o que ele tem que ser para ser aceite e para se adaptar é inevitável. Apesar de serem duas realidades distintas, elas estão muito próximas e não se podem dissociar. Segundo Malheiros (1996a, p. 46) *“A inserção de um imigrante na sua região de destino implica a ocorrência de um processo de adaptação, por vezes bastante difícil, às regras e valores que vigoram na sociedade de acolhimento. Os migrantes deparam, deste modo, com uma situação complexa que decorre do “confronto” entre os seus valores de origem e aqueles que dominam o local de destino”*. A resolução desse conflito, que é tanto interior como exterior, necessita de uma orientação para que seja construtiva e proveitosa tanto para o migrante como para a sociedade de acolhimento. O migrante terá de resolver essa tensão de forma a poder optar de forma consciente por um modo de vida que se coadune com os seus objectivos e os seus projectos de vida, sem nunca esquecer a sua cultura nem a nova realidade onde se insere.

Vários autores, Berry (1989), Ramos (1993), Malheiros (1996a), defendem que existem essencialmente quatro modos de ajustamento dos migrantes a esta nova realidade, de que resultam quatro modos de aculturação. São eles a assimilação, a integração, a separação e a marginalização. Na assimilação existe uma adopção por parte do migrante de características do grupo dominante, perdendo a sua identidade original. A integração consiste na incorporação na sociedade de acolhimento, mantendo no entanto, a sua cultura, ou seja, ocorre uma manutenção parcial da integridade, da identidade cultural do grupo, mas simultaneamente existe uma participação deste grupo nas estruturas da nova sociedade. Na separação, o migrante procura manter a sua identidade, não estabelecendo relações com a sociedade de acolhimento. Por último, a marginalização ocorre, quando o grupo dominante impede o indivíduo de participar na sua estrutura e na vida dessa sociedade.

Quando se fala em migração e em pessoas, temos que compreender que nem todas as situações são lineares e não se desenrolam apenas num sentido. Com efeito, se o migrante sente influência do seu local de acolhimento, também este reflecte a nova presença, alterando dinâmicas e comportamentos. Esta nova situação de mútua adaptação implica uma disponibilidade e uma receptividade que muitas vezes é complexa e difícil. Nem todos os migrantes experienciam a aculturação do mesmo modo. Esta está muito dependente dos objectivos, do projecto de vida e da adaptabilidade de cada um. Ao abordarmos a problemática da aculturação não se pode cair na tentação de esperar que o migrante esqueça a sua língua, abandone os seus hábitos e adquira somente os comportamentos

da sociedade de acolhimento. O indivíduo é um todo, resultante da acumulação de experiências e vivências. O enquadramento cultural e histórico é essencial, não se podendo excluir o indivíduo da cultura em que cresceu, nem excluir a própria cultura e os valores com ela transmitidos, correndo o risco de provocar problemas de identidade, que podem resultar em sentimentos de culpa, de isolamento ou de passividade.

O migrante mais do que um indivíduo estranho ou diferente deve ser visto na sua globalidade, com o seu sistema de valores e crenças que não pode nem deve negar, mas que deve ser respeitado. Ele deve ser encarado como uma riqueza adicional em que além de receber e sofrer influências da sociedade de acolhimento, também transmite os seus valores ocorrendo um intercâmbio que deve ser salutar e não encarado como elemento despoletador de discórdia.

A migração vem alterar não só os hábitos de vida, mas toda a estrutura familiar e social que funcionam como bases de apoio do indivíduo. Mais do que ultrapassar formas de estar e de agir, o migrante necessita de reconstruir toda a sua vida, trazendo esta reconstrução e procura de estabilidade consequências a vários níveis. Uma das principais alterações manifesta-se na estrutura familiar, ocorrendo uma desintegração, pois frequentemente o elemento masculino é o primeiro a imigrar, só mais tarde reunindo a família. Além das alterações sociais inerentes (perda ou adaptação a um novo estatuto social, procura de emprego, condições de habitação menos favoráveis no início), as alterações psicológicas são também muito marcantes. A adaptação rápida e forçada ao novo meio, a perda da identidade, das redes sociais são tudo factores que contribuem para uma integração mais difícil. Berry (1989) citado por Ramos (1993, 2004) agrupa as mudanças provocadas pelo processo migratório da seguinte forma: mudanças físicas (novo meio, nova habitação, novos hábitos de vida), mudanças biológicas (nova alimentação, novas doenças), mudanças sociais e familiares (novas relações interindividuais e intergrupais, novos padrões de actividade e de relações sociais, novos papéis familiares), mudanças culturais (a educação, a religião e a língua são muitas vezes modificadas pelas da sociedade de acolhimento), mudanças psicológicas (ao nível das motivações, das aptidões, da identidade individual e cultural), e mudanças políticas (perda de autonomia). O migrante tem de fazer face ao choque cultural, pois as normas e referências que formavam a base da sua estruturação são postas em causa ao mesmo tempo que tem que fazer o luto em relação ao seu país de origem e construir uma nova vida no país de acolhimento. Segundo o mesmo autor, as mudanças anteriormente citadas podem ter consequências positivas, tais como a melhoria das condições económicas e educacionais, e negativas, tais como problemas

psicológicos, confusão identitária e stress de aculturação. Também Ramos (1993, p. 563) se refere à adaptação à nova sociedade e às consequências, quer positivas, quer negativas que esta traz dizendo:

*“certaines de ces changements ont des conséquences positives, notamment en ce qui concerne l’amélioration des conditions socio-économique, de l’éducation, de la santé, etc... D’autres se manifestent d’une forme plutôt négative, sous forme de difficultés d’adaptation et de problèmes psychologiques”.*

A migração resulta como um misto de desejos e sentimentos que tornam o indivíduo mais vulnerável e mais susceptível. Num ambiente que desconhece e que não domina, inserido numa sociedade com valores e comportamentos diferentes dos seus e longe dos seus familiares e amigos, o migrante sente-se perdido e desamparado. Neto (1993, p.87), a propósito da psicologia da aculturação, refere que:

*“as pessoas podem sentir-se perdidas na mudança, dado que muitas vezes desaparecem as normas culturais antigas. Por exemplo, ao nível do grupo os antigos padrões de autoridade podem deixar de funcionar e ao nível do indivíduo pode surgir a incerteza, a confusão de identidade, a depressão, a solidão. O stress da aculturação constitui assim o lado negativo da aculturação que mesmo sendo frequente não é inevitável”.*

Ao emigrar ele tem que enfrentar várias etapas criando estratégias para ultrapassar esses sentimentos de perda. Fazer o luto é a primeira dessas etapas e corresponde à iniciativa de sair do seu país de acolhimento, de deixar os seus hábitos e as suas tradições e tomar consciência de que vai entrar numa nova realidade diferente da que experienciou até então. Segue-se o contacto com a nova cultura, em que o migrante tem que ter disponibilidade interior para conhecer um novo mundo, para não desprezar outros valores, para compreender a existência de outras necessidades. Esta fase é a fase do deslumbramento em que tudo o que é conhecido do país de acolhimento é entendido como melhor, como mais válido. A seguir existe um confronto, uma comparação entre o quadro de referências que trouxe do seu país e os novos hábitos e comportamentos, surgindo frequentemente sentimentos de dúvida, de incapacidade, de desespero e de falta de confiança. São esses sentimentos que o migrante necessita de ultrapassar para se integrar com sucesso na sociedade de acolhimento e para poder atingir os seus objectivos. Ramos (1993, pp. 561-562) refere que a aculturação implica simultaneamente uma aprendizagem e uma escolha, ao dizer:

*“L’acculturation implique l’apprentissage d’une nouvelle culture, de même que des choix parfois difficiles entre ce que l’immigré*

*aimerait maintenir et ce que qu'il doit abandonner des habitudes de vie de la culture d'origine. Des tensions peuvent apparaître entre le désir d'intégrer des éléments de la culture du pays d'arrivée et le désir de maintenir les traditions des valeurs propres de la société d'origine et des habitudes enracinées depuis longtemps".*

Numa tentativa de preservar a sua identidade, mas também de fugir às agressões vindas da sociedade de acolhimento, os migrantes tendem a juntar-se em zonas onde já existam outros indivíduos da mesma cultura constituindo aglomerados habitacionais próprios e zonas de comércio onde a cultura domina. Alguns exemplos são a zona comercial do Martim Moniz, em Lisboa, onde existem inúmeras lojas de hindus dedicadas a vários tipos de comércio. Quanto às zonas habitacionais pode-se destacar entre outras a zona de Santo António dos Cavaleiros, em Loures. Bastos (1990a) ao analisar a comunidade hindu residente na Quinta da Holandesa constata que a maioria dos residentes hindus vieram, directa ou indirectamente, de Diu/ Fudam, observando-se uma homogeneidade linguística e religiosa. A mesma autora acrescenta ainda que *"esta estratégia de defesa identitária passa pela congregação espacial e pela recomunitarização, conducente à formação de verdadeiras colónias, parcialmente endogâmicas, é complementada pelo estabelecimento de uma rede importante de trocas mútuas com a comunidade de origem bem como com as outras colónias-satélites dela derivadas ao longo dos séculos (...)"* Bastos (1990a, p. 8).

As redes sociais criadas numa situação de migração são determinantes para o sucesso desta. A existência de familiares, amigos e vizinhos que dêem um apoio efectivo e que proporcionem um suporte social sólido, capaz de criar sentimentos de segurança, de pertença e de bem-estar. São estas redes, particularmente as de carácter informal, que contribuem para que o migrante e a sua família consiga lidar com os obstáculos relacionados com o trabalho, com a habitação e com a sua identidade cultural, que surgem no seu dia a dia e que permitem uma aproximação e uma melhor adaptação ao país de acolhimento.

A formação de associações e de grupos culturais onde se procura manter vivas a cultura e a tradição é uma das formas encontradas pelos migrantes para preservar a sua cultura. Estas associações funcionam como elo de ligação com a terra de origem e permitem o contacto com outras pessoas que se encontrem numa situação similar. Para além destes aspectos, estas associações facilitam a integração na sociedade de acolhimento, promovendo a interacção e disponibilizando serviços que

permitam um maior conhecimento e que facilitem o acesso a várias áreas. A criação destas associações constitui pois um processo de manutenção da identidade dos migrantes, preservando hábitos, comportamentos e elementos culturais que funcionam como elementos agregadores dos migrantes.

Ao abordarmos a temática da migração temos também que constatar que o país de acolhimento é um elemento fundamental para que a integração do migrante seja bem sucedida. O país receptor tem a sua própria estrutura social e política estabelecida, dirigida a uma população com características bem definidas. A entrada de novas pessoas nessa estrutura vem alterar a dinâmica funcional da sociedade de acolhimento. Não raramente surgem desconfianças e reservas relacionadas com os indivíduos migrantes derivadas sobretudo do desconhecimento e do medo sobre as suas práticas culturais e também devido ao receio que a entrada destes indivíduos venha alterar ou pôr em causa os seus próprios valores e convicções. Segundo Malheiros (1996a, p. 49) *“a população dos países de acolhimento, ou pelo menos franjas desta, tem tendência a sentir-se ameaçada pelos estrangeiros que se vão instalando. Esta sensação de ameaça acentua-se nos períodos de crise, sendo então exacerbados os aparentes efeitos negativos dos trabalhadores emigrados sobre o mercado de trabalho”*. Esta desconfiança manifesta-se a vários níveis, sendo os mais notórios, a nível dos comportamentos, dos rituais, das tradições que, por serem diferentes, são mal interpretados, atribuindo-lhes um significado imaginativo ou pressuposto. Só o conhecimento da realidade dos migrantes permite uma interação rica e proveitosa para ambas as partes.

## 2.4. A Integração na Sociedade de Acolhimento

A integração na sociedade de acolhimento tem que ser feita em dois sentidos. É certo que o migrante necessita de incorporar algumas regras e comportamentos da sociedade de acolhimento, resguardando os seus valores e adquirindo outros, mas sobretudo como é que se cria esse sentimento de pertença, de ligação como uma nova realidade? Se por um lado esse sentimento tem que existir, também é certo que a sociedade de acolhimento tem que criar condições e sentir que o migrante é um elemento válido, que contribui com o seu trabalho, com as suas diferenças culturais para o crescimento da comunidade onde está inserido.

Existem vários aspectos que são fundamentais para a integração dos migrantes no novo país. Entre eles encontram-se a nacionalidade que é

encarada muitas vezes como a materialização da aceitação por parte do país de acolhimento e a condição sócio-profissional. O trabalho é uma das principais formas do migrante sentir que está a ser útil, que está a atingir os seus objectivos e, por esse motivo, deixa muitas vezes de ser visto como uma sobrecarga para a sociedade e começa a ser valorizado como pessoa que tem as suas competências e que tem as características individuais bem definidas. Baptista e Cordeiro (2002, p. 31) reforçam esta ideia ao dizer *“à medida que a instalação destes imigrantes se concretiza, também a sua condição nacional passa a ser menos importante como principal identificador pessoal. Este passa a ser identificado pelas suas capacidades profissionais, pela sua forma de se relacionar com o exterior, pela sua condição social e cultural. Por aí passa em grande medida o sucesso na sua instalação no país de imigração”*. A imagem que o migrante constrói assenta sobretudo na sua actividade profissional e nas relações que estabelece com as pessoas do país de acolhimento, sendo as diferenças culturais e sociais apenas consideradas *à posteriori*.

A existência de familiares e de conterrâneos no país de acolhimento é essencial para uma boa integração. A grande maioria dos migrante refere estas redes informais de apoio como as mais eficazes da sua integração, enumerando várias razões entre elas, a segurança económica, o apoio familiar e a facilidade no acesso à informação. Baptista e Cordeiro (2002) no seu estudo sobre os imigrantes do concelho de Loures referem que estes consideram, na sua maioria, o apoio prestado por familiares como o mais importante em detrimento dos apoios prestados por instituições oficiais e autarquias.

## 2.5. A Segunda Geração

Os migrantes após o estabelecimento no país de acolhimento estruturam a sua vida, procurando empregos mais estáveis que possibilitem usufruir de um rendimento económico mais alto. Depois de terem a estabilidade tão ambicionada, o migrante procura também segurança e conforto para a sua família.

Geralmente, a população migrante é uma população jovem em idade de procriar pelo que não é de estranhar que muitos dos filhos dos migrantes nasçam no país de acolhimento. Este país de acolhimento dos seus pais transforma-se no país de origem dos filhos dos migrantes, os quais crescem divididos entre duas culturas. A cultura dos seus pais que apenas conhecem de ouvir falar, das memórias dos pais e avós e de ver

as tradições e os rituais, e a cultura em que cresceram que é a mesma cultura dos seus amigos, a mesma cultura onde estudaram, uma cultura que aprenderam a aceitar. A socialização da segunda geração é feita essencialmente no país receptor baseando-se numa duplicidade que muitas vezes é difícil de gerir. Os filhos dos migrantes recorrem às memórias e ao simbolismo para compreenderem as suas origens, fundindo-as com a realidade da sociedade de acolhimento com o intuito de uma adaptação que muitas vezes é forçada. O desconhecimento parcial da sua cultura de origem, a qual foi interiorizada apenas de uma forma superficial contrapõe-se à aceitação forçada da cultura onde cresceram e impõe uma distância rígida entre as duas culturas.

Os filhos da segunda geração sentem a pressão que a família exerce esperando que os primeiros perpetuem a tradição e os valores culturais. Existe uma lacuna no passado, nos alicerces culturais que estruturam o indivíduo e que o impedem que cimente o seu presente e o seu futuro. O sentimento de vazio, de não pertença é uma constante nestes jovens que se esforçam por um lado por se manterem ligados às suas raízes e por outro, tentam a todo o custo enveredar por uma cultura que os torne mais facilmente aceites.

## **2.6. A Maternidade em Situação de Imigração**

As ideias e ensinamentos que os pais procuram transmitir aos seus filhos são construídos com base nos valores que lhes foram ensinados e com base nas suas experiências sempre inseridos num determinado contexto social, político e cultural. Os pais procuram sempre manter a sua cultura, as tradições da família, ensinando-as aos seus filhos e inculcando-lhes motivações para que os elementos que caracterizam a sua família, que a fazem ser única, se mantenham e perdurem. Através das práticas, dos gestos diários, a cultura é apreendida e interiorizada sendo sedimentada com o convívio com outras crianças que partilham os mesmos valores e que crescem com as mesmas orientações culturais. Toda a prática da maternidade tem como objectivo principal o bem-estar da criança, a sua segurança e o seu correcto desenvolvimento. A tradição dos gestos, dos cuidados que são intuitivos e que são partilhados e transmitidos através de gerações visa a protecção da criança. Para o desenvolvimento harmonioso da criança é necessário ter em conta aspectos físicos, psicológicos, culturais, socioeconómicos, entre muitos outros. A vinculação e a segurança com que a criança é criada constituem uma base sólida para a sua estruturação como pessoa. Desta forma, as interações que estabelecem com o meio que as rodeia desde o seu

nascimento são de extrema importância. Tal como diz Ramos (2002a, p. 472):

*“é através destas interações e comunicações variadas, dos cuidados quotidianos prestados em contextos familiares, ecológico-culturais e relacionais específicos, que se tecem laços, se alimentam afectos e emoções, se assimilam regras, se impregnam gestos e posturas, que a criança se estrutura psíquica e culturalmente, contribuindo as particularidades destes meios para dar uma especificidade á relação objectal e um estilo às técnicas de ‘maternage’”.*

Os hábitos de cuidar das crianças foram sendo apurados, modificando-se de acordo com o contexto e de acordo com as necessidades, sofrendo influências inegáveis da ciência e da tecnologia. Contudo, os cuidados que foram aprendendo com as mães e com as avós e que são transmitidos mantêm-se no simples gesto de acariciar, de adormecer, de dar de mamar. Apenas posteriormente a ciência veio dar importância a estes gestos. Ramos (1993, p. 657) no seu estudo reafirma esta ideia dizendo *“les ‘savoirs-faire’ maternels traditionnels, intuitifs ou empiriques, étaient de vrais ‘savoirs’ que la science ne fait bien souvent que confirmer”.*

O sentido de protecção, de amor e de carinho nasce com cada um, mas é também reforçado pelas regras e condutas que as sociedades adoptaram e que atribuem à mulher o papel principal. Actualmente, nas sociedades ocidentais, a maternidade deixou de ser um cuidado exclusivamente feminino. O pai desempenha um papel fundamental na partilha dos cuidados e na educação do filhos, contribuindo para uma co-responsabilização no crescimento da criança e facilitando a sua adaptação ao novo meio. Os cuidados familiares ficaram mais restritos à família nuclear pondo de lado, mesmo que inconscientemente, a restante família, particularmente os avós. A transmissão das práticas maternais sofreu a introdução de variáveis tão diversas como a ciência, o ambiente, o contexto político, pondo em causa hábitos tidos como certos. Esta situação é especialmente evidente no caso da imigração.

A educação e comportamento de uma criança é reflexo da sua capacidade de desenvolvimento, das condições de vida que a rodeiam, mas também das concepções que os pais e os adultos criam sobre a criança e as suas necessidades. Porém, é essencial ter em atenção que as teorias relativas à criança são importantes, pois determinam a existência de competências e de condutas que proporcionam a integração num grupo cultural e social, mas que são influenciadas por vários elementos tais como as expectativas, os objectivos e os valores que uma sociedade adopta como

os melhores e como mais eficazes. Ramos (2002b, p. 161) reforça este conceito ao afirmar “*Estas ideias, teorias dos adultos sobre a natureza e as competências da criança, sobre os seus ritmos de desenvolvimento, sobre as suas formas e cuidar, estimular e educar, variam no espaço e no tempo em função dos contextos histórico-sociais e ecológico-culturais e respondem a expectativas e valores culturais, a exigências do quotidiano e das condições de vida*”. Deste modo, os estilos parentais são construídos e modificados procurando dar resposta às exigências impostas por uma comunidade, podendo certos comportamentos tidos como correctos e precoces serem considerados como incorrectos e tardios noutras comunidades.

Ao migrar o indivíduo abandona o seu contexto cultural e social, mas não o esquece. Ele procura preservar os seus códigos, as suas teorias e as suas práticas sociais, culturais e religiosas na nova sociedade que adoptou como sua. O migrante procura recriar na sociedade de acolhimento as condições e os conceitos que o orientaram e que ele espera que determinem o modo de vida dos seus filhos. No entanto, na educação dos filhos também se encontra uma dualidade que é necessário resolver. O conceito de criança e de práticas de cuidados infantis varia de cultura para cultura, devendo ser entendidos num contexto social, económico, político e histórico. Ramos (1993, p. 657) refere “*Les conduites de soins au tout-petit s’intègrent ainsi dans un contexte interactif, dans un univers symbolique et dans tout un système de représentations anciennes et contemporaines concernant l’enfant, son développement et son éducation. Elles inscrivent le jeune enfant dans le psychisme de la mère et de l’entourage*”. O que os pais entendem como sendo uma criança bem desenvolvida pode não ir de encontro aos padrões determinados pela sociedade de acolhimento. Esta constatação é visível, quando o migrante imigra para um país considerado mais desenvolvido, onde os conceitos de cuidar e de desenvolvimento infantil vão ao encontro dos objectivos traçados e definidos pela ciência e pela tecnologia, contrapondo-se aos saberes tradicionais e antigos que eram seguidos no país de origem. A veracidade e o ênfase que se põe nas explicações científicas vai relegando cada vez mais o saber empírico para o passado, criando-se consequentemente a ideia de que os “bons” pais são os que seguem as novas teorias, culpabilizando os pais que continuam a seguir a tradição.

Ramos (1993) no seu estudo conclui que as mães portuguesas imigradas em França são sujeitas a grandes alterações, resultantes do contacto com novas tecnologias e novos hábitos, agravando-se esta situação por estarem num país desconhecido com uma língua que não dominam. O seu saber fazer, ancestral e herdado das suas mães e avós, é posto em

causa pelo saber tecnológico e pela impossibilidade de interpretar algumas vezes os modelos maternos do país de acolhimento. A mesma autora precisa esta ideia (1993, p. 634) ao dizer:

*“Les problèmes des mères immigrées se sont surtout posés sur le plan de la communication, du partage de leur savoirs-faire et de leurs représentations maternels qui ne trouvaient pas à s’exprimer dans un univers linguistiquement compréhensible”.*

Ao migrar a família sofre um desenraizamento, afastando-se das suas redes familiares e sociais que a apoiavam e que sustentavam. Esta situação é bastante notória no cuidado dos filhos. Onde os deixar, com quem os deixar, onde procurar ajuda para os criar, são perguntas frequentes e que constituem um esforço acrescido para a família. Para além deste esforço e do assumir de novas responsabilidades, a família e, em particular a mãe migrante, sente um conflito permanente entre educar segundo a tradição ou educar segundo as novas necessidades e as novas referências. Este conflito permanente influencia a relação mãe-filho, visto a mãe migrante pôr em causa os seus cuidados e ter dificuldade em optar por uma educação tradicional e baseada na sua cultura de origem ou por uma educação semelhante à que existe no país de acolhimento. A interacção da mãe com o seu bebé e, de uma forma mais geral com os seus filhos, sofre grandes alterações com a migração. Estas alterações não se devem apenas às mudanças iniciais sentidas em relação à cultura e ao ambiente, relacionam-se também com a difícil adaptação que a família e a mãe sofrem. O papel de mãe é alterado com a migração. Ela passa de responsável pelos cuidados da casa e dos filhos a ter que contribuir muitas vezes para o orçamento familiar, dispensando menos tempo às crianças, afectando a sua disponibilidade e a sua percepção para responder às necessidades das crianças. O domínio que ela tinha nas práticas e nos cuidados à criança, reforçados pela presença de familiares e amigos que reconheciam a sua capacidade de mãe, é muitas vezes posto em causa no país de acolhimento, onde as práticas e os cuidados são diferentes e onde os comportamentos maternos da mulher migrante são tidos como errados e desadequados. Como se consta, vários sentimentos emergem resultando num conflito constante que não contribui para a harmonia no relacionamento mãe-filho. A sensação de incerteza e de insegurança misturam-se com o desejo de mostrar que é capaz, de não sobrecarregar o marido, de contribuir para o bem-estar familiar. A capacidade protectora e cuidativa da mãe é universalmente reconhecida mas os meios e as práticas são postos em causa em situação de migração. A tradição é mantida, seguindo os princípios e os cuidados que lhes foram ensinados e transmitidos. Porém, muitas vezes, a adopção destes comportamentos e práticas é efectuada apenas num

meio mais íntimo e restrito como é a casa, optando-se, quando se sai da intimidade, por comportamentos semelhantes aos do país de acolhimento, evitando desde modo observações e comentários que possam contribuir para a diferença, que é sentida como abismal pelo migrante. A mãe migrante segue, na maioria das vezes, os conceitos da sociedade de acolhimento, mas não os integra. Um dos exemplos que pode ilustrar esta constatação encontra-se no estudo de Ramos (1993, p. 662) que diz:

*“Le maternage portugais s’inspire de cette modernité mais ne l’intègre pas entièrement. On pourrait presque dire que les techniques, les pratiques changent plus rapidement que les habitudes. Le phénomène laisse la mère désemparée, lorsque ces habitudes ne trouvent pas les moyens de s’exprimer dans un espace familial, dans un espace culturelle approprié”.*

A aculturação e as práticas de cuidados maternos em meio migrante podem apresentar três formas distintas: aculturação com sucesso, semi-aculturação e desaculturação (Ramos, 1993; 2004).

Segundo a mesma autora, no caso da aculturação com sucesso, observa-se uma perfeita complementaridade entre as práticas tradicionais que são mantidas, e as práticas e estruturas existentes na sociedade de acolhimento, revertendo os benefícios para a criança, para a mãe e para toda a família migrante.

A semi-aculturação é entendida como uma aculturação de tipo intermédio, na qual os valores e os modelos de referência da cultura de origem são mantidos, mas existe uma adopção por parte das mães de comportamentos e hábitos da sociedade de acolhimento, não havendo uma verdadeira interiorização mas sim, uma aceitação desses modelos que são tidos como mais fáceis e como origem do sucesso das outras mães. Contudo, esta imitação das novas práticas da sociedade de acolhimento pode conduzir a situações de dúvida e hesitação, não sabendo as mães migrantes por que tipo de cuidados optar.

A desaculturação é a situação mais grave, onde as mães migrantes já não têm as referências e os valores tradicionais, nem encontram na nova cultura bases de apoio para o cuidado e a educação dos seus filhos. Este sentimento de não pertença, de desenraizamento repercute-se na relação mãe-filho, a qual sai muito empobrecida, pois não existem alicerces para um desenvolvimento harmonioso. A desinserção num determinado meio social e cultural conduz a uma maior fragilidade da interacção, a qual é marcada por dúvidas e conflitos interiores e exteriores que em nada contribuem para uma integração bem sucedida.

Qualquer que seja a forma como os cuidados maternos se manifestam, eles são, na maioria das vezes, envolvidos por sentimentos de incapacidade, desconhecimento e angústia, sobretudo se não existe uma adaptação traumática. Estes sentimentos são notórios nas mães, mas também se manifestam nas crianças, sobretudo nos primeiros anos de vida. Se a experiência da migração é vivenciada de forma negativa por parte dos pais é transmitida também aos filhos com a mesma negatividade, aumentando a dificuldade e a integração no país de acolhimento. Como consequência, em vez de uma atitude de abertura e receptividade, são criadas raízes de desconfiança e isolamento dificultando a adaptação à nova realidade e criando dificuldades de ordem psicológica, social e cultural nas crianças.

A interacção entre a mãe e o filho é a base para todo o desenvolvimento e crescimento da criança. Ao superar as adversidades e ao conseguir resolver os problemas, a mãe incute na criança valores e comportamentos que a ajudam a superar as dificuldades. A capacidade de reagir de forma positiva às mudanças, a maleabilidade demonstrada perante situações diferentes são comportamentos que são adquiridos através da observação de práticas quotidianas. A mãe, e de uma forma mais geral toda a família, funcionam como modelos orientadores das crianças, sendo elementos facilitadores na integração de um novo contexto. Ao longo do seu crescimento e em contacto com o país de acolhimento a criança vai conhecendo e criando as suas próprias convicções e ideias, criando os seus próprios caminhos e as suas ligações sociais e afectivas com o país de acolhimento.

## 2.7. A Saúde

Um dos principais problemas que os migrantes encontram ao irem para outro país é o acesso às estruturas sociais básicas, como é o caso da saúde. Ao migrar o indivíduo enfrenta frequentemente alterações a nível da saúde causadas por alterações climáticas, mudanças do estilos de vida, adaptação a diferentes comidas e hábitos, baixo rendimento, afastamento da família e dos amigos entre outros aspectos (Ramos, 1993; 2004). O aparecimento de sinais e sintomas a nível físico, psíquico e social é frequente, encaminhando o migrante de forma inevitável para a procura de cuidados de saúde e influenciando a sua integração na sociedade de acolhimento. As dificuldades sentidas na área da saúde são entendidas como um sinal de fraqueza, de debilidade, de cobardia por parte do migrante e constituem, para muitos, uma sobrecarga adicional para o país que acolhe os imigrantes. A população que acolhe os imigrantes cria

expectativas e constrói modelos dos migrantes, idealizando pessoas com uma boa capacidade física, dispostas a trabalhar arduamente, se necessário, e que não tragam mais encargos e problemas para o país. Se o migrante não vai ao encontro destas expectativas, é visto como um fardo e é olhado com desconfiança. Este fardo é agravado, se aparecem problemas de saúde, que funcionam como um empecilho à rentabilidade que o imigrante poderia ter.

De uma forma geral, os migrantes vivem em situações de maior risco para a saúde do que a população autóctone. Podem existir variadas explicações, sendo as mais simples e directas relacionadas com o facto dos migrantes pertencerem em geral a classes sociais mais desfavorecidas ou a grupos profissionais discriminados, existir uma insegurança na sua permanência no país ou pelo grau de domínio da língua de que resultam problemas de comunicação, compreensão do papel a desempenhar, valores e religião e também a própria aceitação pelo país de acolhimento. Gonçalves *et al.* (2003, p. 56) reforçam esta ideia ao dizerem “*os migrantes são geralmente reconhecidos como um grupo particularmente vulnerável na área da saúde, estando esta vulnerabilidade associada a diversos factores, entre os quais a situação económica, a falta de conhecimentos sobre a acessibilidade aos serviços sociais e de saúde disponíveis, a situação de legalidade de residência, as barreiras legais aos sistemas prestadores de cuidados, assim como a sua residência geográfica, geralmente em bairros periféricos e habitações ilegais*”. Outros autores compartilham este conceito (Ramos, 1993; 2004). Afastados da medicina em que confiavam, no médico e nos medicamentos que sempre os curaram, o migrante ao não se identificar com os mesmos hábitos de cuidar, tem tendência a distanciar-se cada vez mais e a isolar-se das práticas do sistema de saúde do país de acolhimento. Para além desta situação de não identificação, a incredulidade do país receptor sobre as práticas tradicionais no tratamento e na cura que o migrante traz e nas quais acredita, bem como o desvalorizar dos medicamentos caseiros contribuem para aumentar a desconfiança do migrante em relação ao sistema de saúde. Por desconhecimento, por vergonha ou simplesmente porque as práticas medicinais são muito diferentes, o migrante não recorre aos serviços de saúde com frequência, a não ser em casos pontuais ou de extrema gravidade.

As crenças que herdaram dos seus antepassados e os medicamentos tradicionais, que comprovaram através dos tempos os seus efeitos e benefícios são postos em causa no país de acolhimento. A ciência substitui a tradição e o conhecimento empírico, pondo em causa tudo o que o migrante acredita. Se, por um lado a confiança no que lhe foi ensinado

prevalece, por outro lado, o alcance dos efeitos rapidamente desejados e oferecidos pela medicina mais moderna sobrepõe-se muitas vezes, manifestando-se mais tardiamente um sentimento de culpa e de desacreditação no seu passado. Aliada a esta insatisfação está também a problemática económica, factor determinante no recurso à medicina convencional. O alto custo dos medicamentos constitui apenas uma das muitas razões para a pouca aderência da população migrante ao sistema de saúde do país de acolhimento. Efectivamente, adicionando à dificuldade de comunicação e aos valores e à cultura diferentes, o custo elevado dos medicamentos leva a uma fraca aderência às prescrições e à opção por manter os cuidados e as práticas a que estavam acostumados, aumentando cada vez mais a distância do país de acolhimento.

## 2.8. O Papel dos Profissionais de Saúde

A componente cultural adquiriu nos nossos dias uma importância irrefutável. Mais do que fazer uma abordagem reducionista circunscrevendo os cuidados de saúde aos aspectos físicos e psicológicos, os profissionais de saúde estendem a sua atenção para a vertente cultural. Como é possível prestar cuidados a um doente esquecendo o seu meio social, os seus valores, as suas crenças? Com efeito, a cultura de uma pessoa acompanha-a e determina o seu modo de agir, o seu modo de pensar, o seu modo de estar na vida. Estes aspectos devem merecer a atenção dos profissionais de saúde por forma a dar uma resposta adequada às necessidades das diferentes culturas que actualmente compõem o panorama demográfico do nosso país. Conhecer e compreender as heranças sócio-culturais dos indivíduos tornou-se um imperativo, ao qual urge dar uma resposta.

As diversas culturas que fazem parte da sociedade portuguesa possuem as suas próprias redes sociais, de solidariedade e de regência constituindo comunidades com crenças, valores e estilos de vida próprios que as caracterizam e que no conjunto formam a sua identidade. É essa identidade que os profissionais de saúde devem respeitar, moldando e adequando os seus cuidados à realidade cultural dos indivíduos dos diversos grupos étnicos que já existem ou que se vão formando, fruto de processos migratórios que ocorreram ou que ainda estamos a vivenciar.

Como já foi anteriormente referido, a imigração é um processo por vezes doloroso, onde a adaptação a uma nova realidade, a uma nova vida, entra frequentemente em confronto com a necessidade e o desejo de preservar a cultura, os valores que foram transmitidos e os hábitos e costumes que

foram sendo desenvolvidos ao longo da vida do migrante. Este confronto efectivo e constante traz inevitavelmente consequências que se repercutem em várias áreas nomeadamente na área da saúde. Esta ideia é defendida por Ramos (2004, p.239) ao afirmar “*O processo migratório, envolvendo rupturas espaciais e temporais, transformações diversas, nomeadamente mudanças psicológicas, físicas, biológicas, sociais, culturais, familiares, políticas, implicando a adaptação psicológica e social dos indivíduos e das famílias e diferentes modalidades de aculturação, constitui um processo complexo, com consequências a nível da saúde física e psíquica e do stresse psicológico e social*”. A atitude dos profissionais de saúde deve passar inevitavelmente por esta consciencialização, mas também por um conhecimento profundo do conceito de saúde e de doença dos indivíduos migrantes, pelos seus hábitos e pelo entendimento de quando e como recorrem aos cuidados de saúde. As políticas de saúde devem envolver o migrante na sua própria cultura, nos seus rituais não tentando impor soluções descentradas de uma realidade que o migrante quer a todo o custo preservar. A procura dos cuidados de saúde da população migrante é frequentemente determinada pelas suas necessidades, mas também pelas suas experiências anteriores ou pelas experiências que indivíduos da sua comunidade tiveram. Com efeito, muitas vezes por desconhecimento, medo ou relutância, os migrantes adiam por tempo indeterminado a sua ida aos serviços de saúde. É comum o tratamento das enfermidades através de práticas e rituais que herdaram da sua cultura, recorrendo só em última instância aos cuidados de saúde do país de acolhimento. Esta segunda, e por vezes última, opção prende-se com diversos factores entre os quais a situação de ilegalidade no país de acolhimento, a sua residência e a falta de conhecimentos sobre os acessos aos serviços de saúde. Gonçalves *et. al* (2003, p. 56) no estudo que desenvolveram sobre o acesso aos serviços de saúde dos migrantes africanos além destes factores reportam-se também aos aspectos económicos e aos factores culturais, tais como os conceitos de saúde e doença e o recurso à medicina tradicional. As barreiras culturais e linguísticas existentes entre os prestadores e os utentes são também consideradas factores cruciais na integração da população migrante nos sistemas de prestação de cuidados de saúde nos países de acolhimento. Os profissionais de saúde precisam de ter uma perspectiva holística dos seus utentes e essa perspectiva inclui cuidar da pessoa, inserindo-a no seu contexto social, económico e cultural, avaliando as suas necessidades e procurando respostas dentro do seu próprio nicho ecológico. Conhecer as diferentes culturas, a forma como encaram a saúde e a doença, a relutância em tomar medicamentos e as práticas relacionadas com a doença é fundamental para a compreensão e para a resolução dos problemas de saúde da população migrante.

### 3. A COMUNIDADE HINDU EM PORTUGAL

Com as mudanças ocorridas na Índia, o hinduísmo deixou de estar apenas confinado àquele país, alargando os seus horizontes para países mais próximos e posteriormente para o Ocidente. A migração de muitos hindus veio alterar a forma de pensar e de entender esta filosofia, considerada durante muitos anos como uma extensão da cultura hindu e estando restringida exclusivamente às pessoas originárias da Índia. O conhecimento e a prática do hinduísmo foi-se estendendo a todo o mundo, adaptando-se a novas realidades e modificando-se para dar resposta aos inúmeros problemas e diferenças existentes. Shattuck (1999, pp. 101-102) refere:

*“Durante os séculos XIX e XX, os Hindus espalharam-se a partir da sua terra natal de modo que hoje em dia vivem por todo o mundo. As experiências da “diáspora” afectaram a sua definição de hinduísmo. As tradições tidas como certas quando faziam parte da religião principal tomaram novos significados e adequaram-se a novos cenários. Ao mesmo tempo as adaptações e avaliações feitas no estrangeiro repercutem-se até ao Sul da Ásia, onde influenciam os acontecimentos da Mãe Índia”.*

A necessidade de sucesso económico e a melhoria das condições de vida foram as principais causas da migração hindu. De uma forma geral, pode-se considerar que existiram duas ondas de migração hindu. A primeira, que ocorreu durante o século XIX e princípios do século XX, deveu-se à procura de trabalho e levou à constituição de comunidades étnicas que mantiveram as tradições originárias da Índia. Shattuck (1999, p. 102) confirma este facto ao dizer:

*“No século XIX, a busca de trabalho levou os Indianos a emigrar para a Birmânia (Mianmar), Sri Lanka, Malásia, África do Sul, Ilhas Fiji e Índias Ocidentais. Nos anos 20 havia aproximadamente dois milhões de indianos a viver no estrangeiro, principalmente em colónias e domínios britânicos. A maior parte eram trabalhadores contratados, mas apesar da discriminação, da falta de oportunidades de educação escolar e das elevadas taxas de mortalidade, prosperavam no seu novo ambiente. Viviam geralmente em comunidades étnicas em que podiam seguir as tradições da pátria”.*

A segunda onda de migração hindu iniciou-se nos anos 60 e mantém-se até aos nossos dias, sendo os principais países de acolhimento os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha e o Canadá. Nestes países, os hindus esforçam-se por integrar-se tanto profissional como socialmente, mantendo no entanto, a sua ligação com a Índia. Os imi-

grantes desta nova vaga são predominantemente altos quadros técnicos como médicos, engenheiros e informáticos que, por não haver emprego suficiente na Índia, imigram para países considerados mais desenvolvidos, que proporcionam novas oportunidades de emprego.

Os hindus residentes em Portugal mantiveram as rotas migratórias dos seus antepassados, indo para Moçambique. Tal como Bastos e Bastos (2001, pp. 35-36) referem “*múltiplas directrizes do sistema mercantil do império colonial português (e, nomeadamente, a subordinação administrativa e comercial de Moçambique a Goa) propiciaram a presença indiana em Moçambique a partir do século XVI*”. A escolha de Moçambique, inicialmente tido como local de migração temporária, passou de provisória a definitiva para muitos hindus, resultado de novas oportunidades comerciais e financeiras que foram sendo criadas e que permitiram a consolidação de laços sociais e económicos naquela terra e consequentemente, incentivaram familiares, amigos e hindus de outras regiões a estabelecerem-se naquele país. A fixação baseada em laços de parentesco e amizade, a constituição e recriação de espaços identitários hindus, a construção de um estatuto e posição económica e social, a conservação de trocas e interesses com o país de origem, foram apenas alguns factores que fundamentaram a fixação dos hindus nesta antiga colónia portuguesa, estabelecendo um percurso migratório ente a Índia e Moçambique, o qual foi posteriormente continuado em Portugal.

País tradicionalmente de emigração, Portugal tornou-se a partir dos anos 70 também país de imigração. O período imediato à revolução de Abril de 1974 foi rico em transportar para este país pessoas de países e culturas diversas, nomeadamente pessoas das antigas colónias portuguesas. Imigrantes africanos vieram em grande número procurando melhores condições sócio-económicas e buscando um futuro mais promissor para si e para os seus filhos. No entanto, a imigração não se restringiu a estes emigrantes. Com a descolonização, comunidades não africanas que viviam em Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe, muitas das quais já tinham um percurso migratório anterior, vieram para Portugal numa tentativa de recomeçar novamente uma vida melhor.

Posteriormente, com a adesão à Comunidade Europeia, a imigração estendeu-se a outros países, tornando-se Portugal um país de acolhimento por excelência sendo notório um aumento da população estrangeira, de origem variada. Esta ideia é consolidada por Ramos (2004, p. 246) ao afirmar:

*“Nas décadas de 80 e 90, a evolução da imigração em Portugal caracterizou-se por um aumento da população de origem estran-*

*geira, por uma consolidação da imigração africana, por um aumento da imigração europeia, brasileira e venezuelana e com a emergência da imigração indiana, chinesa e da Europa de Leste.”*

O fluxo de pessoas de origem indiana atingiu o seu expoente máximo na década de oitenta resultado da revolução e da conseqüente autonomia das colónias portuguesas. O clima de instabilidade social e política sentido nas ex-colónias portuguesas, e em particular em Moçambique, após a revolução de Abril de 1974 foi determinante na procura de melhores condições de vida e de uma maior estabilidade. Bastos e Bastos (1999a, p. 15) referem:

*“o processo de descolonização iniciado traumáticamente com a tomada do estado da Índia e, posteriormente com a emergência dos movimentos de libertação africanos e concluído semivoluntariamente após o 25 de Abril conduziu à exponenciação de movimentos migratórios para Portugal de naturais daquelas ex-colónias e/ou de minorias étnicas naquelas tradicionalmente estabelecidas (como é o caso de milhares de indianos provenientes de Diu que controlavam grande parte do comércio em Moçambique”. Malheiros (1996a, p. 13) reforça esta ideia ao dizer “o processo de alterações políticas e económicas que surgiu na sequência da independência das ex-colónias portuguesas em África, em 1975, constitui um elemento fundamental para a compreensão do crescimento da imigração de origem indiana para Portugal, após meados da década de 70. Na verdade, a maioria dos cidadãos de origem indiana instalados em Portugal são oriundos de Moçambique e a sua transferência de um país para outro constitui, em larga medida, uma resposta à instabilidade político militar e à progressiva desestruturação da economia moçambicana”.*

Milhares de africanos, hindus e muçulmanos optaram pela fixação em Portugal, particularmente nos grandes centros urbanos para tentar um recomeço da sua vida.

A comunidade hindu que já se encontrava plenamente estabelecida em Moçambique, no período pós revolução, escolheu Portugal como local de destino devido não só à instabilidade política, social e económica que se sentia nesse país como também à esperança e ao desejo de construção de uma vida melhor, com mais oportunidades para toda a família. A escolha deste país como sociedade de acolhimento deve-se à proximidade linguística existente entre Portugal e Moçambique. Os hindus que viviam em Moçambique tiveram também a oportunidade de conservar a

nacionalidade portuguesa, vendo a sua integração neste país facilitada. Outro factor determinante para este fluxo migratório foram as redes de solidariedade envolvendo, na maior parte dos casos, familiares que já estavam estabelecidos em Portugal. Malheiros (1996a, pp. 43-44) corrobora este facto ao afirmar:

*“Na verdade, se a decisão de migrar obedece essencialmente a impulsos de natureza económica, a escolha do local de destino da migração, ainda que eventualmente condicionada por aspectos institucionais, é fortemente influenciada pela existência de parentes ou conhecidos que tenham migrado num período anterior. Estes constituem, não apenas uma fonte de informação sobre as vantagens do destino, mas sobretudo a estrutura informal de acolhimento que assegura a sobrevivência e a inserção do imigrante, a diversos níveis (alojamento, apoio à procura de emprego, etc.) durante a primeira fase da sua estadia”.*

A vinda dos hindus para Portugal e a sua fixação num país diferente foi difícil, apesar de já terem uma experiência anterior com a integração em Moçambique. A existência de familiares e amigos que auxiliaram na transição permitiram uma base de sustento que foi fundamental para o desenvolvimento e crescimento desta comunidade. Mais uma vez, a importância do conceito alargado da família está presente e foi posto em prática nos primeiros anos de adaptação. Malheiros (1996a, p. 14) refere que nas comunidades indianas observa-se:

*“uma grande coesão/ solidariedade intra-comunitária assente na existência de uma organização social e familiar forte e em práticas religiosas e culturais específicas, que funcionam como factores de agregação”.*

O mesmo autor (1996b, p. 146) explica a formação da comunidade hindu em Portugal recorrendo ao facto histórico da descolonização de Moçambique e consequentes problemas políticos e económicos que daí vieram. O autor transporta essa razão para a actualidade justificando do seguinte modo o elevado número de imigrantes hindus existentes:

*“La conjugaison de ces deux évolutions, réduction du flux du Mozambique et maintien du courant originaire de l’Inde, notamment de Diu, explique le fait que l’on trouve une majorité d’immigrants hindus (61%) arrivés après 1989.”*

O fluxo de hindus para Portugal rege-se por uma tríade que se estabelece entre Índia, Moçambique e Portugal. Estes três países distintos, com características muito diferentes parecem apresentar um fio condutor comum, a portugalidade. Esta especificidade manifestada pela presença

portuguesa, pela familiaridade com a cultura portuguesa parece ter sido o elo que dá consistência a este percurso migratório. Ávila e Alves (1993) no seu estudo com comerciantes indianos, nos quais se incluem os comerciantes hindus, referem que a migração para Portugal se fez em dois tempos, da Índia para Moçambique e de Moçambique para Portugal. A Índia funciona como uma referência conceptual para a maioria dos hindus visto grande parte ter nascido em Moçambique. Foram os seus pais e seus avós que mantiveram a ligação com esse país e que a transmitiram aos seus descendentes, mantendo acesa a cultura e as práticas originais.

Apesar de habituados a adaptarem-se a novas culturas, a integração e a construção de uma estabilidade social, económica e cultural foram feitas à custa de muito esforço e persistência, variando consoante a casta e o poder económico que cada família detinha. Bastos e Bastos (2001, p. 41-42) referem *“Possuindo uma experiência prévia de reconstrução «comunitária» e religiosa, deslocando-se geralmente em família e detendo por vezes qualificações educacionais superiores, bem como uma experiência profissional (técnica e, sobretudo, comercial), acoplada, em certos casos, a uma rede intercontinental de contactos e apoios, a inserção dos hindus oriundos de Moçambique em Lisboa (bem como, em percentagens mais reduzidas, no Porto e em Coimbra) pautou-se por uma ascensão sócio-económica relativamente rápida mas não uniforme”*. Analisando a integração dos hindus e das suas famílias em Portugal, constata-se a fixação em bairros residenciais com características variadas, indo desde os bairros mais desfavorecidos constituídos nos núcleos habitacionais compostos por barracas até aos bairros mais ricos. A integração no mercado de trabalho não revelou grande dificuldade, optando muitos migrantes por se iniciarem na área da construção civil e da venda ambulante, mudando, logo que possível, para um negócio familiar, tal como tinha acontecido em Moçambique.

Em Portugal, a comunidade hindu encontra-se radicada principalmente na região de Lisboa. Com efeito, estima-se que 80% dos hindus se encontrem na capital enquanto que os restantes se encontrem no Porto e uma pequena percentagem esteja dispersa por outras regiões de Portugal. Bastos e Bastos (1999a, pp. 116-117) confirmam a origem e a centralização da grande maioria dos hindus em Lisboa ao afirmarem *“a grande maioria dos quais provenientes de Diu (directamente ou, na maioria dos casos, através de Moçambique) e de Goa, secundariamente, do Kattiavar (Porbandar, Rajkot, etc.) a comunidade hindu gujarati concentra-se sobretudo na região de Lisboa (com a excepção de um segmento de famílias hindus dispersas pelo país, mais concretamente residentes no*

*Porto e Coimbra). Em Lisboa, encontramos-la nomeadamente em quatro bairros multi-étnicos de habitação degradada, três situados no Vale do Areeiro (Quintas da Holandesa, Montanha e Passarinhos) e o quarto localizado na Portela, bem como habitações verticais concentradas na zona de Santo António dos Cavaleiros. Em anos mais recentes, grande parte dos anteriormente residentes no Vale do Areeiro foram translocados para o Bairro do Armador (Carnide)". Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras analisados por Ramos (2004, p. 248) "Lisboa é a região do país que regista uma maior incidência de população imigrante, concentrando diversos grupos étnicos (também designados de étnico-culturais), isto é, grupos que têm um sentido de identidade e uma tradição cultural comum."* A concentração nas grandes áreas metropolitanas de Portugal pode ser justificada pela maior oferta de trabalho e condições de vida, mas também pelos fortes conceitos de família e de cultura que existem neste grupo onde é evidente a necessidade de manter um contacto muito próximo com os familiares e onde o espírito de coesão e de ajuda entre membros da família, mais do que uma obrigatoriedade, é um modo de vida.

### 3.1. A Identidade Cultural

A estabilidade do hindu migrante é conseguida através da consolidação da sua situação profissional e financeira e, simultaneamente, através de um equilíbrio entre os valores e as práticas que trazia e as que encontra no país de acolhimento. Shattuck (1999, pp. 102-103) refere:

*"Durante os primeiros anos na sua nova terra, os imigrantes concentram-se no sucesso económico, não se preocupando com a falta de oportunidades para a prática da vida religiosa. Porém, sentiam falta de uma identidade, de modo que foram criados inúmeros 'centros culturais' onde se podiam reunir. Nos anos sessenta havia um enorme sentido de identidade indiana comum que transcendia todas as divisões culturais regionais entre os imigrantes".*

Depois de adquirir uma segurança económica, o migrante sente que existe uma lacuna ou um desprendimento forçado com o seu país de origem. A perda das raízes, das tradições e de comportamentos originais sentimentos de afastamento, de abandono que é necessário ultrapassar. Os migrantes hindus sentem necessidade de manter as suas tradições, a sua religião, transpondo o que têm dentro de si para o exterior. A materialização da sua cultura, com a criação de templos ou com a manutenção de festas e cerimónias religiosas, permite uma afirmação da individualidade de cada um e, ao mesmo tempo, um reforço colectivo da identidade cultural.

Apesar da maioria dos hindus vindos para Portugal ter nascido em Moçambique, a Índia surge como país originário, ainda que entendido não de uma forma física mas como um local de referência. Esta ideia é reforçada por Ávila e Alves (1993, p. 118) quando se referem à especificidade da migração indiana “no caso dos indianos há que considerar a influência de três espaços; nomeadamente da Índia que, não sendo sequer o país de naturalidade para a maioria, permanece como referência importante”.

Os hindus vão buscar às suas origens (Índia, família, mãe) a força para construir a sua identidade. Estes três pontos compõem um sentimento de pertença, uma estruturação interna e uma construção de uma identidade diferencial.

A necessidade de afirmação da sua identidade e da sua cultura esteve sempre presente. Associado a este factor, o forte cariz familiar e comunitário da comunidade hindu foi determinante para a aglomeração em zonas de habitação específicas, criando espaços identificativos desta cultura. O esforço na preservação da identidade é evidente na constituição de bairros onde habitam um grande número de hindus e em zonas comerciais onde predominam comerciantes hindus. É evidente que a fixação em Portugal se deve a uma conjuntura global, para a qual contribuíram factores como a ausência de um projecto de retorno, reforçada pela presença de familiares, amigos e de um modo geral pelo elevado número de hindus que estão em Portugal. Paralelamente, as ligações com a Índia tornaram-se mais ténues, quer por muitos hindus já terem nascido em Moçambique ou mesmo em Portugal, o que leva a uma duplicidade de referências e conseqüentemente a um distanciamento do país de origem e a uma maior aproximação ao país de acolhimento.

Mas mais do que viver em conjunto ou com uma proximidade relativa, os hindus necessitavam de algo que os unisse, que constituísse uma causa comum, algo que os ajudasse a manter a sua identidade. Foi com este desejo e forte incentivo que se começou a pensar na criação de um local onde todos os hindus que estivessem em Portugal, e mais especificamente na região de Lisboa, se pudessem reunir, partilhar as suas experiências e dificuldades, reviver a sua cultura e sobretudo ensinar aos seus descendentes os valores fundamentais que caracterizam a filosofia hindu. Um acontecimento veio despoletar este sonho, tal como nos relata o Presidente da Comunidade Hindu de Portugal (2004):

*“Um dos primeiros aspectos para o qual eu aceitei este desafio foi que na altura... em 1976, não era permitida a cremação em Portugal e nunca tinha havido uma única cremação em Portugal*

*até Maio de 1976. Quando um jovem, um sobrinho meu faleceu... em Portugal... as autoridades pediram para que o corpo saísse daqui para ser cremado em Inglaterra, em Moçambique ou na Índia. Só que a tradição hindu ou a filosofia hindu não é muito receptiva a que nós mudemos o local onde ele morreu, porque estava destinado a morrer aqui. Portanto, na tradição hindu à pessoa está destinado o dia de nascimento e local e está destinado o local da morte, não devemos contrariar. Só que como não havia, não era permitida em Portugal a cremação, e nem havia crematório, mas acima de tudo não havia tradição e nunca havia sido tomado em conta. Até inclusive alguns corpos de pessoas que queriam ser cremadas foram transportadas para outros países para serem cremadas e nessa óptica foi o meu primeiro desafio em Maio de 1976 e ao fim de uns dias eu consegui a autorização porque os pais desse jovem estavam em Moçambique. Consegui a autorização e fizemos a primeira cremação em Portugal, em pira de lenha, no cemitério do Alto de São João. A partir daí comecei a verificar a necessidade, portanto está a ver uma situação de cremação é uma coisa premente, não é?”*

São por vezes as situações mais dolorosas que nos dão ânimo e que funcionam como impulso para a concretização de projectos e ideias. A existência de um facto concreto relacionado intimamente com os valores e tradições mais sagrados do hinduísmo tornou evidente a necessidade da constituição de um local e de um grupo de pessoas que não só mantivesse a tradição, os valores e os princípios dos hindus mas que também desse a conhecer à sociedade de acolhimento esta cultura. A criação da Comunidade Hindu de Portugal revelou-se não só uma necessidade, mas um meio para o encontro de duas culturas tão diferentes mas que podem e devem complementar-se: a cultura hindu e a cultura portuguesa.

O símbolo mais representativo da comunidade em Lisboa é o Centro Cultural, sediado no Paço do Lumiar, e que compreende três espaços distintos, o templo, o centro social e o auditório. Reconhecido desde 1987 como Instituição Particular de Solidariedade Social, foi em Novembro de 1998 que atingiu o seu expoente máximo com a inauguração oficial do templo.

O projecto compreendeu duas fases distintas: uma fase inicial com a construção do edifício central (templo, auditório e salão de cerimónias) e o parque de estacionamento. A segunda fase englobou a construção do centro social, local onde se puderam desenvolver actividades como o

ensino de *gujarati* e *hindi* ou de actividades como a dança e a música. Mais do que manter costumes e proporcionar uma espaço para a reflexão religiosa, o centro cultural assumiu-se como um espaço de convívio onde valores como a solidariedade, a amizade, o respeito estão sempre presentes e onde as acções e actividades são o reflexo desses valores. A importância da família, entendida aqui no sentido mais alargado, constituída por todos os hindus ligados não só pela religião como também por laços culturais, por valores idênticos, por histórias de vida comuns, ressalta na comunidade hindu.

Neste centro desenvolvem inúmeras actividades de preservação da língua e da cultura hindu, funcionando também como mediador entre os hindus e os portugueses. O objectivo inicial dos seus fundadores foi a constituição de uma associação que representasse todos os hindus e em que todos pudessem ser congregados sem qualquer discriminação, porém, com a evolução natural da sociedade e com o crescimento da comunidade hindu em Portugal, novos objectivos foram estabelecidos procurando dar resposta aos desafios que foram surgindo.

A distribuição da população hindu na área metropolitana de Lisboa não é homogénea, localizando-se as pessoas em aglomerados e em zonas e bairros bem determinados. Para que todos pudessem ter acesso a um local para a realização das suas orações, dando resposta às necessidades religiosas e culturais da população hindu, surgiram templos e locais de culto, em Santo António dos Cavaleiros e na Portela (no bairro adjacente à Quinta da Vitória), onde todos podem orar e celebrar as datas festivas hindus. Vertovec (2000) referindo-se à diáspora hindu na Grã-Bretanha afirma que existe um crescimento dos templos hindus, procurando dar resposta às necessidades desses migrantes. Efectuando um paralelismo constatamos que também em Lisboa tem ocorrido um aumento do número de locais de culto, em particular nas zonas onde existe uma maior concentração demográfica de hindus. A criação destes locais de culto reveste-se de extrema importância visto favorecerem a interacção entre os migrantes, não só a nível religioso como também a nível cultural e social. Knott (1986, p. 100) acentua esta ideia ao dizer:

*“participant attendance at the temple is important at the level of both the individual and the group. On the one hand, it is an expression of the performance of duty and, on the other, it is a portrayal of religious and cultural solidarity and the retention of tradition”.*

### 3.2. Zonas de Comércio e Actividade Profissional

A migração para outro país transporta também a problemática económica e profissional. O comércio era uma das principais áreas de rendimento dos hindus em Moçambique, os quais tiveram que se desfazer das suas lojas quando vieram para Portugal. Aqui necessitaram inicialmente de conhecer o comércio local, as necessidades dos habitantes e a viabilidade de iniciar um negócio numa terra que lhes era estranha. A necessidade de trabalhar e o conhecimento nesta área foram determinantes para a escolha e para a continuação da sua actividade no comércio. Grande parte dos hindus migrantes procurou recriar em Lisboa os seus espaços comerciais e retomar o seu negócio. Malheiros (1996b, p. 152) referindo-se ao comércio indiano diz;

*“la moitié des entrepreneurs travaillant actuellement dans cette activité ait déjà exercé des occupations identiques au Mozambique, soit dans le domaine spécifique des bazars, soit dans le commerce en général. Cette situation vient démontrer l’importance de l’existence d’une culture commerciale antérieure à l’immigration”.*

A actividade comercial constitui um dos elementos marcantes da cultura hindu após a migração. A associação e a criação de espaços comerciais próximos uns dos outros permitiu que os hindus se ajudassem mutuamente e que consolidassem e fortalecem a sua cultura. Bastos e Bastos (2001, p. 86) referem-se a esta situação ao dizerem:

*“A ligação secular dos seus antepassados ao comércio (no Gujarate, antes de serem migrantes, em Moçambique e noutros satélites hindus do Leste africano) repetiu-se em Lisboa, através da mobilização de estratégias identitárias igualmente accionadas em África: associação económica de membro da mesma família, aquisição de suportes financeiros na «comunidade de casta», selecção de sócios no interior da casta (ou pelo menos dentro da «comunidade» hindu), escolha de empregados na família próxima, mais distante ou na «comunidade» (reduzindo custos), solidariedade com os que da mesma casta iniciam negócios, colaboração entre comerciante na importação de bens do Sudeste Asiático, tendência à concentração espacial das lojas, capacidade de adaptar as estratégias comerciais a múltiplas variáveis decorrentes da evolução da sociedade portuguesa”.*

A actividade comercial desenvolvida pelos indianos é justificada principalmente pela sua origem, por uma transmissão de testemunho efectuada pelos seus antepassados, da qual se orgulham e fazem questão

de manter, constituindo parte da sua identidade. Tal como Ávila e Alves (1993, p. 119) referem existe uma “*naturalização da inserção profissional que concretizam em Portugal, na medida em que o fenómeno é explicado através de factores que consideram como sendo inerentes à natureza do grupo*”. Desde cedo que existe uma familiarização com a actividade comercial, através das conversas, da permanência nas lojas, do acompanhamento e da ajuda que é visível nos estabelecimentos hindus e que vai sendo sedimentado e materializado com a entrada oficial e com o trabalho nas lojas da família ou de conhecidos. Actualmente, esta tendência mantém-se, existindo porém, uma preocupação em proporcionar condições para que os jovens continuem os seus estudos e enveredem por outra área, se desejarem. Também a participação das mulheres no comércio familiar adquiriu uma vertente mais activa e mais visível.

Aproveitando a sua experiência mercantil, os hindus abriram zonas comerciais em Lisboa onde se dedicavam à venda de produtos originários da Índia, de roupas, de bijutarias e brinquedos, alargando-se mais recentemente a todo o tipo de comércio. Outros optaram pelo comércio ambulante e pela venda em feiras e mercados. Com efeito, estas actividades económicas possibilitaram a reconstrução da vida de muitos hindus em Lisboa, proporcionando maior estabilidade das famílias que dependiam destes negócios e constituindo uma plataforma para que mais familiares destes negociantes pudessem vir para esta cidade e iniciar a sua vida.

O forte carácter familiar que está presente em todas as famílias hindus contribuiu também para a criação de lojas e espaços familiares. Malheiros (1996b, p. 153) constata que “*la stratégie familiale et communautaire qui est à l’origine du fonctionnement des enclaves commerciales ethniques est fondée sur deux sortes de présupposés: les uns de nature économique, les autres de nature socio-culturelle*”. Verifica-se que até agora, em Portugal, as lojas indianas são constituídas na sua maioria por familiares que se associam e que empregam muitos indivíduos desta etnia. Este suporte familiar e cultural que se constitui traz benefícios duplos, pois diminui os custos das empresas e proporciona postos de trabalho para pessoas da mesma família. A gestão familiar praticada no comércio indiano e no comércio hindu em particular, permite auferir lucros mais elevados que servem como ponto de partida para a criação de outras lojas que são geridas por membros da mesma família e por gerações futuras. O conhecimento e a prática adquiridos são determinantes e funcionam como impulsionadores para que muitos hindus se estabeleçam por conta própria.

A fixação em áreas geográficas, da cidade de Lisboa, bem determinadas (Martim Moniz, Alvalade, Mouraria), permitiu que nessas zonas proliferassem lojas, quiosques e outros espaços comerciais onde além de produtos que iam de encontro às exigências da população local, existiam produtos tais como especiarias, alimentos e outros que permitiam à comunidade hindu manter e conservar os seus hábitos alimentares e as suas tradições.

De um modo geral, concordamos com Ávila e Alves (1993, p. 125) quando afirmam:

*“a inserção dos indianos no comércio deve ser interpretada como uma estratégia de defesa (...) os indivíduos não “arriscam”, não chegam sequer a saber se seriam sujeitos a estratégias de exclusão e discriminação no mercado de trabalho e optam pela inserção profissional mais segura: aquela que permite a manutenção de uma tradição colectiva (e a maximização de um habitus profissional), o aproveitamento dos recursos existentes (individuais ou colectivamente construídos) e, simultaneamente, evitar o confronto com mecanismos de exclusão formal”.*

Paralelamente ao comércio, muitos hindus optaram pela construção civil, dando uma continuidade à actividade profissional desenvolvida pelos seus pais ou avós na Índia.

Actualmente, os hindus, principalmente os mais jovens, já têm uma participação mais extensiva, que não se limita à actividade comercial, mas que se estende a outros espaços, evidenciando novas áreas de ligação com a sociedade de acolhimento. Lentamente, observa-se uma procura de novas actividades, para além do comércio, onde os jovens desempenham um papel mais activo. Áreas como a economia, a gestão, a saúde e a informática revelam-se como opções válidas para o futuro destes jovens.

### **3.3. Actividades e Comportamentos para Preservar a Identidade**

Bastos e Bastos (1999a, p.13) referem que *“A defesa de uma identidade étnica passa pela exacerbação de alguns de entre uma série possível de marcadores corporais e culturais distintivos, como as formas e posturas corporais, o vestuário e os adornos, a alimentação, a língua ou dialecto, a música, a dança, a religião, os rituais e as festas, os valores e os ideais, etc., bem como por formas permanentes ou cíclicas de congregação sócio-espacial, podendo socorrer-se, na relação com os grupos domi-*

*nantes, tanto de estratégias, lúdicas ou agonísticas, de exibição identitária como de estratégias de invisibilização e/ou de secretismo*". Em situação de migração, as pessoas tendem a recriar e frequentemente, a reforçar os seus modos de viver, os seus rituais e os seus comportamentos por forma a não esquecerem as suas raízes. O passado e a cultura fazem parte da estruturação do indivíduo e não podem ser esquecidos e abandonados.

O contacto com a sociedade portuguesa, primeiramente estabelecido ainda na Índia e depois em Moçambique, e reafirmado diariamente em Portugal, não alterou a identidade dos hindus. Bastos e Bastos (1999a, p. 189) analisam esta situação ao afirmarem que apesar do contacto próximo que os hindus desenvolveram com os portugueses *"tal facto não altera que a sua identidade seja claramente diferenciada, na medida em que é garantida pela centralidade identitária de um território genealógico-religioso — com uma tradição sócio-linguística e religiosa própria — bem como por uma estratégia migrante de congregação espacial e de relativo fechamento endo-comunitário, não-hostil"*.

A preservação da identidade é motivo de orgulho e de constante atenção por parte da comunidade hindu. Apesar desta comunidade já estar em Portugal há muitos anos, continuam a prevalecer determinadas características e comportamentos que a identificam e que evidenciam ligações profundas com a Índia. Este elo que se estabelece e que é reconhecido pela maioria dos hindus que estão em Portugal contribui para a união dos hindus e para um sentimento de pertença que vai sendo cultivado e transmitido às novas gerações. Pode-se considerar que existe um sistema cultural e simbólico muito forte, que orienta os indivíduos e que determina as suas práticas.

Ao analisarmos a população migrante hindu que reside em Portugal, vislumbram-se vários aspectos que a caracterizam e que a tornam única. Ávila e Alves (1993, p. 128) na sua investigação sobre comerciantes indianos (hindus, islâmicos e ismaelitas) concretizam esta ideia ao afirmarem *"a comunidade hindu mostra-se mais preocupada em manter certas práticas como o vestuário, a alimentação ou a língua de origem indiana (o gujarati) uma vez que, como vimos é a que se identifica mais claramente com a Índia"*. As mesmas autoras (1993, p. 130) reforçam esta ideia ao dizerem:

*"para os hindus, a preocupação com a integração não deve esquecer a manutenção da cultura de origem (intimamente ligada ao sistema de crenças), sob pena de o grupo deixar de se identificar a si próprio"*.

A religião é o eixo de orientação e de união de todos os hindus. A totalidade dos indivíduos desta etnia considera o hinduísmo a razão do seu viver, actuando e comportando-se de acordo com os seus princípios e ensinamentos básicos. É o que os une e, ao mesmo tempo, os distingue das outras pessoas. A religião estabelece a ligação entre todos, servindo de base a reuniões e palestras sobre esta temática mas também, proporcionando encontros e reuniões entre eles e mantendo acesa a ligação com a Índia. A manutenção das orações diárias, da educação dos filhos e dos comportamentos na vivência quotidiana dos hindus tem por base a religião. O ensinamento aos filhos desde a infância sobre a história da religião constitui uma forma de manter viva a religião e a cultura hindu, mesmo num país tradicionalmente católico, como é Portugal.

O calendário hindu é rico em festividades, cada uma delas destinada a celebrar um deus ou um momento da vida de um deus. Estas celebrações propiciam a reunião de todos os hindus, que em conjunto, dançam, cantam e oram em honra de Deus.



Fotografia 1 — Celebração do Navrati

Um dos aspectos mais importantes é a manutenção do conceito alargado de família. Bastos e Bastos (1999a, pp. 120-121) referem-se a este conceito do seguinte modo *“É conhecido da investigação antropológica que a família múltipla representa o ideal sócio-económico e religioso dos hindus, um ideal que parece traduzir-se numa prática social mesmo em contextos migratórios”*. A família hindu é sempre numerosa e não se

restringe ao pai, à mãe e aos filhos. Ela estende-se aos restantes familiares directos, tais como irmãos, cunhados e seus descendentes e também, aos amigos mais chegados que são considerados também como parte da família, recebendo todas as honras e participando em todas as decisões e festividades. A importância da família é referida no discurso de uma mulher hindu, que participa nas actividades desenvolvidas no centro cultural hindu, no Lumiar:

*“Actualmente, as famílias têm cada uma a sua casa apesar de, se for possível, morarem todos perto uns dos outros. A proximidade é um factor importante para as famílias hindus que se sentem, deste modo, apoiadas e mais facilmente mantêm as suas tradições. Actualmente, as famílias já não moram tão perto umas das outras, logo, as tradições tais como a tradição da mulher logo que sabe que está grávida de ir para a casa da mãe não se mantêm com tanta assiduidade como era habitual. No entanto, a mãe tem um papel importante ensinando a sua filha alguns procedimentos e dando-lhe todo o apoio necessário, nomeadamente na cozinha, na limpeza da casa e nos primeiros cuidados ao recém-nascido”.*

A família é tida como o núcleo agregador, onde se vai buscar a força, as opiniões, os conselhos. Os membros da mesma família, geralmente, partilham a mesma casa, coabitando nela os idosos, os que trabalham e as crianças. Os laços familiares são muito fortes e são respeitados acima de tudo. Actualmente, observa-se que, devido às limitações de espaço e com a procura de maior comodidade e privacidade, os casais procuram a sua própria casa ficando, no entanto, sempre próximo da casa dos seus pais ou dos seus sogros. O filho mais velho permanece em casa dos pais após o casamento, enquanto que os restantes filhos varões compram a sua própria casa nas proximidades ou no mesmo prédio. Deste modo, as refeições são feitas em conjunto e a proximidade e familiaridade é mantida. A mulher mais velha continua a gerir a casa, transferindo progressivamente o seu papel para a nora e desenvolvendo outras características como a orientação e o cuidado dos netos. As crianças crescem com este conceito de família alargada e o facto de, em Portugal, as famílias serem mais pequenas é motivo de estranheza.

Outro aspecto que reforça a identidade hindu são os laços de amizade estabelecidos. Constata-se que existe uma concentração de hindus em determinadas zonas de Lisboa como o Areeiro, Olaias, Bairro do Armador em Chelas, bairro adjacente à Quinta da Vitória e algumas freguesias do concelho de Loures, tal como nos dizem Baptista e Cordeiro (2002, p. 29) ao se referirem aos indianos e paquistaneses “a sua distribuição restrin-

*ge-se a um menor número de freguesias, não querendo contudo isto dizer que não haja imigrantes destas origens noutras áreas do concelho. Assim, Camarate, Frielas, Loures, Moscavide, Portela, Santo António dos Cavaleiros e Unhos parecem ser os lugares onde os indianos têm uma presença mais marcante”. Esta comunhão de espaço, conduz inevitavelmente a uma aproximação de valores e a uma reconstrução da identidade histórica e cultural.*

Devido à aglomeração em núcleos habitacionais bem definidos, e por partilharem os mesmos interesses e espaços comerciais, constata-se que os amigos encontram-se dentro da mesma cultura, apesar de terem também amigos de escola e de trabalho de outras culturas. Cria-se um espaço unificador onde se estabelecem redes que permitem trocas de conhecimentos e de afectos e que contribuem para a solidificação da identidade. Bastos (1990b, p. 20) ao referir-se à defesa identitária diz que esta *“passa pela congregação espacial e pela recomunitarização conducente à formação de verdadeiras colónias, parcialmente endogâmicas, é complementada pelo estabelecimento de uma rede importante de trocas mútuas com a comunidade de origem bem como com as outras colónias-satélites dela derivadas ao longo dos séculos, na costa Oriental de África (Moçambique, Quénia, Tanzânia, etc.) e, mais recentemente, em Londres e em Lisboa (na Portela, em Odivelas e em St.º António dos Cavaleiros, etc.) dando origem a um sistema comunitário transespacial”.*

As relações de amizade entre pessoas desta cultura são mais visíveis através dos elementos femininos, o que pode ser justificado pelo facto de muitas mulheres dedicarem grande parte do seu tempo aos afazeres da casa e por saírem para ir ao templo, ou terem reuniões com outras mulheres hindus, o que condiciona a sua relação com o espaço não-hindu. Encontramos pois, uma oposição masculino/feminino onde os homens pela actividade profissional que desenvolvem (comércio, construção civil, entre outras) têm uma maior proximidade com a sociedade de acolhimento, estabelecendo relações sociais, profissionais e até de amizade, em oposição às mulheres que desenvolvem a maioria das suas actividades no seio doméstico, fazendo esporádicas incursões ao exterior e privilegiando o contacto com outros familiares e com mulheres hindus, reforçando a produção de relações sociais, de valores, de concepções e da simbologia hindu.

A casa funciona como elemento identitário dos hindus. Nela encontram-se símbolos e práticas característicos da cultura hindu, sendo um local onde vários costumes e comportamentos específicos desta cultura con-

fluem. Bastos (1990a) no seu estudo sobre a organização sócio-espacial da casa da comunidade hindu da Quinta da Holandesa encontra três conceitos fundamentais para compreendermos a conceptualização e apropriação do espaço doméstico. Estas constatações referem que a casa é estruturada simbolicamente como um microcosmos, no qual estão contidas várias representações e várias descrições hindus; que a simbologia que existe em cada casa também tem a sua representatividade no espaço comunitário e que a estruturação do espaço não pode ser meramente concebida como um espelho reflector da estruturação da “cultura” mas, em simultâneo, como um interveniente activo nos processos de conservação e de transformação das práticas sociais. O espaço da casa funciona não como um depósito, mas como um elemento vivo da tradição e da cultura hindu, visto que é nele que habitam várias pessoas com comportamentos específicos, onde se constrói a identidade pessoal de cada um, onde se estabelecem interacções de vários tipos, entre os elementos da casa e entre as pessoas que habitam no mesmo prédio ou nas proximidades. A coexistência na mesma zona habitacional de vários hindus, quer sejam imigrantes temporários quer estejam definitivamente imigrados, proporciona a manutenção de comportamentos, festividades e hábitos da cultura hindu. As casas hindus albergam não só as pessoas que nela habitam, mas também familiares que vêm de longe em visita ou para iniciar uma nova vida em Portugal, vizinhos, amigos e um conjunto variado de pessoas que vêm alterar a dinâmica diária da casa.

O cheiro a condimentos e a caril também está presente em todas as casas correspondendo à rica e variada gastronomia a que se mantêm fiéis. Na maioria dos corredores dos prédios pode-se sentir o aroma hindu e antever, antes de entrar nas casas, as mulheres a cozinharem desde cedo, para terem as refeições prontas ou para levar a comida para as lojas onde os seus maridos e filhos trabalham. O incenso, sempre presente nos *mandirs* domésticos, é outra característica destas casas.

A casa reserva toda uma simbologia desde a entrada, onde nas portas estão penduradas objectos e símbolos que dão as boas vindas a quem entra na casa, até ao seu interior, onde existem objectos da Índia, fotografias de familiares já falecidos e utensílios específicos utilizados na preparação de alimentos.

As casas hindus são de fácil reconhecimento visto existirem na porta emblemas, figuras religiosas ou símbolos que além de serem decorativos têm uma função protectora, de boas vindas ou de chamamento de riqueza e sucesso. Estes símbolos estão presentes tanto nas casas hindus

existentes nas zonas mais ricas da área de Lisboa como nas casas dos bairros mais pobres. Bastos (1990a, p. 59) refere-se à importância atribuída à simbologia no exterior da casa dizendo “*penetrar no interior de uma casa hindu envolve, não raras vezes, passar por debaixo de um fio de folhas de mangueira pendurado no lintel. (...) O significado desta prática ritual reside, essencialmente, no valor atribuído à folha de mangueira (e à própria árvore). Constituindo um elemento “multivocal ou multivalente” (Turner, 1967; 1974) no sistema simbólico-ritual hindu, o mango, para além de “atrair os bons espíritos”, simboliza a fertilidade, a frescura e tranquilidade que operam como valores antitéticos aos da poluição, da esterilidade e da morte.*” Também Oliveira (2001) no seu estudo refere a presença de vários símbolos no exterior das portas de acesso às casas tais como *Svastika* (símbolo em forma de cruz grega que é considerado favorável quando as extremidades dos seus quatro braços estão orientados no sentido do ponteiro dos relógios), símbolos de boas vindas (*Bhale Padharya*) ou ainda a decoração da entrada com folhas de uma árvore (assinalando a realização de uma cerimónia festiva, como um casamento ou uma cerimónia religiosa).

Todas as casas hindus possuem um *mandir*, um altar doméstico, onde se encontram colocados figuras e estampas de deuses, de santos, de guias espirituais e ainda de antepassados ou de filhos que já faleceram. Este local é alvo de cuidado e oração diária por parte dos habitantes da casa.



Fotografia 2 – *Mandir* doméstico

Paralelamente a estas figuras religiosas hindus, observa-se a presença das imagens de Nossa Senhora de Fátima e de outras figuras religiosas cristãs, pelas quais muitos hindus têm devoção, mostrando o sincretismo religioso existente em muitas casas hindus, onde a religião de origem é professada em paralelo com a religião do país de acolhimento. Além das imagens, existe um prato onde são colocados doces e comida que é feita diariamente e que é oferecida primeiro aos deuses antes de ser consumida pelos habitantes.

Tido como um local de culto, onde se deve entrar de “coração e alma limpos”, este oratório deve estar orientado preferencialmente para Este ocupando um quarto reservado da casa, se for possível, e está destinado a orações e a preces. Porém, devido às condicionantes de espaço que se verificam nas casas de Lisboa, este oratório pode estar localizado no quarto dos filhos solteiros ou na sala da casa, num espaço reservado, para evitar que este local considerado puro e sagrado fique contaminado. Sendo a sala um local de passagem para as restantes divisões da casa e, simultaneamente, um local onde se recebem visitas, é frequente ver-se o *mandir* coberto com um pano, protegendo-o de más influências ou de olhares reprovativos e impuros. Bastos (1990a, p. 62) refere-se a esta realidade dizendo “*Constituindo a sala de entrada um lugar potencialmente contaminado pela presença de visitantes, convidados, vizinhos, etc. e, por acréscimo, sujeito à influência de forças poluentes derivadas dos processos normais da vida quotidiana doméstica, a construção do mandir no pdsal implica precauções específicas. Neste caso, encontramos-lo frequentemente coberto com um pano ou fechado, permitindo que os residentes destas casas possam passar pela sala descalços e em estados considerados de impureza (no regresso do trabalho, em estado de luto, com a menstruação, etc.)*”. A sala é o local privilegiado para a realização de cerimónias religiosas e festivas, recebendo a presença de familiares e vizinhos que participam frequentemente nestas cerimónias. Paralelamente a quadros de inspiração hindu, retratando cenas de fábulas ou metáforas, encontram-se na maior parte das casas hindus, fotografias de casamentos dos filhos, dos netos e fotografias de antepassados que já faleceram. Estas fotografias estão expostas por duas razões principais. Primeiro, para que estes familiares não sejam esquecidos sendo lembrados nas orações diárias da família e segundo, para pedir protecção, conselhos e orientação para os habitantes da casa.

Outra zona da casa que apresenta também características hindus são as cozinhas onde alguns utensílios típicos predominam, bem como o cheiro de temperos. A cozinha é o local privilegiado da actuação feminina. Palco de conversas, de interacção entre as mulheres da casa e local de ensino,

a cozinha é a parte da casa onde receitas, práticas e ensinamentos são partilhados e assume-se como local identificador da cultura hindu, sobretudo da cultura hindu feminina.

A ligação com o país de origem é muito forte sendo o sonho e o desejo de qualquer hindu regressar ou ir pela primeira vez à Índia. É lá que se encontram, conhecem as razões da sua religião, que compreendem a ligação com os seus antepassados. Bastos (1990a, p. 7) refere que as visitas periódicas a Diu constituem *“uma estratégia trans-espacial de conservação dos laços com a comunidade de origem”*. As crianças e os adolescentes que nasceram em Moçambique ou mesmo em Portugal, sentem o apelo de regressar à Índia que é incutido pelas pessoas mais velhas da família. As origens não são esquecidas e são permanentemente relembradas através de conversas, de filmes, de comportamentos e através da própria língua, o *gujarati*. As viagens à terra natal têm como objectivo principal a visita a familiares (pais, mulher, filhos), o estabelecimento de relações afectivas entre avós e netos ou a procura de uma mulher para casar. No estudo sobre a comunidade hindu da Quinta da Holandesa, Bastos (1990a, p. 8) diz que *“o primado de Diu/ Fudam é mantido pelas viagens de visita (tendencialmente e idealmente regulares mas condicionadas pelas carências económicas de muitos hindus da Holandesa) que visam, acima de tudo, “ver a família”, estabelecer laços entre as gerações, preparar e festejar casamentos assim como reconstituir stocks comerciais. Este movimento cria um fluxo constante de jovens esposas nascidas nas colónias satélites que, por casamento, retornam à comunidade de origem estimulando, por sua vez, mais visitas e trocas entre o centro e as periferias”*.

O uso da língua dos seus antepassados, o *gujarati*, faz parte da formação e da individualidade de cada hindu. O conhecimento da língua é incutido pelos pais desde o nascimento, sendo ensinado primeiro que a língua do país de acolhimento. As crianças interiorizam facilmente a sonoridade visto os seus pais, familiares e restantes pessoas hindus falarem entre si o *gujarati*, e desenvolvem, desta forma, uma familiaridade com a língua. Existem também aulas de *gujarati* que decorrem na Comunidade Hindu de Portugal, no Lumiar, ou em escolas do aglomerado habitacional hindu que funcionam como incentivo para a prática da língua entre crianças. Apesar de todas as crianças saberem falar a língua, a escrita só é dominada por algumas, pois não se considera essencial saber escrever *gujarati*.

As tradicionais vestimentas, *sari* ou *punjabi*, continuam a ser vestidas pelas mulheres hindus, sobretudo pelas mulheres mais velhas, pelas

mulheres casadas ou em ocasiões festivas. Os tecidos coloridos bordados com fio de ouro ou com missangas e brilhantes caracterizam estas vestimentas, que tradicionalmente são usadas na Índia. Apesar do clima em Portugal ser, em determinadas estações muito frio, as mulheres hindus continuam a usar estes trajes com orgulho. Muitos deles são trazidos da Índia ou de Londres e são comercializados em lojas indianas.

A alimentação é outro aspecto que merece atenção por parte dos hindus que vivem em Portugal. A grande maioria segue a linha do vegetarianismo, reafirmando desta forma a filosofia hindu e a crença na reencarnação. A maior parte dos produtos para confecção dos alimentos encontram-se em lojas indianas e actualmente também em grandes superfícies comerciais, facilitando a manutenção do mesmo estilo alimentar.

O casamento entre hindus pode ser considerado um modo de manter a identidade, visto não haver dispersão de valores, ensinamentos, comportamentos e modos de pensar. As estratégias matrimoniais (casamento com cônjuges da mesma religião) revelam uma preocupação religiosa e um cuidado com a transmissão da cultura e de referências identitárias às gerações futuras, as quais seriam necessariamente alteradas com a escolha de um parceiro que professasse outra religião. A maioria dos membros desta comunidade privilegia e até incentiva, o casamento entre hindus justificando esta opção devido aos mesmos hábitos, à mesma linha de educação, à mesma religião, condições consideradas imprescindíveis para que haja harmonia num casal. A existência da mesma cultura, da mesma filosofia de vida vem reforçar a tradição e a união, facilitando a comunicação e a harmonia entre o casal.

### **3.4. Actividades Desenvolvidas para a Integração na Sociedade de Acolhimento**

A integração na sociedade de acolhimento depende muito da forma como o migrante se caracteriza e do modo como descreve e se identifica com a nova sociedade que adopta como sua. As estratégias identitárias que desenvolve promovem uma aproximação com a sociedade receptora, enfatizando as semelhanças e traços culturais que possam ter em comum.

Bastos e Bastos (1999a) no seu estudo referem que os hindus migrantes, vindos da Índia ou de Moçambique e os luso-hindus, já nascidos em Portugal, apresentam o que se pode denominar de dupla identidade. Sem

nunca descurarem as suas origens, partilham vários aspectos com os portugueses que os fazem aproximar e considerarem-se como parte da sociedade de acolhimento. Mais do que adoptarem condutas e comportamentos novos, diferenciam-se pelas particularidades, características e qualidades que os tornam únicos e que permitem que contribuam para o desenvolvimento do local que escolheram para se fixarem. A existência de uma familiaridade e também de uma continuidade entre Portugal e Moçambique (país de onde grande parte dos hindus são oriundos) permitiu que a integração na sociedade de acolhimento ocorresse de forma gradual e sem grandes interferências. A possibilidade de obtenção da nacionalidade portuguesa, o conhecimento da língua e da cultura constituíram factores determinantes na sua socialização e conferiram um estatuto social que os outros migrantes não tinham (Ávila e Alves, 1993).

A maioria da comunidade hindu encontra-se integrada na sociedade portuguesa. Uma das formas de integração mais sólida é estabelecida através das relações profissionais, quer de trabalho quer comerciais. A necessidade de encontrar um meio de subsistência aliada à grande tradição mercantil que vinha da Índia e de Moçambique permitiu que os hindus iniciassem e posteriormente consolidassem uma vasta rede de relações com os portugueses, construindo um perfil característico. Ávila e Alves (1993, p. 120) no seu estudo sobre comerciantes indianos referem:

*“no momento do confronto com a sociedade portuguesa, os indianos comerciantes correspondem a um perfil social que se caracteriza não só pela posse de determinados recursos [nomeadamente financeiros], como também de expectativas e aspirações decorrentes dos efeitos de uma trajectória e de um habitus profissional. Este perfil condicionará certamente a estratégia de inserção profissional que desenvolvem na sociedade de acolhimento”.*

Actualmente, os hindus detêm a sua própria autonomia a nível comercial. Este relacionamento e ligação ao país de acolhimento é mais visível nos elementos do sexo masculino da comunidade hindu. Malheiros (1996a, p. 48) constata este facto e justifica-o ao afirmar que:

*“entre os indivíduos de etnia indiana instalados em Portugal, a adopção de práticas culturais ocidentais é nitidamente mais forte nos homens do que nas mulheres. Isto decorre das características patriarcais das sociedades de origem, mas também da maior densidade de contactos dos indivíduos do sexo masculino com a sociedade de acolhimento.”*

Também a vertente de associativismo e de ajuda familiar presente nesta comunidade permitiu uma entre-ajuda comunitária concretizada na criação de sociedades mas sobretudo, no desenvolvimento de estratégias conjuntas facilitadoras do crescimento e da incorporação na sociedade de acolhimento. Ávila e Alves (1993, p. 124) referem “*os meios associativos revelam-se de extrema importância, na medida em que constituem um espaço privilegiado de produção das dinâmicas informais (...), enquanto local de culto e, simultaneamente, de convívio, as associações proporcionam condições para o encontro de indivíduos da mesma etnia, ou seja, são um espaço onde poderá ocorrer informalmente a troca de experiências profissionais, originando a constituição de redes de sociabilidade mais ou menos alargadas*”. As dinâmicas, formais e informais, que se estabelecem na comunidade hindu contribuem para o reforço da identidade, mas simultaneamente, funcionam como meio de apoio e de orientação para dificuldades externas e para situações que os hindus não controlam na sociedade de acolhimento. Deste modo, a partilha de experiências, o intercâmbio de conhecimentos e de estratégias contribuem para o conhecimento do modo de funcionamento do local onde vivem e exercem a sua actividade e para ultrapassarem dificuldades e melhor se integrarem.

Como já foi anteriormente referido, as associações funcionam também como identificadores de uma cultura, mantendo presentes tradições e especificidades. Nestes espaços (re)criam-se dinâmicas próprias que facilitam a comunicação e a interacção entre os seus membros, e que garantem a expressão de signos e valores próprios das minorias e a sua consolidação na cultura de acolhimento.

Outro factor que conduziu à integração dos hindus em Portugal foi o nascimento dos filhos neste país de acolhimento. Com efeito, o nascimento de crianças implicou uma ligação mais directa com a sociedade portuguesa mobilizando laços de ordem educacional, de saúde e consequentemente, de ordem cultural. O crescimento dos filhos num país, com uma cultura e com valores diferentes, veio por um lado valorizar a sua cultura de origem mas também, constitui um desafio de adaptação e de comunicação a uma nova realidade. Esta adaptação foi naturalmente mais difícil para os pais que já tinham uma vida estabelecida e tiveram que recomeçar, mas para os filhos, o contacto com este novo país foi ocorrendo de forma natural, fazendo amigos e tomando este país como seu. A grande maioria dos filhos dos emigrantes hindus que se estabeleceram em Portugal na décadas de 80 e 90 vieram ainda crianças e alguns até nasceram neste país. A sua realidade é pois a realidade portuguesa, com a qual aprenderam a conviver desde cedo,

enquanto que os hábitos e costumes hindus fazem parte de si, pela tradição e pelos ensinamentos dos pais e dos avós.

Actualmente, os jovens hindus partilham uma dicotomia. Se por um lado, crescem e são ensinados a seguir os valores e as tradições hindus, que respeitam e adoptam, por outro lado, a convivência com outra realidade e outra forma de pensar adquirida pelo contacto com os colegas, tanto na escola como no trabalho, e com os amigos vem moldar os seus conceitos e certezas, facilitando a sua integração no país de acolhimento, mas pondo em causa o que lhes foi inculcado e ensinado desde crianças. Torna-se interessante observar, no entanto, que apesar de existirem algumas mudanças a nível exterior (vestuário, relações exteriores), valores como a solidariedade, o respeito, a religião mantêm-se e são evidenciados quando os jovens hindus se encontram juntos em festividades ou em reuniões exclusivamente hindus.

A participação da comunidade hindu na sociedade portuguesa tem a sua expressão máxima com o dia destinado à dádiva de sangue. Valores como a solidariedade, o respeito pelo outro estão presentes neste gesto e constituem uma tradução prática da filosofia e da religião hindu. Grande parte dos membros desta comunidade disponibilizam-se neste dia e participam nesta actividade que se repete todos os anos e que constitui motivo de orgulho, pois é uma forma de participar e contribuir para o bem-estar da sociedade. Este acto de dádiva ao outro, vai ao encontro com a partilha e com a humildade defendidas nos livros sagrados. A capacidade de alhear-se de si próprio, de por um dia dar um pouco de nós ao outro, mesmo que não o conheçamos, encontra-se em harmonia com o cosmos, com a vida, com o objectivo da libertação espiritual.

## PARTE II — INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

### 4. METODOLOGIA

O conhecimento de uma cultura, das suas práticas, das suas tradições, em toda a sua profundidade e plenitude pressupõe um envolvimento e uma interiorização que são difíceis de atingir. Esta meta só pode ser alcançada através da persistência e do contacto frequente, para não dizer diário, com as pessoas da comunidade, as quais constituem verdadeiras representações dos valores, comportamentos e hábitos de um povo. Antes de iniciar o presente estudo, optou-se por uma abordagem receptiva, despida de (pre)conceitos e ideias previamente definidos que pudessem, de alguma forma, alterar a verdadeira compreensão sobre a cultura hindu. Este processo, complexo e pluridimensional, de entrada num novo mundo pressupõe a articulação consciente e precisa entre o pensamento e a prática e entre o simbolismo e as vivências que integram cada cultura. A opção por um conhecimento mais vasto, observando e analisando o ambiente envolvente, a forma de cuidar das crianças, ouvindo as histórias dos diversos intervenientes e assimilando os seus estilos de vida contribuiu para uma percepção mais profunda e conseqüentemente para uma análise e estruturação da informação obtida mais correcta, indo ao encontro dos objectivos definidos. O conhecimento das estruturas sociais e culturais, ou seja, da realidade social de uma forma alargada e das práticas e vivências pessoais de uma forma mais individualizada, revelou-se fascinante e de uma riqueza indescritível. A interiorização de vários aspectos, os quais não estavam directamente relacionados com a temática que nos propusemos estudar, permitiram um desenvolvimento teórico e simultaneamente uma consciencialização das inúmeras vertentes da cultura hindu, as quais obrigatoriamente se interligam e complementam.

Esta forma de perspectivar a realidade hindu implicou um cruzamento interdisciplinar inevitável e uma convergência de abordagens que vieram solidificar e dar consistência aos dados obtidos, construindo uma análise mais completa e perfeita das práticas e rituais relativos à maternidade e ao cuidar da criança hindu, num contexto de imigração.

#### 4.1. Tipo de Estudo

Silva e Pinto (1986, p. 13) referem que *“Os homens são seres sociais. As suas acções desdobram-se em práticas materiais e simbólicas, relações com a natureza e relações com outros homens, no âmbito de*

*grupos com várias dimensões, dos grupos elementares como as famílias até às organizações vastas a que chamamos sociedades*". São estas práticas que se torna urgente conhecer e analisar, para melhor compreendermos a multiculturalidade que nos rodeia actualmente. A riqueza do conhecimento destas práticas não se limita ao presente, ao contrário, ela recria condutas antigas, justifica atitudes e comportamentos actuais e perspectiva práticas futuras. Paralelamente, dão-nos indicações preciosas sobre os valores, as pessoas e o meio onde se inserem, visto serem socialmente condicionadas por estes factores.

A investigação que desenvolvemos pretendeu conhecer o que as mulheres hindus residentes na região metropolitana de Lisboa mantêm da sua cultura de origem e o que integraram da cultura de acolhimento relativamente à maternidade e aos cuidados à criança. A compreensão desta problemática implicou uma assimilação da cultura hindu, por forma a apreender não só quais os cuidados prestados, mas também como os prestam e qual a influência que a sua cultura de origem, e também a cultura que os acolheu, tem na sua forma de ser e de cuidar. Deste modo, foi imprescindível proceder a uma pesquisa bibliográfica intensa e à pesquisa de terreno de tipo etnográfico, partindo inicialmente de informantes qualificados, participando em cerimónias e festas hindus e alargando a recolha de dados através de entrevistas, de observações fílmicas e fotográficas em contexto de vida familiar e estabelecendo relações sociais que muito vieram contribuir para a realização deste estudo. A observação participante ainda que mais morosa foi fundamental para uma melhor inserção e compreensão da problemática.

O conhecimento básico dos valores e dos princípios fundamentais da cultura hindu foi imprescindível para a compreensão da papel da mulher nesta cultura e para a definição de conceitos como maternidade, cuidar e família entre muitos outros, os quais constituem verdadeiros alicerces para a estruturação de um pensamento e de uma ideologia baseada no respeito, no amor e na unidade familiar.

Desde criança que é inculcido à mulher hindu que um dos seus deveres é cuidar do marido e dos filhos. Essa faceta primordial do estatuto de mulher é transmitida através de comportamentos, de conversas e de atitudes de geração para geração. É na prática diária que podemos observar gestos que se repetem e que são interiorizados e entendidos como uma aprendizagem para o futuro. O incentivo ao cuidado de crianças mais novas tem início na própria família, a qual desde cedo atribui à jovem hindu o cuidado de irmãos mais novos e de sobrinhos, geralmente efectuado com a supervisão de mulheres mais velhas.

Tarefas como o banho, a massagem, a alimentação são partilhados pelas mulheres da casa, incluindo as mais novas, desenvolvendo as capacidades que as mulheres têm de cuidar, de fortalecer a sua família, de perpetuar um nome. É estimulada a participação de todas as mulheres presentes, familiares e vizinhas, as quais, se tiverem mais experiência, dão orientações e ensinam a cuidar da criança. Pelo contrário, se estiverem presentes jovens sem experiência elas são convidadas a colaborar em tarefas mais pequenas, tais como preparar a água do banho ou escolher a roupa que a criança irá vestir.

Com os fluxos migratórios, que fazem parte da nossa realidade, muitas pessoas de diferentes culturas, incluindo da cultura hindu vieram reconstruir a sua vida em Portugal, recriando costumes, hábitos e comportamentos numa tentativa de preservar a sua identidade. A constituição de famílias, o nascimento de filhos e conseqüentemente as práticas de cuidar das suas crianças sedimentaram e ajudaram a manter a vivência hindu e também contribuíram para criar raízes neste país. Será que estes gestos, estas condutas, esta forma de cuidar permaneceram inalteráveis ou sofreram influência da cultura de acolhimento?

A necessidade de conhecer esses cuidados, como foram transmitidos, como o que lhes foi ensinado influencia o seu modo de vida, revelou-se determinante na nossa opção metodológica, ao procurar dar resposta às questões orientadoras que serviram como fios condutores deste processo:

- Qual a concepção de maternidade das mulheres da comunidade hindu?
- Quais as práticas tradicionais relacionadas com a maternidade e os cuidados à criança na cultura hindu?
- Existe transmissão das práticas tradicionais sobre a maternidade entre estas mulheres?
- De que forma é feita a transmissão dessas práticas?
- Como se manifesta a influência da sociedade de acolhimento?

Estas questões foram determinantes para o desenrolar da investigação e para atingir os seguintes objectivos:

- Identificar as concepções sobre a maternidade e cuidados à criança das mulheres da comunidade hindu.
- Analisar quais as práticas e cuidados relativos à maternidade e à criança que são mantidos da cultura de origem.

- Analisar o que foi introduzido nessas práticas da cultura de acolhimento.
- Analisar a forma como as práticas da maternidade são transmitidas entre estas mulheres.

Como vários autores (Mauss, 1934; Mead, 1979) defendemos que no conhecimento das práticas e dos comportamentos dos adultos face aos cuidados e ao desenvolvimento da criança deve ser feita uma abordagem abrangente, com recurso a diferentes instrumentos e métodos, que permitam perspectivar de uma forma global a realidade. Mais recentemente outros autores (Stork, 1986; Ramos, 1993) constataam a necessidade de utilizar uma abordagem dupla, onde a observação, as entrevistas e a análise documental, destacam-se pela sua capacidade de retratar percepções, representações e modos de transmissão de saberes.

A escolha do método qualitativo para o presente estudo surgiu naturalmente, mas, simultaneamente, tornou-se uma exigência visto permitir uma abordagem mais profunda, mais real e elucidativa dos comportamentos, da forma de ser, de pensar e de agir das entrevistadas. A forma como as pessoas, e em particular as mulheres, percebem as necessidades das crianças reflecte o que lhes foi transmitido e as experiências por que passaram, mas também resulta das necessidades e das normas impostas pela sociedade onde se inserem. Conhecer e compreender as práticas e os cuidados durante a gravidez e no início do desenvolvimento da criança na cultura hindu pressupõe um entendimento mais amplo da própria cultura, conhecendo as pessoas, ouvindo-as e analisando de que forma uma mesma realidade é percebida de modo diferente consoante cada interveniente. É o valor de cada pessoa, de cada gesto e de cada palavra que conta e este valor, esta percepção pode ser melhor apreendida através da metodologia qualitativa.

Vários são os autores que defendem o método qualitativo para estudos com estas características. Carmo e Ferreira (1998) referem que os métodos qualitativos caracterizam-se por desenvolver conceitos, compreender os fenómenos a partir da recolha de dados, têm em conta a realidade global, sendo os dados colhidos a partir de situações consideradas naturais. É neste sentido que pretendemos desenvolver este estudo, conhecer estas pessoas dando atenção especial ao que dizem e ao que fazem, à forma como desenvolvem as suas actividades e o que pensam sobre a maternidade e sobre os cuidados à criança, tendo atenção ao contexto social e cultural onde se inserem.

Benoliel citado por Polit e Hungler (1995, p. 269) refere que “a pesquisa qualitativa é caracterizada como modos de inquirição sistemática preocupados com a compreensão dos seres humanos e da natureza de suas transações consigo mesmos e com seus arredores”. É deste espírito de descoberta que queremos que o presente estudo se impregne, descobrir não só as conceptualizações mas também, a forma de agir e de cuidar das mães hindus a partir da sua realidade, da sua perspectiva, conhecê-las como pessoas e não como meros objectos de estudo.

A comunidade hindu é bastante numerosa em Portugal, encontrando-se bem estruturada e organizada e participando activamente na sociedade portuguesa. Vários são os estudos desenvolvidos sobre a comunidade hindu e relacionados com a imigração e os processos de integração (Malheiros, 1993; Oliveira, 2001), com a actividade comercial desenvolvida (Trabulo, 1998) ou com a segunda geração e o percurso escolar (Pires, 2000), no entanto, apesar de já existirem importantes ensaios sobre esta diáspora, as investigações relacionadas com a maternidade e as práticas de cuidar das crianças são escassas. É um conhecimento apenas empírico, baseado na experiência e sem fundamento científico que urge alicerçar. Por estas razões, caracterizamos este estudo como exploratório visto que, tal como Polit e Hungler (1995, p. 14) referem, estes estudos “buscam explorar as dimensões do fenómeno, a maneira pela qual ele se manifesta e os outros factores com os quais se relaciona”.

Carmo e Ferreira (1998, p. 213) dizem que um estudo que “*implica estudar, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação*” é considerado como descritivo. É o que pretende esta investigação, compreender o conceito de maternidade, assimilar a realidade da transmissão ou não de conhecimentos relativos à maternidade e aos cuidados à criança. Pretende-se a descrição de uma realidade, sustentada pela observação de comportamentos, do meio envolvente e pelas narrativas das mulheres hindus entrevistadas, analisadas de forma organizada.

Para além destas características, classificamos este estudo como analítico e transversal, visto pretender-se a análise dos dados obtidos, relacioná-los entre si e com o enquadramento teórico efectuado e ordená-los de uma forma sistematizada. É transversal porque foi realizado num período de tempo delimitado, respondendo às exigências temporais que se impuseram.

A classificação do estudo revela-se de grande importância criando linhas orientadoras indispensáveis à clareza e a boa prossecução da investigação.

## 4.2. Local de Realização do Estudo

O conhecimento das práticas e rituais efectuados na gravidez e os cuidados às crianças só podem ser entendidos se os situarmos no seu contexto social e cultural. O significado dos cuidados, a interpretação de conceitos necessitam de enquadramento que os justifique e que permita esclarecer, sem modificar, o seu verdadeiro significado.

A opção feita por desenvolver este estudo no local onde as pessoas vivem ou num sítio que lhes fosse familiar permitiu uma percepção mais nítida sobre os cuidados, conduzindo por inerência a uma apreensão mais realista sobre o ambiente da casa, o seu movimento e o modelo cultural seguido pelas nossas entrevistadas.

A maioria da colheita de dados foi efectuada no ambiente doméstico, numa hora que fosse considerada calma e livre de interrupções, quer no período da manhã, quer no período da tarde. As entrevistadas apresentaram grande receptividade e interesse pelo estudo, embora houvesse algumas que inicialmente manifestassem alguma apreensão. As entrevistas que não puderam ser efectuadas em casa por motivos de dinâmica familiar ou profissional foram efectuadas no ambiente de trabalho das entrevistadas, fora da hora de expediente.

A observação participante permitiu uma melhor compreensão de toda a realidade vivenciada pelas mulheres entrevistadas no seu domínio, a casa. A forma como organizam o seu trabalho doméstico, por vezes conjuntamente com o profissional, e como cuidam das suas crianças pôde ser constatada ao vivo e comparada com o discurso que apresentavam. Também apercebemo-nos das relações sociais e afectivas que estas mulheres estabeleciam com os seus vizinhos e com familiares, bem como a forma como estes últimos colaboravam nos cuidados à criança e à mulher após o parto. Local de inegável importância no núcleo familiar hindu, o espaço doméstico adopta duas vertentes, uma mais intimista e outra mais popular, onde se realizam as principais festas e para onde se convidam amigos e familiares. A observação deste espaço e dos seus participantes foi muito rica, pois permitiu analisar o espaço físico, o modo de receber e a própria hierarquia familiar. Fora do domínio da casa, a observação participante estendeu-se aos templos e aos locais de reunião, onde pudemos perceber a vertente religiosa, a devoção e as relações sociais que se estabelecem entre todos os que participam nestes encontros.

As observações fílmicas foram efectuadas num período posterior às entrevistas e ocorreram nas casas hindus, sempre no período da manhã,

altura em que eram prestados os cuidados de higiene e conforto à criança pela mãe, pela avó ou por uma mulher hindu especializada em cuidados e massagens às mães e crianças.

### 4.3. População-Alvo

Após o 25 de Abril de 1974, assistiu-se a um grande fluxo de imigrantes indianos, encontrando-se entre eles muitas pessoas pertencentes à cultura hindu. A grande maioria dos hindus que se estabeleceram em Portugal são provenientes da ilha de Diu (situada no sul do Gujarate/Saurashtra), de Goa e ainda da costa oriental de África (Moçambique, Tanzânia, Quênia). Devido a esta grande diversidade de origens, acentuada pelos vários sub-sistemas de castas (*fudamiá, khania, koli, sutar, dobhi, kharva, bhoi, vanja, vania, loaran*) que ainda hoje prevalecem, embora de uma forma mais dissimulada, encontramos diversas formas de cuidar e diferenças na prática de rituais, que são característicos de cada casta, mas que deixaram vislumbrar um eixo comum, que se baseia em valores e em princípios idênticos e que caracterizam de um modo geral, a prática de cuidar na cultura hindu.

Ao longo dos anos esta comunidade foi crescendo e criando as suas raízes em Portugal, desenvolvendo negócios, tendo uma atitude interventiva na sociedade, e sobretudo, construindo as suas famílias e criando novas raízes. Actualmente, o fluxo migratório mantém-se, embora por razões diferentes. A continuidade da imigração hindu é representada sobretudo por indivíduos que têm familiares em Portugal, que procuram uma oportunidade de emprego neste país e por mulheres que vêm ao encontro dos seus maridos, após terem casado na Índia. Consequentemente, a riqueza das práticas e dos costumes desenvolvidos e reafirmados pelas mulheres hindus residentes em Portugal é imensa englobando hábitos das mulheres que vivem em Portugal desde a descolonização, das mulheres que nasceram e cresceram em Portugal e das mulheres que vieram recentemente para este país e que mantêm bem presentes os costumes e as condutas praticados na Índia.

Segundo Fortin (1999, p. 202) *“Uma população é uma colecção de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios”*. Considerando esta definição dirigimos este estudo às mulheres hindus residentes na área metropolitana de Lisboa, que falam português, que têm crianças com menos de dois anos de idade e a mulheres hindus que sejam avós e que ainda prestam cuidados aos seus netos.

A delimitação da área metropolitana de Lisboa para o desenvolvimento deste estudo prendeu-se com dois factores que foram determinantes. O primeiro relacionou-se com o grande número de migrantes hindus existentes nesta área, oriundos de Moçambique e que escolheram a capital portuguesa para se estabelecerem, encontrando oportunidades de emprego, negócio e estabilidade. Baptista e Cordeiro (2002, p. 26) reforçam a actualidade de Lisboa como destino de muitos migrantes dizendo “*A grande Lisboa, que já vinha sendo o destino imigratório mais frequente entre as populações oriundas dos países africanos de língua oficial portuguesa, ganha na actualidade uma importância acrescida, tornando-se uma metrópole também no sentido de grande receptora de imigrantes*”. As oportunidades de emprego, de desenvolvimento económico na área comercial e a existência de uma rede transversal de relações de solidariedade baseada em laços familiares foram decisivos para a escolha de Lisboa como cidade de acolhimento. O elevado número de migrantes levou a uma alteração da estrutura e da dinâmica da cidade, conduzindo a um crescimento e a um desenvolvimento não só da cidade em si, como também de toda a zona circundante. O segundo factor relaciona-se com o próprio investigador, o qual pelo facto de viver e de participar na dinâmica desta cidade, teve uma maior facilidade nas deslocações para recolha dos dados.

A razão da escolha de mulheres hindus que possuam um domínio da língua portuguesa prende-se com o desconhecimento por parte do investigador do *gujarati*, língua frequentemente falada entre os hindus, bem como do *hindi* e de outros dialectos frequentemente utilizados nesta comunidade. Consideramos que esta variável não seria demasiado restritiva, visto um grande número de elementos desta comunidade se encontrar estabelecida neste país há muitos anos, utilizando o português como língua preferencial no seu contacto com a população autóctone e no estabelecimento das relações sociais e profissionais.

As variáveis relativas à idade que estabelecemos prendem-se com o facto de querermos saber se ocorre ou não transmissão de práticas relativas à maternidade e aos cuidados à criança, entre a geração mais antiga e as mulheres que tinham sido mães recentemente. A escolha de mães com filhos até dois anos de idade deve-se ao elevado número de práticas associadas às crianças até esta idade, nomeadamente cuidados específicos tais como o banho, a massagem, a alimentação e outros rituais de iniciação e de integração na família e na sociedade.

#### 4.4. Selecção da Amostra

A limitação temporal a que estávamos obrigados e o elevado número de mulheres hindus que residem na área metropolitana de Lisboa tornou impraticável a aplicação dos instrumentos de colheita de dados à totalidade dos elementos que respeitavam os critérios de selecção, pelo que se optou por um sub-conjunto da população que permitisse analisar os dados obtidos.

A amostra foi seleccionada através da técnica de amostragem não probabilística, que Carmo e Ferreira (1998, p. 192) dizem ser:

*“seleccionadas de acordo com um ou mais critérios julgados importantes pelo investigador tendo em conta os objectivos do trabalho de investigação que está a realizar”.*

Os critérios de inclusão já referidos na determinação da população-alvo mantiveram-se para a escolha da amostra, sendo essencial que as mulheres seleccionadas quisessem participar neste estudo. Pretendeu-se que esta amostra fosse o mais diversificada possível a nível etário, de condições sócio-económicas e de local de nascimento, para abranger diversas realidades e desta maneira enriquecer o estudo. Ruquoy (1997, p. 103) refere:

*“Nos estudos qualitativos interroga-se um número limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade no sentido estatístico do termo, não se coloca. O critério que determina o valor da amostra passa a ser a sua adequação aos objectivos da investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida”.*

Cada uma das entrevistas, das observações fílmicas e fotográficas e das observações participantes foi uma experiência singular, rica em conteúdo e simbolismo. O número da amostra foi definido pela condicionante do tempo, que exerceu um carácter limitativo e determinante.

#### 4.5. Procedimentos Metodológicos e Técnicas Utilizadas

O total desconhecimento sobre a filosofia hindu tornou obrigatória e indispensável uma revisão bibliográfica pormenorizada sobre esta religião, sobre os seus conceitos fundamentais e sobre a forma como a população migrante hindu vive em Portugal. A pesquisa documental abrangeu essencialmente quatro áreas distintas: o hinduísmo, a migração, a comu-

nidade hindu de Portugal e a maternidade e decorreu durante todo o estudo, tendo sido necessária a revisão permanente de conceitos e a introdução de novas ideias e novas temáticas que vieram reforçar ou dar uma perspectiva diferente aos dados obtidos.

O conhecimento conceptual revelou-se de extrema importância e utilidade pois permitiu compreender a cultura hindu nos seus mais variados aspectos tais como conceitos, valores, princípios e comportamentos. Para além de alargar a perspectiva, possibilitou a compreensão do que é esperado de cada pessoa na sociedade hindu, quais as atitudes e comportamentos habituais, as expectativas e as tradições.

As leituras efectuadas alertaram para aspectos culturais característicos contribuindo para um maior envolvimento nas práticas, nos rituais e nos costumes.

O entendimento do nível de integração na sociedade de acolhimento, das razões da migração, das dificuldades sentidas ou simplesmente o conhecimento da dinâmica familiar só foi possível devido a uma abordagem exaustiva da qual resultaram compreensão, interiorização e uma maior receptividade.

A temática da maternidade incidiu sobretudo na vertente da sua relação com a migração e com a filosofia hindu, evidenciando aspectos que foram considerados os mais pertinentes para o estudo.

Após a pesquisa documental aprofundada optou-se por uma estratégia metodológica que desse continuidade à necessidade de um maior conhecimento das pessoas e do meio envolvente. O método de pesquisa de terreno de tipo etnográfico ainda que mais moroso, devido à necessidade de estabelecermos relações sociais com os diversos intervenientes de forma gradual, permitiu uma melhor inserção e compreensão da cultura hindu, alertando-nos para determinadas realidades que poderiam estar camufladas. Costa (1986, p. 129) refere “*O método de pesquisa de terreno supõe, genericamente, presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e as situações*”. Mais do que conhecer e obter dados sobre uma problemática, este método permite uma descoberta mais profunda, tendo em conta diversas perspectivas. A observação do quotidiano das pessoas, do que dizem e do seu modo de agir permite uma análise e uma reflexão que, complementada com informações de pessoas qualificadas, documentos e outras técnicas, contribuem numa fase inicial para a entrada num universo desconhecido e posteriormente para o verdadeiro conhecimento

e compreensão de práticas, costumes e processos sociais que integram o meio e os sujeitos do estudo.

Paralelamente, para um conhecimento mais pormenorizado da literatura hindu, frequentamos algumas sessões explicativas dos ensinamentos e recomendações contidos no *Bhagavad-gita* no *Centro Hare Krishna*, em Lisboa. Estas sessões permitiram uma introdução aos textos religiosos hindus e também proporcionaram a observação de um outro aspecto da cultura hindu – o modo como cada pessoa interpreta e transporta para a sua vida diária os ensinamentos contidos nesses textos. Além destas sessões, frequentamos algumas reuniões de mulheres que decorriam em sábados alternados no *Baps Shri Swaminarayan Mandir* e onde, para além de assistirmos à troca de conhecimentos sobre o papel da mulher na religião e nas práticas, foi também estabelecido um contacto de aproximação com as mulheres, com a forma como cozinhavam e com a forma como oravam. Nesta missão também decorriam, por vezes, palestras com representantes e sacerdotes da comunidade hindu vindos de Londres, às quais fomos também convidados a assistir. Visto a colheita de dados ter incidido particularmente no mês de Agosto, considerado o mês sagrado, celebrado em honra de *Shiva*, assistimos durante uma semana seguida às orações realizadas no templo em honra desse Deus. Também na Quinta da Vitória visitamos o templo hindu, recentemente inaugurado, falando com algumas mulheres que são responsáveis pelo templo e assistindo às orações. Como as mulheres conheciam o trabalho que pretendíamos desenvolver, fomos convidados a assistir à inauguração do Templo de *Shiva*, nas Torres da Bela Vista, observando alguns dos rituais, jogos e tradições da Índia, bem como participando em algumas conversas com as mulheres e no convívio entre todos os membros que esteve presente após os rituais de inauguração. Esta participação em festas, reuniões e inaugurações permitiu-nos um melhor conhecimento da realidade, mas sobretudo uma aceitação dentro da própria comunidade, aumentando a confiança e a intimidade e até criando laços de amizade.

Após uma análise documental inicial foram efectuadas seis entrevistas a informantes qualificados que abrangeram as nossas áreas de estudo. Para este efeito, contamos com a colaboração de representantes da Comunidade Hindu que nos forneceram dados sobre a comunidade, sobre os seus objectivos e actividades, falámos com médicas e mulheres da comunidade que fizeram uma abordagem ao conceito de mulher hindu e suas funções, com homens que desempenham funções religiosas e que partilharam os seus conhecimentos sobre a cultura e a religião hindu. Estas entrevistas, ricas no seu conteúdo e valorizadas pelas funções desempenhadas pelos seus interlocutores, revelaram-se muito esclarece-

doras e contribuíram através da sua vasta sabedoria e conhecimento com informações valiosas no sentido de sensibilizar, elucidar e orientar esta investigação, permitindo uma entrada mais segura no mundo e na filosofia hindu. A diversidade de profissões, em conjunto com as diferentes funções que acumulavam na Comunidade Hindu de Portugal e no *Centro Radha Krishna* de Lisboa, vieram enriquecer e alargar a perspectiva a que inicialmente nos tínhamos proposto. Estes informantes qualificados revelaram-se um veículo privilegiado para o contacto inicial com as famílias hindus e simultaneamente disponibilizaram elementos de informação e de opinião essenciais para o conhecimento da filosofia do hinduísmo e para a percepção de aspectos particulares das famílias, nomeadamente redes sociais, relações interpessoais e ligação com o país de acolhimento.

Estes procedimentos, necessários mas morosos, conduziram à necessidade de reformular o planeamento das actividades inicialmente estabelecidas.

Com estes conhecimentos cresceu o desejo de saber mais e a construção dos instrumentos de colheita de dados constituiu a etapa seguinte. A opção por utilizar vários instrumentos foi feita de forma consciente, no sentido de enriquecer a pesquisa. Deste modo, seleccionámos a entrevista semi-estruturada, a observação participante, a observação filmica e a observação fotográfica, pois pensamos que estes instrumentos permitiriam a recolha de informações que dessem resposta aos objectivos e às perguntas de partida inicialmente formulados.

Em seguida, desenvolvemos esforços para contactar com mulheres da comunidade hindu que nos dessem informações sobre a temática da maternidade e dos cuidados à criança. Mais uma vez o ponto de partida foi a sede da Comunidade Hindu de Portugal, tendo sido formulado um pedido de autorização para consultar o livro de registos de nascimento das crianças hindus. Paralelamente, foram efectuados pedidos de autorização para colheita de dados em dois hospitais com valência em obstetrícia, situados em Lisboa, para que se pudesse proceder ao contacto inicial com mães hindus que tivessem tido os seus filhos nas referidas maternidades. Todos os pedidos de autorização foram aceites, pelo que se estabeleceu que mensalmente seriam feitas visitas ao Centro *Radha Krishna* para se colher dados relativos ao nascimento de crianças hindus e foi estabelecido com as enfermeiras chefes dos Serviços de Obstetrícia das referidas maternidades contactos para que informassem telefonicamente da existência de alguma puérpera hindu que respeitasse as condições previamente estabelecidas e necessárias para o estudo.

Muitos dos registos obtidos nas maternidades foram posteriormente confirmados através da consulta do livro de registo de nascimentos na Comunidade Hindu de Portugal.

Optou-se por não efectuar a colheita de dados nas maternidades, visto as mulheres estarem numa situação em que o cansaço se mistura com a alegria e a preocupação com o novo elemento da família e também porque nos interessava observar como estas mães cuidavam dos seus filhos no seu contexto natural e diário. Deste modo, alguns contactos foram iniciados ainda na maternidade sendo combinado um contacto posterior, confirmado antes por telefone. Os restantes contactos foram efectuados através de contacto telefónico directo ou através de senhoras que nos indicavam o contacto de amigas suas que tinham tido bebés ou através de pessoas que conheciam mulheres que tinham sido avós recentemente.

Este estudo pretendeu abarcar toda a envolvência cultural e social das mulheres. Mais do que uma resposta às perguntas inicialmente propostas, ele ambicionou recolher testemunhos e histórias que retratassem a vivência diárias destas mulheres.

Inicialmente tínhamos limitado este estudo à cidade de Lisboa, mas visto existir uma maior concentração de imigrantes hindus nalguns núcleos populacionais nos arredores de Lisboa, tais como Portela de Sacavém e Santo António dos Cavaleiros, optamos por alargar a população incluindo mulheres que viviam nestas localidades, pertencentes ao concelho de Loures.

A colheita de dados foi efectuada na casa das entrevistadas, tendo-se escolhido uma hora que fosse propícia e em que houvesse um menor risco de interrupções. Apesar de muitas vezes não conhecermos os locais de habitação, estes eram facilmente identificáveis pois na porta existiam símbolos de boas-vindas, o *Svastika*, decoração com folhas de *Pippala* (figueira dos pagodes), figura de deuses, em particular do Deus Ganesha ou ainda outros símbolos e pinturas característicos da cultura hindu e que são considerados como elementos de festa, alegria e protecção da casa.



Fotografia 3 — Porta de uma casa hindu decorada com símbolos de boas-vindas



Fotografia 4 — Pormenor do chão decorado com símbolo de boas-vindas na entrada de uma casa hindu

Apesar da maioria das entrevistas ter decorrido nas habitações particulares, houve excepções, justificadas pela actividade profissional de algumas mulheres que preferiram que as entrevistas decorressem no seu local de trabalho, antes da abertura da loja ou depois do seu fecho.

No início da entrevista foram novamente apresentados os objectivos do estudo e os motivos que levaram a optar por esta temática. Em seguida, pediu-se autorização para gravação em audio das entrevistas. Foi assegurada a confidencialidade e o uso estritamente para fins de investigação,

bem como o facto de que iríamos posteriormente mostrar os dados colhidos da respectiva entrevista. A maioria dos entrevistados dispensou esta última fase, pedindo porém que não fossem divulgados os nomes ou qualquer outro elemento que fosse susceptível de identificação. A justificação para esse pedido foi o respeito pela restante família, nomeadamente pela sogra e pelos ensinamentos por ela transmitidos, os quais muitas entrevistadas não seguiam por falta de tempo ou por não concordar.

A observação participante decorreu paralelamente com a entrevista e foi centrada sobretudo no espaço doméstico e no ambiente físico que rodeava a mãe e a criança, bem como nos aspectos culturais identificativos da cultura hindu e influências visíveis da cultura de acolhimento.

As observações fílmicas e fotográficas decorreram num período posterior em que já existia uma maior familiaridade com as pessoas da casa, e foram efectuadas após uma combinação prévia da hora, assegurando sempre a confidencialidade dos registos. A participação dos intervenientes foi espontânea, havendo mesmo mulheres que nos contactaram oferecendo-se para as observações fílmicas.

#### 4.6. Instrumentos de Colheita de Dados

O verdadeiro conhecimento de uma realidade só é possível através do conhecimento das pessoas que a vivenciam. Esse conhecimento, longe de se restringir aos actos, deve permitir que os entrevistados falem sobre as suas experiências, os seus sentimentos procurando enquadrar as respostas num ambiente mais vasto. Foi com este propósito que se optou pela escolha de vários instrumentos de colheita de dados.

Ao optarmos pela entrevista semi-estruturada como instrumento de colheita de dados pretendíamos obter informações que aconteceram num determinado contexto, que traduzissem acontecimentos e situações, que expressassem sentimentos e que fossem representativos de cada entrevistado. Esta forma de abordagem permitiu conhecer o modo único e pessoal de encarar a gravidez, a família e a forma de cuidar das suas crianças. Esta fonte de informação possibilita uma interacção mais profunda com o entrevistado, analisando também atitudes e comportamentos durante o seu discurso. A entrevista semi-estruturada é segundo Quivy (1998, p. 192):

*“a mais utilizada em ciências sociais”*. Ghiglione e Matalon (1993, p. 96) caracterizam este tipo de entrevista como sendo aquela na

qual “o indivíduo é convidado a responder de forma exaustiva, pelas suas próprias palavras e com o seu próprio quadro de referência, a uma questão geral”.

Outro instrumento de colheita de dados que se utilizou foi a observação participante, que segundo Iturra (1986, p. 149) “é o envolvimento directo que o investigador de campo tem com um grupo social que estuda dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo”. Acreditamos que este tipo de observação se ajustou ao estudo em causa pois permitiu observar as situações tal como elas acontecem, no seu meio natural. Visto as entrevistas terem decorrido, na sua maioria, em casa das entrevistadas foi possível observar, sem interagir, vários aspectos e situações como a dinâmica familiar, alguns cuidados que se tem com a criança, momentos de preparação e confecção de alimentos, a oração no *mandir* doméstico, entre outras. Foram essencialmente estes aspectos que constituíram a nossa observação, sendo um conjunto de indicadores que complementaram os dados obtidos pelos restantes instrumentos de colheita de dados. O registo destes elementos foi feito num bloco de notas logo após a observação.

A observação fílmica permite um reconstituir pormenorizado, completo e real do que o investigador observou e dá a possibilidade de se poder observar e analisar uma situação repetidamente. Desde cedo os antropólogos reconheceram as vantagens desta metodologia, utilizando-a e aperfeiçoando-a no sentido de captar uma realidade objectiva e clara, livre de interpretações e sugestões dos próprios investigadores. Vários são os autores que se referem às vantagens da observação fílmica. Ramos (2001, p. 164) refere que Mead defendia o filme pois ele “permite a observação, a comparação e salvaguardar os comportamentos para gerações futuras”. A mesma autora considera que:

*“O filme constitui um método científico para estudar, observar, analisar, de forma ordenada, rigorosa, repetida, diferida, minuciosa, o Homem, os seus comportamentos, as suas actividades, as suas formas de comunicar e as relações que estabelece com o seu meio”.*

Esta abordagem totalmente desconhecida por nós anteriormente, revelou-se muito enriquecedora e constituiu a materialização de muitas ideias e conceitos transmitidos ao longo das entrevistas. A possibilidade de complementar e também de confrontar as práticas que as mulheres diziam fazer com as que realmente faziam constituiu uma forma única de compreender as representações e a realidade sentida e vivenciada por estas mulheres na sociedade de acolhimento. Mais do que captar simples

gestos, esta metodologia permitiu efectuar um registo de uma cultura, de formas de cuidar específicas que constituem só por si uma riqueza inigualável de uma realidade que existe no nosso dia-a-dia.

O conhecimento e compreensão de um fenómeno não pode ser meramente teórico, deve ir ao encontro de uma realidade tal como ela é vivenciada e sentida pelos seus actores. O método de observação sequencial fílmica permite ter essa percepção: conhecer um saber e um saber fazer que muitas vezes é esquecido ou não valorizado pelos próprios intervenientes (Ramos, 1993; 2003). É esta vertente que pretendemos analisar neste estudo.

A constatação e a comparação entre o que se diz e o que se faz é uma necessidade para o enriquecimento da própria investigação. Ramos (2002a, p. 480) refere:

*“Os estudos culturais comparativos, assim como a confrontação do discurso parental e dos educadores com a observação fílmica em meio natural, constituem uma metodologia importante, não só para analisar os processos de desenvolvimento e educação nas suas especificidades e universais, como também para compreender a relação complexa entre as representações, os estilos comunicacionais, as práticas de cuidados, saúde e educação e os contextos sociais e culturais”.*

O método fílmico fornece vantagens únicas. Através dele podemos olhar a realidade sem enviesamentos, relembrar sem correr o risco de adicionar ou subtrair informações, contrapor a linguagem verbal e a linguagem não verbal, captar elementos que poderiam passar despercebidos e que se revestem de uma importância extrema para a compreensão objectiva e real de situações, comportamentos e relações sociais e familiares.

Relativamente às interacções que se estabelecem entre os adultos e as crianças, nomeadamente nos cuidados prestados, a observação fílmica permite a observação das práticas em meio natural e visualizar as dinâmicas familiares a elas subjacentes. A forma como os adultos cuidam das suas crianças, como brincam e como as educam traz subjacentes valores, conceitos, comportamentos e práticas que por estarem já interiorizados são considerados como banais e não são valorizados. A imagem através do filme permite uma consciencialização desses gestos, da sua importância e mais do que uma forma de conhecimento e de análise, serve como metodologia de reflexão, formação e intervenção (Ramos, 1993; 2003).

Também a observação fotográfica permitiu uma análise mais detalhada de momentos quotidianos que fazem parte da realidade hindu em Portugal. A retenção de pormenores através da imagem permitiu captar fielmente momentos e aspectos da cultura hindu que se poderiam dispersar se não houvesse um registo.

#### 4.6.1. Construção dos instrumentos de colheita de dados

A elaboração do guião da entrevista pretendeu dar resposta às perguntas orientadoras e atingir os objectivos que tínhamos delineado para o estudo. Visto ser uma entrevista semi-estruturada criaram-se apenas algumas perguntas que servissem de linhas orientadoras mas que permitissem às entrevistadas fazer associações de acontecimentos e situações que enriquecessem o conteúdo e que exprimissem também as suas vivências e permitissem recordar alguns episódios. Foram constituídos cinco blocos, nomeados de A a E, cada um dos quais correspondente a um grupo de perguntas específicas, elaboradas de forma simples para que fossem facilmente entendidas e para que não houvesse dúvidas. O primeiro bloco, **Bloco A**, pretendeu legitimar a entrevista e motivar o entrevistado a colaborar, informando-o sobre as razões da entrevista, os seus objectivos, estimulando a sua participação e assegurando a confidencialidade. O **Bloco B** destinou-se a recolher dados demográficos que permitissem a caracterização dos entrevistados. Em seguida, as questões colocadas no **Bloco C** serviram para analisar o percurso migratório mais profundamente e também conhecer o que é valorizado e mantido da cultura de origem do entrevistado e qual o tipo de interacção mantida com a cultura de acolhimento. O **Bloco D** visou identificar os cuidados e rituais que a mulher hindu tem durante a gravidez e as práticas e rituais relativos à criança nos anos iniciais de vida. Por último, o **Bloco E** designado por Cuidados de Saúde, pretendeu analisar a percepção da mulher hindu sobre os cuidados de saúde e a sua relação com a cultura hindu e consequentemente, com a cultura de acolhimento.

As perguntas foram efectuadas de modo a favorecer o desenvolvimento das questões, permitindo que as entrevistadas não só dissessem como cuidavam das crianças e qual a sua percepção sobre a maternidade e o hinduísmo, mas também fossem buscar recordações e ensinamentos mais antigos sobre a forma como foram cuidadas, permitindo desta forma comprovar uma evolução que é inevitável.

A observação participante centrou-se na recolha de informações sobre o modo de vida e a vivência da cultura hindu. A entrada nas casas hindus

constituiu uma entrada no mundo hindu, onde os conceitos, os valores e os princípios que encontramos ao longo da revisão bibliográfica efectuada se materializaram. A observação incidiu inicialmente sobre aspectos identificativos da cultura hindu e sobre os cuidados e as práticas relacionados com a criança. No entanto, desde o início resolvemos incluir também os aspectos relativos à dinâmica familiar, à participação de outros membros nos cuidados à criança e de aspectos onde a influência da cultura de acolhimento se fizesse sentir. As notas relativas a este tipo de observação foram efectuadas imediatamente a seguir à entrevista num bloco onde se registou a interacção entre os elementos da casa, as tarefas que as mulheres desenvolviam, a ligação com familiares e vizinhos, o papel da criança na família hindu e outras considerações tidas como relevantes para o estudo.

A observação fílmica foi restringida nesta investigação aos cuidados de higiene e conforto prestados no momento da massagem e do banho da criança. Deste modo, pudemos observar mais pormenorizadamente a preparação para a massagem, a sua técnica e o banho, contribuindo para um enriquecimento visual e para um registo mais completo e real sobre estes cuidados em particular. Mais do que observar os gestos e os comportamentos, a observação fílmica permitiu observar em pormenor o estatuto da mulher e o seu papel, bem como a interajuda entre todas as mulheres da casa. Para estas observações escolhemos um local do quarto que não interferisse no desenrolar da preparação e execução das tarefas, limitando-nos a acompanhar todo o processo.

A observação fotográfica, apesar de ter acompanhado todo o estudo, incidiu particularmente nos momentos de massagem e do banho das crianças retratando momentos importantes relacionados com os cuidados à criança. Ao longo de toda a investigação foram captados momentos elucidativos da cultura hindu, nomeadamente festas e celebrações que contribuíram para uma percepção mais abrangente da vivência desta comunidade em Portugal.

#### 4.6.2. Validação dos instrumentos de colheita de dados

Polit (1995, p. 169) diz que todos os instrumentos de colheita de dados necessitam de ser submetidos a um pré-teste e que este “*constitui uma tentativa para que se determine, o quanto possível, se o instrumento está enunciado de uma forma clara, livre das principais tendências e além disso, se ele solicita o tipo de informação que se deseja*”.

A compreensão das perguntas contidas no guião da entrevista era fundamental para a obtenção de dados correctos. Com este objectivo procedemos à validação do guião da entrevista. Esta decorreu nos dias 16 e 17 de Maio de 2004, a três mulheres da comunidade hindu que respeitassem os critérios de selecção por nós estabelecidos. As entrevistas de pré-teste foram gravadas em registo magnético sendo posteriormente analisadas. Não se verificou a necessidade de qualquer alteração no guião, visto as entrevistadas compreenderem perfeitamente as questões colocadas, não mostrarem qualquer dúvida, nem terem tido comportamentos ou reacções que levassem a uma reformulação ou alteração da ordem das perguntas.

Relativamente, aos registos das observações e à observação fílmica também foram realizados pré-testes. No primeiro caso, verificou-se que o registo simultâneo de notas e observações interrompia, por vezes, o discurso ou a acção do entrevistados optando-se, em geral, por fazer o registo imediatamente *a posteriori*. O pré-teste da observação fílmica decorreu sem interferências.

#### 4.6.3. Implementação dos instrumentos de colheita de dados

A colheita de dados para este estudo encontrou alguns obstáculos, revelando-se numa fase inicial mais difícil do que o previsto. O desconhecimento por parte dos membros de algumas famílias sobre o investigador, associado às dificuldades de comunicação e por vezes, às dificuldades socio-económicas em que algumas famílias viviam constituíram entraves que só foram possíveis de ultrapassar com o tempo e com um conhecimento mais profundo. Para a implementação dos instrumentos de colheita de dados foi efectuado um contacto telefónico prévio para combinar a hora e o local mais apropriados.

Este contacto telefónico anterior foi, por vezes reforçado, e a pedido de algumas mulheres, com um contacto pessoal ou telefónico efectuado aos maridos das entrevistadas que tinham curiosidade e interesse em saber os motivos da entrevista e o destino dos dados colhidos. Após o consentimento, tanto do marido como da entrevistada, procedeu-se à marcação da data e hora da entrevista.

A realização das entrevistas dependeu da participação voluntária e da disponibilidade das mulheres hindus. Estas decorreram entre 2 de Junho e 15 de Setembro de 2004. Foi efectuado registo magnético após autorização e após esclarecimento das entrevistadas. A duração média das entrevistas foi de uma hora.

A observação participante decorreu no mesmo período de tempo que as entrevistas. A riqueza e a especificidade do quotidiano hindu foi um dos aspectos que pudemos observar desde o início. Esta riqueza foi sublimada no período de colheita de dados, que coincidiu com a celebração do mês de *Shiva*. Neste mês, o aspecto religioso adquiriu uma grande importância, sobretudo para as mulheres hindus, as quais se deslocavam aos templos e aí faziam as suas orações e meditavam em conjunto.

A observação fílmica foi efectuada num período posterior que decorreu entre 17 de Setembro e 17 de Novembro de 2004, após consentimento esclarecido e por escrito das intervenientes.

#### **4.7. Organização e Tratamento de Dados**

Após a realização das entrevistas, foi efectuada uma audição inicial no sentido de relembrar o que foi dito e evidenciar aspectos aos quais as entrevistadas atribuíram maior importância. As entrevistas foram transcritas e numeradas de acordo com a sequência em que foram efectuadas. Posteriormente, foram lidos os verbatim das entrevistas para destacar ideias e conceitos considerados importantes. Este procedimento embora moroso e trabalhoso permitiu descobrir novas ideias, práticas que mereceram uma nova pesquisa bibliográfica.

Para o tratamento e análise dos dados das entrevistas foi efectuada a análise de conteúdo, não sistematizando em categorias, mas valorizando o seu conteúdo e enquadrando o discurso das entrevistadas num contexto mais abrangente. As respostas e as conversas decorrentes da entrevista enriqueceram o estudo e contribuíram para um maior esclarecimento sobre o tema, o que foi motivador.

Os dados colhidos na observação participante, fílmica e fotográfica foram estruturados em sequências relativas aos assuntos estudados, enquadrando e retratando a temática que nos propusemos estudar.

#### **4.8. Limitações do Estudo**

A descoberta e verdadeiro conhecimento de uma comunidade no país de acolhimento só é possível sem limites de tempo, entrando na sua vivência e interiorizando a sua cultura. A compreensão das suas práticas diárias, do seu entendimento sobre a sua própria cultura, das estratégias que desenvolveram para se integrar na sociedade de acolhimento não se

compadecem com uma imposição temporal que estava inerente a este estudo. O desconhecimento sobre a cultura hindu tornou necessário um dispêndio acrescido de tempo, que embora muito útil, exigiu uma gestão mais restrita do tempo disponível.

Ir ao encontro das pessoas, conhecê-las, pressupõe disponibilidade não só do investigador, mas também, das próprias pessoas, que de acordo com as suas disponibilidades colaboram no estudo. A coordenação entre o tempo necessário para a realização desta investigação e os afazeres, tanto do investigador como dos membros da comunidade hindu, foi tarefa árdua e complicada. Acreditamos que se tivéssemos tido oportunidade de prolongar este estudo ele se mostraria mais rico, sendo possível analisar mais profundamente a realidade que pretendíamos estudar.

Uma limitação que se tornou bastante evidente desde o início da investigação foi o desconhecimento total sobre a língua mais utilizada na comunidade hindu: o *gujarati*.

Com efeito, apesar de um grande número de mulheres falarem português, o *gujarati* é a língua mais utilizada em conversas domésticas e mesmo entre as mulheres hindus. Também nas sessões em que participamos e nas reuniões de mulheres que decorreram no *Baps Shri Swaminarayan Mandir*, o *gujarati* foi a língua dominante. Apesar de muitas vezes, as mulheres mostrarem preocupação em traduzir para português para facilitar a nossa compreensão, acreditamos que o conhecimento mesmo que rudimentar da língua materna dos nossos entrevistados permitiria abarcar uma realidade, uma autenticidade, uma objectividade muitas vezes ocultada pela tradução.

A inexperiência na observação participante e filmica só pôde ser colmatada por um esforço suplementar e pelo apoio constante dado pela orientadora do estudo. Com efeito, estar presente sem interferir na acção, sem intervir foi uma postura que necessitou de ser estudada e trabalhada.

Acreditamos também que a observação participante deveria ter sido mais alargada, analisando vários aspectos e momentos ao longo do dia da mesma família, contribuindo para um conhecimento mais profundo e abrangente da realidade desta comunidade.

A carência de tempo foi determinante para não estendermos mais as observações filmicas, componente rico e valioso deste estudo. A receptividade e entusiasmo demonstrados pelas mulheres hindus ao ser pro-

posta esta prática pressupunham uma compreensão mais concreta das suas práticas que não foi possível explorar.

Outras das limitações encontradas foi a escassez de estudos desenvolvidos nesta área, acrescendo uma maior dificuldade na pesquisa bibliográfica e na elaboração do trabalho.

#### 4.9. Implicações Éticas

Este estudo procurou sempre respeitar as normas éticas e deontológicas imprescindíveis em qualquer investigação. Para esse efeito foram desenvolvidas acções que assegurassem o cumprimento ético do estudo.

Inicialmente foi solicitada autorização à Comunidade Hindu de Portugal para a consulta do livro de registo de nascimentos através dos quais procedemos ao contacto para efectuar a colheita de dados.

Os pedidos de autorização para contacto inicial com as mulheres hindus foram efectuados aos Conselhos de Administração do Hospital Dona Estefânia e Maternidade Alfredo da Costa. Relativamente ao primeiro hospital foi-nos solicitado pela sua Comissão de Ética a apresentação do guião da entrevista e a folha respeitante ao consentimento livre e esclarecido. Após apreciação, a autorização para a realização do estudo foi concedida.

Iniciou-se a colheita de dados após terem sido explicados os motivos, os objectivos do estudo e os fins para que se destinava. A colheita de dados só foi efectuada após autorização do entrevistados, assegurando a sua confidencialidade e anonimato.

A autorização para registo fílmico e fotográfico foi feita através da assinatura do consentimento informado.

No sentido de assegurar o seu direito à autodeterminação foi dito aos participantes que poderiam abandonar a investigação, a qualquer momento, sem necessitar de dar explicações.

No final de cada colheita de dados foi novamente assegurada a confidencialidade e o uso dos dados apenas para fins académicos e científicos.

## 5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As mulheres hindus que residem em Portugal encontram na sociedade portuguesa um lugar mais reservado, apesar de igual importância. A sua participação activa na sociedade portuguesa ainda não é muito visível, embora esteja numa fase de crescimento, traduzida pelo número crescente de mulheres hindus que entram nas universidades, que participam nas actividades comerciais da família e que têm a sua actividade profissional estabelecida. O lugar tradicional da mulher, que estava limitado à casa, está a ser transposto para a vida social e comunitária, passando a sua acção a ter maior visibilidade. No entanto, ainda hoje subsiste a ideia de que a mulher hindu assume a sua maior importância em casa, zelando pela harmonia e pelo bem-estar familiar. Esta ideia principalmente defendida pelos hindus mais antigos, quer mulheres quer homens, confina às mulheres o papel de regente da casa, cuidando da família e mantendo sempre presentes os valores e as tradições hindus.

A nível da comunidade hindu, as mulheres são as grandes dinamizadoras e detentoras dos valores tradicionais e de práticas ancestrais que procuram transmitir fielmente aos seus filhos e funcionam como pedras basilares da ética, da moral e da cultura hindu. Através do seu comportamento e da postura desenvolvida no quotidiano, elas são a tradução viva de hábitos antigos transportando consigo conhecimentos variados sobre festividades, rituais e cerimónias que eram praticados pelos seus antepassados, que lhes foram transmitidos oralmente e que teimam em manter e preservar.

A ligação que as mulheres hindus mantêm com os seus filhos nos primeiros anos de vida é muito forte, sendo elas as responsáveis pela sua educação e pela sua formação. Desde o início da gravidez, e até antes, as mulheres oram e pedem protecção aos deuses e a todos os antepassados não só para si e para o momento do parto, mas também para os filhos, para que eles cresçam e se formem como verdadeiros hindus, respeitando os seus pais, os avós, a família e a cultura hindu. Toda a família é envolvida durante a gravidez, no nascimento e no crescimento de uma criança, mobilizando esforços, orações e rituais para que sejam favoráveis ao novo ser. A execução e cumprimento das tradições e dos rituais é da responsabilidade das mulheres, particularmente das mais idosas, que detêm a prática e a sabedoria necessárias. As mulheres hindus mais jovens limitam-se a seguir o que lhes é ensinado pelas suas mães, sogras ou cunhadas cumprindo o que lhes é dito. Elas vão interiorizando, de forma gradual, estes ensinamentos até chegar a altura em que elas próprias irão ensinar as raparigas e mulheres mais novas.

Com a saída do seu país de origem e a vinda para Portugal, algumas das práticas e dos cuidados relacionados com as crianças mantiveram-se e outros foram alterados. No entanto, os rituais e as festividades relacionados com a criança continuam a efectuar-se, pedindo saúde, sorte e um destino favorável para ela.

O conhecimento das interacções, dos cuidados diários prestados pela família às suas crianças, quando em contexto migratório, fornecem dados importantes sobre a cultura, as representações sociais, os valores, os princípios que orientam a família migrante mas funcionam também como orientações para uma melhor percepção e compreensão das suas diferenças e das suas dificuldades e, conseqüentemente, para uma integração mais consistente e mais estável. As mulheres migrantes, principais detentoras da sabedoria popular e das práticas cuidativas, são os principais alicerces dos valores culturais nos países de acolhimento.

A imigração pressupõe uma influência mais ou menos sentida das práticas da sociedade de acolhimento. No entanto, a cultura, as origens mantêm-se sempre presentes e perduram manifestando-se nas práticas diárias, nos valores e nas opiniões. Na cultura hindu a prática e a perpetuação das tradições relacionadas com o nascimento e o cuidar das crianças encontram-se entregues às mulheres. São elas as principais responsáveis pela educação, formação e desenvolvimento dos filhos e pela transmissão de valores e de comportamentos às mulheres hindus mais jovens.

Estudar as percepções de maternidade que as mulheres da comunidade hindu de Lisboa têm, o que mantêm da sua cultura de origem e o que assimilaram da sociedade de acolhimento reveste-se de extrema importância para se compreender efectivamente a forma de cuidar na cultura hindu. Para a prossecução deste estudo foi necessário delimitar um conjunto de indivíduos com características bem definidas e que dessem resposta aos objectivos inicialmente traçados.

## **5.1. Caracterização dos Sujeitos do Estudo**

### **5.1.1. Caracterização da população-alvo**

A temática deste estudo relaciona-se com a maternidade e os cuidados à criança na cultura hindu. Tendo em vista que a maternidade nesta cultura é um espaço predominantemente feminino, delimitamos um conjunto de

sujeitos que tivessem uma experiência recente nesta área e que tivessem disponibilidade para falar sobre as suas experiências.

A forma de cuidar, de acarinhar uma criança é muito própria e tem origem no modo como cada mulher foi criada, nas práticas e tradições que faziam parte da sua família e que lhes foram transmitidas.

A população-alvo deste estudo são mulheres da comunidade hindu residentes na área metropolitana de Lisboa e arredores que sejam avós ou que tenham tido filhos à menos de dois anos e que dominem a língua portuguesa.

### **5.1.2. Caracterização da amostra**

O estudo da totalidade da população-alvo seria um impossibilidade tanto em termos de tempo como em termos de operacionalidade. Deste modo, optou-se por estudar uma amostra que respeitasse as condições previamente estabelecidas (Quadro 1).

A amostra foi constituída por 38 mulheres, com idades compreendidas entre os 19 e os 68 anos, englobando desta forma mulheres que desempenhassem o papel familiar de mães ou de avós. Entre estas, incluímos a condição de terem tido filhos há menos de dois anos ou de terem sido avós recentemente, justificando esta escolha por terem presentes no seu dia a dia as actividades e os cuidados inerentes ao contacto diário com as suas crianças.

**Quadro 1 — Caracterização geral da amostra**

Características	Dados
N.º de entrevistadas	38
Idade	Entre os 19 e os 68 anos.
Local de nascimento	Moçambique (20); Outros países africanos (3); Índia (12); Portugal (3).
Profissão	Doméstica (25); Loja da família (4); Empregada doméstica (2); Psicóloga (1); Vendedora de feira (1); Dona de mini-mercado (1); Trabalhadoras de supermercados (2); Recepcionista (1); Desempregada (1).
Local de habitação	Casa própria (26); Casa da sogra (10); Casa dos pais (1); Casa alugada (1).
Habilitações literárias	4.ª classe (9); 6.º ano (1); 7.º ano (4); 8.º ano (1); 9.º ano (10); 10.º ano (2); 11.º ano (2); 12.º ano (7); Licenciatura (2)
Número de filhos	1 filho (17); 2 filhos (10); 3 filhos (8); 4 filhos (1); 5 filhos (2).
Tempo que está em Portugal	Menos de 10 anos (11); Entre 10 e 20 anos (11); > ou igual a 20 anos (16).
Percurso migratório	Moçambique – Portugal (16); Índia – Portugal (10); Índia – Moçambique – Portugal (1); Moçambique – Portugal – Suazilândia – Portugal (1); Moçambique – Índia – Portugal (3); Malawi – Índia – Moçambique – Portugal (1); Índia – Portugal – Londres – Portugal (1); Portugal (2); Malawi – Moçambique – Portugal (1); Tanzânia – Índia – Tanzânia – Portugal (1); Portugal – Moçambique – Portugal (1).

A maioria das entrevistadas enquadra-se numa faixa etária jovem, entre os 25 e os 30 anos, correspondente à importância atribuída pela comunidade hindu à realização do casamento logo que a mulher atinja a idade adulta, com vista a ter filhos e prolongar a sua família (Quadro 2 e Gráfico 1).

As mulheres que apresentam uma idade mais avançada são em menor número, tendo sido incluídas no estudo para compreender a evolução dos valores e das práticas relacionadas com a maternidade e da forma de transmissão desses costumes e tradições, visto funcionarem como modelos orientadores que fazem a ligação entre o passado e o presente.

Tal como Bastos e Bastos (2001, p. 274) referem:

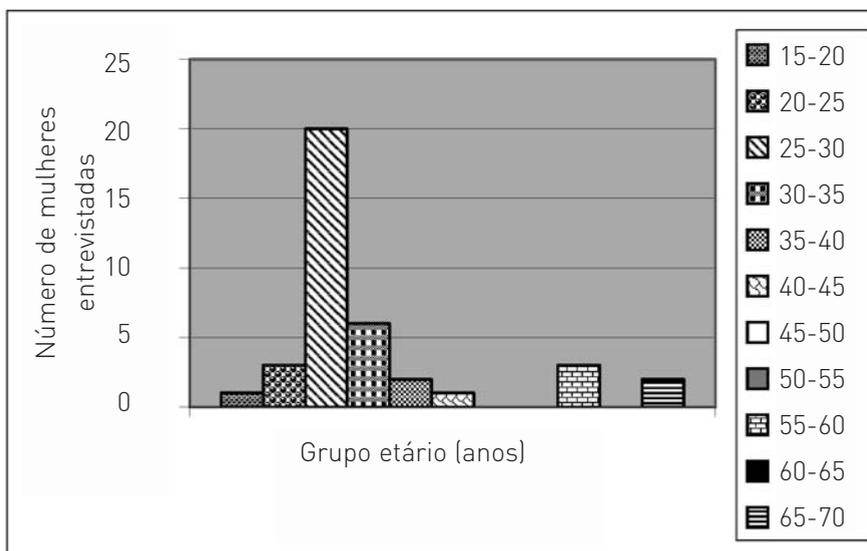
*“em cada geração, sabendo sem o saberem, mulheres mais*

*velhas fornecem figuras de identificação e um ecrã potente de elaborações identitárias, já solidificado, a rapariga púberes, de tal modo que potenciais conflitos relacionais e dilemas identitários das mulheres, mas também problemáticas identitárias mais gerais, possam nele ser pré-conscientemente reconhecidos, mobilizados e adaptados situacionalmente”.*

**Quadro 2 — Distribuição da amostra estudada, segundo o grupo etário**

Grupo Etário (Anos)	Número de Mulheres
[15-20[	1
[20-25[	3
[25-30[	20
[30-35[	6
[35-40[	2
[40-45[	1
[45-50[	0
[50-55[	0
[55-60[	3
[60-65[	0
[65-70[	2

**Gráfico 1 — Distribuição das mulheres hindus entrevistadas, de acordo com a idade**



Relativamente à profissão desempenhada, a maioria das entrevistadas é doméstica, situação que reforça o papel que a cultura hindu atribui à mulher, de esposa e de mãe. A maioria destas mulheres cuida e gere a casa, dando o seu contributo para que a harmonia familiar prevaleça. As suas funções regem-se por princípios de força espiritual, união familiar, bem-estar do marido e dos filhos, defesa da cultura hindu, entre outros. Mais do que exteriorizarem as suas virtudes fora de casa, as mulheres hindus ocupam o seu dia na lide doméstica, cuidando e limpando a casa e fazendo as suas orações para que recaiam graças sobre a sua família. A acção da mulher hindu ainda se encontra circunscrita em grande parte à casa. No exterior, ela manifesta-se sobretudo através da posição e da qualidade de vida que o marido ostenta.

Porém, já se começa a constatar uma participação mais activa da mulher na economia familiar, havendo mulheres que colaboram nos negócios familiares — a tempo inteiro ou a tempo parcial, que trabalham parte do seu tempo como empregadas domésticas em casa de outros ou ainda que exercem a sua actividade fora de casa trabalhando no comércio, em supermercados ou desempenhando funções de acordo com o seu grau de habilitação literária.

Esta incursão pelo mundo do trabalho exterior à casa ainda é muito ténue e, em geral, difícil de conciliar com as actividades domésticas. Estas dificuldades acentuam-se com a chegada dos filhos, sendo muitas vezes a justificação principal para o regresso às funções domésticas, privilegiando o cuidar da casa e da família.

- “Na primeira gravidez, como o meu marido faz feira, eu ia ajudar a vender, a descarregar, mas depois a minha sogra não me deixava fazer nada, ela é que ajudava. Depois de nascer bebé eu não tive mais tempo para ir à feira. Agora coloquei o mais velho na creche, para ele também se ambientar e ver outras pessoas, para não estar sempre agarrado a mim... só que agora tive esta menina e não tenho tempo, porque tenho que tomar conta dela, da casa, por isso o meu marido é que faz feira.” (E5);
- “Eu agora estou em casa, mas quando vim comecei a trabalhar na loja do meu marido. Agora com o bebé é mais difícil porque tem que mamar, tem que mudar a fralda e tem que dormir. A minha sogra ajuda muito, mas eu também não quero abusar e sobrecarregá-la. Há mulheres indianas que trabalham e deixam os filhos com a sogra ou com a mãe, mas eu quero fazer as coisas. Gostava de trabalhar, mas também gosto de tomar conta do meu bebé” (E22).

A actividade profissional das mulheres entrevistadas vai ao encontro das habilitações literárias que estas mulheres têm e que oscilam predominantemente entre a antiga 4.<sup>a</sup> classe e o 9.<sup>o</sup> ano de escolaridade. A mulher hindu é valorizada sobretudo pela sua capacidade de cuidar da sua casa, do seu marido e dos seus filhos. Deste modo, quando atingem uma certa idade os pais e os familiares mais próximos preocupam-se com o casamento dos filhos e as mulheres, na sua maioria, são incentivadas a constituírem família relegando os estudos para segundo plano. Encontramos duas entrevistadas que possuem um curso superior, estando apenas uma delas a exercer a sua actividade.

O percurso migratório destas mulheres está de acordo com a literatura encontrada verificando-se que uma grande maioria fez o percurso Moçambique-Portugal. Como já foi anteriormente referido, a vinda de muitos hindus para Portugal deveu-se ao processo de descolonização e às consequências que daí vieram. A insegurança e a instabilidade política e social sentida em Moçambique contribuíram em larga escala para a fixação da comunidade hindu neste país, onde recriaram os seus costumes e as suas práticas. Tal como referem Ávila e Alves (1993), o fluxo migratório da comunidade hindu assume uma particularidade específica, visto não estarem apenas dois países envolvidos mas três: Índia, Moçambique e Portugal. Desta forma, estabelece-se dois tempos de emigração: o primeiro, da Índia para Moçambique (protagonizado pelos pais e avós dos indianos que se encontram actualmente em Portugal) e o segundo, de Moçambique para Portugal. Apesar da maioria das entrevistadas se incluir no segundo tempo de emigração, consideramos que a influência da Índia é notória, reavivada constantemente pelos costumes, pelas práticas religiosas e pelas viagens ao país que consideram como parte da sua identidade.

Encontramos ainda mulheres que vieram da Índia directamente para Portugal, apontando como motivo principal o casamento. A preferência por casamentos entre pessoas da mesma cultura e especificamente, entre pessoas da mesma casta continua a persistir sendo frequentemente evocada a necessidade de manter a cultura, de a ensinar aos filhos e de reforçar laços de amizade entre famílias. Apesar da comunidade hindu já se encontrar em Portugal em número significativo, e existir uma certa proximidade entre os seus membros que se acentua nas festas e encontros que se promovem, as viagens que muitos fazem à Índia têm o intuito de visitar familiares, mas também de conhecer rapazes ou raparigas com a finalidade de constituir família.

Por ser um grupo maioritariamente jovem, encontramos ainda duas mulheres que pertencem à segunda geração de hindus, que já nasceram em Portugal e que tiveram toda a sua formação neste país, encontrando-se perfeitamente integradas, apesar de manterem práticas e hábitos que herdaram da sua família.

- “a minha família, e a minha mãe nunca ligou muito à tradição porque tinha que trabalhar, era ter filhos e dar leite. Somos muitos irmãos e não havia tempo para fazer aquelas coisas todas que os hindus fazem. Eu como nasci cá, faço mais as coisas à maneira daqui. Tenho amigas que dizem faz assim, faz assado e como algumas são daqui eu faço e também o médico do posto diz como se deve fazer e eu leio livros e revistas que ensinam.” (E29).

Ao seleccionarmos as mulheres para as entrevistas encontramos um número significativo que vieram recentemente da Tanzânia, do Quênia e algumas de Londres, porém estas mulheres não foram incluídas no estudo visto não respeitarem uma das condições estabelecidas, que era o domínio da língua portuguesa.

Devido a estes factores e quando questionadas relativamente ao tempo de estadia em Portugal, encontramos uma grande abrangência, desde mulheres que estão apenas há 14 meses, até mulheres que estão há mais de 25 anos, havendo ainda pessoas que nasceram em Portugal.

A maioria das entrevistadas possui casa própria, no entanto, coabitam com os sogros, com a restante família ou vivem numa área próxima existindo um contacto diário com familiares e com outros hindus, o que proporciona uma troca constante de experiências e um reafirmar de práticas e de posturas característicos da cultura hindu. O conceito de família alargada, tão identificador das famílias indianas, ainda subsiste embora encontre algumas dificuldades. Em Portugal, as casas são significativamente mais pequenas o que conduz a que cada casal tenha a sua própria habitação, embora por vezes a partilhe com os sogros ou com os cunhados. A vinda de um familiar para Portugal também é justificação para que encontremos nas casas hindus, um maior número de habitantes do que poderíamos prever. A solidariedade e unidade familiar mantêm-se conduzindo a uma proximidade física e social. A coabitação com os sogros revela a importância, o valor e o respeito que os hindus atribuem aos familiares mais velhos, contando por um lado, com a sua experiência e sabedoria e por outro lado, reconhecendo e retribuindo o cuidado e o carinho que estes elementos tiveram durante toda a sua vida.

A caracterização da amostra teve por base os dados apresentados no Quadro 1, analisando características que pensamos serem imprescindíveis para compreender de que forma as mulheres hindus cuidam das suas crianças e se existe uma transmissão desse conhecimento através das gerações. Apesar da responsabilidade do cuidar da casa e das crianças ser confinada à mulher, na cultura hindu constata-se que se a mulher coabita com outros familiares ou se eles estão próximos, toda a família participa, especialmente os elementos femininos, educando e colaborando nos cuidados. O facto das mulheres terem actualmente uma ocupação, mesmo que seja parcial, implica que o tempo despendido com as crianças seja menor ou que elas estejam ao cuidado de outros influenciando a relação mãe-filho.

### 5.1.2.1. Percurso migratório

Após a caracterização da amostra optou-se por conhecer em profundidade o percurso migratório das mulheres, o qual nos introduziu na cultura hindu. O Bloco C do guião da entrevista teve como objectivos a recolha de elementos que caracterizassem e permitissem compreender o percurso migratório, identificar o que as entrevistadas valorizavam e mantinham da sua cultura de origem e analisar a interacção estabelecida com a cultura de acolhimento.

Como já foi anteriormente referido, grande parte das entrevistadas fez o percurso migratório Moçambique-Portugal. As razões da saída do país de origem foram na sua grande maioria a grande instabilidade político-social que se viveu nesta ex-colónia após o 25 de Abril de 1974. A saída de Moçambique para a maioria das entrevistadas não foi imediata, esperando 5 a 8 anos até consumarem a decisão de vir para Portugal, sendo o maior fluxo de migrantes hindus oriundos de Moçambique nos anos 80. Apesar do percurso migratório seguir a rota tradicional Moçambique-Portugal, existe referência por mais de metade das entrevistadas terem ido de Moçambique para a Índia para se casarem e depois terem regressado a Moçambique. Poderíamos ser levados a pensar que este regresso temporário à Índia estaria relacionado com a circunstância dos futuros maridos residirem na Índia, mas tal não acontece. Este facto está relacionado com a crença de que a Índia é a sua terra e também o local onde os seus antepassados estão, criando uma espécie de protecção para o casamento.

A vinda para Portugal foi uma vinda familiar colectiva existindo apenas dois casos em que nos foi referido que primeiro veio o elemento mas-

culino da família, no sentido de ver as perspectivas de trabalho e alojamento, e só mais tarde veio a restante família (mulher e filhos).

Outra das razões apontadas foi a existência em Portugal de familiares já estabelecidos que facilitaram a adaptação ao novo país.

Encontramos também mulheres que viviam em Portugal à pouco tempo, e que por ainda não dominarem a língua portuguesa não foram incluídas no estudo, contudo a sua origem é bastante diversa sendo oriundas de países como a Tanzânia, Zimbabué ou Inglaterra.

### 5.1.2.2. Razões da migração

As razões das entrevistadas prendem-se, na sua maioria, com factos históricos relacionados com a descolonização de Moçambique. A proximidade da língua, a estreita relação afectiva e também comercial, foram factores determinantes para a imigração hindu para Portugal, ocorrida essencialmente a partir do final dos anos setenta e durante os anos oitenta.

Também encontramos, em menor número, mulheres que referem o casamento como o principal motivo da vinda para Portugal. Este facto é particularmente verdadeiro entre as mulheres recém-casadas que não viviam neste país de acolhimento. O conhecimento por parte de alguns dos seus familiares, de famílias e de jovens hindus que já residiam ou trabalhavam em Portugal serviu de impulso para a apresentação da proposta de casamento à família do noivo. Deste modo, e após conhecimento prévio, o casamento realiza-se geralmente na Índia e o marido regressa a Portugal. Só após alguns meses e com visto de residência é que a mulher vem para Portugal e se estabelece definitivamente. Cria-se assim, um percurso migratório mais directo entre Índia e Portugal.

Outra das razões apontadas para a imigração para este país foi a existência de familiares em Portugal os quais serviram de sustento no período inicial, oferecendo alojamento, trabalho e criando oportunidades para a estabilidade económica do migrante.

Apenas uma entrevistada se referiu directamente à vinda para Portugal para encontrar melhores condições financeiras.

O seguinte excerto ilustra algumas razões concretas para a vinda de muitas famílias hindus de Moçambique para Portugal:

- “Eu lembro-me de meu pai dizer que tiveram que sair de lá (Moçambique) porque não havia comida, lojas estavam a fechar, e não podiam ficar lá, não havia segurança e tiveram que vir para aqui depressa. Eles tinham lá loja de tecidos e depois venderam tudo lá e tiveram que começar tudo de novo” (E23).

### 5.1.2.3. Dificuldades sentidas com a imigração

Os migrantes ao irem para outro país sofrem um processo de adaptação que pode ser mais ou menos difícil consoante as suas capacidades, as redes de apoio que têm ou ainda consoante as oportunidades que lhes são oferecidas. As dificuldades são de ordem variada e repercutem-se tanto a nível físico como a nível social. Os hindus residentes actualmente em Portugal fizeram a sua passagem por Moçambique, onde já se encontravam estabelecidos, tanto a nível familiar como a nível económico e social. Com a descolonização viram-se forçados a reconstruir novamente a sua vida, enfrentando novas dificuldades. Bastos e Bastos (2001, p.199-200) referem que:

*“A insegurança identitária experienciada no contexto da descolonização de Moçambique obrigou a uma segunda emigração, em massa, na direcção de Portugal. Numa nova sociedade de inserção (inicialmente representada como hostil) e numa situação de fragilidade sócio-económica e identitária, contrastada nostalgicamente com a situação pretérita, as principais características da tradição hindu-gujarati cristalizada em Moçambique — ou seja, a manutenção de tradições específicas e intradiferenciadas (de casta, linhagem, aldeia) no domínio dos rituais micro familiares acompanhada de uma certa homogeneização nas ritualizações colectivas (oficiadas por um número muito reduzido de brâmanes) bem como o aumento progressivo (largamente aceite e valorizado pelos próprios homens) do protagonismo sócio-religioso e ritual das mulheres hindus migrantes — foram progressivamente, recriadas.”*

Bruto da Costa, Pimenta *et al.* (1991) no seu estudo referem que as maiores dificuldades sentidas pelos indianos, na sua maioria oriundos de Moçambique, eram a nível de obtenção de habitação e de trabalho. Outra das dificuldades manifestadas era a nível da língua. Com o passar dos anos, estas dificuldades consideradas como as mais marcantes, foram sendo resolvidas e ultrapassadas, sem no entanto entrarem no esquecimento de cada um. Além destes aspectos fundamentais, as mulheres entrevistadas valorizaram também outros que consideramos estarem

intimamente ligados ao papel e ao estatuto que a mulher hindu detém dentro da família e da comunidade.

As dificuldades sentidas e verbalizadas pela maioria das entrevistadas prendem-se com o afastamento de familiares e a conseqüente falta de apoio familiar, aspecto considerado de grande importância visto a estrutura familiar hindu ser muito alargada, tendo com a imigração ficado consideravelmente reduzida e acentuando as dificuldades económicas inicialmente sentidas, resultantes de uma situação de imigração forçada que decorreu de uma forma rápida e pouco organizada.

A família tem uma importância crucial na cultura hindu. Ela representa a força e a união do indivíduo com a sociedade e com a vida, apoiando e aconselhando sempre que necessário. Os laços familiares são muito fortes e a ida para outro país representa uma quebra desse vínculo, ficando o migrante perdido, abandonado. Ao deixar a sua família, além de enfrentar o desconhecido, o migrante fica sobrecarregado de preocupações e de obrigações que estava habituado a partilhar com os restantes membros da sua família. Esta sobrecarga funciona como uma opressão, impedindo o migrante de se concentrar e de atingir os seus objectivos. Os hindus migrantes que não tinham familiares em Portugal, recorreram à família que tinham em Londres para poder estruturar a sua vida neste país. Sentimentos como desamparo e solidão foram uma constante, como se pode comprovar nas seguintes afirmações:

- “Agora quem vive aqui sozinha e tem que fazer estas coisas... é difícil. Eu tenho os meus sogros, mas eles estão na casa deles. Eles não moram longe. Eu fiquei lá pouco tempo, mas uma pessoa não sabendo nada aqui em Portugal e a gente ter que tratar de tudo, fica muito complicado. Eu sempre vivi numa família muito grande, com muita gente em casa e depois viver aqui sozinha... para mim foi muito complicado... aqui sinto-me muito só” (E8);
- “De Moçambique para aqui era tudo diferente, muito diferente. Sofri muito... a gente muito sofreu. Porque a gente não tinha casa, não tinha dinheiro, deixou lá tudo... veio para aqui e ficou tudo lá. Não arranjavam serviço, marido não tinha serviço, não tinha dinheiro para comprar casa mas tinha família que ajuda. Havia um amigo nosso que tinha pensão por isso fiquei lá, meu marido ficou lá. Primeiro veio meu marido, depois ele não gostava, sempre telefonava a dizer que não gostava, que ia embora e que voltava. Eu disse fica, que eu venho ver e cheguei aqui e fiquei 12 dias para ver como era, depois fui para Londres

para ver meu irmão, meu sobrinho. Meu marido quando chegou ficou e eu depois de oito meses vim ver só, vim sozinha e filhos ficaram em Moçambique com filha mais velha e genro. Depois eu disse ao meu irmão para dar qualquer coisa, para ajudar e meu sobrinho veio ajudar e assim arranjei sapataria em Lisboa. Esta casa o meu sobrinho comprou e eu fiquei cá e ele está em Londres. Meu marido começou a trabalhar lá e eu fazia comida para fora, ainda faço pouco “ (E11).

Estes factos são reafirmados através dos seguintes excertos:

- “A vinda aqui para Portugal foi difícil porque tive que deixar os meus pais lá em Moçambique. Eles costumam vir, de dois em dois anos vêm. Mas primeiro foi difícil, agora já estou habituada e não quero voltar para Moçambique. A minha sogra já veio para cá há muitos anos. Ela morava no Areeiro e eu na Portela. Eu fui morar com ela na casa dela, depois o meu marido foi trabalhar para Évora e eu fui com ele, depois fui um ano e meio para Almada, depois, quando partiram as barracas fui para Chelas. Os meus filhos nasceram todos cá e por isso foi difícil mas a minha sogra ajudou” (E2);
- “A maior dificuldade sentida foi porque viemos sem nada e a maior adaptação foi ao clima, ao sítio, era tudo novo... as distâncias, não tínhamos grandes condições financeiras e acho que foi isso tudo... a minha mãe a principal dificuldade foi a língua, porque a minha mãe não sabia falar português enquanto que o meu pai já sabia porque estava em Moçambique e nasceu lá, a minha mãe nem isso porque veio da Índia para Moçambique para se casar e foi muito difícil implementar aqui um negócio, foi muito complicado porque lá já tínhamos tudo montado, tínhamos carros, tínhamos fábricas, tínhamos tudo... tivemos que deixar tudo. Nós não tínhamos família cá, por isso foi ainda pior. Foi muito difícil também a parte da alimentação. Somos vegetarianos, foi muito complicado, não havia quase nada vegetariano cá. Era sempre a mesma coisa, ou inventar coisas, eu lembro-me que a minha mãe passou muito mal por causa disso. Agora continuamos vegetarianos, mas já temos lojas que nos fornecem as hortaliças indianas, mesmo os condimentos e tudo não havia nada cá e agora já há tudo e mesmo os portugueses já se estão a tornar mais vegetarianos. Mesmo agora quando vamos a um restaurante vemos pratos vegetarianos, antes não havia nada disso” (E2);

- “Nós viemos de Maputo para cá porque lá estava muito mal, então resolvemos sair porque estava perigoso. Mas foi muito difícil porque tive que me separar dos meus filhos. Eles foram estudar para a Índia e nós viemos para cá, mas eu não gostei ao princípio, depois voltamos para Moçambique mas não se podia ficar lá... quando voltamos ficamos em casa da minha cunhada até conseguir emprego e depois dinheiro para comprar a casa. Eu tive que trabalhar muito e fazer comida para fora para ajudar o meu marido. Só depois é que chamamos os nossos filhos para continuarem os estudos cá. Foi duro porque estava sem as crianças e também tivemos que começar tudo de novo...” (E34).

Outro aspecto que as mulheres entrevistadas deram especial ênfase foi à dificuldade sentida a nível da língua. Apesar da maioria vir de Moçambique, colónia onde o português era a língua oficial, a dificuldade manifestou-se, pois os hindus, entre si, optam por falar a sua língua de origem, o *gujarati*. Desde modo, a adaptação a uma nova língua foi forçada, visto a necessidade imperar no seu novo quotidiano. Contrariamente, existem mulheres que afirmam que a vinda para Portugal teve como aspecto positivo a língua visto que, apesar de não a dominarem, conheciam a sua sonoridade o que facilitou a compreensão do que ouviam. As mulheres mais jovens não referem esta dificuldade, por terem vindo para Portugal ainda muito crianças e por terem iniciado a sua escolarização neste país. Este obstáculo funcionou em certos casos como incentivo tendo muitas mulheres referido algumas estratégias utilizadas para aprender a língua portuguesa, como se constata em seguida:

- “Falar a língua foi o mais difícil porque eu não conhecia e em casa só falava *gujarati*. Depois quando comecei a trabalhar fui aprendendo pouco, assim ouvindo e repetindo o que diziam fui começando a dizer palavras. No início tinha que apontar, não podia fazer compras, fui aprendendo... ainda não sei falar bem, mas percebo” (E20);
- “Quando nós viemos foi difícil habituar, falar... a língua era muito diferente, o país também. Aqui foi mais difícil que Londres, porque lá sabia falar, porque eu na Índia estava a estudar inglês. Então aqui foi mais difícil... a língua aqui era muito diferente” (E22);
- “Quando vim para cá o mais difícil foi a língua porque não falava nada, fiz tudo universidade e tudo em inglês, mas não conhecia esta língua e por isso foi mesmo difícil, mas pronto, eu sou

comerciante, tenho algumas lojas na Baixa e então trabalhava na loja e assim comecei a aprender a falar. Depois na nossa comunidade há aulas para falar português e eu fui lá para saber falar e escrever. Primeiros meses foi difícil, eu estava a trabalhar na loja e tinha empregados e eu estava sentada lá e estava a aprender como é que eles atendiam as pessoas, como falavam e também perguntava e assim aprendi a falar” (E27);

- “Eu no primeiro ano não sabia falar nem percebia nada, chorei muito porque tinha saudades do meu pai, da minha mãe, os irmãos também” (E31).

As entrevistadas que se instalaram em Portugal logo a seguir à descolonização de Moçambique referem a dificuldade em arranjar casa e manter o nível de vida que estavam habituadas naquela ex-colónia portuguesa, onde tinham negócios, empregados e pessoas que auxiliavam na vida doméstica. Algumas referem mesmo que tiveram que se fixar em núcleos de barracas e que só posteriormente foram realojadas. A necessidade de terem de fazer a lide doméstica em contraposição a apenas gerir a casa, como faziam em Moçambique, foi um dos aspectos que mais marcou estas mulheres.

- “Ao princípio a vinda para Portugal custou muito... sofremos muito. A vida aqui era muito diferente de Moçambique e tivemos que recomeçar tudo de novo, não tínhamos nada, não tínhamos trabalho, não tínhamos casa nem nada. Viemos assim... sem nada. Ao princípio custou muito, nos dois primeiros anos... depois habituamos. Ao princípio custou, mas eu ainda assim falava português lá, agora aquelas que vieram de outro lado e falavam inglês, ainda foi pior. Foi por causa disso que nós viemos para aqui, porque a língua é igual e tudo... primeira dificuldade foi arranjar casa e depois foi trabalho. Agora já tenho loja, lá em Belém” (E1);
- “Quando vim para Portugal achei tudo muito diferente, lá era uma casa de vivenda e cá eu vivia na barraca com a minha tia. Quando entrei apanhei um susto ao ver aquilo. Foi difícil...” (E2);
- “Não foi muito fácil a integração porque nós também não tínhamos muitas condições onde vivíamos, morávamos no Areeiro, naquelas barracas que depois foram demolidas e agora é que deram casa. Mas foi difícil não ter as condições a que já estávamos habituados e começar tudo de novo...” (E9);

- “Vir para Portugal modificou certas atitudes, lá em Moçambique a vida era mais sossegada, tinha mais tempo para passear, para nós, aqui não. Porque toda a gente trabalha... lá em Moçambique tinha mais convivência com a família tinha muito tempo para eles e aqui já não... estamos todos longe uns dos outros e como não há muitos transportes, tem que ir à Portela visitar a família, porque somos todos chegados. Ao princípio o que me custou mais foi viver nas barracas, porque a minha irmã vivia nas barracas e eu fiquei com ela, não havia luz, roubava-se os fios de luz para ter e depois disso o trabalho, porque trabalhava ao fim-de-semana e arranjei um trabalho pesado, lá em Moçambique eram outras pessoas que faziam e custou-me estar a carregar, mas a minha irmã disse tem que ser. Porque lá a vida é boa mas não tem futuro, mas para dar um passo em frente tem que ser. Lá fomos assaltadas, a nível de segurança é muito mau e depois para o futuro não se podia porque em Moçambique o ordenado é muito pouco” (E26).

O clima e as diferenças climáticas também foram recordadas como outras das principais dificuldades sentidas inicialmente e como difíceis de superar.

- “Difícil, difícil era o frio que a gente não estava habituada e pronto a gente quando veio aqui não tinha onde morar mas depois nós tínhamos uns conhecidos e ficamos em casa deles. Moramos todos juntos no Areeiro, depois é que passamos para cá. Havia muito frio... o frio era o principal, o resto depois habituamo-nos” (E5).

Apenas duas das entrevistadas se referem à diferença sentida em relação às pessoas, afirmando que tiveram que se esforçar por falar com elas, e por se relacionar mais. As diferenças culturais inegáveis não só a nível exterior como também de práticas, hábitos e a própria língua constituíram obstáculos para o estabelecimento de uma relação mais cordial.

- “Quando chegamos foi difícil dar com portugueses porque alguns não gostavam dos indianos, alguns não se davam bem. Agora já se vão habituando. Quando a gente chegou da Índia, lá no Areeiro havia indianos e também portugueses e a gente dava-se bem, mas eles olhavam para nós de lado e nós sentíamos a diferença. Olhavam par nós de lado, porque nós vestíamos diferente, porque púnhamos ouro ou muitas pulseiras. Não nos cumprimentavam como aos outros” (E23);

- “Eu achei que era muito diferente porque eu vivia em Quelimane, então aquilo era mais pequeno, e isto era muito maior. Lá toda a gente se conhecia e falava, aqui não, aqui nós não falávamos com ninguém. Aqui só tinha as minhas tias e a minha avó” (E24).

Duas das entrevistadas referiram a adaptação à escola e ao ensino português como uma dificuldade, não só devido à sua idade como a um método de ensino diferente.

- “Mais difícil foi... eu já estava grande e o difícil foi eu entrar na escola e ver miúdos assim pequeninos e eu era grande... era uma vergonha. Eu comecei a estudar na Índia em indiano e estudei até sexto e depois vim para aqui. Aqui estudei até quarta classe, eu queria estudar mais mas não podia porque já tinha quinze anos, não tinha vaga e tinha que estudar à noite e à noite eu não podia, porque indianos não deixam sair meninas à noite ” (E23);
- “lá na minha terra eu conhecia todas as pessoas, as ruas e quando vim para aqui não conhecia nada, não podia ir à rua sozinha, foi totalmente diferente... eu vim porque o meu marido estava cá” (E27).

Apesar de todas as dificuldades sentidas, as entrevistadas apontaram alguns aspectos que contribuíram para que a adaptação fosse sentida de uma forma mais suave encontrando pormenores, tais como a existência de alimentos e especiarias semelhantes ou mesmo iguais aos existentes na Índia, que facilitaram o ajustamento ao país de acolhimento.

A maioria das mulheres salientam o apoio inicial dado pela família ou por amigos, que já residiam em Portugal, como elemento que facilitou a sua adaptação e a sua integração na sociedade portuguesa.

- “Nós viemos para aqui (Santo António dos Cavaleiros) porque no Areeiro começaram a tirar as barracas e eles ofereceram dinheiro, então nós aceitamos dinheiro e viemos para aqui. O meu pai tem dois irmãos e primeiro vieram os dois irmãos e viram aqui para saber como é que era, depois lá tinham loja, depois venderam a loja, e o meu tio comprou casa, o meu pai mandou de lá dinheiro, comprou casa e depois vieram e em seguida viemos todos, o meu pai e nós” (E21).

As formas encontradas para se adaptarem a esta nova realidade foram variadas e dependeram de cada mulher e das suas necessidades. Houve

uma grande incidência de respostas relativamente ao modo de adaptação à língua, recorrendo a aulas, à observação e repetição, ao convívio com mulheres portuguesas, entre outras.

## 5.2. Análise e Interpretação dos Dados

A imensidão de deuses, de pessoas, de cultos faz com que a cultura hindu seja bastante rica e diversificada. Cada família tem as suas tradições, os seus santos, as suas crenças, que se esforçam por manter e perpetuar através dos ensinamentos e dos comportamentos que são transmitidos aos filhos. O grande número de castas e subcastas e o intercâmbio que se estabelece entre elas, permite a criação de uma determinada forma de estar e de perceber a vida. Os valores e as práticas que regem a cultura hindu contribuem para uma conduta digna e exemplar, necessária para alcançar a libertação espiritual.

Em situação de diáspora, o migrante hindu teima em reproduzir o que aprendeu, o que lhe foi ensinado para não esquecer a sua origem, as suas raízes. A ligação com o passado torna-se o elo fundamental para o migrante não se perder, para manter a sua identidade, introduzindo poucas ou nenhuma alteração nos seus comportamentos e hábitos.

- “As famílias hindus que estão na Índia são diferentes de nós, porque os nossos avós deixaram a Índia e fizeram questão de manter as tradições para não se esquecerem... agora na Índia, nas grandes cidades, já se modernizaram, já andaram mais para a frente e como nós estamos num país que não é o nosso tentamos sempre manter as nossas tradições, somos mais fechados, mais conservadores... lá na Índia não se encontra já muitas das coisas (em Bombaim, em Calcutá, Nova Deli, Goa) que se encontra aqui. Até as pessoas que vêm da Índia, sentem isto diferente porque nós somos indianos de África e ainda vivemos naquele mundo, alguns pouco, outros mais, mas todos vivemos ainda na tradição, tem que fazer isto, tem que fazer aquilo” (E13).

### 5.2.1. Valores do hinduísmo

Todas as inquiridas valorizam a cultura hindu, nomeadamente os seus princípios e as suas crenças que consideram basear-se no respeito, na justiça e na solidariedade. A preservação da sua cultura é essencial e apesar de viverem noutra país, referem a importância de manter a cultura

nos seus mais variados aspectos, a língua, a gastronomia, o vestuário, as tradições, no sentido de não se perderem práticas e costumes que os caracterizam e que os unem.

O valor hindu mais referido no discurso das mulheres entrevistadas foi o respeito pelos mais velhos, pela família, pela mulher e pelos mortos. Este valor é ainda mantido apesar de termos constatado que as mulheres mais jovens, que nasceram ou cresceram em Portugal, ponham em causa alguns conceitos. No entanto, apesar de não concordarem com algumas ideias, por consideração aos mais idosos mantém o seguimento de certas práticas e tradições.

A lembrança de pessoas falecidas também é uma constante que é evidenciada através das orações que se fazem de manhã e à noite, e também pela presença de retratos de familiares já falecidos no *mandir* doméstico ou nas paredes da sala.

- “No meu caso eu faço aquilo que eu e o meu marido achamos melhor, e cada vez mais... antigamente não tanto, mas cada vez mais e nós simplesmente informamos os nossos familiares que vamos fazer isto, isto e isto. Se houver algum problema ou se achamos que é preciso, pedimos opinião, mas o que acontece é que se houver qualquer coisa e ao pedir opinião, se eles nos pedem para fazer alguma coisa e nós não fazemos, se nós não fizermos já é o desrespeito e se por algum acaso acontece qualquer coisa de mal, eles dizem estás a ver não fizeste e por isso aconteceu...” (E13);
- “O que eu tenho que ensinar ao meu filho, é respeito máximo pela mulher que é uma coisa que faz falta na nossa comunidade, apesar da mulher ser tratada como mãe, chamam à mulher mãe de todos mas depois em pequenas coisas não há respeito pela mulher, a própria mulher não respeita a mulher, é preciso respeitar a mulher em todas as suas formas, desde avó, mãe, mulher, irmã, primas, tudo...” (E13);
- “Os indianos têm sempre fotografias das pessoas que já morreram na parede ou perto do *mandir* de casa que é para não nos esquecermos deles e para rezarmos por eles e para eles rezarem por nós. Também ensino desde pequenino aos meus filhos que aqueles foram avós, para eles conhecerem também, é importante saber quem é família, de onde vêm...” (E23);
- “As senhoras indianas pensam na família toda, não é só dela e do marido, pensam em todos, porque quando a família está

contente nós também estamos contentes e felizes, porque nós partilhamos tudo e sentimos o que os outros também estão a sentir, nós indianos somos assim...” (E30).

Relativamente às castas a maioria das raparigas mais jovens refere não atribuir grande importância ao grupo social, notando-se uma evolução neste conceito relativamente às mulheres mais velhas. Porém, o discurso de algumas entrevistadas denuncia diferenças que caracterizam cada casta e que as mulheres fazem questão de evidenciar.

### 5.2.2. Aspectos mais característicos da cultura hindu

A família é um dos pilares na cultura hindu. Ela é a base de sustentação, de orientação e de ensinamento, funcionando como mentora mas também como refúgio.

Quando questionadas sobre os aspectos mais importantes da cultura hindu, não houve indecisões, respondendo a maioria das entrevistadas que a família e a religião são os aspectos que as identificavam e que as distinguiam da população autóctone.

O conceito de família alargada, onde todos falam, partilham refeições, problemas e alegrias encontra-se muito longe do conceito ocidental onde a família é predominantemente uma família nuclear. Na cultura hindu os familiares vivem todos juntos ou perto uns dos outros, ajudando-se mutuamente.

- “Nós, os hindus somos muitos unidos e todos são irmãos, primos, nós vemos a família como um todo. O meu pai, são cinco irmãos, os meus avós moravam aqui, agora eles estão em casa de outro tio, às vezes o que acontece e depende muito... mas o que acontece é que os pais ficam com o filho mais velho, mas nem sempre é assim, ou ficam todos na mesma casa, mas agora já não se utiliza tanto isso de ficarem todos juntos na mesma casa ou ficam na do mais velho, ou então os pais ou ficam numa ou ficam noutra outra vez (...) por exemplo, da minha cunhada, eles são... o marido dela, mais dois irmãos e depois começa a ser muita gente na mesma casa, então ela morava com os sogros até agora (quatro, cinco anos morou com os sogros) depois conseguiram arranjar o

andar debaixo, ou seja, moram no mesmo prédio, em cima e em baixo e almoçam todos juntos, as coisas continuam a ser todas em conjunto, não há separações, a única separação é mesmo a casa que vão dormir a um sítio e têm o espaço deles, mas de resto continua a ser sempre tudo em conjunto” (E3);

- “A família para os hindus é muito importante... acho que nós não vivemos sem a família e qualquer coisa que haja, qualquer acontecimento temos sempre a família toda reunida, qualquer acontecimento, quer seja bom ou mau, a família está lá. A família é grande, são os irmãos do meu pai com as famílias, são todos. Por exemplo, na altura do meu noivado estavam cá todos, os irmãos todos, as irmãs também, ou seja eles são oito, depois os respectivos maridos, os filhos, às vezes a família, por exemplo a família e os sogros da irmã do meu pai, que é importante porque nós damos muita importância aos sogros da filha que se casa e vai para outra família, por exemplo, os meus sogros quando vêm cá, os meus pais têm uma atenção especial, diferente da que têm com outras pessoas, porque eu vivo lá e são os meus sogros. Com o meu marido também a atenção é diferente. Nós damos mesmo muita importância à família, então nesta casa há sempre gente a ir e a vir. Crescemos nisto, na família alargada a conviver com toda gente. Eu acho que me sentiria muito sozinha se não tivesse isto tudo à minha volta. Qualquer coisa que haja estão lá para ajudar, para dar o apoio...” (E3);
- “A família é muito importante... nós hindus somos assim muito ligados à família. O meu marido são cinco irmãos e comerciantes eles estão juntos, são sócios e nós não nos separamos, ficamos juntos, assim dentro de família é melhor porque a gente já conhece, tem confiança e quando há problemas, um ajuda o outro” (E15).

No entanto, é referido por oito entrevistadas que devido às condições de espaço nas casas, diferentes das existentes na Índia, existe uma certa impossibilidade da família viver toda em conjunto, optando por viver no mesmo prédio, ou perto uns dos outros.

A religião é tida como fundamental no quotidiano de qualquer hindu, servindo de orientação para todas situações. Nela estão contidos todos os ensinamentos para que o homem alcance a liberdade espiritual. A importância da religião está presente não só nas festividades, como

também no dia a dia de qualquer hindu, desde o momento em que ele acorda até ao momento em que se vai deitar. Baptista e Cordeiro (2002, p. 31) reforçam a importância da religião afirmando:

*“Também a prática religiosa se constitui como elemento fundamental de identificação social. As particularidades quotidianas que lhe estão ligadas fazem com que os observadores menos atentos tenham dificuldade em definir as diferentes práticas, que se traduzem quer na aparência dos praticantes, quer nas características dessas práticas religiosas que os autóctones desconhecem”.*

- “A religião é muito importante para nós porque Deus está a olhar para nós. Só estar em casa e ir à loja não chega, nós precisamos de mais e prestamos homenagem a Deus indo rezar ao templo, organizando festas, cantando... temos que ir à missa, encontrar com outras pessoas, ler os textos sagrados em conjunto. Nós somos do templo *Shiva*, do Lumiar é do templo *Radha Krishna*. Temos uma parte para rezar, sozinho ou em conjunto” (E1);
- “A religião é importante porque se nós vivemos dentro dos indianos, temos que cumprir a nossa religião, não podemos ir fora da nossa religião, senão depois as pessoas falam, olha aquele é hindu e faz assim... na Índia as coisas são diferentes, mas o que nos identifica é ser hindu e seguir o que Deus nos disse. Os nossos filhos também têm que seguir este caminho, porque se nós sairmos da religião, eles também vão sair. Nós temos que dar o exemplo” (E10).

### 5.2.3. Transmissão de valores e de práticas

A transmissão de valores aos filhos reveste-se de grande importância para os hindus. Os pais, e as mães em particular, são o canal de transmissão de valores, comportamentos e conhecimentos da cultura hindu. Num país estrangeiro, longe do seu país de origem, esta atenção é redobrada evidenciando-se alguns aspectos considerados os mais importantes, como a religião, a língua e o vestuário. Apesar de estes serem aspectos visíveis, eles encobrem ensinamentos sobre formas de estar e de respeitar a tradição. O orgulho em pertencer a esta cultura é evidente quando estas mães falam do gosto que os seus filhos têm pelas origens dos seus pais e dos seus avós. Preservar a sua cultura num meio desconhecido é um imperativo que as famílias hindus fazem questão de preservar. A prevalência de valores e de hábitos hindus é notória e é tida

como a forma correcta de educar as crianças desde o seu nascimento. A importância de inculcar nas crianças as tradições e a maneira de ser hindu é realçada e valorizada, pois acredita-se que o que é ensinado em pequeno permanece apesar das contrariedades e das diferenças que possam surgir.

Existe uma certa preocupação por parte das entrevistadas do grupo etário mais alto em transmitir aos filhos e netos, rituais e formas de estar hindus. Além dos valores, as práticas são encaradas como parte de uma identidade que querem e devem preservar. Opostamente, as mulheres mais jovens não sentem tanto essa preocupação recorrendo às pessoas mais idosas para as orientarem e ensinarem.

- “A minha neta sabe fazer massagem ao bebé, ela tem a minha mão. Faz massagem muito bem... ela faz, ela gosta, aprendeu aqui comigo tudo. As minhas filhas sabem fazer, sobretudo a mais nova mas elas agora têm outras coisas para fazer, já não estão em casa e por isso esquecem” (E11).

A religião surge como um pilar onde a história de Deus, os textos sagrados, o culto diário e o respeito pelas celebrações religiosas são inculcadas nas crianças desde cedo.

- “Eu ensino tudo da maneira de ser, de estar, religião, forma de rezar, ensino tudo a ela. O rapaz é mais pequeno por isso ainda não forço muito mas ele também sabe que não pode comer carne de vaca. Ele está na creche e uma vez, no engano, eles queriam dar a ele croquetes e ele logo disse lá e depois veio-me dizer a mim: Mãe, ela queria-me dar croquetes e eu disse não, isto é carne de vaca e eu não como isso” (E2);
- “À minha filha, ela vai para a escola, e eu explico filha cuidado com as brincadeiras, não dá muita confiança, porque nós somos mais reservados, não damos tanta confiança e sobretudo as meninas não queremos que elas sejam faladas. Porque nós não somos brancos, damos valor a outras coisas, por isso temos que ter cuidado” (E2);
- “A mim também me ensinaram assim e eu não sei o porquê mas desde pequenina via que aquelas coisas de Deus, a lamparina, o algodão depois não pode ser deitado no lixo comum, porque é sagrado. São coisas de Deus... por isso durante um mês reunimos tudo e uma vez por mês vamos deitar fora na praia ou no mar, para ser levado pela água. Não sei explicar porquê, sei que não se pode deitar no lixo e às vezes

quando partimos copo também, quando resta não se pode deitar no lixo, juntamos tudo naquele saco. Temos que deitar na água e não no lixo... quando parte copo e faz parte de uma promessa nós também não deitamos fora, juntamos tudo o que seja de Deus, e depois deitamos fora para a água. O cordão do bebê, às vezes também, há pessoas que guardam mas eu deitei na água” (E2);

- “Aos meus filhos eu ensino as nossas tradições, todas, a língua, mas acho que o português é o mais importante pois eles estão cá e têm que saber falar. As nossas tradições é o Natal, o Ano Novo, os sete dias de *Navarati*, depois existem dois meses sagrados que é o mês dos falecidos e depois é o casamento de Deus, que também festejamos. Ensino religião e a história de Deus, de *Krishna* e *Radha*, depois de *Vishnu*, a religião toda. Eu ensino em casa coisas de Deus e o meu filho vai vendo como fazemos em casa e vai aprendendo. Eu moro aqui e é raro eu ir à casa da mãe e das irmãs, logo estou mais com os meus sogros e a cunhada” (E5);
- “Uma coisa que já estou a ensinar é a rezar, a presença de Deus e hábito de rezar. Eu acho que se eu lhe ensinar isso agora, ele vai ter mais ligação a Deus e vai ter uma mente mais aberta à existência de Deus e a qualquer coisa mais poderosa, que move isto tudo. Nós optamos pela forma, e por isso temos em casa sempre um altar, onde rezamos de manhã ou à noite. Cada um sabe o quanto reza, a minha mãe à medida que fica mais velha reza mais, depende da idade, com a vida que se leva. Esse hábito quero ensinar e dar opção... ele sabe que tem ali o altar, pode rezar e alguma coisa boa vai sair. Precisamos de acreditar em alguma coisa, para nos concentrarmos...” (E13);
- “A gente ensina que Deus é um para toda a gente, a gente tem que rezar, tem que ir à igreja, a gente tem que rezar, não pode esquecer Deus, porque isto tudo que temos quem deu foi Deus, tem que respeitar nossa religião... em casa, quando vão ao trabalho rezam, meu neto também” (E16);
- “Religião é muito importante e desde pequena eu ensino a fazer *Jay Shree Krishna*” (E19);
- Eu acho que religião é importante e sempre ensino à minha filha a acordar a tomar banho e depois a rezar de manhã a fazer *Jay Shree Krishna*” (E20);
- “A minha filha é muito curiosa e ela convive mais com a avó, que eu vou trabalhar, e a minha mãe é muito religiosa e logo

que acorda vai ao *mandir* e começa a falar. Ela tenta inculcar o gosto pela religião que para nós é muito importante. A minha mãe é que a educa mais e com esta idade ela já sabe cumprimentar em indiano e isso tudo. Falamos em indiano e em português também, mas ela sabe mais *gujarati* porque a minha mãe só fala com ela em indiano” (E26);

- “Há coisas que eu faço questão que os meus filhos aprendam e sigam... o respeito pelos outros, preservar o facto de vivermos todos juntos porque para as crianças é importante, estimula a linguagem deles, a minha filha do meio notava-se que ela falava muito, gostava de conviver, que as pessoas viessem cá a casa. Ao darem-se com as outras pessoas, elas começam a falar mais depressa. Os meus filhos até irem para a creche só falam *gujarati* que aprenderam em casa, comigo, com o pai, com os avós, depois quando vão à escola começam a misturar e a esquecer. Nós tentamos estimular a falar *gujarati*, porque é importante para as nossas rezas, para comunicar entre nós, é uma coisa que fica e que se passa, assim como a ensinar a rezar todos os dias no *mandir*” (E37).

A preservação da língua de origem, o *gujarati*, permite uma ligação mais próxima com a Índia. As entrevistadas referiram que todos os indianos têm o desejo de regressar à Índia para voltar a recordar a sua casa, ou a de seus pais, para conhecer a restante família, para orar e ir aos templos. O ensino de *gujarati* é feito desde cedo às crianças para que também elas criem esse laço com a terra mãe. O uso habitual dessa língua em casa facilita a sua aprendizagem, a qual é reforçada posteriormente com aulas.

- “A língua é importante porque a minha mãe está na Índia e se eu for lá com o bebé ele não vai falar português porque eles não sabem, a minha mãe, o meu pai, os meus irmãos estão na Índia e eles não sabem português e é vergonha meu filho não falar nossa língua de casa. Quando eu for à Índia passear, a miúda tem que saber a língua para se desenrascar. Todas as famílias ensinam aos filhos a língua, pelo menos a falar, escrever já não é tão importante” (E15);
- “A minha sogra é que depois vai tomar conta dele até ele ir para a creche. Não penso em pôr muito cedo, porque ele tem que ter um pouco da nossa cultura e se ele for para a creche começa a falar português e não saber da nossa língua... vou tentar ensinar tudo, a língua, os costumes. Eu espero que ele siga, vamos a ver...” (E18);

- “Eu também quero que os meus filhos aprendam religião, os deuses, a nossa cultura. Eu quero que ele saiba bem português, que fale bem, ele também está a estudar na escola portuguesa mas além disto, eu quero que ele aprenda as coisas indianas também, a cultura, que ele conheça os deuses indianos, aprenda a minha língua, porque nós indianos temos o *gujarati* mas além disso, temos *hindi* e quero que aprenda *gujarati* porque eu sou da Índia mesmo, tenho toda a minha família lá na Índia e por causa disso eu quero que ele aprenda *gujarati* para falar com os meus pais, os avós. Eu não estou habituada a falar português em casa e por causa disso eu falava sempre indiano, ele estava a aprender” (E27);
- “Eu gosto que quando o meu marido vem cansado para casa descanse, fique com crianças, brinque e fique a família toda junta, eu gosto de ver todos juntos. Eu tento manter lá da Índia o vestir, as nossas comidas, cozinho tudo em casa e eu ensino sobre Deus, quero que elas aprendam como se faz comida indiana, elas gostam de ajudar... os pequenos sabem falar primeiro língua indiana, *gujarati*, a dançar a gente ensina a partir dos seis anos, há também aulas na Comunidade mas nós ensinamos em casa” (E30);
- Eu faço questão que a minha filha fale *gujarati*, isso é um princípio que tento seguir porque acho que é fundamental para ela seguir a nossa cultura, a nossa religião. Eu nasci em Moçambique, vim para cá com um ano e ocidentalizei-me, no entanto, os meus pais sempre me incutiram que somos indianos e certos valores, como de comida vegetariana, cá em casa não entra carne e isso tento passar para a minha filha, mas ela é que tem que decidir. Mas a língua é diferente, faz parte de nós, é a língua da casa, é a língua dos hindus, é algo nosso. A cultura hindu é muito bonita, é nobre, tem princípios sólidos, é uma cultura de alto nível e é bom manter mesmo que não estejamos na Índia. Aqui em Portugal queremos a todo o custo manter as tradições, a língua, embora na Índia as coisas evoluam mais depressa e com mais naturalidade. Aqui tenta-se preservar a todo o custo, tenta-se sempre manter o passado para nós não nos perdermos, para não deixarmos de ser indianos” (E38);
- “As minhas filhas ainda são pequenas e vestem roupa que as meninas daqui vestem, mas quando tiverem sete, oito anos eu quero que elas vistam *punjabi*, porque é nosso traje. Se a gente

não ensinar às filhas, elas depois não sabem e não se habituam e depois não vão usar e não se vai saber se elas são daqui ou se são hindus. A roupa faz parte da nossa cultura e mesmo noutro país temos que tentar manter...” (E35);

Porém, é referido por cinco entrevistadas que alguns dos costumes da cultura hindu estão-se a perder aqui em Portugal, devido ao estilo de vida e também à influência de alguns hábitos portugueses.

- “Nós tínhamos um valor que era de dar importância aos mais velhos, aos idosos, e tínhamos respeito e isso era uma coisa que tinha que ver com os ensinamentos, com a nossa cultura, por exemplo nós temos... no nosso ano novo antigamente ia-se a todos os familiares, aos mais velhos, pedir bênção agora já não há disso, os mais novos não querem saber, fazem o que lhes apetece, já não seguem os pais, já não respeitam” (E9);
- “Os jovens já não seguem tanto... mas quando há casamento e festas eles vão, mas por exemplo, no Lumiar eles já não vão muito, mas quando há casamento de alguém, há *sanji*, as pessoas novas estão lá. No Natal também há festa e eles vão, para as festas principais vão. Mas no dia a dia não seguem muito, porque estão a trabalhar ou a estudar e então não têm tempo” (E12);
- “As pessoas mais novas não vão muito ao templo... parece que nem se interessam pelas coisas. Deixa-se passar... elas pensam se a gente não fizer isto passa, o que é que pode acontecer, isto passa... quando tem pessoas mais velhas em casa é que se vai mantendo a cultura, a minha mãe é nova e não sabe muitas coisas, até ter pessoas mais velhas a ensinar. As pessoas mais novas não são muito seguidoras. Eu ontem fui ao templo e não se via ninguém, só pessoas de idade e algumas crianças a brincar” (E17).

#### 5.2.4. Manutenção de hábitos da cultura de origem

A língua também é referida como um elemento fundamental para manter a identidade. A manutenção da língua através da tradição oral é considerada fundamental privilegiando-se mais o saber falar, do que o saber ler ou o saber escrever.

- “Em minha casa todos falamos indiano, *gujarati*, fora podem falar português mas em casa não, para eles saberem. Vai fora, vai Índia passear então eles têm que saber nossa língua” (E7);

- “Dentro de casa falamos o *gujarati*, agora porém já é tudo misturado, falamos português e *gujarati*, mas falamos mais o *gujarati* entre nós. Existem pessoas ou locais onde nos dão aulas. Eu quando era mais pequena tive aulas, mas normalmente os miúdos falam *gujarati* porque os pais falam, agora ler e escrever já é difícil e se os pais não sabem e não quiserem ter essas aulas, é difícil as crianças aprenderem. É importante e é giro saber falar, ler e escrever, mas a maior parte sabe só falar...” (E9);
- “Aos meus filhos hei-de ensinar a língua porque é algo nosso... os pais do meu marido vieram de Moçambique há 25 anos e também ensinaram a ele a língua, a falar e a escrever. Quando formos à Índia os meus filhos vão sentir-se mal se não souberem falar, porque depois as outras pessoas vão perguntar como é que ele é hindu e não sabe falar a própria língua e depois é uma questão de tradição, para manter a tradição” (E33).

A manutenção das datas festivas e das solenidades religiosas é um aspecto muito importante desta cultura.

- “Eu ensino ao meu filho as festas, o nosso Natal, ele sabe mais ou menos, ele ainda tem sete anos e não sabe muita coisa mas ele vai à igreja comigo, acompanha-me e pelo menos vê, vai às festas e aos casamentos” (E12);
- “É importante ensinar aos meus filhos ir ao templo, eles são pequenos ainda não percebem bem, mas as festas são religiosas são de Deus e por isso é bom ir. São festas que já vêm de à muito tempo e por isso mantemos. Nós temos muita fé e queremos que os nossos filhos também sigam. Aqui também já há muitos templos nossos e por isso costumamos ir e fazer orações” (E21);
- “Eu costumo sempre que posso ir às festas na Comunidade, porque a vida aqui é a correr e lá a gente fica junto, conhece-se outras, aqui a vida é difícil e ficamos em casa o dia todo, as festas permitem que a gente encontre outras pessoas da nossa cultura e dizer nós fazemos assim e vocês, para ter notícias da Índia, para dançar as nossas músicas, para encontrar amigas e falar com outras mulheres. Além disso, há aulas na comunidade que ajudam bastante” (E30).

Outro aspecto que é ensinado desde criança é a alimentação, mais concretamente, o vegetarianismo. A opção por este tipo de comida está inti-

mamente relacionada com a religião que os hindus professam e com as crenças religiosas que a ela estão associadas. No entanto, algumas mulheres reconhecem o esforço que é seguir esta prática nos dias de hoje devido à necessidade de integração e adaptação, em especial, dos filhos aos hábitos e costumes portugueses. A necessidade de deixar os filhos com pessoas portuguesas e posteriormente a ligação que os filhos estabelecem com outras crianças e amigos é referida como factor de dificuldade no seguimento de uma dieta exclusivamente vegetariana. Muitas das entrevistadas referem que não seguem uma alimentação vegetariana pelo que também se torna difícil os seus filhos manterem esse costume.

- “Nós não somos totalmente vegetarianos, acabamos por comer frango mas nunca carne de vaca... até pode parecer mal eu estar a dizer isto, mas a verdade é que aqui é difícil limitar-mo-nos a ser vegetarianos, sobretudo os miúdos que vão à escola e que têm amigos. Eu ensino que deve ser mas não posso forçar porque já estamos noutro país, não estamos na Índia, nem em Moçambique...” (E4);
- “Os meus filhos também comem comida daqui, mas não é sempre. Eu deixo... mas em casa não, não comem. Às vezes fora, com amigos, aquilo também é comida, por isso comem, mas não é muito...” (E16);
- “Existem certas casas onde comem já ovos, frango, mas é raro as pessoas cozinharem em casa, elas preferem comer fora de casa. À minha filha eu vou ensinar a ser vegetariana, porque nós somos e eu acredito que não há necessidade de matar alguém para sobreviver e comer” (E33).

A preocupação pelo seguimento destes princípios é quase predominantemente feminina, sendo justificada pelo facto das mulheres permanecerem grande parte do tempo em casa. Mesmo em situação de imigração existe uma preocupação em manter os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher, sendo no entanto notório, nas mulheres entrevistadas, uma preocupação em contribuir de alguma forma para o rendimento familiar. Apesar do conceito do papel de dona de casa ainda se encontrar muito presente, tal como foi demonstrado no estudo de Castro e Freitas (1991) onde a taxa de actividade feminina era muito baixa, sendo justificada por factores culturais, tais como a importância dada à presença da mulher em casa e à sua concentração sobre o lar, a totalidade das entrevistadas abordou este tema revelando a necessidade de trabalhar, quer fora de casa, quer preparando refeições em casa e

depois vendendo, deixando vislumbrar uma modificação no conceito de mulher, fruto da necessidade, mas também do contacto com a sociedade de acolhimento.

As práticas parentais, bem como as representações e práticas educativas estão estreitamente relacionadas com o meio envolvente e com os valores culturais e religiosos valorizados e representativos de uma sociedade.

A manutenção de hábitos e costumes da sociedade de origem encontra-se evidenciada nos trajes e no vestuário que as mulheres usam. Os tecidos coloridos e finos, orlados com missangas ou bordados a fio de ouro que as mulheres, principalmente as mulheres casadas, enrolam à volta do seu corpo são uma imagem de marca que associamos à cultura hindu. Relativamente aos homens, é mais tolerado o uso de vestuário ocidentalizado devido ao seu trabalho e aos laços profissionais que estabelecem com a sociedade de acolhimento. As crianças são ensinadas a vestir roupa indiana desde criança, sobretudo nas festas e celebrações religiosas como forma de respeito e de adoração aos deuses. Se analisarmos o discurso das mulheres mais antigas verifica-se que existiu uma evolução na sociedade portuguesa sobre os trajes hindus e percebe-se de que forma essa evolução foi sentida. As mulheres mais idosas referem que quando vieram para Portugal todas as pessoas reparavam nelas e paravam na rua para olhar, não só pelas cores e pelo vestuário mas também, porque achavam que as roupas não estavam adequadas ao clima de Portugal. Actualmente, qualquer mulher hindu pode andar na rua que ninguém repara nem comenta o que ela usa. No entanto, duas entrevistadas referiram que o uso de *sari* ou *punjabi* tem a ver com a vontade do marido, sendo também ele que dá permissão para vestirem roupa mais ocidentalizada. A adaptação da sociedade de acolhimento ao vestuário oriental deve-se não só ao número crescente de hindus que vieram para Portugal mas também, a outras minorias étnicas que vivem no nosso país, existindo uma maior diversidade de culturas e consequentemente, uma maior familiaridade com os diferentes aspectos culturais que caracterizam estas minorias.

Surge também por parte das mulheres hindus mais jovens uma aculturação, pois estes trajes são na sua grande maioria utilizados apenas nas actividades festivas. No seu quotidiano elas optam por vestuário mais prático, de acordo com a actividade que realizam.

- “A religião é importante, eu gostava que a minha filha seguisse a nossa religião, eu acho importante... não digo ser completa-

mente fanática, mas ter alguma noção do que é a nossa religião, porque é que celebramos certas coisas, quando é que é o nosso Natal, quando é que são as nossas datas importantes, ir às festividades vestidas a rigor, que isso é uma coisa que eu faço e que gostaria que ela também fizesse, porque é aí que é a nossa identidade, a nossa identidade é essa, esta não é a nossa identidade, isto de vestir calças é ocidentalizado, enquanto que o vestido da indiana com *punjabi* ou com *sari* é sinal que somos mesmo indianos, é quando nós nos sentimos mais indianos e principalmente quando são festividades religiosas. É uma questão de respeito, de sentirmos mesmo que estamos integrados. No dia a dia não usamos, porque lá está, estamos a tentar integrarmo-nos na outra sociedade que é ocidental, se eu andasse de *punjabi* as pessoas não param de olhar... Agora as pessoas já se habituaram.” (E3);

- “A nossa cultura é usar trajes indianos, então porque é que a mulher usa trajes indianos e o homem não usa? Porque é que a mulher tem que usar a pintinha, as pulseiras, o *sari*, tem que usar tudo indiano? Porque na Índia também já acontece... mas o nosso traje não é esse, o traje do homem é um *dotio*, é um pano embrulhado nos pés e um *curtá*, porque é que não usam? Isso não é cultura, é tradição porque o homem pode e a mulher não pode” (E13);
- “Depois de casar a mulher indiana geralmente veste *sari*, no dia a dia também usa, depois de casar usa todo o dia, mas existe gente que não usa *sari*, depois de casar pode usar *punjabi* se o marido deixa, senão só usa *sari*. Antigamente usava-se *sari* e também tapava cabeça, não deixava ver cabeça. Tinha que tapar, quando vinham pessoas mais velhas como sogro e cunhado; tinham que tapar a cabeça em sinal de respeito, agora já não... normalmente as que trabalham não usam, as mulheres mais velhas usam sempre *sari* ou *punjabi*. Nas festas a gente vai ao *garbá*, nove noites e há dança à noite no Lumiar e toda a gente usa roupa indiana...” (E23).

### 5.2.5. Aproximação da sociedade de acolhimento

Quando questionadas sobre o que o já interiorizaram da sociedade de acolhimento verifica-se que existe uma preocupação por parte dos pais em fazer a distinção entre as duas culturas. Essa distinção é justificada

pela importância atribuída às origens e à possibilidade de voltar à Índia e pela necessidade de manter a tradição. Paralelamente, é defendida a necessidade de se adaptarem aos hábitos e costumes do país de acolhimento para que as crianças não sintam dificuldades no convívio diário com outras crianças e com a restante sociedade. Existe uma relação de simbiose entre as duas culturas e a maioria das entrevistadas não sente necessidade de ter de optar por uma ou por outra. Acreditam que as duas podem coexistir dando no entanto, preferência à sua cultura de origem. A gestão equilibrada dos rituais e das práticas, juntamente com o bom senso são fundamentais para uma boa integração na sociedade de acolhimento. Algumas das entrevistadas fizeram referência a um maior esforço por manter a cultura hindu aqui em Portugal, justificando do seguinte modo:

- “Nota-se um maior esforço porque existe uma minoria e quando é minoria nós queremos manter a todo o custo as tradições, as festas, os valores, porque nós não estamos na Índia, mas não queremos que isso se perca porque faz parte de nós. Basicamente vive-se normalmente, mas tentando inculcar valores que nós consideramos importantes” (E33).

Ao migrar os valores e os conceitos podem sofrer alterações, fruto do contacto com novas realidades, com novos conceitos e da própria vivência que o indivíduo experiencia. A alteração desses conceitos vai determinar a postura e o comportamento do migrante na sociedade de acolhimento. Uma das referências que as entrevistadas realçaram foi ao facto do conceito de família ter sofrido alterações, ainda que ligeiras. A comunidade que é a família foi-se tornando cada vez mais pequena, sendo formada pelo casal perdendo assim muita da informação e das relações sociais que se mantêm na Índia. A impossibilidade de viver na mesma casa por restrições de espaço, ou a impossibilidade das crianças permanecerem com outros familiares por razões de trabalho, vai influenciar a forma das crianças crescerem. Apesar de ser referida a importância de uma certa privacidade e liberdade do casal, a comodidade de ter uma família grande, que viva em conjunto, é valorizada referindo uma aprendizagem e um conhecimento maiores, quando essa situação acontece.

- “Uma das coisas importantes é mesmo isto, o conceito de família, eu acho que é muito importante. Principalmente o respeito pelos pais, o cuidar dos pais, nós temos muito isso em atenção, agora já não sei se vai ser assim... muita coisa vai mudar até ela crescer, mas aos rapazes principalmente é dada essa educação, que é de ficar com os pais e depois de transmitir... são os filhos que vão dar continuidade ao nome da família do pai e tudo isso” (E3);

- “Desde pequenos são inculcados a viver em família, por exemplo a minha sobrinha gosta muito da minha filha e então vem cá ver dar banho, tratar dela, desde criança aprende assim a cuidar dos bebés. Crescem a saber que um dia mais tarde, quando forem crescidos, devem respeitar os mais velhos, que as decisões deles são as mais correctas porque têm mais experiência, têm mais sabedoria” (E33).

Encontramos sete mulheres que referem que actualmente, nas suas casas, já se fala tanto o *gujarati* como o português, sobretudo com as crianças. O facto destas estarem na escola contribuiu para que isso acontecesse.

- “Falamos *gujarati* em casa e entre nós e tentamos ensinar aos nossos filhos, mas o meu filho só fala português, é difícil ele falar a nossa língua. Nós em casa falamos *gujarati* e português também, lá está, falamos as duas coisas e por isso ele também fala mais português... ele não sabe muito bem o *gujarati*, eu estou a tentar para ver se ele aprende. É importante ele saber falar porque é hindu e tem que falar com os avós *gujarati*... eu ando atrás dele para ele falar e ele responde-me em português. Ele percebe tudo, mas não consegue falar, sabe apenas algumas palavras. No templo do Lumiar eles dão aulas” (E12).

São referidas algumas influências na cultura hindu pelo facto de estarem a viver em Portugal. A necessidade de se adaptar a uma nova realidade, levou à mudança de alguns conceitos numa tentativa de uma maior aproximação com a cultura de acolhimento. As entrevistadas, sobretudo as mais jovens, referem que se sente uma influência da cultura de acolhimento que se manifesta sobretudo nos comportamentos e nas maneiras de pensar, considerando benéfica essa influência. Uma das referências mais marcadas é a nível da educação das filhas e da emancipação da mulher, onde acreditam existir uma maior liberdade e uma maior tolerância em relação aos comportamentos. Esta maior tolerância social traduz-se numa maior liberdade nas saídas com os amigos e também no vestuário. Muitas mulheres hindus em Portugal já trabalham e contribuem para o orçamento familiar, tendo uma postura mais activa tanto no interior como no exterior da casa, em contraposição com o papel da mulher na Índia que ainda é predominantemente de submissão e de subserviência.

- “Portugal exerceu a sua influência a nível da comida, porque agora já comemos mais coisas, a roupa também mudou, depois a maneira de pensar também, avançarmos a vida para frente, ter

mais ambição, não nos conformar, ter uma casa melhor, ter uma vida social melhor. As mulheres hindus ficavam sempre em casa e hoje em dia não, por exemplo eu trabalho, a mentalidade da pessoa alterou mas acho que foi para melhor” (E9);

- “Antigamente a gente não saía muito, era muito raro sair, agora todos saem e todos fazem aquilo que querem. Agora há mais liberdade...” (E3).

A nível religioso também se considera que a par das rezas e das idas ao templo também se podem fazer promessas que são cumpridas no Santuário de Fátima, por ser um espaço religioso que respeitam e pela impossibilidade de muitos irem à Índia.

- “A comunidade hindu é muito grande e nós fazemos promessas também... eu gosto muito de ir a Fátima. Agora que já nasceu a criança, vou a Fátima. Eu gosto de ir lá e também a Índia é longe e nós não podemos ir lá sempre, por isso muitos hindus vão a Fátima porque também é um local religioso e nós acreditamos” (E31).

Essa aproximação verifica-se de forma moderada a nível alimentar, apesar de serem referidas alterações a nível de comportamento.

Existe também uma maior tolerância ao nível da alimentação havendo um número crescente de pessoas que come carne, exceptuando carne de vaca. A justificação para este facto está relacionada com as condições climáticas e com a necessidade de socialização. Das 38 mulheres entrevistadas, 23 seguem uma alimentação exclusivamente vegetariana, referindo que os seus maridos têm maior tendência para se afastar deste tipo de alimentação por trabalharem fora de casa e por terem que participar em reuniões e em almoços e jantares fora de casa. A totalidade refere que o consumo de carne de vaca é proibido no hinduísmo, fazendo a sua família e elas próprias questão de seguir esse princípio.

Actualmente, existe já uma generalização sobre a alimentação havendo uma mistura dos dois tipos de alimentação e de hábitos e comportamentos com ela relacionados.

- “Estar em Portugal mudou algumas coisas porque antes a gente comia à mão, agora já há muita gente que não come à mão, come à colher e com garfo. Antes na Índia comia-se no chão, não se comia na mesa, não sei se não havia dinheiro ou era hábito e depois comia-se num prato grande e comia toda

a gente daquele prato. Eu lembro-me que era minha mãe, minha avó, minhas irmãs, todas comíamos num prato. Primeiro comiam os homens e depois nós. Para os casamentos também se levava prato de aço de casa e ia-se à festa. Aqui agora cada pessoa tem o seu prato para comer e come-se nas mesas. Primeiro era prato de aço, depois de vidro, agora de plástico... o modo de vida é diferente porque nós lá íamos à praça todos os dias, aqui compra-se e põe-se no frigorífico para durar um mês. A minha avó também ia à praça à tarde” (E23).

Apenas uma das entrevistadas se referiu ao facto de agora se convidar todos os indianos para os casamentos, enquanto que na Índia se convidava apenas os familiares, justificando que o facto de estar num país diferente possa ser motivo para haver uma maior aproximação dentro da comunidade.

Relativamente à criança, houve apenas uma referência a crenças relacionadas com o nascimento do bebé que foram adquiridas, segundo a entrevistada, em Portugal e que se traduzem com o facto de não se fazer a cama do bebé enquanto ele não nascer e não saber o sexo do bebé durante a gravidez porque pode dar azar e dificultar o parto.

A Comunidade Hindu é referida pela totalidade das entrevistadas como um símbolo identificativo de todos os hindus. Ela funciona como um lugar aglomerador que reúne todos os hindus nas ocasiões festivas e que permite um reencontro e uma confraternização entre todos. Além disso é visto como um centro propulsor da cultura hindu, através das aulas de *gujarati*, de dança indiana e de gastronomia hindu. O dinamismo envolvente permite que a cultura hindu não seja esquecida. A relação com Portugal é também estimulada através de aulas de português que permitem aprender a língua e facilitam a integração das mulheres.

As entrevistadas referem que participam activamente nas festas e em todos os rituais que se realizam, levando o seu marido e os seus filhos.

- “Costumamos ir ao templo do Lumiar sobretudo quando há festas e comemorações. É bom porque encontramos muitas pessoas da nossa comunidade, algumas que não víamos há muito tempo. Nós os indianos conhecemos todos, somos muito unidos. Lá no Lumiar vai toda a gente de Lisboa e de fora de Lisboa, reunimo-nos todos lá e encontramos-nos com todos. Lá existem outras actividades mas nem todos têm tempo para ir,

mas vamos sempre ao templo para rezar. Nós falamos com todos, mesmo que não nos conheçamos somos todos amigos” (E1);

- “Eu não vou ao templo todas as semanas porque fica longe... vou quando é dia grande, porque rezo em casa. Nas festas eu vou mesmo, se não vou porque não tenho tempo, com o trabalho e os filhos. Eu rezo em casa, nos dias grandes vou ao templo rezar. Todas casas têm altar em casa por isso nós rezamos em casa todos os dias” (E2).

Relativamente às comemorações portuguesas são feitas referências às festas populares locais tendo as mulheres uma participação mais passiva, só de observação. Também é usual levarem os filhos para verem estas festas, não só para eles se divertirem mas também, para darem conhecimento e ensinarem quais os rituais portugueses, visto eles terem de crescer e conviver com crianças portuguesas.

- “Aqui em Loures por vezes, vizinhos convidam para ir às festas em Junho ou Julho, às festas de Loures, agora já não vou tanto porque trabalho para a comunidade, para o templo de *Shiva* aqui na Bela Vista. Eu gosto de ajudar no templo, fazemos programas, danças da nossa terra, organizamos coisas. Mas é bom ver como são as festas, eu gosto de ver. E também de tudo...” (E1);
- “Nós damos às vezes uma volta para ver e depois fazemos árvore de Natal, trocamos prendas e isso tudo por causa das crianças, elas gostam...” (E24);
- “Em nossa casa festejamos também o Natal e outras festas portuguesas porque nós estamos aqui em Portugal e também gostamos de celebrar. Nós indianos gostamos de festa e fazemos também árvore de Natal e damos prendas, também porque a mais velha já está na escola e ela vê os outros meninos a falarem disso e também quer... aqui em casa festejamos o Natal porque é uma data importante e também há feriados e as lojas fecham, é um dia especial e nós como estamos em Portugal também festejamos” (E31).

Apesar destes testemunhos constata-se que a aderência às comemorações portuguesas não é muita. As mulheres preferem, na sua maioria, seguir as tradições hindus, participando nas festas religiosas e seguindo os preceitos mais antigos. Existe referência ao Natal português que é comemorado em casa de certas famílias hindus, considerando algumas

entrevistadas que é necessária uma adaptação aos costumes portugueses, geralmente efectuados de uma forma mais intimista e em casa, do que de uma forma mais exibicionista.

Quando questionadas sobre o acolhimento feito pelos portugueses obtivemos respostas muito variáveis. As mulheres que estão em Portugal há cerca de 25 anos referem que os primeiros tempos foram muito difíceis devido à sua situação económica que não era favorável e também devido ao esforço que tiveram que fazer para reconstruir a vida, o que não lhes deixava muito tempo para conviver e relacionarem-se com os portugueses. O facto de terem uma cultura diferente, com uma religião e com rituais que eram desconhecidos da maior parte dos portugueses não facilitou a sua integração. Estas entrevistadas referem que os portugueses não compreendiam o facto de elas vestirem uma roupa diferente e de ficarem em casa, enquanto o marido ia trabalhar. Por esses motivos e por muitos outros eram vistas e apontadas na rua como sendo diferentes, facto com o qual se sentiam desconfortáveis.

- “A mim, que cresci cá, a cultura portuguesa influenciou-me bastante. Eu vivo em dois mundos, porque é o mundo aqui em casa, as nossas tradições, a nossa religião. Em si em termos de tradições e práticas pequeninas, essas coisas eu mantenho-as mas, muito do que eu sou, teve muita influência das escolas, das minhas amigas, que é tudo português... consigo conciliar bem, porque no liceu não tive dificuldade porque tinha amigas e colegas indianas, mas na faculdade senti alguma dificuldade porque eram tudo colegas e amigas portuguesas, e primeiro que elas me compreendessem como era a minha cultura, como era a minha vida, porque temos muita vida social e às vezes não conseguia conciliar a vida social com os estudos, tinha sempre que estar a ajudar a minha mãe e tudo isso... foi difícil. Mas, entretanto, entenderam-me e bastou elas virem cá a casa e ver isto sempre a rodar, facilmente elas me conseguiram compreender” (E3);
- “No início havia alguma diferença, porque era novidade e aqui as pessoas não estavam habituadas a ver as pessoas vestidas com cores fortes, nem com tantas pulseiras e ouro. Estranhavam... mas nós os hindus com a nossa maneira de ser, eles foram vendo que não queríamos problemas e como nós os respeitávamos, eles também nos respeitaram. Agora é mais fácil porque há muitos indianos e porque existe muita gente que não é portuguesa e nós estamos aqui à muito tempo... eu dizia é costume deles, não se pode criticar, tem que se respeitar” (E7).

As mulheres que estão em Portugal há cerca de 8-10 anos referem que o acolhimento por parte dos portugueses foi muito bom, estabelecendo com eles desde o início relações de amizade e cumplicidade. Referem que existe uma curiosidade que é considerada como natural por parte dos portugueses em relação à sua cultura, mas que serve também para elas conhecerem melhor a cultura portuguesa. Existiu um apoio a nível social no sentido de cuidarem por vezes dos filhos ou de darem informações sobre os cuidados de saúde, embora no seu discurso deixem transparecer ainda uma certa curiosidade e um olhar diferente dos portugueses para com os indianos. Comparativamente as mulheres que estão há mais tempo em Portugal recordam alguma dificuldade em estabelecer relações sociais com a população autóctone, referindo o seu desconhecimento sobre a cultura portuguesa e também as dificuldades sentidas que contribuíram para que os hindus se concentrassem mais em adquirir uma maior estabilidade sócio-económica. Um terço das entrevistadas referem que actualmente as duas culturas têm uma convivência amigável, existindo uma curiosidade positiva por parte dos portugueses em relação à cultura hindu.

- “Agora eles aceitam a nossa cultura, a religião, as cerimónias, às vezes gostam de vir e conhecer e ver como é que é. Eu tenho amigas portuguesas, pessoas que trabalham com o meu marido e vejo que elas têm curiosidade em saber como são as coisas. Eu fiquei grávida depois de dois anos e elas perguntavam e queriam saber o que eu comia, o que fazia. Elas também diziam-me para fazer isto, não comer muito aquilo; a minha mãe também dizia e eu ouvia as duas” (E21).

### 5.2.6. Maternidade

A maternidade é vista pelas mulheres hindus como uma consequência natural da sua condição de mulher. É um momento muito esperado não só pela mulher como por toda a família e é entendido como motivo de orgulho. Não existe um ensinamento formal, onde se fala dos cuidados e das preocupações, é essencialmente através do que se ouve dizer, do que se vê, do que se aprende e do que se vai fazendo que a mulher vai interiorizando a forma de cuidar. Habitualmente são as pessoas mais próximas, tal como a sogra, a mãe ou a cunhada, que auxiliam e orientam a mulher grávida dando-lhe conselhos para que a gravidez decorra sem problemas. As práticas e os rituais variam não só entre as diferentes castas, como também caracterizam cada família, dando um significado específico a cada gesto e a cada momento.

- “A gente aprende com mãe, irmãs, às vezes na nossa casa tinha irmãos ou irmãs que tinham filhos e então a gente tratava. Meu irmão tinha uma menina então eu ficava com ela e mais ou menos sabia e assim aprendi a tratar... dava banho, fazia massagem de vez em quando porque a mãe é que fazia e assim aprendi a cuidar do bebê. Do meu bebê cuida a minha sogra ou eu, depende. A minha sogra fazia, agora eu é que estou a fazer porque já vi” (E22);
- “A minha mãe veio de Moçambique quando tive o bebê e então alugou uma casa no Areeiro e eu fui para lá a seguir ao parto e ela tratava do bebê porque eu ficava nervosa quando a criança chorava. Ela tratou da minha primeira filha e dava banho e fazia massagem, punha nos pés dela, e eu via como fazia e agora sei fazer mais ou menos e eu tento...” (E24);
- “Eu aprendi a cuidar de bebês com a minha cunhada porque ela tem uma filha de sete anos e outro filho de três anos, eu aprendi a ver os sobrinhos. Minha mãe está na Índia e minha sogra também, por isso a maior influência foi da minha cunhada porque ela teve filhos à pouco tempo e ela é que me ensinava e eu ia fazendo, às vezes ela fazia e depois eu fazia” (E30);
- “Eu aprendi a cuidar dos bebês com minha cunhada que tinha criança e eu estava a ver ela tratar das crianças lá na África. Eu tinha quatro cunhadas que estavam sempre com bebês e eu aprendi assim, a ver a fazer massagem, a dar banho, depois a gente brinca com criança e toma conta delas. Aprendi com uma parteira também em Maputo, porque eu no primeiro filho estava sozinha e não tinha ninguém para ensinar e então ela e outras senhoras mais velhas diziam faz assim, faz desta maneira. Depois eu aprendi com outras...” (E34);
- “Quando mãe e pai não estão porque trabalham eu fico com ele e ensino tudo o que eu posso, por isso muitas crianças são criadas pelos avós, os avós ensinam muitas coisas... a minha filha também ajudou muito antes de casar. Nasceram estes dois netos e ela como tia ficava com criança, ajudava a dar leite, dar banho e assim ela aprendeu. Agora que casou ela já sabe alguma coisa para os filhos dela, não é?” (E34);
- “Quando eu vim para cá, para Portugal, não tinha ninguém para me ajudar com a minha primeira filha. Minha mãe não estava cá e eu tive que ir depois do parto para casa da minha tia, durante um mês e meio que me ensinou como se fosse minha mãe. Ela

dizia e mostrava como se fazia e eu aprendi. Depois quando tive as outras já sabia e fiquei em casa, é assim que mulher indiana aprende, é de ver e de fazer” (E35).

Habitualmente na cultura hindu as mulheres mais velhas ensinam ou dão conselhos, ajudando no que for necessário. A forma como cada mulher vive a sua maternidade é determinada por vários factores, nomeadamente o seu conceito de maternidade, se é o seu primeiro filho, a sua rede familiar e social, a relação que tem com os sogros, a forma como a influência do marido e dos sogros se faz sentir, o seu domínio das práticas e dos conhecimentos relativos à maternidade e à criança.

A maioria das entrevistadas refere que os filhos são também uma parte fundamental da família, dando-lhe continuidade, trazendo alegria e felicidade.

Na perspectiva individual, a maternidade é entendida como uma confirmação da capacidade da mulher gerar, de dar vida, de trazer luz e felicidade ao mundo e aumentar a família. As famílias hindus são numerosas e os filhos são uma forma de garantir o cuidado e o apoio aos pais quando eles já forem velhos. A mulher quando está grávida, sobretudo pela primeira vez, é mimada e tratada com o máximo cuidado. As mulheres entrevistadas referem que o facto de estar grávida significa uma valorização da sua condição de mulher. Apontam o facto de toda a mulher hindu querer ter filhos devido à sua própria família ser numerosa, e os filhos trazerem alegria e prosperidade para todos, principalmente para os pais. Relativamente à mulher, as entrevistadas referem que a maternidade, sobretudo no caso do primeiro filho, é construída, vivida e apoiada em ensinamentos e em conselhos que são dados, não havendo uma preocupação de viver antecipadamente as preocupações.

Todas as pessoas, mesmo as que não são familiares, preocupam-se com o bem-estar da mulher grávida, satisfazendo os seus desejos e oferecendo alimentos e refeições que contribuam para o seu bem-estar.

- “Na nossa cultura, se dermos de comer a alguma senhora grávida é muito bom, porque a bênção de uma senhora grávida é bênção de Deus e quando nós damos de comer elas ficam contentes e isso já é muito para nós. O que se fizer de bom à mulher grávida vem para nós. Porque a pessoa não diz mas se ela comer fica satisfeita e eu quando estava grávida ia visitar algumas casas e eles não me deixavam sair sem comer, porque eles diziam que dar de comer às grávidas é bom para quem dá, porque a grávida tem bênção e tudo corre bem” (E14);

- “A nossa religião diz que quem fica grávida tem sorte. Quando vai nascer um filho na nossa casa diz-se que é Deus... quando nasce em nossa casa dizemos que é *Krishna*, dizemos quando nasce: pronto, já nasceu Deus... as pessoas mais velhas, minha sogra falava assim, logo eu também acredito” (E16);
- “Ter um bebê é uma felicidade grande... na minha família eu sou a mais velha, as outras meninas têm 12, 13 anos e é uma alegria porque íamos ter uma criança em casa. Na casa da minha mãe já não tinham uma criança à trinta anos, por isso é uma alegria para toda a gente. Para nós é uma alegria porque veio sorte lá para casa, dizem que é uma sorte muito grande ter um bebê, quando vem meninas dizem que vem dinheiro lá para casa. Quando não tem meninas na família, por exemplo a minha tia não tinha meninas e quando veio uma diziam que era dinheiro. Quando é rapaz gostam muito, porque o rapaz ajuda, mas hoje em dia não é assim...” (E17);
- “Na Índia as pessoas mais velhas sabem, às vezes põem mão e dizem esta está grávida, às vezes põem mão na barriga e pressentem: Essa moça está grávida. As pessoas mais velhas sabem pelo andar, pelo olhar...” (E19);
- “Para a família é uma festa, mal o casal se casa há sempre esperança que a mulher fique logo grávida. Se demora mais um bocado é porque há algum problema... existe sempre uma pressão da família e depois nós também fomos educados para ter filhos depois do casamento e também queremos, a família também quer, é tudo junto” (E38).

Para a família, a maternidade é considerada como uma bênção de Deus e é sinal que a mulher e toda a família têm comportamentos dignos, que respeitam os princípios religiosos e que agradam a Deus. Quatro das entrevistadas referem que durante a gravidez liam diariamente textos sagrados para que a criança também ouvisse e para que a gravidez fosse abençoada e decorresse sem problemas. Esta ideia está implícita nos seguintes excertos:

- “Eu conheci uma mulher que não tinha filhos... ela queria muito engravidar e toda a família queria que nascesse criança, mas nada... elas pensaram que tinha sido feito feitiço e foram a uma mulher mas ela disse que ela tinha que ser boa para Deus e que Deus estava triste com ela, assim elas fizeram muitas orações e ofereceram muitas coisas a Deus e fizeram promessa de ir à Índia com a criança e assim ela conseguiu ficar grávida” (E1);

- “A gente sempre está mentalizada, a mulher tem que casar e ter filhos, porque é assim nos hindus. Depois quando não tem filhos dizem que está a ser tocada, quer dizer tem algum problema ou Deus está zangado e não dá filhos a ela” (E5);
- “Para mim foi uma grande felicidade, muita alegria, porque eu fiquei muito contente... eu casei muito nova com dezoito anos e depois de doze, treze anos é que tive o primeiro filho. O meu filho também casou tarde, de 29 anos, logo queria ter netos para cuidar deles, fiquei muito contente. A mulher e toda a família encaram com muita alegria, muita paz, porque nós temos aquele costume, moramos todos juntos e não queremos separar, por isso temos todo o apoio da família. Quando eles saem sabem que o bebé fica bem, fica com família e não há aquele *stress*, já que toda a família ajuda, não pensa como aqui quem vai ajudar, quem vai cuidar. Toda a criança é bem vinda”(E7);
- “As pessoas ficam contentes porque vem mais um membro para a família, dizem que está a aumentar a família e às vezes pode ser uma família grande mas a cunhada mais velha pode não ter filhos e assim a mais nova tem primeiro e assim as pessoas ficam mais felizes, porque dizem que está a vencer a família, está a crescer. As crianças trazem felicidade...” (E26).

O primeiro filho é visto como a materialização de todos os desejos e da capacidade reprodutiva da mulher. É uma forma de festejar, para celebrar o facto da rapariga ser mãe pela primeira vez. Serve para pedir a bênção de Deus, para que corra tudo bem. Existem cuidados especiais em relação à primeira gravidez, relacionados sobretudo com o cuidado à mulher.

É visível também como o religioso se associa ao profano, neste conceito de engravidar. Na cultura hindu é tido como certo que toda a mulher deve ter filhos e as próprias jovens são criadas e educadas a terem essa certeza. O facto de não conseguirem engravidar é tido como uma represália, um castigo. Por vezes, são efectuadas promessas para se ter um filho e essas promessas têm que ser cumpridas na Índia, no templo ou mesmo no santuário de Fátima. A nível familiar existe uma alegria generalizada porque é mais uma pessoa que vem ao mundo e que escolheu esta família para fazer parte dela. A primeira gravidez é vivida com muita alegria, ansiedade e com cuidados redobrados por parte de toda a família.

### 5.2.6.1. Cuidados e rituais durante a gravidez

Desde o momento que a mulher hindu fica grávida ela compartilha essa alegria com as pessoas que lhe são mais próximas, os seus pais, os seus sogros e o seu marido. Os restantes familiares só são informados, em geral, a partir do terceiro mês, altura em que se acredita que o perigo de abortar já diminuiu. São depois os familiares mais próximos que transmitem a notícia à restante família.

- “A minha nora disse-me, mãe eu quero dar uma notícia e eu percebi logo. Ela e o meu filho deram-me a notícia e depois na nossa família é assim, eu é que dei a notícia ao meu marido, aos outros filhos. É um bocado de respeito por mim... eu é que telefonei à mãe dela, à minha mãe. Quando o bebé nasce também fui eu que dei a notícia” (E7);
- “O conceito de maternidade é ir levando conforme acontece... estás grávida então tens que fazer isto, tens que fazer aquilo... eu, pessoalmente, independentemente do meu marido não acho que não se deve dizer, não se pode dizer e tudo o mais (...) eu já tive grávida, tive um bebé prematuro que depois faleceu e foi muito complicado... desta vez quando engravidei não disse a ninguém, não é por mim, mas foi mais para satisfazer o meu marido, por ele achava que não valia a pena dizer a ninguém, ele achava que não havia necessidade, mas há essa tradição de não dizer pelo menos até aos três meses...” (E13).

Antes do final da gravidez, aproximadamente um mês e meio antes, a mulher regressa a casa da mãe, onde faz a preparação para o parto. Esta preparação resume-se a um maior descanso, para se concentrar apenas na sua gravidez.

A totalidade das entrevistadas segue os conselhos dados pelo médico, faz as consultas e segue as recomendações em conjunto com as indicações e os conselhos que as pessoas mais velhas da família dão. A tradição familiar é seguida também através do culto de crenças e de superstições associadas à deusa protectora da família. A responsável pela área infantil na Comunidade Hindu de Portugal (2004) reforça esta ideia ao reportar-se a certos cuidados que as mulheres hindus têm durante a gravidez:

*“durante a primeira gravidez não lavam a cabeça, depois nas outras já lavam. Porque já nasceu uma criança, já sabem o sistema do corpo e pronto. Mas há muitas que durante todas as gravidezes não lavam, porque percebe, isto entrou como uma tradição, percebe? Agora na minha família isto é tradição, não*

*lavar. Porque os nossos antepassados disseram, temos assim leis, certas leis. Toda a família tem a sua lei então eles disseram que não deve lavar e até agora nós estamos a acreditar, nós seguimos essa lei. Pode ser que amanhã as raparigas mais novas não aceitem, essa é a vontade delas. Cada família tem a sua deusa, e tem a ver com essa deusa. A deusa é considerada um familiar, alguém que foi assim muito, uma pessoa muito, como é que vou explicar... uma pessoa sábia que deu conselhos e que devemos seguir de geração em geração”.*

Reportando-se aos cuidados alimentares durante a gravidez na cultura hindu, a mesma responsável hindu continua:

*“geralmente as mulheres grávidas não comem coco porque dizem que cresce muito os cabelos da criança e porque arde no estômago. Arde, geralmente as mulheres grávidas queixam muito, até... eu quando estava grávida do meu filho sempre costumava queixar-me: está-me a arder, então o médico dizia o seu filho deve ter muito cabelo. Por isso é que se evita comer aquelas coisas muito oleosas porque o coco tem muito óleo, e por isso não se come durante a gravidez, assim como o gengibre que dizem que é muito quente, muito quente. A tâmara, às vezes, as mulheres têm vontade e comem, e isso não é muito quente, não faz mal, mas coco geralmente não comem e sésamo também não comem porque sésamo faz crescer cabelos e também evitam. Depois de nascer bebé ou geralmente ao sétimo mês, depois de fazer uma cerimónia de Deus, já comem, já pode. Porque depois do sétimo mês a criança já nasce, já não tem perigo, antes disso temos que cuidar. Por isso, depois de sete meses já dão autorização. Durante a gravidez come-se de tudo mas, aquelas coisas muito pesadas, que fazem gases, não comem à noite, comem de manhã para terem mais facilidade de digestão. E não bebem muito iogurte batido, porque dizem que em vez da criança crescer aumenta a placenta, aumenta muito e a criança fica magra, aumenta o volume da barriga, mas em vez da criança a placenta é que aumenta por isso não se deixa beber muito iogurte batido à hora do almoço. Porque a nossa alimentação à hora do almoço nós costumamos beber muito iogurte batido”.*

Quando questionadas sobre os cuidados especiais que as mulheres da cultura hindu têm, a maioria refere o cuidado com a alimentação, fazendo uma dieta equilibrada, sem bebidas gaseificadas porque depois o bebé fica com gases quando nascer ou porque o ar ocupa o lugar do bebé e ele não se desenvolve e com alguns cuidados, nomeadamente no sentido de

não comer comida demasiado picante. Existe também o reforço de alguns alimentos tais como o leite e alguns doces para dar força ao bebé. Outras, porém, referem manter a sua alimentação. Algumas mulheres fazem referência a algumas ideias que as mulheres mais antigas têm sobre certos alimentos, nomeadamente evitar comer papaia, ananás, caju, amendoim, manga, banana, embora não saibam explicar muito bem a razão, dizendo que são alimentos quentes e que podem provocar aborto. Algumas mulheres referiram-se à proibição de comer coco e sementes de *thal* (sésamo) durante a gravidez relacionando essa proibição com aspectos religiosos ligados à deusa da família, outras referem que a proibição se resume a não comer gengibre; essa proibição termina no sétimo dia após o nascimento. Existe sempre uma relação entre o quente e o frio, que comanda a ingestão de determinados alimentos.

Em qualquer dos casos a mulher grávida adquire um novo estatuto onde os privilégios e as benesses são a prioridade, sendo justificado do seguinte modo:

- “Durante os nove meses cuidamos muito bem das noras, dando comida, poupando os esforços, qualquer coisa que desejem temos que satisfazer, qualquer coisa que elas tenham vontade a gente faz logo, a gente pergunta sempre... e não é só família, são todos, família, vizinhos, amigos cuidam das grávidas porque dizem que a grávida é uma deusa, é bom, é bom sinal... por exemplo, se a mulher disser eu tenho vontade de comer isto, nós vamos logo na cozinha e fazemos logo. Porque diz-se que quem tratar bem da mulher grávida, traz sorte para os vizinhos, para toda a gente. Muitas vezes nós nem conhecemos e quando vem uma senhora grávida nós perguntamos: Olha tu tens vontade de comer alguma coisa? Podes dizer, eu quero isto que nós fazemos. A mulher que vai ter bebé tem todo o direito de dizer eu quero isto ou eu preciso daquilo...” (E1);
- “Na nossa família não podemos comer coco nem sésamo, são coisas que não podemos comer. Eu não sei porquê, mas a minha avó explicou-me que isso era porque a criança nascia com mais cabelo, nascia mais peluda e para evitar isso não se comia, não sei se é porque o coco tem na casca aqueles fios, não sei, mas isso foi uma das coisas que eu respeitei. Não me afectava muito o meu dia-a-dia, por isso respeitei” (E3);
- “Quando se está grávida não se pode comer coisas quentes, na fruta é manga e banana, bem, banana é coisa fria, mas a gente não come porque o bebé fica todo pegajoso, com lixo e não

deixam comer, se come banana dizem que a cabeça fica toda suja... a minha irmã na gravidez dela comia muita banana e o bebê quando nasceu vinha todo pegajoso e tinha muito sujo na cabeça e com a banana o bebê também descaí. Se comer muito picante o bebê também sai picante, ou seja, sai com a cabeça quente, fica nervoso e essas coisas. Logo o picante também era pouco, comia mas era pouco” (E5);

- “A banana faz constipação ao bebê, depois quando nasce sofre de asma. Manga é muito quente e papaia também é muito quente e pode abortar. As pessoas podem comer mas não podem abusar. Eu deixava ela comer tudo, se tem vontade era para comer, mas não podia comer duas mangas come metade, depois de dois dias come a outra metade” (E7);
- “Banana primeiro pode-se comer, depois aos 5, 6 meses não pode comer porque bebê fica com um bocadinho de constipação por dentro, quando nasce logo começa com bronquite, ou assim... por isso é que banana faz mal” (E11);
- “A minha sogra disse-me para não comer ananás, caju... eu comi amêndoas para ele ser forte da cabeça. Não comia muitos picantes, depois tinha o cuidado de beber leite. Depende das pessoas...” (E18);
- “Eu até sete meses não podia comer carne, só vegetariano, peixe, não podemos comer carne, frango, galinha não podemos comer, depois de fazer a cerimónia no sétimo mês é que podemos comer carne” (E22);
- “Durante a gravidez comi de tudo, mas tive alguns cuidados que me disseram para ter... não comi muita carne, doces, comia toda a fruta menos banana, não sei bem porquê mas depois dos seis meses dizem que não se pode comer banana, antes podia. Não podia comer muito picante. Durante a gravidez segui o que o médico dizia e o que ela dizia: tinha que descansar, não podia levantar coisas pesadas, essas coisas” (E25);
- “A alimentação da grávida deve ser equilibrada, evitando comer muito picante, principalmente nos últimos três meses de gravidez. A mim só me disseram que não devia comer amendoim porque faz mal à pele do bebê” (E37).

Este cuidado com a alimentação associa-se aos cuidados que se tem com a mulher grávida e estende-se aos familiares e amigos que cozinham para satisfazer a mulher.

- “As mulheres grávidas gostam de comer coisas novas então, as pessoas trazem coisas novas, apetece comer coisas diferentes, porque a gente quer comer coisas com outro sabor e então a minha vizinha trazia” (E22);
- “Qualquer família que vem a casa onde há uma mulher grávida pergunta sempre antes de vir, o que queres comer. Eu, por exemplo, tinha uma tia aqui em Santo António dos Cavaleiros, outra no Cacém. Essa do Cacém trazia para mim peixe cozido, porque a minha mãe não cozinha e em nossa casa não se cozinha nem peixe nem carne, então ela trazia, por semana três vezes... a outra daqui fazia aquelas *apas* e tudo... ou então telefonava para a minha irmã para trazer isto e ela trazia” (E26).

A partir do sétimo/oitavo mês a mulher antes de se ir deitar deve beber um copo de leite com *ghi*, para ajudar o bebé a posicionar-se correctamente e depois facilitar o nascimento.

Existe também referência por parte de uma entrevistada a que não se deve comer amêndoas no final do gravidez, não sabendo a razão. Porém, são reconhecidas as propriedades benéficas das amêndoas para o desenvolvimento cerebral do feto.

Outro dos cuidados está relacionado com o cuidado em não levantar muitos pesos, nem fazer muitos esforços, nem empurrar as coisas com o pé, nem sentar no chão por causa do frio. O trabalho de casa é feito com moderação alternando com períodos de repouso, geralmente no período da tarde. A indicação de repouso parcial não é cumprida pelas mulheres entrevistadas que trabalham sendo referido que é difícil conciliar esta prática hindu antiga com a vida moderna em Portugal.

- “A minha sogra dizia-me para não trabalhar muito, para não carregar muitos pesos, para não sentar no chão... eu tenho o hábito de sentar, em baixo, no chão, com os pés e ela dizia-me que aquilo faz mal, porque faz peso na barriga e a criança fica mais para baixo” (E2);
- “Não segui muito aquilo de não poder fazer esforços porque tinha que trabalhar... o meu pai fazia feira e tinha que ajudar por isso, era eu que ajudava a carregar e descarregar. Também ficar parada não é bom e eu tinha que ajudar em casa, por isso fiz de tudo. A minha mãe também trabalhou durante toda a gravidez, ela teve dez filhos e sempre trabalhou, na feira e em

casa a cozinhar, na nossa família faz-se tudo normal até o dia do nascimento” (E29).

Algumas mulheres fizeram referência ao impedimento de se lavar a cabeça durante a gravidez, justificando com a casta, com a região e por ser tradição. Pensa-se que se lavar a cabeça sobretudo na primeira gravidez, o risco de ter a criança prematuramente aumenta. Seis mulheres referem que após a cerimónia do sétimo mês pode-se lavar a cabeça. No entanto, as mulheres entrevistadas sobretudo as que fazem parte de uma faixa etária mais jovem, referem que actualmente já não se segue tanto esta tradição, apesar de se respeitar. Deste modo, esta prática de não lavar a cabeça é compensada por uma outra privação que tem o efeito de compensar, o não seguimento deste ritual.

- “Por exemplo, na minha família não podíamos lavar o cabelo durante sete, oito meses, só que eu lavei porque não conseguia estar sem lavar, porque tinha que dar consultas e sair e tudo... em vez disso, privei-me de comer chocolates, ou seja substitui, compensei... eu pelo menos fiz isso e sei de muita gente que faz isso. Eu não percebi muito bem porque é que não se lava o cabelo, porque as pessoas sempre me disseram que era assim. Mas pela lógica, eu acho que tem a ver com antigamente as mulheres usarem o cabelo comprido na Índia e não tinham casas de banho nem banheiras e tinham muita probabilidade de apanhar pneumonias ou tinham que ir até ao rio buscar água para lavar o cabelo e havia maior probabilidade de caírem, escorregarem... havia vários riscos que hoje em dia já não há. Devia ser por isso...” (E3);
- “Na casta do marido da minha irmã têm aquela coisa de não se poder lavar o cabelo até aos sete meses e nessa cerimónia que fazem à mulher nesse dia, de manhã, põe-se óleo no cabelo e depois lavam. São as cunhadas ou pessoas da família dos sogros que vêm lavar o cabelo da mulher e depois senta-se com o cabelo molhado para fazer a cerimónia” (E26).

Apenas duas das entrevistadas fizeram referência a algumas crenças particulares da sua casta que incluíam a proibição de cortar o cabelo durante a gravidez, porque podia fazer mal à criança e o não poder ir até ao mar, nem poder passar por cima ou ao lado do mar ou seja, atravessar uma ponte, não sabendo justificar porquê, mas cumprindo essa crença só porque as senhoras mais velhas assim o diziam.

A Índia é um país muito grande e diversificado que alberga milhões de pessoas, com castas e subcastas variadas. Os cuidados e os rituais podem diferir consoante as regiões, consoante as castas ou mesmo consoante a deusa protectora da família. Esta grande diversidade enriquece a tradição e perpetua-se através dos tempos.

As festas e rituais fazem parte integrante da cultura hindu. Elas celebram datas e acontecimentos importantes e evidenciam certos aspectos da vida. A gravidez como acontecimento festivo é celebrado de várias formas e qualquer aspecto é motivo de alegria. Estas festas muitas vezes simbólicas, procuram na sua maioria trazer felicidade, saúde e bem-estar para a grávida e para a criança.

— “Os rituais diferem de família para família. Há famílias que... nós somos *loaran*. Em algumas castas as coisas são diferentes, algumas castas têm rituais a mais, outros a menos... e dentro da mesma casta também há famílias que têm rituais diferentes.” (E3).

Antigamente a partir do sétimo ou oitavo mês a mulher ia para casa dos seus pais e a partir daí ia para a maternidade. Actualmente, as mulheres preferem ficar na sua casa e as mães vêm ajudar no que for necessário. Em Portugal, algumas das entrevistadas ainda seguem este preceito embora fiquem menos tempo em casa dos pais.

A maioria das entrevistadas (apenas sete mulheres disseram que não faziam) referiu-se a uma festa que se realiza no sétimo mês (em algumas famílias no quinto, outras no oitavo mês), na primeira gravidez, e que se denomina de *Coroparvanum*. Apenas duas referiram que na sua família não fazem esta celebração. Esta é uma cerimónia muito antiga, realizada em casa dos sogros e de familiares do marido (uma das entrevistadas referiu que se pode também fazer no templo), em que se convidam familiares e amigos e que tem como objectivo pedir que tudo corra bem para a mulher na primeira gravidez. A mãe vai buscar a mulher grávida à casa da sogra (quando a mãe não está é a tia que a vai buscar ou então fica mesmo em casa da sogra) e leva-a para sua casa, aí toma banho e é-lhe oferecido um *sari*, que geralmente é de cor vermelha para dar sorte. Depois, a mulher vai para casa dos seus sogros e são colocados panos no chão onde é lançado dinheiro. A mulher ao entrar em casa dos sogros vai descalça e o dinheiro é recolhido pelos irmãos. Em seguida, faz-se a cerimónia em honra da deusa e a cunhada mais velha passa alguns alimentos simbolicamente para a mulher grávida. Entre esses alimentos encontram-se o arroz, *sopari*, pé de açafão e *mug* que são

transferidos sete vezes de um colo para o outro. O coco, o trigo, ou o arroz são guardados até a criança nascer, sendo utilizados na cerimônia do *Chatti*, onde são cozinhados e oferecidos aos convidados para comerem. É uma festa que serve também para o convívio e para todos desejarem boa sorte para a mulher.

Apenas uma entrevistada referiu que na família dela não se faz essa festa, pois depende da casta e da região. Juntam-se apenas os familiares e fazem uma cerimônia mais privada.

Como se pode constatar nos seguintes excertos, existem alguns pormenores na realização desta celebração que diferem de família para família.

- “Na primeira vez que a mulher fica grávida, aos sete meses é feita uma festa. Fazemos uma cerimônia para celebrar a gravidez porque a partir desta altura o bebé pode nascer e ele já está formado, pode vingar. A mulher grávida, na nossa família não lava o cabelo durante sete meses, tem mesmo que fazer isto, mas não sei bem dizer porquê... depois nessa festa têm que estar duas pessoas frente ao altar, a mulher grávida e outra mulher que já teve filhos. Esta mulher tem que ser casada e com filhos e quem faz esta cerimônia não pode ter tido abortos, nem o filho pode ter morrido para não passar para a futura mãe. A cerimônia faz-se assim, a mulher veste *sari* novo, põe-se coco, *mug*, doces. O coco para nós é bom, é símbolo sagrado, põe-se sete vezes e depois guarda-se no oitavo e nono mês. O coco é inteiro e depois esse coco tem que se guardar e quando nasce o bebé é que se parte o coco nessa altura, o *mug* também se guarda para quando o bebé nasce e faz seis dias e depois dá-se nessa cerimônia (...) Nessa cerimônia dos sete meses a mulher pode ir para casa dos pais, eles levam, mas no meu caso, como os pais da minha nora estão na Índia, ela ficou cá e eu tratei dela como se fosse minha filha. Toda a família participa, o cunhado (o irmão do pai) é que faz a festa e toda a família está presente. É muito bom porque toda a família se reúne e todos desejam a vinda do bebé e que corra tudo bem. É muita alegria” (E1);
- “Esta cerimônia é uma missa em casa e chama-se a família, depois vem o padre e tudo, reza-se e depois vem da parte da rapariga, mãe e irmão, dá-se prenda, roupa, *sari*... aqui já não, mas na Índia fazia-se, agora já não, as raparigas novas não gostam. A mulher toma banho e quando acaba de tomar banho

vem e depois até à casa da vizinha... ela toma banho, depois põe *sari* no chão depois ela anda sobre os panos, e depois põe-se dinheiro e *sopari*, aquele coco pequeno, sai fora até casa da vizinha e depois alguém apanha o dinheiro e coco e depois há festa. Depois vem toda a gente e põe-se coco, dinheiro, flor no *sari* para dar sorte” (E11);

- “Antigamente falava-se olha aquela teve bebé e ele morreu e se ela vier na festa dá azar, mas agora já não há muito disso” (E2);
- “Em geral é uma festa de mulheres, onde está a mulher grávida, a sogra, a avó, as cunhadas, as primas, pode estar também amigas e o marido e o cunhado, mas é uma festa de mulheres... as mulheres grávidas não podem ir a essa festa, nem mulheres que tenham tido abortos e por exemplo, se eu tivesse tido um rapaz agora e se houvesse uma festa dessas eu não podia ir até cortar o cabelo ao meu filho, até ficar careca, o cabelo é cortado aos dois anos e meio e é atirado ao rio” (E3);
- “Dizem que quando se faz a festa durante a gravidez põe-se (e isto depende das famílias) um pauzinho num doce e segura-se, se o pauzinho tiver na vertical é rapaz e se cair ou inclinar é menina, mas eu não sei muito bem porque a mim não me fizeram” (E3);
- “A festa faz-se ao quinto mês, ou ao sétimo, quem não faz ao sétimo faz ao nono mês. Quem não puder fazer, faz num desses meses. Eu fiz ao sétimo, alugamos um salão e fizemos lá. A minha mãe é nova, tem quarenta e tal anos, ela ainda não sabe aquelas coisas das antigas, não está aqui a minha avó para dizer, então outras velhas diziam faz isto, faz aquilo, e a minha mãe dizia. A gente já não liga... primeiro não se lava cabeça até ao sétimo mês e depois nesse dia de manhã lava-se a cabeça, usa-se roupa nova, tem que ser sempre *sari* verde, depois vem a minha mãe, ela dá a roupa a mim e ao meu marido, depois põe o coco, depois põe as coisas condimentadas, põe dinheiro e depois a minha mãe põe no *sari* dela, depois dá-me e depois eu dou a alguém da minha família e depois vou vestir a roupa que ela me deu. Antes de tomar banho é que se passa sete vezes de uma mulher para a outra aqueles alimentos e não se pode deixar cair porque se deixar cair diz-se que o bebé cai. Depois há almoço e depois é que se faz a passagem do coco só uma vez. Aquele coco é guardado ou põe-se no rio para não pôr no lixo. Nós não fazemos com panos no chão, mas eu já vi (...) até essa altura a mulher não pode

- comer ovos, carne, mas pode comer peixe. A minha mãe comia tudo, mas a minha sogra como era viva eu seguia para depois ela não pensar que ia acontecer alguma coisa ao bebé...” (E17);
- “Nós costumamos fazer festa no sétimo ou no nono mês, mas infelizmente na minha gravidez não consegui fazer festa porque nós temos que ver data e tudo e não podia fazer então ficou combinado para o nono, um domingo mas eu tive que ir para o hospital no sábado e não deu mesmo para fazer então eu pedi perdão a Deus e disse que ia fazer tudo na Índia... dentro do meu coração eu disse que ia fazer tudo o mais rápido possível, se puder ir à Índia faço toda a cerimónia lá. Pedi por mim... quanto mais cedo possível eu hei-de fazer. Se tivesse feito cá não era preciso fazer lá, lá era só do casamento. Na casta do meu marido depois do casamento tem mesmo que ir para a Índia, porque no casamento eles amarram um nó e tem que se abrir o nó numa cerimónia grande que se faz na Índia, mas é obrigatório ir por isso é que eu pedi a Deus que a dela também hei-de fazer lá” (E19);
  - “Na minha família, da minha sogra na cerimónia do sétimo mês, a mulher grávida veste *sari* branco e vermelho antes de ir à casa da mãe, depois tomam banho em casa da mãe e aí vestem o *sari* verde” (E22);
  - “Esta cerimónia faz-se no sétimo mês onde ela mora. Vai em casa da mãe, toma banho lá e isso depende também de algumas culturas. Há umas que tomam banho em casa da sogra, porque mesmo entre nós há culturas diferentes. Vão a casa da mãe e os pais trazem em casa dos sogros e fazem essa cerimónia de dar roupa, trocar, tem que se lavar o cabelo e ficar na porta. Quando a mulher vem em casa dos sogros põe-se aquela tinta vermelha num prato, depois tem que se pôr um pano branco e à medida que ela anda sobre o pano marca sete vezes com a tinta vermelha no pano e depois aquele pano guarda-se. Depois a mulher senta-se no lugar ao pé de Deus e faz-se a cerimónia. Para quem tem possibilidades, fazem um almoço para a família. Passa-se arroz sete vezes entre o colo dela e o colo da cunhada e o coco fica na mão” (E26);
  - “Há uma festa que se faz no sétimo mês para a mulher que está grávida pela primeira vez e dura dois ou três dias. Eu fiz festa, a minha cunhada estava com criança de quatro meses mas não estava ninguém da família, estavam primos e tudo, mas família mais chegada não estava... No primeiro dia faz-se *sanji*, neste

dia as mulheres mais velhas cantaram e a pessoa que está grávida fica sentada na cadeira, elas fazem pintura na cabeça, dão prendas e isso tudo. No segundo dia fazem de Deus, tem *Matajitervanam*, nós chamamos Deus para dar sorte e isso tudo, depois fazemos comida diferente e família e amigos comem juntos” (E30);

- “Existe uma cerimónia que se faz no sétimo mês, mas por exemplo, a família da minha mãe não faz. Mas é assim, no primeiro filho, eu fui para casa da minha mãe, fui tomar banho, toma-se banho em casa dos pais, se eles não estiverem toma-se banho em casa de alguém que nos considere como irmã ou filha. Lavei a cabeça nesse dia, cada passo tem um significado, mas vieram-me buscar membros da minha família, tem que ser sempre número par, duas ou quatro, veio o meu irmão e três primas minhas, logo de manhã às oito, porque aquilo tem horários. Depois tomei banho e depois iniciamos a cerimónia em casa, mas não é obrigatório. Sei que na minha tia puseram panos, mas no meu não puseram. Para preparar a cerimónia a minha sogra telefonou às pessoas mais velhas da família, para perguntar. O *sari* tem que ser um *sari* novo, a estrear, pode ser vermelho ou verde, o vermelho é alegria e prosperidade, é uma coisa boa. Tem a ver com o casamento, se calhar...” (E38).

A altura do parto é referida como sendo uma altura importante na qual a mulher deve permanecer calma. Antigamente, o local do parto era um local reservado apenas às mulheres. Frequentemente se encontravam nos quartos ou na sala, mulheres que auxiliavam na altura do parto, pois sendo já mães, tinham experiência e podiam ajudar. Na Índia mantém-se esta tradição, conservando o espaço exclusivamente feminino.

- “Eu não estava cá na altura do final da gravidez da minha nora porque o meu sogro faleceu e eu tive que ir para a Índia. Tive que ir de repente... ela estava grávida e eu tive que ir de repente mas pedi à minha sobrinha, que é filha do meu cunhado, para cuidar dela. Ela esteve cá, morávamos juntos e foi ela que cuidou da minha nora” (E1).

Actualmente, a maioria dos maridos hindus fazem questão de acompanhar a mulher durante o parto pois consideram que também têm um papel importante. Apenas uma das entrevistadas fez referência à sua preferência a que na altura do parto estivessem apenas mulheres por se sentir mais à vontade, apesar de compreender que actualmente os pais gostem de assistir ao nascimento do filho.

No dia do parto é feita referência aos ensinamentos das sogras ou pessoas mais velhas que dizem para tomar café, café com leite bem quente ou leite misturado com *ghi* e açafão, para que o parto seja mais fácil e mais rápido. Existem também umas sementes denominadas de *jiru* (cominho) que se põem na água e diz-se que também facilitam o parto. A justificação do *ghi* é para que o bebé escorregue melhor e o café é para que a mulher tenha força durante o parto. No entanto, verifica-se que as mulheres hindus mais novas não seguem esta prática.

Das 38 mulheres entrevistadas, 12 referiram que no dia do parto apenas os familiares mais próximos sabem que a mulher foi para o hospital, evitando deste modo pensamentos negativos que possam prejudicar a mãe ou o bebé.

- “Na altura em que a mulher vai para o hospital a família não conta a ninguém, não dizem que foi para o hospital, quando a mulher entra em trabalho de parto ou quando a mulher se apercebe que se calhar está na hora não comentam com ninguém, simplesmente disfarçam a situação. Quem tem que acompanhar a mulher vai, mas não se comenta. Claro que os pais e os irmãos sabem, mas por exemplo, se há um almoço, dizem eu não sei se vou, porque estou cansada ou assim. As pessoas pensam que quanto mais pessoas souberem, não se sabe que desejos as pessoas têm, podem provocar sofrimento para a pessoa que está no hospital” (E38).

Uma das entrevistadas refere que quando começam as dores antigamente em casa fazia-se ginástica e massagem na barriga para ajudar o bebé a descer, mas actualmente toda a gente recorre ao hospital.

Outra indicação dada no dia do parto é para andar muito antes da hora para que a criança desça. Esta prática também é defendida nos hospitais de Portugal onde é incentivada a deambulação da mulher grávida para acelerar o processo de parto.

- “A minha nora de manhã estava com dor, mas o meu filho disse fica calma, deixa a mãe dormir, depois às oito horas o meu filho disse mãe nós vamos embora e eu depois perguntei e ela disse: sim, estou com dor. Rebentou bolsa e eu preparei café sem leite, porque não pode tomar leite quando começa a dor, porque o leite tem gordura e o bebé fica preso e não mexe, é aquela tradição de avó e bisavó e eu gosto de seguir. Se o meu parto foi muito fácil foi porque eu segui... às vezes nós acreditamos também na lua, e se apanha lua cheia depois

nasce... ela começou a sentir mal, reventou bolsa, eu fiz café forte e pus canela, cravinho, quente e disse toma isto e depois vamos para hospital e depois levei no termo e no caminho disse começa a tomar. Pus café, cominho, gengibre, coisas quentes e depois ela tomou, fomos ao hospital e depois eu disse a ela anda, você anda e dei café. Por isso é que os indianos não têm medo de gravidez nem de parto porque têm muito apoio. Se não tiver sogra, vem cunhada. Se eu não tivesse ela vinha cá, porque uma mulher grávida tem que ser apoiada e durante um mês não se deixa cozinhar. Pode não ter ninguém mas a vizinha ajuda... nós somos assim, para não apanhar stress. Depois de andar, o médico disse ela vai ficar, e eu pensei pronto o café está bom e ela também disse: Mãe eu senti bem com café” (E7).

### 5.2.6.2. Cuidados e rituais no pós-parto

O período pós-parto é muito rico em cuidados e atenções tanto para a mãe como para o bebé. É um período considerado de resguardo, onde a mãe deve recuperar do esforço do parto e proporciona uma recuperação tanto física como psicológica. Neste período preferencia-se a relação da mãe com o filho, sendo as restantes tarefas como o cuidado da casa, do marido e dos filhos atribuídos à mãe, à sogra ou a outras pessoas da família. A mulher, pelo facto de após o parto ainda ter perdas sanguíneas, é considerada impura não podendo aproximar-se de lugares sagrados, do *mandir* da casa ou mesmo, preparar refeições.

Geralmente, a mulher vai para casa da mãe onde permanece por um período que oscila de duas semanas a um mês e meio, saindo de casa, apenas em situações especiais. Caso a mãe não esteja presente a mulher vai para casa da sogra. Muitas vezes a mãe da mulher vem da Índia e permanece durante dois a três meses auxiliando a filha.

- “A mulher hindu não entra tão facilmente em depressão porque tem todo o apoio que necessita, a sua mãe, a sua sogra, as irmãs, as cunhadas que ajudam. Ajudam em tudo a cuidar da criança, na cozinha, na casa. A mulher está muito fragilizada, a mulher não aguenta a pressão, altera a vida, mas nós ajudamos o mais possível, logo há todo o apoio necessário. Muitas mulheres vieram da Índia e aqui só está marido e mulher, mas há sempre alguém que ajuda, pelo menos um pouco. Nós os hindus damos apoio, mimo, aquilo que ela precisa” (E1);

- “Ela (nora) faz doze dias que teve o bebê e eu não deixo fazer nada, só fica a dormir. Ela disse mãe, eu vou lavar loiça e eu disse não, até um mês faz mal, porque ela mexe em água e depois do parto o nosso organismo está descontrolado e mexer na água, apanhar ar pode fazer mal à saúde, pode ficar doente, pode ter dor dos rins, dores das costas... quase todas mulheres têm dores. Eu com 65 anos não tenho nada, de parto, tenho três rapazes mas a minha mãe disse até 1 mês e dez dias não faz nada e eu também não deixo a minha nora fazer... por isso é que nós indianos não temos aquele *stress*, nem medo como as portuguesas: ai não ainda não organizei a minha vida, quero casa... Não, casa vai ter depois... Pode ter dois, três filhos porque recebem muito bem a maternidade porque sabem que têm muito apoio da família” (E7);
- “Eu fui para casa da minha mãe... a razão da rapariga ir para casa da mãe tem a ver com antigamente, as noras moravam sempre com as sogras, hoje também, mas muitas já moram sozinhas... em casa da sogra há sempre aquela responsabilidade, tem que acordar cedo, tem que fazer a cama, tem que lavar a loiça, tem que lavar a roupa... os deveres da casa não podem parar, apesar de hoje em dia há muitas sogras que não obrigam a nada, mas nunca é como estar em casa, com a nossa própria mãe que nos ajuda, que podemos vomitar e mãe é mãe, ela trata de tudo. Agora a sogra sentimo-nos um pouco constrangidas e dizemos, deixa estar que eu faço. Essa ida para casa da mãe é para resguardar a mulher depois do parto e também por motivos de saúde, depois de ter a criança a mulher está fraca, o corpo passa por uma grande transformação e é isso que a mãe nos explica, a tal depressão... já há anos as mães dizem cuidado, porque isto depois vai pesar na tua coluna, a tua barriga, a tua maneira de estar na vida, vais passar mal se não descansares alguns dias e a comida também é pensada dessa forma, dão comidas benéficas a pensar nesse estado e para eliminar impurezas, durante um mês e dez dias. Mas isso depende das famílias, a família da minha irmã ela não pode vir logo, a família da minha mãe pode aceitar se quer a filha nos dias depois do parto. Eu quando estive cá, depois de me ir embora, tive que pagar uma taxa... a minha mãe nem pode cá ter as filhas nos dias a seguir ao parto. Varia muito de família para família e a minha irmã ficou em casa dela quinze dias e só depois é que veio cá, ela nem pôde vir logo” (E13);

- “Toda a família ajuda porque todos estão felizes, eu que sou avó também fico muito contente, parece que a casa ganha vida. Eu gosto muito porque o bebê dorme comigo, porque a mãe do bebê era a primeira vez e não sabe tomar conta e os pontos estavam a doer, logo o bebê ficava comigo, eu cuidava e dormia até um mês e meio, depois ele vai na cama da mãe. Mas mesmo assim ele chora e ela diz, chama-me: vem ver bebê que está a chorar. Na minha família todos ajudam. Eu como tive filhos já sei, então ajudo” (E34).

Apenas uma das entrevistadas se referiu a uma cerimónia que se realiza no quinto dia após o parto.

- “A gente põe pedras no quinto dia, cinco pedras... fazemos uma cerimónia e nela põe-se pedra quente. A cerimónia chama-se *Panjoli*. Põem-se pedras na barriga e depois faz-se uma cerimónia. Primeiro aquecem-se cinco pedras e põem-se na barriga, depois de ficarem frias põem-se no chão e faz-se cerimónia. É uma festa só aqui em casa, a gente não convida ninguém. Fazemos uma *apa* grossa e depois fazemos *sunthe*, *gor* e *suá*. Fazemos cinco pilhas, pomos uma *apa* grossa e pomos *pindiá* e pomos *daró* com água sete vezes a Deus. Depois fazemos *chandlá*... e depois faz cerimónia porque correu tudo bem no parto e é para agradecer. Fazemos esta cerimónia perto da cama” (E22).

No pós-parto imediato ainda na maternidade começam os cuidados com a alimentação. É uma dieta especial que se mantém geralmente nos primeiros sete a onze dias, podendo-se prolongar até aos 20-30 dias. É uma alimentação predominantemente vegetariana baseada em *apas* de farinha de *meixoeira* com *bajra*, *meti*, *roti* com *gor*, *rab*, *ghi*, *mug* e beringelas. Estes alimentos são considerados importantes para a mulher, porque além de a fortalecerem, ajudam a limpar o organismo das impurezas, a queimar as gorduras, repõem a ordem natural do organismo e estimulam a produção de leite. Evita-se o óleo e cozinha-se com manteiga. Algumas mulheres fizeram referência que após a gravidez, alguns alimentos como a banana e o iogurte são proibidos apesar de não saberem justificar a razão. Evitam-se também alimentos ácidos como o tomate, o limão e a laranja por causa do leite e também por causa da própria mãe, para que a barriga volte rapidamente ao sítio e por causa dos pontos. Em geral, tem-se cuidado com a fruta e com a batata porque pensa-se que pode interferir com a função intestinal da criança. Habitualmente também se dá à mãe *ajma*, *suá* e outras sementes moídas, que se

põem a ferver na água e depois dá-se de beber essa água com a finalidade de libertar todos os restos da gravidez. Existem mulheres que comem *thal* com *gor*, porque este último ajuda a estimular a produção de leite.

Nos primeiros cinco a seis dias é costume dar-se chá e café sem leite, porque existe a crença de que o leite faz inchar a barriga e provoca flatulência. Apenas após a cerimônia do “baptizado” é que é permitido à mulher reiniciar a alimentação habitual.

- “Não comemos batata, arroz, feijão porque provoca gases, faz-se comida com *bajra*, *apa* de *bajra*, *meixoeira*, beringela, *meti*, *baji* e a água não bebe normal. Existe na ervanária umas sementes que se ferverem na água e dá-se de beber aquela água à mãe e ao bebê, porque a barriga ainda está dolorida por isso tem que se tratar e usar cinta, comer comida especial, não beber leite para não engordar. Dá-se canja de *bajra* com *jagra*. *Jagra* é bom porque leite vem quente e é bom para o bebê, não fica constipado e ajuda o sangue a circular” (E7).

Algumas senhoras referem que esses cuidados são só até ao sexto dia, havendo outras que prolongam esta prática até mês e meio após o parto.

Quando a mulher sai do hospital tapa os ouvidos e a cabeça para não apañhar vento e quando chega em casa tapa os espelhos. O vento e o ar frio são considerados nocivos para a mãe, pois o ar ao entrar no corpo vai preencher o espaço deixado vazio após o parto, impedindo que a mulher recupere a sua forma física e arrefecendo em demasia o corpo, estando a nova mãe sujeita a constipações ou outras doenças do foro respiratório.

- “A mulher indiana após o parto não sai muito, não é como aqui. Logo que sai da maternidade ela põe algodão nos ouvidos e se está muito frio protege a cabeça com um lenço, amarra um lenço, põe meias nos pés que é para não entrar ar, nem apañhar frio porque o corpo está muito frágil depois do parto, e por isso, tem que se cuidar um bocadinho” (E21);
- “Põe-se algodão por causa do vento, porque nós temos os buracos dos ouvidos e do nariz e se estiver vento ou mesmo sem vento, entra ar porque o corpo está vazio porque o bebê já saiu e o ar entra lá dentro e esse corpo fica mais gordo, inchado. E isso é mau para o corpo” (E27);
- “Quando saí da maternidade pus um lenço na cabeça e tapei os ouvidos. As mulheres costumam fazer isso que é para o

corpo depois não inchar, porque dizem que o corpo fica oco depois do bebê sair e se apanhar vento o ar vai ocupar o espaço do lugar do bebê. Por outro lado, o corpo da mulher está mais frágil e também pode-se apanhar resfriados e constipações e ficar doente. Para o bebê também é bom porque ele mama, e se a mãe estiver bem o bebê também não apanha nada” (E33);

- “Eu não pus nada na cabeça mas dizem que a mulher deve tapar a cabeça e os ouvidos porque entra ar. Eu não tinha barriga muito inchada por isso é que não fiz isso, mas fazem. Também era tempo quente, não era tempo frio, por isso não se tapa os ouvidos. Eu não sei se ajuda ou não, mas a minha mãe dizia para eu fazer, mas não sei se acredito ou não” (E36).

Relativamente ao corpo, existem muitos cuidados. A maioria das entrevistadas refere-se que lhes foi dito ou ensinado para colocarem um saco de água quente na barriga para as impurezas dissolverem, serem expelidas e para a barriga não crescer muito. As mulheres mais antigas referem que na Índia colocam-se pedras aquecidas na barriga e que agora, há quem aqueça um tijolo e o coloque, embrulhado num pano ou numa toalha, na barriga até a pedra arrefecer.

Duas entrevistadas referiram que antigamente na Índia punham-se pedras aquecidas debaixo da cama para que, após o parto, o corpo da mulher permanecesse quente.

Ainda reportando-se à Índia, referem que as mulheres costumavam amarrar *catlani pati*, que são umas tiras em pano grossas utilizadas nas camas, com o intuito da barriga voltar ao sítio. A maioria das jovens mães entrevistadas referem que agora recorrem à cinta e que por vezes, ainda utilizam sacos de água quente. Algumas referem o desejo de seguir a tradição, mas devido à dificuldade de encontrar tijolos ou fitas grossas de pano, optam por se adaptar à realidade onde estão.

- “Antigamente punha-se a pedra para não ficar com barriga, mas eu pus cinta... eu até queria, mas onde é que eu ia buscar? Aquilo são os velhos, os antigos que têm muito jeito para fazer e para arranjar as coisas, nós não temos paciência... a minha mãe nos tempos dela não fez aquilo porque ela teve filhos em escada e não tinha pais perto, por isso não tinha quem dissesse para fazer, só tomava alguns cuidados... antigamente é que punham pedra” (E26);

- “Eu aprendi que mulher grávida tinha que pôr pedras quentes na barriga para barriga voltar ao lugar. Lá eu vi as mulheres a aquecerem pedras nas fogueiras, mas aqui eu tive que aquecer no fogão, enrolar e depois pôr. Agora toda a gente põe saco de água quente e cinta, que é mais fácil do que andar a arranjar pedras e a aquecer” (E35).

Durante o primeiro mês após o parto, a mulher recebe massagens efectuadas pela mãe, sogra ou por outra mulher, para ajudar o corpo a voltar à sua forma e para não terem dores no corpo. Estas massagens iniciam-se no sétimo dia e são valorizadas por todas as entrevistadas, referindo que se sentem muito melhor após as mesmas.

- “Antes do banho a minha sogra faz-me massagens pelo corpo todo, faz massagem com óleo *Johnson*, ou com azeite e depois é que vou tomar banho. Dizem que esta massagem é boa, por causa do parto, alivia, a barriga vai ao lugar e a pele não fica mole. A massagem é feita no corpo todo, no peito e na barriga em todo o lado. Esfrega-se com força o corpo todo e sobretudo as costas para depois não ter dores nas costas” (E2);
- “Quem faz massagens à mulher é uma parteira, quem sabe é que faz... há senhoras que têm bebés em casa, esta senhora faz massagem à mãe porque o corpo está muito distendido e elas fazem massagem com óleo normal. Há quem ponha *haldi*, aquece um pouco e depois faz massagem pelo corpo todo e aquilo ajuda, ajuda bastante” (E8);
- “A mulher depois de ter a criança também recebe massagens, é uma massagem própria, com óleo de mostarda e faz-se massagem na barriga, nos pés e em todo o corpo, para aliviar as dores e para ir tudo ao sítio” (E26).

Outro aspecto que se tem em conta é a lavagem da cabeça. As mulheres após o parto não devem lavar a cabeça, pois podem apanhar humidade e ficarem doentes e isso pode ser transmitido ao filho. No entanto, algumas mulheres dizem que consideram a lavagem da cabeça importante e concordam que ela seja feita, se tiverem os cuidados necessários. Esta recomendação termina em certos casos no quinto, sexto ou sétimo dia, coincidente com a celebração do *Chatti*, altura em que a mulher tem que tomar um banho completo.

- “Aos 11 dias após o parto, a mãe pode lavar o cabelo, antes ela pode tomar banho mas não pode lavar o cabelo, só aos 11 dias pode lavar a cabeça e depois ela pode ir ao templo fazer coisas

de Deus, rezar... depois é no dia 13 que se lava, depois de dois dias, e depois no dia 21 que se pode lavar, depois é todos os dias, depois é normal... na nossa região não, mas noutras regiões não se pode lavar o cabelo até 9 meses. O que se faz é passar um pano molhado no cabelo... o cabelo não fica sujo, é por causa de Deus” (E16).

Tem-se também o cuidado de não ir para o templo porque a puérpera ainda é considerada impura, devido à perda de sangue, respeitando um período de tempo variável, que vai de 10 a 21 dias, até poder ir rezar ao templo ou ao *mandir* de casa. Geralmente não saem até um mês após o parto, devendo a primeira saída corresponder à ida ao templo e só depois ir à casa de familiares e amigos. Magalhães (1994, p. 54) refere-se a este preceito dizendo “*A mãe é considerada impura durante dez dias — suher (cerimonial da impureza) e não é tocada por ninguém excepto a parteira*”. Este período de tempo é variável, e cada família tem o seu próprio ritual. Também, em certas famílias, os restantes elementos da família são considerados impuros por um período de 11 dias.

O repouso também é fundamental no período pós-parto de modo a evitar dores nas costas e nas ancas, que se podem acentuar se não forem tomadas as devidas precauções.

A existência de crianças do sexo masculino numa família hindu é motivo de grande orgulho e alegria. Esta imagem, que tem vindo a diluir-se de forma gradual, ainda permanece nos dias de hoje, como se constata na narração de uma médica hindu:

*“a mulher hindu preocupa-se com o sexo da criança, porque o rapaz ainda é algo de muito importante a nível familiar e isso também tem que ver com a filosofia que nós seguimos. O rapaz é o que vai ficar... é o que vai gerir tudo o que é dos pais, é o herdeiro. Se for uma menina, é diferente porque a rapariga quando casa fica a pertencer à família do marido e há um sentimento de perda também, porque se investe na formação e na preparação da rapariga para ser mulher, esposa e mãe e ela sai de casa. Normalmente quer-se um rapaz. Já não estamos na época em que tendo uma rapariga tem que se matar a criança ou que a mulher sofria represálias porque tinha só filhas. Hoje em dia já se aceita melhor e a geração actual, que vive ou até que já nasceu cá, não tem uma preferência manifesta. Embora, se os chefes da família forem antiquados continue a existir essa pressão e é mais complicado, mas já se resolve de maneira diferente. Agora já se aceita bem, tanto o rapaz como a rapariga”.*

Quando questionadas se havia diferença entre terem um rapaz ou uma rapariga, a maioria das mulheres jovens diz não ter preferência apesar de ser reforçado que um rapaz dá continuidade à família. Se inicialmente as mulheres querem contrariar esta ideia, ao longo do seu discurso revelam a importância que um rapaz tem para toda a família e a valorização que esse facto lhes traz enquanto mulheres. As observações participantes, as observações fílmicas e as observações fotográficas que efectuamos vieram confirmar este aspecto. As mulheres mais antigas referiram que antigamente era dada muita importância ao facto de se ter um rapaz e que as sogras as tratavam mal se nascessem raparigas, mas que actualmente essa preferência não se faz sentir.

- “Hoje em dia é tudo igual, quer seja rapaz quer seja menina, mas na nossa religião preferem os rapazes. Gostam mais do filho porque dizem que ele vai pôr o nome do pai nos seus filhos. A gente diz assim a filha vai ser de duas casas, dos pais e dos sogros, porque quando se casa a nossa filha vai para outra casa. Os filhos não... eles ficam junto dos pais. O filho dá mais, porque traz nora e trata de nós na velhice. Se tiver só meninas, elas estão com os sogros e quem trata de nós quando precisarmos?” (E1);
- “Acho que hoje em dia tanto faz, mas a gente pede sempre que o primeiro seja rapaz, eu tinha fé e pedia sempre a Deus para ser rapaz e saiu rapaz” (E5);
- “Conforme a mentalidade da pessoa. A minha nora são quatro irmãs e único irmão e o avô dela gostava mais de rapazes e na nossa família, na parte do meu marido não têm meninas, o meu sogro eram três rapazes, eu tive três rapazes, a minha cunhada foram dois rapazes. Para mim não, mas muitos querem rapazes, porque quando a menina casa vai para junto do marido e fica com a sogra e diz sogra é minha mãe e com os rapazes não, o rapaz casa e fica em casa, ele é a nossa reforma. O rapaz trabalha para nós e traz nora e a nora é que cuida de nós, da casa e de tudo. Por isso, o rapaz é a nossa reforma e a nora também é nossa reforma” (E7);
- “Para mim era igual, mas eu digo à minha sogra que ela não se importa se for rapaz ou rapariga, porque o meu avô tinha e dizia só vem raparigas e eu quero rapaz, e uma pessoa sente... e na casa da minha sogra eu sei que para ela é bem-vindo qualquer um, agora rapaz ou rapariga, tanto faz, tem que ser aquele que dá sorte, alegria e amor aos pais” (E6);

- “Antigamente havia essa coisa, porque é que teve menina e não teve rapaz. Agora já não há isso” (E2);
- “A gravidez é muito importante para a mulher, ela sente-se realizada... Antigamente aquelas mulheres que não tinham bebé eram muito mal vistas. Hoje em dia não é nada de importante mas ser mãe é muito importante para nós e para a família. Para eles é... se for um rapaz, para eles é o seguidor do nome, porque fica sempre o nome do pai, o bebé não tem o nome da mãe. Se for uma mulher diz que traz fortuna, que traz sorte... mas antigamente queriam um rapaz, hoje em dia é que já não se importam. Para mim também tanto fazia. A família fica toda contente, porque eles por exemplo, mal casam querem logo filhos, no meu caso eu disse têm que esperar, eu estive casada três anos antes de ter o filho (...) existem mulheres que fazem promessas para ser rapaz e depois há uma cerimónia que se faz na Índia, para se nascer rapaz” (E9);
- “Antigamente havia diferença... agora não há. Antigamente gostavam mais de rapaz. No meu tempo também... porque eu sofri, porque eu tive quatro filhas que nasceram primeiro e depois tive um filho. Quatro raparigas... cada vez que nascia rapariga a minha sogra não falava. Não ajudava, não fazia nada... depois quando nasceu rapaz ficou tudo bem, mas quando nascia menina ela ficava virada de costas, falava mal. Mas o meu marido gostava muito de raparigas. O meu marido gostava mais de filhas, até agora... quando nasceu rapaz fizeram grande festa” (E11);
- “Antigamente era importante nascer um rapaz... agora as pessoas já não ligam muito, mas há algumas que ligam ainda por causa de ser um herdeiro. Os rapazes mantêm o nome da família e sempre os sogros pensam nisso, querem ter um neto primeiro. Alguns recebem mal se for menina, eu acho que isso ainda existe hoje. Na Índia existe mais, aqui menos” (E12);
- “Antigamente era rapaz, rapaz, rapaz... eu também ouvi falar porque os rapazes ficavam em casa e as meninas ficavam em casa dos sogros. Agora já não é assim... agora nasce rapaz ou rapariga eles já não ficam tanto em casa porque cada pessoa quer seguir a sua vida e não há aquilo de toda a gente ficar em casa com os pais, com os avós. Eu até prefiro meninas para enfeitar e porque diz-se que quando nasce menina traz fortuna, dizem que nasceu *Laxmiji*” (E24);

- “Se é rapaz toda a gente fica contente, eu não sei porquê, mas eles dizem que o rapaz trabalha e a rapariga não por isso... mas agora toda a gente trabalha. Antigamente, se nascesse rapariga ela não era muito feliz, se nascesse rapaz era feliz, agora já não importa” (E23);
- “Na nossa religião nós pensamos que bebé é assim tipo de Deus porque ele ainda não sabe fazer maldades, é puro, é Deus. As pessoas ficam contentes porque quando tem menino, ele cresce e vai casar, vai dar netos, aumenta a geração, dão herdeiros. Em Portugal, os pais ajudam mais as filhas, o genro vem a casa da rapariga, nós não somos assim... As raparigas vão para casa do marido e por isso os rapazes têm mais valor porque aumentam a família” (E27);
- “O facto de ser rapaz ou rapariga ainda pesa muito na comunidade hindu. As mães geralmente querem ter rapazes, porque dizem que vai dar continuidade à família. Se não se tiver, aceita-se e pensa-se que esse é o destino, mas nota-se quando se pergunta à grávida o que vai ter e se ela diz rapaz todos ficam contentes, mas se ela diz rapariga dizem não faz mal para a próxima é rapaz. Sobretudo quem vive com pessoas mais velhas é inevitável... por isso nós não dizemos a toda a gente se é rapaz ou rapariga, as pessoas de casa é que sabem e mesmo elas às vezes dizem que era melhor ter rapaz e as pessoas para satisfazer acabam também por ficar influenciados para ter rapaz. Existem orações para pedir um rapaz e há quem faça também um jejum, que a cunhada pode fazer. No caso da minha sogra, ela tem duas raparigas mais velhas e dois rapazes e ela quando ficou grávida do terceiro, a cunhada dela queria que fosse um rapaz e fez um jejum e disse que se fosse rapaz nos próximos cinco anos, seja qual fosse o tamanho das mãos da criança ele pegava em arroz e ela ia comer no dia dos irmãos, nesse dia específico, só a quantidade de arroz que coubesse nas mãos dele e durante o dia só comia disso e nos cinco anos também. Sei também que há qualquer coisa com o coco de ouvir dizer, que é separar o miolo do coco da casca, mas só ouvi” (E37).

Apesar de estarem em Portugal há muitos anos, as mulheres hindus mantêm-se fiéis aos valores e princípios hindus. Se por um lado, aceitam e reafirmam as diferenças que caracterizam esta cultura, em certos assuntos, nomeadamente em relação à preferência por ter filhos do sexo masculino, procuram identificar-se com a sociedade de acolhimento evitando juízos de valor e interpretações erradas, apesar do valor do nascimento de um elemento masculino ser ainda muito evidente.

### 5.2.6.3. Cuidados de higiene e conforto da criança

Com o nascimento do bebê toda a família e todos os amigos e vizinhos centram a sua atenção na criança, dando conselhos e ajudando a cuidar dela. A satisfação das necessidades básicas da criança é uma prioridade para todos, que esperam contribuir para que a criança se desenvolva e cresça da forma mais saudável.

Os cuidados infantis dependem sobretudo do ambiente familiar e cultural, das crenças, da religião e do modo como são transmitidos através das gerações [Stork, 1996]. Com efeito, o modo como se cuida da criança, como se segura ao colo são o reflexo de uma apropriação de gestos, de comportamentos e de atitudes, que foram sendo interiorizados e que só o entendimento da cultura e do meio onde se inserem permite dar o seu verdadeiro sentido.

Os cuidados efectuados à criança, na cultura hindu, são essencialmente, o banho, a massagem e a alimentação. Nestes três tipos de cuidados é realçada a ligação que se estabelece entre o corpo da criança e o da sua mãe/ prestadora de cuidados. O contacto físico, a interacção, a afinidade crescente que se vai estabelecendo são considerados essenciais para um bom desenvolvimento físico e mental da criança. O cuidado do corpo e a valorização do toque, vistos como a primeira forma de aliança entre a mãe e a criança, são defendidos e estimulados na cultura hindu, constituindo uma forma de aproximação, mas também um meio de descoberta do mundo que rodeia a criança. Mauss (1934, p. 372) refere “*Le corps est le premier et le plus naturel instrument de l’homme. Ou plus exactement, sana parler d’instrument, le premier et le plus naturel objet technique, et en même temps moyen technique, de l’homme, c’est son corps*”. Através da massagem, do banho e da alimentação criam-se laços afectivos e sociais fundamentais para a integração da criança na família e posteriormente na sociedade. O contacto de pele com pele, o olhar, o choro, o sorriso, o conforto visível da criança e a satisfação por parte de quem cuida constituem respostas que estimulam e desencadeiam vários tipos de interacções.

Nestes cuidados básicos de higiene e conforto a mãe tem o papel principal. Porém, constata-se que todas as mulheres contribuem para o fortalecimento desse vínculo e também elas assumem papéis de destaque no cuidar da criança.

No caso do primeiro filho os cuidados são geralmente feitos pela sogra, que se diz ter já muita prática e ser a pessoa indicada para ensinar a nova

mãe. Este assumir da posição de cuidadora por parte da sogra é entendido como uma consequência natural e é visto como um reforçar da condição de mulher mais velha e mais experiente da casa, um sinal de respeito e simultaneamente como uma benesse, visto as mulheres mais novas permitirem essa “intromissão” e até, de alguma forma, a favorecerem. Existe uma cumplicidade, um favor recíproco entre estes dois elementos femininos, a sogra que auxilia, com a sua sabedoria e experiência e a nova mãe que “cede” o seu filho e que permite que a sogra desfrute do duplo prazer de cuidar e de ensinar.

- “Quando o meu neto veio do hospital para casa, eu e minha nora não dormimos pelo menos vinte dias. Nós não sabíamos porquê, ele tinha cólicas e chorava muito e depois ela não tinha muito leite, logo ficou assim. Eu tinha que ajudar a minha nora, não é?” (E1).

Apesar do papel de cuidadora privilegiada estar atribuído à mãe e às avós, toda a família colabora na assistência à criança. Este facto, mais evidente na Índia devido à proximidade das casas e à coabitação de vários membros de uma família na mesma casa, encontra alguns obstáculos em Portugal, não só devido às condições económicas mas também devido à evolução de conceitos como o papel da mulher e o número ideal de filhos.

- “Antigamente as famílias hindus eram mais numerosas e as mulheres tinham muitos filhos. A juventude de agora só quer um, no máximo dois. Agora não! Dizem que não há tempo e agora os filhos custam muito a criar e gasta-se muito dinheiro... antes eram as mulheres que não trabalhavam que tomavam conta das crianças todas de uma família. Agora todos têm que ajudar.” (E1).

O banho é um dos momentos de contacto e de ligação da mãe com o seu filho. Mais do que um momento lúdico, o banho é visto como uma forma de purificação, de remoção de tudo o que possa contaminar e ser nefasto.

Este ritual diário, continua a ser praticado em Portugal seguindo alguns preceitos. A maior parte das entrevistadas dá o banho de manhã ao bebé, como habitualmente se faz na Índia, cerca das 11h ou 12h. A escolha da hora deve-se sobretudo à temperatura, evitando o risco do bebé se constipar e à necessidade de apresentar a criança no *mandir* doméstico para que ela seja protegida e tenha sorte ao longo desse dia. Apesar de duas entrevistadas explicitarem os conselhos dados por amigos e pelos profissionais de saúde sobre as vantagens do banho ser dado à noite, elas continuam a seguir a tradição e as recomendações feitas pelas outras

mulheres da família, optando pelo período da manhã. O banho total é dado apenas quando cai o coto umbilical.



Fotografia 5 – Avó hindu a dar banho ao seu neto

- “Lá na Índia, bebé toma banho de manhã por causa do clima, do tempo. A parteira vem de manhã, até meio-dia, no máximo até 1 hora da tarde, conforme ela tem as pessoas, ela é tipo médica, vai aqui, ali, mas normalmente é tudo de manhã” (E8);
- “Geralmente dou o banho de manhã, a minha avó vem dar o banho ou a minha sogra, por hábito é a pessoa mais velha que dá o banho, é a minha sogra que dá o banho e faz as massagens. Disseram-nos para não fazer no primeiro mês, só depois é que deveríamos iniciar as massagens. Há umas que dizem para fazer depois e outras que dizem para fazer logo, eu optei por fazer depois. A minha avó sabe fazer muito bem a massagem porque teve oito filhos e todos os meus primos, que são imensos, foi ela que fez a massagem” (E3);
- “Nós temos o hábito de dar o banho de manhã para depois ajoelhar o bebé aos deuses, para ele estar puro e para ele ter sorte e essas coisas... houve colegas minhas que disseram para dar o banho à noite para ele dormir melhor, mas ele está já habituado” (E9).

Após o banho são efectuados alguns cuidados ao corpo e à pele da criança, de modo a que esta fique suave e protegida. O uso de pó talco ainda se mantém, embora de forma menos frequente, como pudemos

constatar nas observações fílmicas, nas observações fotográficas e nas observações participantes. Actualmente, o pó talco é substituído por outros produtos de higiene como leites hidratantes e perfumes específicos para crianças.

O simbolismo associado ao coto umbilical é sobretudo de protecção e de cura. Quando o coto umbilical cai, ele é guardado sendo utilizado de diversas maneiras ou para dar sorte como se pode constatar pelos seguintes relatos:

- “Depois do coto cair, depois de estar seco, a gente guarda aquilo, a gente guarda na caminha do bebé para não apanhar doença. A gente guarda assim mesmo, amarramos no pano e deixa-se para o bebé ser saudável, para ficar bom, para não ter doenças. Às vezes a gente diz à mãe, o bebé está pequeno ou o bebé da outra pessoa está doente, a mãe só de estar perto da outra pessoa o nosso bebé fica doente também. A gente pega o pano e o nosso bebé também fica doente. Tem que se cuidar muito da mãe... quando o bebé é pequeno, seis meses ou assim... na Índia levam-se as crianças para carregar água e tudo e basta ficar um ao lado do outro para apanhar doença e isso não dá... tem que se ter cuidado” (E1);
- “Eu guardei dos meus filhos, porque quando a criança tem alguma ferida no olho, a gente tira o nosso leite e esfrega aquilo e depois põe e aquela inflamação passa” (E5);
- “Eu guardei o cordão do meu bebé porque dizem que quando ele ficar doente aquilo ajuda. Molha-se num pouco de água e faz-se uma pasta e dá-se. Conheço pessoas que fazem isso e dá resultado. Ainda não experimentei, mas guardei para se for preciso” (E28).

A massagem é outro aspecto muito importante e específico da cultura hindu. É feita desde que o coto umbilical cai até cerca de 1 ano ou 1 ano e meio de idade. É geralmente realizada com um óleo natural (azeite ou óleo de amêndoas doces) embora em Portugal muitas mães hindus façam com óleos comerciais.

Esta técnica milenar tem como objectivos moldar o corpo do bebé, estimular a circulação, desenvolver as articulações e a massa muscular e aprofundar a relação entre a criança e quem efectua a massagem, estimulando a componente física mas também a componente emocional e relacional.

É feita em todo o corpo do bebé, tendo início na cabeça e descendo suavemente até aos pés. Esta massagem designada por *Shantala* é passada de geração para geração, ao longo dos anos. Segundo os hindus, mais do que uma técnica benéfica para as crianças esta massagem é uma forma de tocar, de conhecer o bebé e através das mãos lhe transmitir amor e carinho.

A massagem *Shantala* foi trazida para o Ocidente pelo Dr. Frédèrick Leboyer, médico francês, que durante uma viagem à Índia, num bairro pobre de Calcutá, observou uma mãe jovem, paralítica, que massajava o seu bebé, todas as manhãs, aproveitando o sol. Este médico constatou as vantagens desta massagem para o bebé e para a relação mãe-filho, tendo decidido ensinar esta técnica às mães europeias.

As principais características desta técnica consistem em colocar o bebé sobre as pernas de quem vai efectuar a massagem (a pessoa deverá estar sentada no chão, com as pernas estendidas) e usar óleos naturais ligeiramente aquecidos ou à temperatura ambiente para evitar choques térmicos e para reduzir a fricção. A massagem é efectuada com um ritmo lento e constante, sendo os movimentos feitos com firmeza, sempre de dentro para fora (do centro para as extremidades) ou de baixo para cima. A pressão dos dedos vai sendo aumentada progressivamente. O sentido da massagem é do lado esquerdo para o lado direito, sendo justificado por este ser o sentido da energia no corpo humano.

A massagem ao bebé é entendida como uma forma de comunicação e de conhecimento entre a mãe e o seu filho. Ao ser tocado o bebé familiariza-se com a mãe, com as pessoas e estabelece uma interacção mais profunda. A massagem tem início com a colocação de uma mão no peito do bebé, a qual vai deslizando lentamente para os lados e para cima. Nas observações fílmicas e fotográficas efectuadas constatamos que o rosto do bebé é alvo de grande atenção e cuidado por parte das mulheres que executam a massagem, sendo a região do corpo onde mais se demoram. Mãos hábeis e experientes moldam a cabeça, delineiam os olhos e as sobrancelhas e com movimentos repetitivos e firmes, aperfeiçoam os lábios, o nariz, as orelhas e o queixo para que a criança cresça com harmonia e beleza. Posteriormente, massaja-se o resto do corpo dando especial atenção aos braços, à região inguinal e às pernas.



Fotografia 6 — Momento da massagem efectuada por uma avó hindu



Fotografia 7 — Técnica da massagem realizada por uma avó hindu

Esta massagem por ter uma técnica especial é habitualmente realizada pelas sogras ou senhoras mais velhas que a executam tal como aprenderam. Mesmo as mães dos bebés preferem que sejam as senhoras mais velhas a fazer a massagem por terem mais experiência. Das observações filmicas e fotográficas efectuadas constata-se que as senhoras mais idosas fazem questão de fazer esta massagem sentadas no chão (tal como na Índia) e massajam todas as partes do corpo, sendo uma massagem mais vigorosa e mais demorada. As mães ou mulheres mais novas já fazem a massagem na cama, não se demorando tanto e não fazendo esta técnica com tanto preciosismo. Todas as mulheres reconhecem a

importância da massagem para o bebê e referem que desde a sua infância viram esta técnica ser aplicada a todas crianças, com bons resultados.

- “A minha mãe é que faz massagem, antigamente punha-se nas pernas, a minha avó e assim. Agora como ela tem problemas no joelho não faz, mas ela faz na cara, no nariz, para alongar para não ficar achatado, as bochechas, a cabecinha, as mãos, os pés” (E9);
- “Eu não sei fazer bem massagem, por isso vem a minha amiga fazer que ela já tem dois filhos, ela vem. A nossa massagem faz-se nos pés e nos braços, para ele se movimentar e para os braços não ficarem presos. Aquilo faz-se antes do banho, põe-se óleo no corpo e depois faz-se a massagem... tem que vir até à cabeça, os pés e os braços. Eu não sei fazer, a minha mãe fazia e eu via. Eu comecei a fazer logo que ele veio para casa. Eu fazia só nos braços” (E17);
- “Quem faz massagem é minha sogra, porque eu não sei. A ela quem ensinou foi a sogra dela e fazem aquilo tudo... faz-se massagem pelo corpo todo para o bebê se movimentar bem e para crescer forte. Toda a gente sabe fazer massagem e antigamente na Índia punham-se os bebês nos pés e fazia-se massagem e dava-se banho nos pés também, ao sol. Agora aqui faz-se pouco a massagem no chão porque também o chão aqui é mais frio e não se pode ficar muito tempo no chão. Todo o indiano faz massagem para o bebê crescer forte e bom...” (E31).

O cuidado com o cabelo é outro aspecto importante da cultura hindu. É frequente pôr-se óleo no cabelo para que este fique mais sedoso, liso e forte, tendo uma das entrevistada referido que esta prática atrasa também o aparecimento de cabelos brancos. Apenas uma das entrevistadas referiu pôr óleo na cabeça da criança após o banho para o cabelo ficar forte e também para a cabeça ficar forte. Este procedimento é feito até um ano de idade e esporadicamente durante toda a vida. Também é habitual pôr-se *chandlô* nas crianças, sobretudo se vão ao templo.

Geralmente, ao fim de um ano ou por vezes mais cedo costuma-se cortar todo o cabelo à criança.

Esta cerimónia é coincidente com o festejo do *Holi*, no qual se acende uma fogueira e dá-se voltas com a criança em redor da fogueira e depois

atira-se o cabelo para dentro da fogueira ou no mar. Por vezes, também se faz uma festa em casa e o barbeiro vem cortar o cabelo em casa. Na cerimónia do *Holi* é evocada uma história onde um rei-demónio, sem humildade e sem modéstia ordena que todos lhe prestem homenagem em detrimento de outros deuses. Algum tempo depois nasce o seu filho que era muito devoto de *Vishnu*, pelo que o rei fez várias tentativas para o matar. No final da narrativa o rei-demónio é morto. Após esta evocação, as famílias dirigem-se para um recinto ao ar livre onde o sacerdote evoca *Ganesha*. Posteriormente, as mulheres colocam no chão sementes, pipocas, tâmaras, coco e lamparinas com manteiga e queimam incenso. Cantam e dançam à volta da fogueira. Em seguida, os homens dão voltas em redor da fogueira e lançam cocos. Geralmente, é o tio materno que leva a criança ao colo e com ela dá voltas à fogueira.

O primeiro cabelo é considerado impuro porque esteve em contacto com os restos do parto, pelo que é habitual ser cortado. Bastos e Bastos (2001, p. 263) tratam esta prática ligada à celebração do *Holi* dizendo

*“Depois do Holi, a tradição mandava que as crianças (de cerca de um ano, ano e meio, em média) fizessem o primeiro corte (carekkcada) do cabelo (crescido no útero das suas mães), a ser guardado cuidadosamente para, numa ida à Índia, ser oferecido à kul devi (deusa da linhagem) do progenitor masculino”.*

- “O cabelo do bebé lava-se normalmente e o cabelo é rapado no próximo ano quando é o nosso *Holi*. Faz-se aquelas voltas no fogo sagrado nessa comemoração que tem uma história bíblica faz-se as voltas, as rezas, metem-se sete coisas: as tâmaras, as pipocas, o coco porque o coco é importante em tudo porque o coco é um fruto considerado puro porque é branco por dentro e rijo por fora, é o fruto escolhido em todas as cerimónias, casamentos, baptizados, na cerimónia do sétimo mês, no *Holi*... a tâmara tem a ver com a mudança de estação, então enterra-se estas coisas que são os alimentos que vão nascer naquela época, naquela colheita... e depois de dar as voltas rapa-se o cabelo e faz-se aos rapazes e há pessoas que fazem às raparigas” (E9);
- “Só nessa cerimónia de um ano e tal é que se rapa o cabelo todo... faz-se esta cerimónia em casa mas depende... há pessoas que têm que ir ao templo, ao templo do padroeiro deles na Índia fazer, mas para a maioria é uma cerimónia em casa onde vem o barbeiro”... depende das castas se cortam o cabelo ao rapaz e à rapariga, ou só ao rapaz, mas aos rapazes cortam o cabelo sempre, independentemente da casta, sem-

pre. Na casta do meu marido é feito à rapariga e ao rapaz, na casta da minha mãe é só aos rapazes” (E13);



Fotografia 8 — Celebração do *Holi*

- “Na nossa família aos seis meses corta-se um bocadinho do cabelo e depois quando chega um ano e 25 dias é que se rapa o cabelo todo, quer seja menina ou menino. Rapa-se de todos os filhos” (E16);
- “A cerimónia do corte do cabelo ocorre entre os quinze e os dezoito meses. Algumas famílias só cortam aos 2 anos, depende do nome da família” (E18);
- “Nós temos uma cerimónia que fazemos que é *Holi* e depois de darmos aquelas voltas, é que cortamos o cabelo, rapamos, tiramos tudo. Fazemos às meninas e aos rapazes. As minhas filhas, todas fizeram. *Holi* é uma festa assim tipo Carnaval que calha em Fevereiro/ Março e fazemos no templo. Aquilo é como chegada da Primavera e depois faz-se a fogueira e depois o irmão da mãe ou então o tio da mãe, se o primeiro for pequenino (o meu irmão tinha cinco anos e portanto não fez), a vez da minha filha foi o meu irmão que deu volta à fogueira e depois é que cortamos o cabelo. Da primeira vez foi a minha sogra que cortou, da segunda vez, eu tive que ir ao cabeleireiro e cortamos todo o cabelo, ela tinha um ano” (E24);

- “Há pessoas que cortavam o cabelo todo do bebê quando ele tivesse doze dias, porque diziam que aquele cabelo não é bom. Mas agora há muita gente que faz promessa para quando vai à Índia ou quando o bebê faz um ano. Eu não tinha feito promessa, e como achava a minha filha muito pequenina só cortei agora. Também tem que se ver um bom mês, um bom dia nessas coisas... os padres sabem (...) pode-se cortar no 12.º dia ou ao fim de um ano, mas há outros que cortam com quatro meses, seis meses, depende dos dias, porque há alguns meses que vêm seguidos que não se pode porque são meses pesados (dias dos mortos ou dias das nossas santinhas), não se podem fazer estas cerimónias” (E26);
- “Os bebês cortam cabelo só depois de um ano e três meses. Das meninas nós não cortamos. Vemos o tempo que tem a criança e cortamos o cabelo. A tia leva um pano vermelho ou verde e chamamos o barbeiro em casa. Ele vem, sentamos o bebê e cortamos o cabelo. Fazemos uma cerimónia com *mug* e arroz doce e perto do lavatório acendemos vela, fazemos missa e depois bebê fica aqui e tia leva pano vermelho e fica e cabelo cai no pano e depois faz-se um *sathiô* na cabeça. Primeiro toma-se banho e depois põe-se *sathiô*. Aquele cabelo pomos no rio” (E34);
- “Cortamos o cabelo todo da criança, quer seja rapaz ou rapariga. Nessa cerimónia faz-se uma fogueira grande, faz-se aqui mesmo ao lado, faz-se aqui, também há no Lumiar, no Areeiro, nas Olaias, onde moram indianos faz-se... depois dá-se sete voltas com o bebê à fogueira, é o tio que faz, o irmão da mãe é que faz, e depois corta-se o cabelo. Depois deita-se cabelo no mar” (E36).

Actualmente este corte de cabelo é feito apenas aos rapazes apesar de cinco entrevistadas referirem que nas suas famílias as raparigas também cortam o cabelo. Uma mulher referiu que na sua família apesar de só cortarem o cabelo aos rapazes, se o primeiro filho for menina o cabelo também é cortado.

Das mulheres hindus entrevistadas apenas uma se referiu a outra cerimónia denominada de *Gym*, que se faz depois do *Holi*.

- “O *Gym* também é feito pela cunhada, com pipocas e tâmaras, faz-se esta cerimónia depois do *Holi*, baixa-se a cabeça da criança e faz-se um desenho do *sathiô* na cabeça do bebê feito

pela cunhada e depois põem-se bananas, sete tâmaras e pipocas, baixa-se e depois a cunhada é que tem que comer isso” (E28).

Os conceitos relacionados com a maternidade são entendidos pela população hindu como puros e auspiciosos. As capacidades de gerar, de amamentar, de cuidar da criança são entendidas como bênçãos e como privilégios. Esta ideia é reforçada por Bastos e Bastos (2001, p. 294) no seu estudo, ao dizerem *“se tomarmos em consideração apenas as redes associativas mais intensas, podemos afirmar que a sexualidade legítima e o funcionamento gestante e aleitante do corpo feminino constituem as principais associações à noção de ‘pureza’, quer para os homens quer para as mulheres da amostra”*.

Todas as mulheres hindus referem o leite materno como o melhor alimento para a criança. Este conceito ensinado e interiorizado desde a infância vai ao encontro do que é preconizado actualmente no sistema de saúde português, validando e reforçando ensinamentos e práticas ancestrais da cultura hindu. Desta forma, a maioria das crianças hindus mamam até um ou dois anos de idade, caso a mãe ainda tenha leite, não sendo necessário qualquer tipo de incentivo.

As mulheres hindus referem-se apenas a aspectos positivos da amamentação, nomeadamente a protecção contra doenças, a economia e a facilidade do alimento e a ajuda para que o corpo da mulher volte à sua forma normal. O estreitamento da relação mãe-filho, o contacto pele com pele também são referidos como vantagens, embora de forma mais subtil, podendo este facto ser explicado pela importância atribuída à família como principal cuidadora. Esta referência, mais explícita nas mulheres mais jovens, pode também ser resultado da influência da cultura de acolhimento que valoriza o aspecto relacional na prática da amamentação.

A noção de que o leite é a principal fonte de alimentação da criança, nos primeiros anos de vida, leva a que a mulher tenha determinados cuidados com a sua alimentação, evitando alimentos que podem fazer mal ao bebé ou causar-lhe desconforto. Simultaneamente, é costume dar-se à mulher grávida sementes de plantas que estimulam a produção de leite e que enriquecem a qualidade do leite. Quando a criança ainda mama, colocam-se umas sementes na água (sementes de *faqui*) e dá-se à criança com a finalidade desta não ter cólicas, manter a sua função intestinal e dormir mais sossegada. Das observações fílmicas, fotográficas e participantes que efectuamos constatamos que a maioria das mães hindus dá à criança uma

colher de xarope de *grapewater*, após o banho, com o intuito de prevenir as cólicas na criança. Este xarope é recomendado pelas avós e pelas mulheres que já tiveram filhos, independentemente do conselho médico.

Com o crescimento da criança inicia-se a introdução de outros alimentos, havendo sempre a preocupação de conservar o sabor da comida tradicional hindu.

#### 5.2.6.4. Mau-olhado e protecção da criança

A cultura hindu associa frequentemente o profano ao sagrado. O contraste entre o religioso e o maléfico mantém-se até aos dias de hoje, existindo todo o tipo de rezas e rituais para salvaguardar e proteger as pessoas de influências maléficas. Estas forças nocivas têm sobretudo origem em sentimentos como o ciúme e a inveja relativos à felicidade, à beleza ou à riqueza. Surge então o mau-olhado e em consequência, diversas formas de proteger e isolar o mal.

A protecção da família e do bem-estar familiar, dos olhares nocivos e mal-intencionados dos vizinhos, dos amigos e até da própria família é um dos aspectos que a mulher hindu tem a seu cargo. Bastos (1990a, p. 47) refere “*O grupo doméstico, a rede familiar e de vizinhança proporcionam segurança, mas são, em simultâneo, um espaço de circulação de forças negativas, mágicas, baseadas nas emoções primárias de inveja e do ciúme e na desorganização potencial proveniente da libido livre (fantasmática) e do narcisismo (competitivo)*”.

A cultura do mau-olhado é atribuída essencialmente à mulher devido à sua maior disponibilidade de tempo, a qual proporciona um maior contacto com outras mulheres e com outras famílias e simultaneamente, porque a ela estão associadas comportamentos e posturas de ostentação. Bastos (1990a) no seu estudo refere-se à dupla funcionalidade do mau-olhado dizendo que ele trava o exibicionismo e permite a adopção de posturas mais humildes, diminuindo as diferenças e reforçando a coesão comunitária.

Se o ciúme e a inveja, sobretudo femininos, são a causa do mau-olhado, a mulher e as suas crianças são o alvo preferencial desses sentimentos. As crianças pela sua fragilidade e inocência são consideradas como as pessoas mais vulneráveis ao mau-olhado.

— “A gente sabe logo, às vezes há pessoas que têm mau olhar, vem uma pessoa que a gente vê que está a olhar muito para

o bebé, e ela depois sai e o bebé fica doente, a gente sabe, olha aquela senhora chegou e o bebé ficou mais choroso ou mais mole, olhar dela não era bom para o bebé” (E2);

- “Eu sei que há pessoas que não dão de mamar aos filhos em frente dos outros porque dizem que podem fazer mau olhado e depois o bebé não beber o leite ou ficar com cólicas” (E24).

Existem objectos e práticas diversas para proteger as crianças do mau-olhado. As mais comuns são o uso diário de *cajal* nos olhos e a colocação de fios ou pulseiras pretas nas mãos ou ainda pulseiras de ouro ou prata com bolinhas pretas. Verifica-se que nas crianças recém-nascidas utiliza-se preferencialmente o *cajal* feito em casa, posteriormente utiliza-se *cajal* de compra, que as mulheres adquirem no comércio indiano em Lisboa ou então que mandam trazer da Índia.

Quando questionadas sobre o efeito do *cajal*, inicialmente as mães referem-se ao embelezamento dos olhos e às propriedades terapêuticas de prevenção de infecções oculares que o produto tem, só posteriormente se referem ao seu uso para protecção do mau-olhado. O *cajal* habitualmente é colocado nos olhos e na testa, no entanto, existem mães que também colocam em zonas do corpo mais escondidas tais como, a planta do pé ou atrás da orelha da criança. Um terço das entrevistadas, particularmente as mais novas, referem optar por não colocar o *cajal* nos olhos ou em zonas visíveis por uma razão estética e para evitar comentários por parte de pessoas que desconhecem esta prática. Por opção, colocam num local mais escondido, geralmente por baixo do cabelo ou atrás da orelha.

- “Põe-se *cajal*, não há nenhum bebé que escape de *cajal* lá na Índia” (E8);
- “Aqui às vezes não se põe tantas vezes *cajal*. Aos meus eu pus, uma ou duas vezes, pronto põe-se nos olhos, na cabeça e na planta dos pés. Eu fiz de tudo um pouco. O *cajal* que eu ponho é feito em casa, põe-se numa colher *ghi* puro e aquece-se numa vela ou numa lamparina durante toda a noite, depois fica no prato uma camada espessa de pó preto que se mistura com outros condimentos e fica uma pasta... também há comprado” (E8);
- “O *cajal* é bom para os olhos para eles ficarem frescos, nós fazemos com manteiga e atrás da colher, aquecemos e aquele escuro que fica pomos no olho. Nós pomos *cajal* caseiro até o bebé ter dois ou três meses. Na Índia todos fazem, até senhoras grandes. Aqui no dia em que vamos à consulta no médico

nós não fazemos porque eles perguntam tudo e depois é difícil de explicar. Em casa fazemos para os olhos ficarem grandes e bonitos e serve também para mau olhado. Na Índia há mais...” (E31);

- “Existe uma coisa preta que pomos nos olhos das crianças e que é feito com fumo do candeeiro, mas agora também já vem feito nas latinhas. Agora com já vem feito, nós não fazemos em casa. Aquilo dizem que é muito bom para os olhos, para o bebé ter bons olhos. Para fugir também das bruxas. Aquilo também tira mau olhado, dizem isso, eu não sei... mas eu faço, quando eles são pequenos eu faço, depois deixo. Ponho nos olhos, e por dentro do cabelo para ninguém ver... mas dizem que aquilo é muito bom para o mau olhado. Aquilo é feito com manteiga e aquece-se uma colher e com o fumo fica assim um pó queimado, mas não sei explicar muito bem porque eu compro feito...” (E2);
- “*Cajal* puro é bom, aquilo faz bem à vista. Faz bem aos olhos, faz de conta como a gente põe rímel, o *cajal* faz bem não faz infecção nem nada. Lá na Índia nenhum bebé escapa... também diz que os olhos ficam bonitos” (E8);
- “*Cajal* serve para os olhos ficarem bons, para ficarem bonitos, para ficarem grandes. Nós fazemos em casa aquilo, queima-se óleo de castor ou nós dizemos óleo de rícino. Põe-se na colher, põe-se algodão, depois queima-se na colher e depois põe-se aquilo nos olhos. Só se põe depois de seis dias e quando se faz cerimónia dos seis dias a criança não pode ver lume porque dizem que faz mal, tem que tapar, não se mostra porque dizem que deuses às vezes também têm mau olhado. Aquilo é para a vista ficar grande e para proteger. Põe-se todos os dias, às vezes por hábito. Qualquer mãe quer proteger o seu filho, logo põe-se *cajal* para o mau olhado não pegar. Para não vir mal... muitas crianças têm também na cabeça. Eu punha aos meus irmãos e para limpar o dedo punha na cabeça, é uma coisa que depois se torna hábito” (E1);
- “Os fios são para afastar o mau olhado, as pulseiras de plástico pretas ou se põe pulseiras nas mãos ou nos pés, ou se põe pulseiras de ouro ou prata com missangas pretas para afastar o mau olhado ou então, são pulseiras de plástico pretas rijas para afastar. Na cintura põe-se menos, mas também se vê. Há pessoas que mandam fazer rezas, mandam fazer talismãs, para o bem-estar, para salvaguardar, para resguardar. Os talismãs pede-se ao curandeiro para fazer, ou uma reza para

proteger o bebé. Por vezes, vê-se um embrulho de metal ou uma cápsula de metal ou uma caixinha quase sempre é um talismã, ou às vezes, embrulham o talismã dentro de tecido e fazem uma bolsinha; pendurada num fio branco ou preto é quase sempre um talismã. A minha cunhada acredita muito nisso e a criança dela tem montes de talismãs, às vezes quando vai para o hospital ela leva ou tira porque as pessoas perguntam ou mandam tirar. Mas ela não gosta de tirar. Pode ser um talismã trazido da Índia, benzido pelos deuses na igreja...” (E13).

Apenas uma das entrevistadas fez referência ao uso da cinza dos incensos, que coloca na cabeça, para protecção contra o mau-olhado. A opção por esta prática foi justificada pela irritação que o uso de *cajal* faz ao seu bebé.



Fotografia 9 — Pormenor do uso de *cajal* nos olhos e na testa



Fotografia 10 — Elementos de protecção contra o mau-olhado

Outro dos símbolos de protecção contra o mau-olhado que as crianças utilizam são as pulseiras de fio preto ou com bolinhas pretas, pulseiras de ouro ou prata com bolas pretas colocadas nas mãos, tornozelos e por vezes na barriga, mas apenas no caso do rapaz. Existem ainda algumas mulheres que colocam no pescoço. O preto é tido como uma cor que desvia a atenção e por isso é muito utilizado. Os objectos de ouro não são colocados nas pernas, porque não é considerado digno colocar um metal precioso nos pés.

- “Põe fios pretos, ou com bolinhas pretas dizem que é para proteger do mau olhado. Quando um bebé nasce traz uma pulseira preta que diz que é para proteger do mau olhado” (E8);
- “Eu da minha filha também pus bolinhas com fio preto nas mãos para a proteger” (E8);
- “Existe também um pêndulo que se põe no fio, que é considerado de Deus porque põe-se primeiro perto de Deus e depois se põe no fio e que se acredita que protege e que a pessoa traz sempre Deus consigo” (E3);
- “Há bebés que têm um pêndulo no fio do pescoço que nós dizemos que é Deus. Aquilo é *Om*, é *Krishna*, que é Deus, é nosso Deus... então põe-se um pendente para dizer a Deus que ele está perto da criança e para Deus ter cuidado com ela, para olhar para ela. Quando o meu neto era pequenino eu punha” (E16);
- “A gente diz quando a outra mulher tem menstruação também não deve ver o bebé, as pessoas de casa está bem, mas as outras não, porque sai borbulhas na criança” (E1);
- “A gente põe aquelas coisas pretas. Assim, a pessoa vê a criança mas a sua atenção é desviada para o preto e a pessoa não olha muito para o bebé. A gente olha para o bebé e olha para o preto... aquilo nos olhos é para o mau olhado, mas dizem que os olhos do bebé ficam frescos porque ela chora um bocado, deita lágrimas” (E5).

As crianças não saem à rua antes dos três meses, senão quando necessário. A justificação prende-se sobretudo com a delicadeza das crianças, com a necessidade de dar de amamentar em horário certo, havendo também referência ao clima que é mais frio. No entanto, algumas mulheres fizeram alusão à fragilidade do bebé e à sua pureza, situação propícia ao mau olhado, sendo por isso preferível evitar a atenção das pessoas.

- “Antes dos três meses os bebés não devem sair de casa. Há pessoas que saem, mas a gente não quer. Ficar em casa é bom,

porque de duas em duas horas tem que se dar de comer, tem que se mudar a fralda e não se tem tempo. O clima também não ajuda. A gente cuida deles, há gente que sai mas a minha nora ouve o que eu digo e não sai. É bom para eles. O bebê quando sai também fica cansado e fica mais agitado à noite, chora. Mãe também tem que descansar depois do parto. Aquilo custa, agora já existe muita coisa para a dor e tudo isso, mas a mãe dá uma vida nova e fica cansada, logo tem que repousar” (E1);

- “O bebê agora já pode sair de casa com 21 dias, mas a primeira vez quando sai perguntamos ao padre, vimos o tempo, qual é o horário que é bom e só depois saímos, não saímos assim de qualquer maneira. Primeiro vimos no calendário e vemos olha essa hora é boa para sairmos, então saímos nessa hora mesmo” (E2);
- “Após passar um mês ou um mês e quinze dias é que ele vai para a igreja, até lá o bebê não pode sair nem ir para casa de ninguém. Pode ir para o hospital, para o centro de saúde ou assim, mas não pode ir para casa de ninguém. Eu estive um mês em casa da minha mãe e depois antes de vir para casa fomos ao templo e depois é que viemos. Nunca ninguém vai para casa dos outros sem ir ao templo, o bebê tem que ir primeiro lá” (E17).

Além destes símbolos, existem práticas para se retirar o mau olhado, práticas essas dominadas sobretudo pelas mulheres mais antigas. Existe a crença que a mistura de sal, malagueta e mostarda em grão serve para afastar o mau-olhado. Esta mistura é utilizada em dias específicos da semana para se retirar o mau olhado, tendo a maioria das entrevistadas dito que era terça-feira e domingo, à tarde (sete horas).

- “Quando o bebê fica doente e nós sabemos que é mau olhado põe-se sal, passa-se sal sete vezes na cabeça e depois deita-se para fora. Ou deita-se da janela para fora ou põe-se na sanita, porque não se pode ver. Quando se deita não se pode olhar para trás, olhamos assim. Antigamente queimava-se o sal na fogueira, mas como aqui não se pode queimar e fazer fogueira deita-se fora” (E2);
- “Para se tirar o mau-olhado faz-se também com sal, a minha mãe acredita que terça e domingo são os melhores dias e depois passa-se com o sal e atira-se e não se olha para trás. É sal com malagueta que se mistura. Nós acreditamos que qualquer olhar, mesmo o da mãe pode afectar a criança e mesmo o bom olhar, ou estar a fazer muitos elogios pode fazer

com que a criança fique doente. Mesmo a própria mãe... mesmo no dia do batizado, quando esteve muita gente, quando as pessoas foram-se embora aquela pessoa mais velha da família passou o sal... normalmente são as pessoas com mais experiência que passam o sal” (E3);

- “Existe também uma reza, para tirar o mau olhado que é com sal, mas nós fazemos com umas especiarias que eles metem numa chapa quente, depois metem lá um bocado de picante, de sementes pretas de mostarda. Aquilo primeiro tapa-se a cara do bebé, depois faz-se sete voltas com aquelas coisas todas e depois queima-se aquilo. O bebé ou a pessoa, não podem olhar, depois quando se queima tem que se pôr num sítio longe, por causa do cheiro. Depois dizem que quando o cheiro é muito activo é porque tinha muito mau olhado, às vezes não cheira nada, não sei... aquilo é feito com picante em pó, as cascas da cebola, cascas do alho e outras coisas, a minha mãe é que faz... eu não sei. Depois de fazerem aquilo, as sete voltas, fazem uma ao contrário depois põe-se na chapa para aquilo queimar, depois deita-se fora. Depois há também uma que é com leite, por exemplo, o biberão, quando o bebé não quer beber, faz-se sete voltas com o biberão, depois uma ao contrário e depois deitam fora o leite do biberão. Quando a criança não bebe um inteiro dizem que apanhou mau olhado no leite, por isso é que ele não está a tomar, por isso é que fazem as sete voltas...” (E9);
- “Uma vez visitei lá na minha terra uma conhecida e fui à casa dela. Ela tem três crianças e o último é um rapaz, um menino, mas o menino não estava muito bem, estava sempre a ficar doente, eu tinha levado o meu filho mais velho ali e ele tinha só um ano mas estava bem gordo, estava bem disposto e eles viram o meu filho e ficaram infelizes, lá dentro estava a doer porque o filho deles estava a ficar doente, ele tinha dois anos mas estava a ficar pequeno. Ela viu o meu filho e ficou infeliz, porque pensou olha esta criança tem só um ano e está bem, bem gordo e assim estas coisas, às vezes, ficam mal para o bebé... naquele dia o meu filho não comeu nem bebeu nada, aquilo que comia com a força vomitava, depois nós tiramos com sal, metemos uma roupa em cima da cabeça dele e tiramos com sal. Pomos roupa para ele não ver o que se está a fazer e dizemos a Deus para tirar fora o mau olhado...” (E27).

### 5.2.6.5. Rituais e festas da criança

Também a criança tem rituais e festas específicos que funcionam como rituais de entrada na vida e simbolizam a sua individualidade enquanto pessoa.

A principal festa da criança denomina-se *Chatti* e corresponde ao baptizado. Ocorre ao sexto dia de vida da criança, no período da tarde, geralmente a partir das 17-18 horas e convidam-se familiares e amigos para assistir, todos trazem prendas ao bebé. Estas prendas são colocadas umas por cima das outras, separadas por um pano.



Fotografia 11 — Pormenor da mesa de celebração do *Chatti*



Fotografia 12 — Alimentos colocados na celebração do *Chatti*

O papel principal nesta festa é do bebê e da tia paterna. Caso o pai não tenha irmã, pode ser uma prima ou outra mulher pela qual o pai tenha o mesmo apreço. Essa tia é responsável pela festa, fazendo umas pulseiras de algodão, consideradas sagradas, para o bebê e para a mãe.

Nesta cerimônia veste-se o bebê com uma roupa branca nova (as senhoras mais idosas referiram que na Índia costuma-se envolver a criança num pano de linho, sem costuras) e inicia-se a cerimônia, embalando o bebê, em frente a um pequeno altar, onde se colocam a lamparina, um caderno, uma caneta vermelha (que permanecem até à meia-noite), bananas e pratos com doces e comida. A comida é ofertada a Deus enquanto que o caderno e a caneta significam que de noite a deusa, chamada Didata, vem escrever o destino da criança. O bebê é oferecido à deusa sete vezes, pedindo sorte e proteção para toda a vida.

Apenas três das entrevistadas referiram que nesta festa se faz sete pacotinhos que são colocados numa cesta perto do altar. Estes pacotinhos contêm sete especiarias diferentes: pó vermelho, pó branco, cravinho, sementes de nenúfar, pedras brancas de açúcar e outras coisas. Depois a tia é que tira o pacotinho e vê a personalidade da criança, como por exemplo, cravinho que é picante significa que vai ter uma personalidade picante, teimosa, é uma pessoa quente. Se sair doce é uma pessoa meiga; se sair branco é uma pessoa pacífica; se sair vermelho é uma pessoa com muita sorte, felicidade e fortuna. Esses pacotinhos determinam as sete personalidades que a criança pode ter.

Uma das entrevistadas referiu que este ritual deve ser efectuado no quarto porque a criança não deve sair do seu lugar resguardado, embora na maioria das casas hindus seja realizado na sala. A folha é geralmente guardada.

- “A festa é feita principalmente pela tia do bebê, ela vem fazer essa cerimônia. Nós fazemos umas *apas*, umas pequeninas *apas* com arroz e faz-se com leite, levamos aquilo, acho que é catorze e depois pesamos trigo na peneira e depois pomos um pano branco e depois pomos *apas* com arroz e depois partimos o coco e pomos assim de lado no quarto, depois a tia é que faz a cerimônia. Existe uma caneta vermelha e uma folha ou livro. Depois convidamos as famílias, damos de comer às crianças...” (E10);
- “Nessa cerimônia, a minha mãe pôs a lamparina tapada com um prato com buraquinhos, porque a criança não pode ver a luz da lamparina, a folha branca virgem, sem riscos com a caneta ver-

- melha e a minha cunhada e os meus sogros trouxeram seis pacotinhos de condimentos, seis bananas, seis folhas de *bet*, e seis *sopari*, mas não me lembro de ter tirado os pacotinhos” (E13);
- “Do meu neto eu fiz uma festa e juntei muitas pessoas. Vestiu-se o bebé com um pano branco, depois fizemos *chandlô*. Pusemos uma faca e levamos um pano verde e amarramos a faca, enrolamos. Fazemos arroz doce para Deus e deixamos o livro aberto com uma caneta, para Deus vir e escrever o destino. Depois juntamos quatro pessoas, podem ser crianças, mas se não houver podem ser adultos e depois levamos a criança num pano branco e oferecemos a Deus quatro vezes e depois cantamos a Deus, para dizer que já temos bebé em nossa casa, que nós estamos contentes e para dar toda a sorte do mundo. Depois cantamos... é alegria. Depois o bebé tem que chorar porque se diz que se não chorar é mau sinal, mas o bebé chora, sempre chora. Se não chorar viramos, batemos um pouco e ele chora. Depois levamos um pouco de óleo na lamparina, aquece-se e fica preto e põe-se nos olhos do bebé. Nesse dia a mulher pode comer tudo...” (E16);
- “Nesta festa põe-se 6 bananas, porque é o sexto dia, tem que ter duas velas acesas, uma com manteiga outra com óleo, por baixo fica com óleo e por cima com manteiga e depois tem seis coisinhas com açúcar, passas, adoçante, pó vermelho, cravinho e outro condimento. Depois mistura-se tudo e deixa-se. A minha cunhada é que oferece o bebé seis vezes e depois abrem-se os pacotinhos e depois tem que se ver o que saiu primeiro. Ao meu filho primeiro saiu açúcar, depois saiu adoçante, pó vermelho, passas, e depois as duas especiarias. Isso quer dizer que ele vai casar muito cedo quando sai o açúcar, quer dizer isso... dizem que casa mais cedo. Se sair o cravinho dizem que vai ser muito temperamental, se for o cravinho a sair primeiro...” (E17);
- “Nessa cerimónia é a irmã do pai, a tia do bebé que faz a festa. Põe-se pano branco e fazem-se *apas* pequenas, quando é rapaz fazem-se cinco, quando é menina fazem-se sete, é assim qualquer coisa depois põe-se banana, põe-se vela e depois tapa-se o bebé inteiro não se deixa ver o *agarbati* e depois faz-se sete vezes, a irmã do pai, depois traz um fatinho, e traz um coisa de ouro, pulseira ou assim” (E21);
- “Na nossa família, *Chatti* faz-se no sétimo dia de vida do bebé. É uma missa onde se festeja e se deixa tudo pronto para deusa vir escrever destino da criança. Põe-se caneta vermelha e

caderno e deusa vem escrever para vir dar sorte e saúde à criança. Põem-se duas bananas, 7 *roti*, arroz e uma faca enrolada num pano para cortar qualquer coisa má que haja para a criança” (E29);

- “Toda a gente faz *Chatti*... veio a tia dele e ela é que faz cerimónia. Eu estava sentada aqui no quarto, o bebé estava no meu colo, depois fizeram aqui na parede estas pintas, depois pôs-se uma faca, faca é como um Deus. Depois pintaram-me na cabeça, ao bebé também, *chandlô*, e depois fez pulseira branca na mão e no pé e ao bebé também se põe na mão e no pé. Quem atou foi a tia, irmã do meu marido, e isso fica até cair. Põe-se banana, vela, arroz doce, *agarbati*, se é rapaz põe-se sete *roti*, se é rapariga põe-se cinco, não sei porquê. Depois é que há a cerimónia do nome onde o padre vem a casa e dá três letras e nós escolhemos nome” (E36);
- “No sexto dia fez-se o *Chatti* onde vem uma deusa escrever o destino da criança, então deixa-se um livro com as páginas abertas e com uma caneta de tinta vermelha ao lado e a deusa vem escrever o destino. Essa folha é guardada porque presume-se que o destino está lá escrito e o tecido onde o bebé é embalado também é guardado. Nesta festa há o embalo do bebé, cada senhora da casa embala e há um cântico, mas é um cântico alegre, é uma cerimónia alegre onde toda a gente se veste muito bem e a mãe deve estar de vermelho se puder. O pano onde o bebé é embrulhado tem que ser verde ou amarelo ou vermelho, o da minha filha era verde... ela é embalada e depois faz-se a pintura nos olhos com *cajal* feito em inox. Cada senhora faz uma coisa à criança e depois todas têm que embalar o bebé. Eu sei que há coisas diferentes nas várias regiões da Índia, uns têm uns rituais e outros têm outros... varia muito e depende muito de cada família” (E38).

Magalhães (1994, p. 54) refere-se a esta cerimónia dizendo “*O primeiro ritual na vida da criança realiza-se ao sexto dia – sathi (Sexta Mãe). Nenhum familiar dorme de noite e um ghumat (uma espécie de tambor) é tocado toda a noite. A sexta noite é considerada como cheia de perigos para o recém-nascido, por isso é necessário estar vigilante e afastar os maus espíritos. Também se acredita que a Deusa do Fado vem e escreve o destino da criança na sua fronte, nesse dia*”.

Apenas duas das entrevistadas referiram que no sexto dia também se põe o nome ao bebé.

Outro ritual realiza-se no 11.º dia de vida (para alguns é efectuado no 12.º dia de vida) e consiste na atribuição do nome à criança. O nome é escolhido pela família, no entanto a escolha das letras é feita pelo padre consoante a hora e o dia do nascimento. Existe uma espécie de calendário onde estão designadas as letras que devem fazer parte do nome da criança. Magalhães (1994, p. 54) descreve esta cerimónia do seguinte modo:

*“O barse ou cerimónia do nome da criança ocorre no décimo segundo dia se for rapariga e no décimo terceiro dia se for rapaz. A cerimónia do nome realiza-se à noite com as vizinhas, amigos e parentes reunidos, quando a criança é cerimoniosamente embalada e a mãe da criança lhe sussurra o nome aos ouvidos. São depois distribuídos feijões cozidos e pacotes de doces aos presentes. Nalguns casos o horóscopo da criança é preparado nesse dia”.*

- “Quando o bebé nasce depois aos seis dias a gente diz que o Deus vem e escreve o destino da criança e nós fazemos essa festa e depois aos doze dias faz-se esta festa para dar nome porque nós não damos logo nome à criança. Porque temos que ver qual o signo da criança porque não podemos dar qualquer nome. Temos que ver o signo que nasceu. Nós vemos o signo consoante o dia e as horas, e depois por exemplo este signo dá a, b ou c e o outro dá d, e ou f e temos que pôr o nome com essa letra à criança. Esse nome quem escolhe é a tia, a irmã do pai, ela é que tem direito para escolher nome e faz no berço. É uma festa porque chamamos as crianças e todos estamos juntos. O casamento não é só da mulher e do marido é também de toda a família e quando o bebé nasce a tia também fica contente com o sobrinho. Olha a minha nora é da Índia, os pais não estão cá, mas eles são como se fizéssemos todos parte de uma só família. Toda a família é junta. Todos participam...” (E1);
- “Nesse dia põe-se um pano branco para se dizer qual é o nome do bebé” (E17);
- “Lá na Índia existem uns baloiços especiais para o bebé dormir e fazem esta cerimónia ali, mas nós cá como não temos, são quatro raparigas, ou quatro rapazes de cada lado e fazem um baloiço para o bebé, e a tia, a irmã do pai, dá o nome. Baloiça-se o bebé... o nome depende da hora e do dia em que ele nasce e nós dizemos aos padres e eles dizem por que letra deve começar o nome, os nomes dos bebés... eles é que sabem ver e então depois escolhemos o nome. Eles dão a indicação da

letra de início e geralmente é a tia, a irmã do pai que escolhe o nome. Hoje em dia são mais os pais que escolhem... é uma festa mais pequena que se faz em casa” (E18);

- “No dia de pôr o nome nós já devemos ir ao padre com o dia e a hora para ele dar as letras... depois escolhe-se o nome o mais cedo possível. Depois os pais decidem e vão lá registar...” (E20);
- “No 12.º dia é dia de *ori jori* que é o dia que a criança agora já pode sair e já pode movimentar com crianças e pessoas, porque o bebé está no quarto e não vem para a sala, só depois deste dia é que pode sair. Chamamos crianças para pegar no pano e depois fazemos *ori jori* e depois levamos para sala. Depois pomos o nome... pomos nome outra vez. *Fai Baa* é que faz *ori jori*, irmã do meu marido é que faz, põe nome também, outra vez... dão prendas ao bebé. *Chatti* fazemos no quarto e *ori jori* fazemos na sala” (E22);
- “No 12.º dia é uma festa mais pequena para pôr o nome. A festa é assim, põe-se o bebé num baloiço, cá não há, eu mandei vir de Londres que é igual ao que usamos na Índia. Este baloiço faz bem porque quando o bebé tem cólicas a gente baloiça e as cólicas saem. No 12.º dia vêm quatro rapazes e cada um fica a um canto deste baloiço e depois a cunhada põe o nome. Nas meninas põe as quatro meninas nos cantos e dá-se nome” (E30);
- “O nome da minha filha foi colocado pela minha cunhada, a tia... em comum acordo comigo e com o pai e com os avós, toda a gente diz se concorda ou não, se gosta ou não. Os nomes delas (filhas) foram postos através do *rashi*, de acordo com o dia e com a hora em que nasce. O *rashi* tem a ver quando ela se casar mais tarde, o padre vai perguntar se o nome foi posto pelo *rashi* ou foi posto sem o *rashi*, a diferença é grande. Se foi posto sem, dizem que dá azar, que traz infelicidade, é só a primeira letra do nome. A minha filha seguiu o *rashi*, nós preferimos...” (E33);
- “Em relação ao nome, quando o bebé nasce vai-se ver a hora em nasceu, a posição da lua, e tem a ver com um livro que tem as iniciais e o nome dessa criança deve começar com essas iniciais, há quem respeite, há quem não respeite. Eu, por exemplo, sempre gostei do nome da minha filha e por isso disse sempre que ela iria chamar-se assim, eu não segui... mas normalmente segue-se. Aquilo tem uma ordem própria, aquilo chama-se *rashi*, são os tais escalões e cada escalão tem

por exemplo, m, p, n... existem vários *rashi*, esse *rashi* tem um nome que é o *min rashi*, depois há o *dan rashi* que tem outras iniciais, depois há outros... O da minha filha era o *dan rashi*, começava por d, f e outra letra. E convém que o nome comece por essa letra, para dar sorte durante a vida. Há casais que optam por pôr dois nomes, um que querem e outro para respeitar o *rashi*” (E38).

Logo após o nascimento toda a gente vem ver a criança e existe a tradição de dar à criança uma coisa doce na boca (geralmente *gor* misturado com água), que dizem contribuir para a personalidade da criança. A primeira pessoa que dá essa mistura deve ser uma pessoa importante para os pais e que tenha um bom carácter e uma boa personalidade, pois existe a crença de que as qualidades mais características dessa pessoa passam para a criança. Depois toda a gente dá um bocado de *gor*. Das 38 mulheres entrevistadas, apenas cinco desconheciam esta prática.

— “Chama-se *garthuti*, faz água de *gor* quente e eu levei num frasco, porque *gor* não se pode dar logo porque é muito quente e faz mal à língua e pode infectar e tudo... eu levei água quente com *gor* na maternidade e ela disse mãe dá você para ficar como você mas eu disse não, ela disse mãe dá e na nossa tradição é assim, quando dá a uma senhora fica assim como ela, e estava meu filho mais novo e eu disse dá você. *Gor* também é bom para limpar estômago do bebé...” (E7).

As pessoas que vêm visitar o bebé recém-nascido também têm que tomar banho, porque o bebé acabado de nascer é considerado puro e as pessoas têm que respeitar essa pureza e não conspurcar.

O cuidar de uma criança é entendido como um acto de amor, de afecto e também de grande responsabilidade. Neste cuidar convergem vários factores como os ensinamentos das mães, das tias, a educação que tiveram, os valores culturais, o local e o país onde os pais vivem, a formação dos próprios pais e o que estes consideram como mais importante e como melhor para os seus filhos.

Os primeiros tempos da infância são muito importantes pois a criança cria os seus alicerces, a sua estrutura, as suas redes sociais e afectivas. Na cultura hindu, o crescimento e formação da criança passa por uma integração no colectivo, em ser aceite, em compreender as regras do grupo, mais do que se assumir como ser individual. Podemos considerar que é um processo paralelo, desenvolvido em simultâneo, onde a criança

imerge no grupo. Não são apenas os pais os responsáveis pela sua educação, esta tarefa é desempenhada por toda a família e de uma maneira mais alargada por toda a comunidade. Kurtz (1992, p. 31) vê o grupo como o primeiro responsável pelo crescimento psicológico da criança hindu ao afirmar:

*“I see the group as a primary player in the psychological growth of the hindu child. No mere copies of parents, group members, as a group, counter the influence of mother and father, drawing the child out of a baby’s loves, fears and hatreds and immersing the growing child in the group itself”.*

Existe um sentimento de unidade onde todos se preocupam com a criança. Numa família é frequente encontrarmos os irmãos mais velhos a cuidar da criança, assim como as tias ou as primas dos bebés. Estimula-se a interacção com outras pessoas e com outras crianças hindus. Apesar dos conceitos e dos princípios que cada família tem, existe sempre uma preocupação na socialização da criança com outras pessoas, além do pai e da mãe.

- “Os cuidados básicos à criança são todos iguais, em toda a Índia. Alimentamos, damos banho, fazemos massagem, para a criança crescer forte. Mas a forma de cuidar depende dos pais e da família. Depende do envolvimento também... há mulheres hindus que vieram do Zimbabué, por isso têm maneiras diferentes de estar com as crianças, porque têm influência por ter sido uma colónia britânica. Tenho uma vizinha hindu que trabalhou na creche, logo dá mais importância a certas coisas, mas mantém a tradição” (E1).

#### 5.2.6.6. Dormir

O sono e os rituais de adormecimento a ele associados variam de cultura para cultura. O sentimento de protecção, de segurança que a criança sente quando fica no colo constitui um dos primeiros sentimentos de ligação à mãe, ou à pessoa que cuida dela. Como já foi anteriormente referido, a família e o grupo onde a criança se insere desempenham um papel fundamental na sua socialização. Mais do que criar uma dependência exclusiva com a mãe, a criança é incentivada a conhecer e a familiarizar-se com todos os elementos do grupo. Kurtz (1992, p. 108) acentua esta ideia ao dizer *“the child knows that it can always depend on care from someone, not so much because of its relationship to any single mother as because of its status as a member of the group”*. Na cultura

hindu, todas as mulheres da família são responsáveis pelos cuidados à criança e conseqüentemente pela actividade de a adormecer. A mãe, a avó, mas também a irmã mais velha participam neste ritual, colocando a criança no berço ou adormecendo-a nos braços.

Na Índia, em certas regiões, é costume atar-se o bebé com um pano de linho fino e pôr-se a dormir, para ele se sentir aconchegado e não se assustar. Existe referência por parte de duas entrevistadas que na Índia costuma-se enrolar todo o corpo do bebé num pano, mas essa referência tem por base o que aprendem dos filmes indianos. Outro costume é embalar a criança numa cama de baloiço, embora seja referido que esta técnica traga algumas desvantagens tais como a habituação da criança.

Outros rituais de adormecimento tais como cantar, utilizar uma caixa de música, embalar no colo não são muito utilizados. As mulheres não valorizam estes rituais como fundamentais para a criança adormecer. Paralelamente, existe referência por parte de algumas mulheres entrevistadas à leitura de orações, de textos sagrados ou ainda à audição de música sagrada para que a criança tenha um sono calmo e protegido pelos deuses.

Na cultura hindu a criança é “convidada” a habituar-se aos sons e aos ritmos da casa, visto que a existência de uma criança não altera significativamente as actividades desenvolvidas dentro da casa. É frequente observar-se as crianças a dormir na sala ou no quarto, enquanto as mulheres estão a fazer a limpeza das divisões, estando frequentemente a televisão ligada ou uma música a tocar.

Em Portugal, a totalidade das entrevistadas adormece o bebé no berço ou numa manta que é colocada no chão e nunca na cama com os pais, ocorrendo um distanciamento consciente justificado pela necessidade da criança ter o seu próprio espaço e pela dificuldade que seria se ocorresse uma habituação e uma dependência excessiva da mãe ou de outra cuidadora. Mais uma vez a criança é conduzida para a família e para o grupo e não exclusivamente para a mãe.

- “Na Índia existem certas regiões onde amarram o bebé todo, atam as mãos e os pés, enrolam o bebé todo, para não mexer muito e para dormir sossegado. Durante o dia, quando o bebé dorme, ele é todo embrulhado para que não se assuste facilmente, para dormir melhor. Eles são embrulhados com um pano, com um lençol, bem enrolados, é bom. Existe uma maneira para embrulhar e eles dormem melhor, porque senão

com barulho ou outra coisa eles assustam-se. Aqui agora não se faz, porque se acha que o bebê deve dormir solto, mas às vezes quando a criança tem problemas em dormir ainda se enrola. Na Índia é que se continua a fazer isso...” (E1);

- “Aqui nós não atamos o bebê, lá na Índia atam o bebê com um pano de linho fino e atam todo o bebê para que ele fique direitinho e põe-se no berço para dormir. Aqui a gente deixa o bebê livre, veste-se e põe-se no berço, lá não...” (E8).

O adormecimento do bebê é natural. Geralmente, coloca-se no berço, no carrinho ou numa manta no chão e a criança adormece habituando-se aos sons e barulhos da casa e evitando-se uma ligação exclusiva à mãe ou à avó. Na Índia existe um berço onde se costuma adormecer o bebê através de movimentos de embalar. As mulheres entrevistadas referem que em Portugal não existe esse berço, feito de ferro ou madeira e denominado de *godio* ou de *parno*, pelo que habitualmente coloca-se a criança no berço ou no carrinho de passeio e executam-se movimentos ritmados e repetitivos para a adormecer.

Apenas uma das mulheres tinha essa cama que revelou ter adquirido em Londres. Das 38 entrevistadas, 19 referem que adormecem as crianças ao colo e depois é que as colocam no seu berço, denunciando uma modificação dos hábitos preconizados pelos seus antepassados.

- “Eu não costumo acordar o meu bebê, nem mesmo para dar de comer. Quando eu vejo que já são horas de dar o leite eu preparo e dou de mamar com ele mesmo a dormir. Não faço acordar... dou no sono, ela bebe e enquanto ela dorme está bem... nós não pegamos muito o bebê ao colo, deixamos a dormir, a brincar sozinha, porque se pegamos ao colo ela já tem aquele hábito e depois custa mais...” (E2);
- “A minha bebê adormecia sozinha na cama dela, mas agora como viemos para a minha mãe habituou-se a adormecer ao colo, mas depende dos hábitos, às vezes costumamos cantar para adormecer, para comer, ao dar banho, mas mais textos sagrados ou canções religiosas que acalmam e são benéficas para a criança” (E3);
- “Para adormecer fica na alfofa, de dia está aqui na sala porque a mãe às vezes está a descansar e o meu marido vem e o meu filho e perguntam aonde está bebê, e eles assim vêm e brincam para não incomodar a mãe e para ele se habituar ao barulho, ao telefone, ao barulho da televisão e para não habituar mal,

senão a gente vai a qualquer lado e diz olha ela está a fazer barulho e ele não dorme assim ele está habituado a todos os sons, pode tocar telefone e não incomoda” (E7);

- “Para adormecer eu ponho as nossas cassetes dos deuses e ele gosta daquilo. A minha mãe diz que é bom ouvirem os nossos cânticos. Como eu não tenho tempo, eu ponho a cassete e ele gosta” (E9);
- “Eu geralmente adormeço no colo, mas também ponho no berço para ele aprender a dormir. Quando está ainda quente e é Verão pomos lençol ou colcha no chão para bebé ficar, para ele aprender e ele acaba por adormecer ali na sala. É bom porque no chão ele começa também a fazer força e a tentar pôr em pé e tem o seu espaço ali, não está sempre agarrado” (E27).

#### 5.2.6.7. Crenças

Existe também a crença que as crianças pequenas não podem olhar para os espelhos.



Fotografia 13 — Espelho tapado após o nascimento da criança

Desta forma, logo após o nascimento os espelhos do quarto são cobertos com lençóis e panos evitando que a criança veja a sua imagem reflectida. Encontramos duas justificações distintas, sendo a maioria das vezes explicado pelo facto dos dentes nascerem tortos, custarem a nascer ou então, poder provocar confusão na cabeça do bebé e assustá-lo.

- “Os bebés até um ano não podem olhar para o espelho porque os dentes saem muito fortes, é por causa dos dentes e os olhos também porque se olha muito os olhos ficam tortos...” (E21);
- “Os bebés não podem olhar para os espelhos por isso nós tapamos, diz-se que é por causa dos dentes. Os dentes levam mais tempo a nascer e dói mais... todos os bebés que ainda não têm os dentes todos não devem olhar para os espelhos porque demora mais a sair os dentes... sempre me disseram isso e eu tapei os espelhos de casa com lençóis” (E29).

Apenas uma das entrevistadas mais velhas se referiu ao uso de pulseiras brancas nas crianças na altura do nascimento dos dentes, com o objectivo da criança não ficar muito chorosa nem muito incomodada e para afastar a dor.

Das 38 mulheres entrevistadas, apenas uma referiu que não se pode pentear o bebé com pente até aos seis meses, porque o cabelo não cresce e os dentes vêm tortos. Para prevenir esta situação, penteia-se o cabelo do bebé só com a mão.

Apenas duas entrevistadas se referiram à existência da crença que a criança só se pode sentar a partir dos seis meses, por causa da coluna. A partir dessa idade é que se pode sentar o bebé encostado, na posição sentada.

- “Até aos seis, sete meses não se pode sentar o bebé porque senão ele fica mais encurvado... fica dobrado, marreco, é por isso que enquanto ainda é bebé a gente não faz sentar, só deixa em pé, ou a dormir... às vezes a gente deixa comer no colo, mas é pouco tempo. Se eu agarro num bebé nunca deixo ele sentado, só em pé ou deitado porque dizem que a coluna dele é muito fraca e depois pode ficar encurvado quando crescer” (E21);
- “Depois de nascer a criança não deve apanhar chuva, porque depois pode ficar muda, porque atrasa na fala ou não fala mesmo” (E38).

### 5.2.6.8. Educação dos filhos

Na cultura hindu a criança é considerada como um pequeno deus que deve ser protegido e acarinhado. Existe uma certa permissividade e indulgência em relação às brincadeiras das crianças, as quais são encaradas pelos adultos como parte do processo de aprendizagem. Longe de ser tido como um ser à parte, desde cedo ela começa a participar nas actividades diárias, indo ao templo, estando presente no trabalho da mãe, sendo frequentemente carregado ao colo, quer pela mãe como pelas restantes mulheres da família. A educação das crianças hindus baseia-se na individualidade da própria criança, no carinho, nas acções e na protecção que os pais e toda a família desenvolvem e não necessariamente em modelos rígidos, tidos como os mais correctos. Michaels (2004, p. 102) confirma esta ideia ao dizer *“It is not the child who has to conform to the adults, but rather those who take care of the child. Indians parents do not especially want to be models for their children; at any rate, they estimate their influence as negligible. The child is not a tabula rasa who needs good parents and a beneficial environment to be able to develop, but is rather an autonomous divine creature “with ‘innate’ psychic dispositions from its previous life, who must be cared for, but not educated”*. Os pais são considerados desta forma, a base de sustentação que empurra a criança para o estabelecimento de relações sociais e afectivas com a família e com a comunidade, que é o que verdadeiramente contribui para o seu crescimento e para a sua formação como pessoa.

A maior disponibilidade doméstica da mulher fez com que a educação dos filhos estivesse quase sempre a seu cargo. Existe uma proximidade inegável entre a mãe e o seu filho, sobretudo até aos dois anos de idade, onde os cuidados principais, os primeiros comportamentos, as primeiras orações são ensinados pelas mães.

No entanto, devido à complexidade e à dinâmica da estrutura familiar hindu, todos os membros e em particular, os avós e o tio mais velho têm um papel de relevo na educação da criança. O reconhecimento dos avós e dos mais velhos como um meio de ligação e de identificação cultural é uma constante, verbalizado tanto pelas mulheres mais jovens como pelas avós. Também Ramos (1993, p. 630) seguindo as ideias de E. Erikson (1950) e de C. Camillieri (1986) refere no seu estudo:

*“les anciens savaient que le sentiment d’identité passait par la réalité d’une appartenance culturelle, par la connaissance et la reconnaissance de valeurs d’un groupe social. Valeurs qui, en s’intégrant depuis très tôt au développement de la personnalité,*

*contribuaient, et contribuent toujours, à la construction du sentiment d'identité culturelle, sentiment important pour l'adaptation et pour l'équilibre psychique de l'individu".*

- “O meu neto de cinco meses, a mãe deixou-o comigo e foi para a Índia, foi a um casamento. Ele ficou comigo. Foi o meu marido, o meu filho e minha nora e eu fiquei cá com a minha mãe a tomar conta dele. Eu gostei. Nós não temos problemas de querer ir a algum lado e não ter ninguém para ficar com o bebé, há sempre alguém, avó, tia, cunhada, sobrinha que pode ficar. Porque nós partilhamos tudo, é muito importante até para a criança que fica logo habituada a ver muitas pessoas, a conviver com todos. A criança nos primeiros tempos fica com a mãe, mas depois é importante para socializar, para o desenvolvimento do bebé” (E1).

Nota-se porém, uma predominância do papel feminino nos cuidados e na educação da criança que é confirmada pelo seguinte testemunho:

- “Na educação dos filhos é mais a mãe. Aqui, em Portugal, os homens estão sempre a trabalhar. Entre nós indianos há algumas mulheres que também trabalham, mas as mulheres tomam conta da casa, do jantar, do almoço, das crianças, do trabalho. É ela que toma conta de tudo e os maridos são mais para o negócio... as outras mulheres também dão a sua opinião e ajudam nos cuidados”(E27).

Esta relação de grande proximidade que se estabelece entre a mãe e o filho é mais notória nos primeiros anos de vida da criança, altura em que frequentemente as mães executam as suas tarefas domésticas com a criança ao colo, as levam quando fazem compras ou então as colocam num local da casa onde possam brincar, ao mesmo tempo que estão ao alcance da sua vista. Segundo Kurtz (1992) vários autores (Carstairs, 1967; Kakar, 1978) evidenciam a importância da díade mãe-filho na cultura hindu, justificando-a pela importância da relação e pelo novo estatuto que a mãe adquire. Depois deste tempo inicial são as outras mulheres da família que compartilham os cuidados e a educação da criança. Outro autor contrapõe que para além da mãe, é o grupo onde a criança se insere que é fundamental. Kurtz (1992, pp. 60-61) refere “*much of a hindu mother’s behaviour toward her child is designed to gently push him away from the relationship with her toward a sense of immersion in, or unity with, the family at large. Similarly, the behaviour of family members other than the mother is meant to exert a kind of pull on the child to draw him away from an exclusive tie to the mother*”. Em qualquer

dos casos é inegável que o papel da mãe e do grupo familiar em si são fundamentais para a estruturação e para a socialização da criança.

As entrevistadas referem que os pais participam nos cuidados ao bebê e esta situação é visível sobretudo nos casais mais jovens. A justificação para haver um maior encargo sobre as mulheres é o número de horas de trabalho e o cansaço por parte dos pais, referindo que a mulher está mais disponível, por estar em casa e habitualmente não trabalhar fora de casa. Todas as mulheres mais velhas que já são avós demonstram prazer em cuidar dos netos e apoiar e ensinar as mães, sendo esta uma tradição que vai sendo transmitida através das gerações. Apesar disso, é referida não haver uma co-responsabilização verdadeira, não sentido os homens uma obrigação de fazer e de participar nos cuidados.

Na família hindu a responsabilidade da educação é de todos, procurando transmitir os valores partilhados e ajudar na harmonia e bem estar de toda a família. Estes laços familiares fortes são bem visíveis no espírito de entreajuda entre todos, e sobretudo entre as mulheres que têm filhos pequenos. A criação destas relações são bastante favoráveis para o crescimento e desenvolvimento infantil, tendo várias bases de apoio e de segurança. Nesta educação procura-se transmitir valores como a educação, o respeito para com os mais idosos e com as outras pessoas, a harmonia.

- “No meu tempo, para os meus filhos eram muitos a cuidar, porque do lado do meu marido são quatro irmãos e com as cunhadas, logo todos cuidávamos das crianças, as mulheres mais porque os homens iam trabalhar. Os homens ajudam, brincam. Nós não dizemos esta criança é minha, aquela é tua, as crianças são de todos e todos são responsáveis, é claro que os pais são mais, mas todos devem ajudar. Nós não dizemos é tia, é tratada como se fosse mãe porque todos crescem juntos e todas as tias dão banho e todas as tias ajudam a dar de comer, não existe este é meu filho logo eu só cuido dele, ele é de todos, da família...” (E1);
- “Quando não tinha filhos ia ajudar o meu marido na feira, mas depois de ter filho fiquei em casa a educar, as minhas irmãs ajudaram-me, até aos três anos, depois a gente cá em Portugal começa a pôr na creche. As minhas irmãs ajudam bastante, qualquer coisa que precise elas vêm” (E5).

Em contexto migratório, constatamos que a vivência da criança não se baseia apenas na família. Devido às famílias hindus estarem mais

separadas e por questões profissionais, as crianças são “empurradas” para o exterior da família, tendo que se adaptar precocemente a uma cultura diferente. A educação dos filhos é então partilhada tanto pelo homem como pela mulher, continuando a mãe a ter um papel fundamental. As mulheres entrevistadas, na sua maioria, atribuíram maior importância ao facto dos pais depois do trabalho brincarem com os filhos e estimularem o seu desenvolvimento psíquico e afectivo, do que ao facto de colaborarem na alimentação e nos cuidados de higiene e conforto da criança.

A educação dos filhos é referida como tendo algumas características diferentes entre rapazes e raparigas. A partir de uma determinada altura, coincidente com a adolescência, a educação dos rapazes cabe mais ao pai que os orienta nas suas actividades futuras. A educação das filhas incide sobretudo nas lides domésticas, a cozinhar e a ser uma boa esposa. Existe uma preocupação para que as filhas saibam dançar e cantar em *gujarati*. Paralelamente, já se constata uma maior permissibilidade para que as raparigas continuem os seus estudos até uma idade mais avançada.

- “Há muita diferença entre ser menina ou rapaz a nível de educação. Há muita diferença... no meu caso nós somos as três raparigas, portanto eu não senti muito na pele essa diferença, mas existe alguma diferença no sentido em que as raparigas são criadas e é muito incutido o respeito pelos outros, não se pode fazer isto ou não se pode fazer aquilo, tens que vestir isto, tens que vestir aquilo, não podes sair muito e não podes... existe muito isso de pensar, tu amanhã vais crescer e vais para casa do teu marido e tens que saber fazer as coisas, tens que saber cozinhar, tens que saber a etiqueta, entre aspas. Ela tem que ser uma boa esposa, uma boa nora, fazer com que ela consiga fazer reconhecer o bom nome dos pais e é nesse sentido que a educação é feita. Hoje em dia a minha educação, que os meus pais me deram foi muito mais rígida do que a delas, as coisas já começam a mudar um bocadinho. O meu pai sentiu muito eu ter casado e ter ido embora ou seja, agora já não consegue ser tão duro com elas, porque pensa eu também as vou perder e vou ficar sozinho, logo está a ficar mais manteiguinha. Quem faz a educação é a mãe e o pai, são os dois em conjunto, porque a última palavra é sempre do pai. Se eu quisesse ir sair era sempre o meu pai que dizia sim ou não. Eu trabalhava com o meu pai, ia para o escritório e aí é que eles entravam em conflito porque a minha

mãe queria que eu ficasse em casa para aprender a cozinhar e o meu pai dizia, não, eu quero que ela vá ao escritório para também aprender esta parte. Eu tive educação de ambas partes, embora cada um no seu sítio. Nos rapazes é mais o pai que educa, a mãe mimma mais, a mãe aqui mimma mais porque sempre quiseram um rapaz e ter um rapaz é uma alegria muito grande, para mim, nem eu nem o meu marido fazemos esse tipo de distinção, mas antigamente fazia-se muito essa distinção. Ter um rapaz era... tanto que a minha irmã mais nova era tentativa de rapaz” (E3);

- “À menina ensina-se a saber cozinhar e isso tudo... aos rapazes não. Os rapazes depois vão muitas vezes trabalhar com os pais. A mãe trata até aos 15 anos dos rapazes e eles estudam... se o rapaz quer trabalhar e tirar algum curso, a gente deixa, se ele não estudar quiser entrar no negócio entra com pai. A partir de deixar de estudar entra no negócio... se ele não tem interesse em estudos vai para o negócio, se tem é bom, é melhor coisa porque agora vale os estudos” (E15).

### 5.2.7. Cuidados de saúde

O acesso aos cuidados de saúde é uma das preocupações dos migrantes. Sujeitos a inúmeras alterações e adaptações, a população migrante encontra-se mais susceptível a alterações na saúde. O desconhecimento, as práticas diferentes e o recurso à medicina tradicional, a ausência de domínio da língua do país de acolhimento são algumas das razões para os migrantes não recorrerem aos hospitais e aos centros de saúde.

Os conceitos de saúde e doença são representações culturais, pelo que é fundamental conhecer os valores, os hábitos e os costumes do migrante para orientar e ir ao encontro das suas necessidades, numa atitude de parceria e não por imposição que conduz inevitavelmente à ineficácia.

Na cultura hindu a preocupação com a saúde física e mental é uma constante. O corpo encontra-se sempre associado à alma e à mente e todas as acções e pensamentos visam o bem-estar pessoal e social. Através da alimentação, da meditação, das orações e de produtos naturais, os hindus procuram o seu equilíbrio.

O uso de produtos naturais tais como, plantas e sementes colhidas directamente da natureza e sem nenhum tratamento químico é muito frequente, para prevenir ou tratar doenças ou ainda para estimular

alguma função, como por exemplo, a produção de leite materno. Também as orações e o uso de pulseiras ou outros adornos são utilizados para diminuir os sinais de doença.

A sabedoria popular e o conhecimento prático a nível da saúde são essenciais e são transmitidos através das gerações, pelo que frequentemente se recorre a medicamentos caseiros em detrimento de consultas médicas. A maioria das entrevistadas refere que habitualmente só recorrem aos médicos após terem experimentado algum remédio caseiro. Reportando-nos ao discurso de uma informante qualificada, mulher hindu que participa activamente na Comunidade Hindu de Portugal, no Lumiar constatamos que o recurso à medicina tradicional durante a gravidez ainda é frequente:

*“em geral não se recorre logo ao médico, eu por mim sou assim e os meus pais também são assim, não se recorre logo aos médicos a dizer que eu quero tomar remédios...Vamos tentar fazer coisas naturais. Uma das coisas é a hortelã-pimenta, realmente na Índia há este... existe em raiz como em gengibre... Então vamos fazer um pó daquilo e vai a beber com leite, assim, uma vez por dia, duas ou três vezes porque aquilo é remédio natural. Portanto, não vai fazer mal nem à mãe nem ao bebé e além disto... pronto, este é um dos exemplos e além disto, a hortelã-pimenta também serve para quando a mulher fica grávida às vezes não tem fome, não consegue comer porque pronto não tem vontade, a hortelã-pimenta vai ajudar a abrir o apetite também”.*

Se habitam com pessoas mais velhas, é frequente as mulheres pedirem-lhes conselho e só depois recorrerem à medicina convencional. O recurso a pessoas da própria comunidade que são entendidas nesta área também é uma constante. Habitualmente também fazem medicamentos caseiros que servem para remediar situações. As viagens à Índia são aproveitadas para trazerem sementes, raízes e plantas para fazerem remédios caseiros que consideram ser mais eficazes. Notou-se que as mulheres que vieram de Diu seguem mais a medicina tradicional do que as mulheres que vêm de outras regiões da Índia.

De uma forma geral, constatou-se que estas mulheres têm maior confiança na medicina tradicional, seguida pelos seus antepassados e recomendada pelos seus pares, do que na medicina convencional. As redes familiares e sociais funcionam como conselheiras primárias para a resolução de problemas de saúde e só posteriormente surgem as redes oficiais. Nos casos em que as mulheres se encontram sozinhas, sem nenhum familiar ou vizinho para acompanhar, recorrem de

imediatamente ao médico, seguindo as suas indicações, ou pelo menos adaptando-as.

- “Existe uma senhora que mora nos Olivais e que sabe cuidar muito bem das mulheres grávidas. Ela sabe dizer, tirar do sítio, se o bebé está atravessado e ela sabe dizer se é rapaz ou rapariga, ela ouve, põe o ouvido na barriga e diz se é rapaz ou rapariga. Da vez do meu filho foi assim, eu estava para vir para a maternidade e primeiro fui ter com ela porque estava já a fazer dez meses e ele não nascia, eu fui lá ter com ela e disse que não estava a sentir bem e ela disse vá lá daqui a duas horas e você vai ter bebé. Ela fez massagem na barriga, viu e depois foi rápido. Ela acerta mesmo” (E2);
- “Quando alguém está doente os indianos pedem conselho às pessoas mais velhas porque elas têm experiência, elas sabem tratar dos bebés, fazer as massagens, usar as plantas e fazer medicamentos que ajudam e depois também se reza, vamos ao templo. Na Portela há um templo e uma senhora põe as pulseiras do mau olhado e aquilo ajuda... depois se não passar vamos ao médico, mas os mais velhos sabem de onde vem a doença” (E36).

O aconselhamento e ida ao médico é defendido pelas mulheres mais jovens, que acreditam existirem mais recursos e um maior conhecimento para tratar as doenças. Contudo, e em simultâneo, frequentemente seguem os ensinamentos e os medicamentos tradicionais, como colocar panos de água fria com sal para baixar a febre, ou água com sal e farinha de *bajró* para o mesmo efeito.

Relativamente aos cuidados durante a gravidez, a totalidade das entrevistadas referiu seguir as indicações do seu médico assistente, nomeadamente a nível da alimentação com medo de poder prejudicar o bebé se não o fizerem. O seguimento das consultas também era rigoroso, no entanto, paralelamente muitas das entrevistadas seguiam os ensinamentos das mães ou das sogras, procurando aliar as duas práticas, pois acreditavam que isso iria beneficiar o bebé. As mulheres procuram os benefícios das duas culturas para que o seu bebé se desenvolva e nasça saudável.

As mulheres hindus entrevistadas referem que os médicos e o pessoal de saúde têm actualmente, mais atenção à cultura de cada pessoa apesar de não conhecerem as diferentes culturas em profundidade. Existe uma curiosidade por parte dos profissionais em compreender certos hábitos e costumes, mesmo que estes não tenham a ver com a maternidade. Especificamente sobre a cultura hindu sabem que a alimentação é um ponto

importante e que a maioria dos hindus são vegetarianos, pelo que têm o cuidado em perguntar sobre as preferências alimentares.

- “Eu acho que eles respeitam e agora têm mais abertura do que antigamente. As pessoas têm mais experiência e sabem que há diferenças. Há maior respeito. Aqui vieram perguntar o que eu queria comer, o que eu preferia... mesmo ao bebé perguntam pelo nome, e sabem que só depois é que se põe o nome e outras coisas. Nós às vezes é que não nos sentimos à vontade para estar a fazer as nossas coisas com receio dos médicos não gostarem... e depois ficarem a olhar para nós... as massagens ao bebé eu aqui não faço, aqui só dou banho, só quando chegar a casa é que vou fazer” (E2);
- “Onde eu tive o bebé o parteiro sabia tudo e mais alguma coisa sobre os hindus, ele dizia eu sei que o seu bebé não tem nome vai dar no sexto dia... e quando fui fazer ecografia, ele sabia tudo e dizia muita coisa. Eu acho que hoje em dia as pessoas já estão mais informadas, já se preocupam” (E17).

Contudo, quando se fala da saúde do bebé existe uma divisão de opiniões. Doze mulheres referem que primeiro tratam em casa recorrendo a algumas receitas caseiras que aprenderam ou que as sogras ensinam, enquanto que dezasseis mulheres referem que recorrem primeiro ao médico e só depois é que utilizam os remédios caseiros. O cuidado com a saúde das crianças é muito importante existindo várias precauções para evitar doenças. O bebé é visto como um ser muito frágil, mais susceptível de ficar doente e como a importância e o valor de um filho é muito grande na cultura hindu, todos os cuidados são redobrados.

- “Quando os meus filhos estão doentes eu vou ao médico, mas primeiro peço à minha sogra para ir para o *mandir* e rezar. Nestas rezas, se ela se concentrar, às vezes Deus desce nela e ajuda. Antes de ir ao hospital comemos alguma coisa abençoada por Deus. Isto é para que não seja nada de grave, para tirar o olhar ou então para ajudar os médicos a descobrirem o que a criança ou nós temos, porque às vezes está escondido” (E14);
- “Quando o bebé fica doente eu primeiro vou ao médico para ver o que ele diz e faço o que ele manda, mas se não passa eu tiro mau olhado com limão e isso... eu primeiro vou ao médico, não trato em casa porque pode ser grave e eu estou a atrasar ao médico ver o que se passa...” (E19);
- “Existe um pó amarelo que nós usamos quando estamos com febre e que se mistura no leite que se chama *hardar* e nós

- primeiro tratamos em casa e depois vamos ao médico. Às vezes fazemos com mel quando estão constipados” (E25);
- “Quando tem diarreia damos um pouco de farinha com água ao bebé e aquilo pára” (E23);
  - “Geralmente quem cuida dos bebés é a sogra, a avó ou as mulheres mais velhas que têm mais experiência, porque são à moda antiga pois quando estão doentes a gente sempre vai ao médico ou põe supositório, mas eles não... eles têm sempre o remédio deles... os mais antigos costumam ver primeiro se dá resultado com os remédios deles... quando dói a barriga a minha mãe sempre punha óleo na barriga e aquilo passava, ou depois quando tinha diarreia dava água de arroz, quando tinha tosse um pouco de mel, ou sumo de gengibre com mel e passava... vai-se ao hospital em último caso, porque também, eu tenho a minha mãe e ela sabe” (E26);
  - “Quando se está doente tentamos resolver em casa, também porque eu tenho a minha sogra e ela sabe o que fazer... houve uma altura em que ela esteve doente, e ela sabia que se põe umas plantas especiais que se compra nas lojas indianas e aquilo coloca-se no peito, como é quente, o ar que absorve faz com que passe. Tentamos dar sempre medicina tradicional, se virmos que não resulta temos que ir ao hospital...” (E33);
  - “Eu costumo conciliar as duas coisas porque acho que conheço a minha filha melhor do que qualquer médico, então primeiro experimento o que eu conheço e depois é que vou ao médico. Se vejo que a situação é grave ou piora vou ao médico, mas senão não. Por exemplo, quando a minha filha está constipada misturo um pouco de mel, água, açafão e sal e dava-lhe à colher três vezes por dia, e passado alguns dias o ranho saia todo e aquilo dá resultado, até agora dá e eu aprendi isso com a minha avó. Quando ela está muito mal, vou ao médico. Recorro sempre ao método natural e prefiro fazer isso do que dar-lhe medicamentos, é um princípio meu” (E38).

Do discurso das entrevistadas constata-se que existe uma associação entre a medicina hindu e a medicina portuguesa, procurando as mães tirarem benefícios de ambas. No entanto, o recurso à medicina tradicional hindu continua a persistir, sobretudo nos casos em que as pessoas mais antigas, como a mãe ou como a sogra, coabitam com as mães mais jovens.

## CONCLUSÃO

*“La connaissance de la variété des comportements parentaux se révèle important tant au niveau de la recherche fondamentale que de l’intervention pratique, notamment en ce qui concerne la prévention psychologique et sociale précoce et la formation des professionnels de la prime enfance”*

Hélène Stork, 1986

A cultura hindu é rica em práticas e tradições que têm vindo a ser transmitidas de geração em geração. Devido à multiplicidade de deuses, ao grande número de seguidores desta filosofia e às suas variadas interpretações, os rituais hindus têm sofrido várias alterações adaptando-se à realidade de cada família e de cada pessoa, moldando-se constantemente e reinventando-se. As crenças hindus ligam o passado ao presente, sendo transmitidas essencialmente através da tradição oral, onde o gesto, a repetição e a palavra imperam. Como todos os costumes, estas rotinas e práticas constituem um elemento de identificação de uma cultura que teima em persistir e difundir, não só no Oriente como também no Ocidente. Os seus fortes alicerces e os seus laços ancestrais fazem-se sentir numa realidade cada vez mais vasta, infiltrando-se profundamente na forma de ser, de agir e de pensar dos hindus.

A devoção pelos deuses, a hierarquia social e religiosa diluem-se mas mantêm pontos de ligação fortes construindo uma teia sustentada por valores, princípios e regras profundos, que ainda deixam as suas marcas nas gerações mais recentes. A necessidade de manter vivas essas tradições e esses valores perdura e é motivo de honra e orgulho para os hindus. Este facto é inegável ao analisarmos esta cultura em situação de migração.

A imigração estendeu-se actualmente a todos os países. O fluxo de pessoas faz-se em todos os sentidos (quer dentro do próprio país, quer para países vizinhos ou mesmo mais distantes), mobilizando recursos físicos e materiais, mas também objectivos e sonhos. Pelas mais variadas razões, quer sejam económicas, sociais ou políticas, a necessidade de mudar, de melhorar, de acrescentar algo à sua vida impele os indivíduos numa procura incessante por um futuro melhor. Nessa procura estão presentes a ambição e a vontade de melhorar, mas também, os valores e um passado que os une a uma cultura diferente, na qual cresceram e que lhes foi inculcada desde crianças. Esse passado acompanha o migrante em

todo o seu percurso, marcando os seus passos e identificando-o como parte de uma região, de um país e de uma cultura.

Num mundo onde a multiplicidade de culturas se evidencia cada vez mais e onde conhecer as diferentes formas de agir e de actuar é um imperativo, torna-se indispensável conhecer as particularidades de cada um, realçando os aspectos mais característicos para que possamos compreender melhor os outros e desta forma, conhecermo-nos melhor a nós mesmos.

O conhecimento de uma cultura, em especial em situação de imigração, pressupõe uma observação e uma apreensão dos gestos, das práticas e dos comportamentos para os quais necessitamos de ter um espírito aberto e perspicaz. No país de acolhimento os migrantes tendem a reproduzir os costumes e os hábitos da sua cultura, numa tentativa de preservar a sua identidade. Simultaneamente, o migrante sofre influências do novo meio, procurando adaptar-se a uma nova realidade, numa tentativa de ser aceite. É um processo complexo onde a construção da identidade é efectuado através “ *das sucessivas interações entre a cultura do espaço de origem e a que caracteriza o(s) contexto(s) de imigração, na medida em que as identidades se materializam num espaço concreto que se torna ele próprio, um elemento fundamental das mesmas*” (Alves e Ávila, 1994, p. 287).

Uma das situações que é profundamente afectada com a imigração é a maternidade. Os cuidados durante a gravidez e posteriormente, os cuidados com a criança que nasce, interiorizados e transmitidos através dos séculos, são postos em causa, originando dúvidas, receios e inseguranças difíceis de superar. Mergulhados num mundo novo onde as práticas, os valores e as prioridades são diferentes o casal, e em particular, as mães desenvolvem sentimentos contraditórios numa luta constante entre o manter a realidade onde cresceram e para a qual foram educadas, e entre a nova realidade na qual têm que se integrar (Ramos, 1993). Deste modo, surgem estratégias que procuram equilibrar esta dicotomia, refugiando-se as mulheres numa intimidade doméstica mais tradicional e manifestando uma apropriação da nova cultura apenas no exterior.

Conhecer estas novas realidades constitui uma base essencial para uma aproximação e intervenção planeada e eficaz, condição necessária para os membros de todas sociedades, e em particular, para os profissionais de saúde.

Os dados recolhidos no decurso deste estudo procuraram dar expressão às vivências de mulheres hindus em situação de migração, estudando e interpretando os seus conceitos sobre maternidade, práticas e cuidados à criança e a forma de transmissão dessas práticas, num ambiente diferente. Após apresentação e análise dos dados obtidos sobre as práticas relacionadas com a maternidade, iremos destacar os aspectos mais pertinentes desta investigação.

### **Concepções sobre a Maternidade e Cuidados à Criança**

O conhecimento sobre o conceito que as mulheres hindus têm da maternidade e da criança é determinante para a compreensão da problemática que nos propusemos abordar.

Na cultura hindu a maternidade assume uma grande importância. O seu “culto” é incentivado por toda a comunidade, pela família e principalmente, por todas as mulheres. É esperado que a mulher hindu case e tenha filhos para aumentar a família e perpetuar o seu nome. O desejo de ser mãe resulta de um processo de interiorização que é feito desde criança e que é reforçado continuamente através dos gestos, dos comportamentos, das palavras e também, através das expectativas desenvolvidas pela própria mulher e pelos membros da comunidade. Apesar de terem sido estudados num contexto geográfico, social e cultural diferente, estes conceitos mantêm-se e continuam a ser incutidos nas jovens que pertencem a esta cultura, sendo transmitidos através das gerações. Podemos afirmar que na cultura hindu, a função de ser mãe atribuída à mulher não é apenas fisiológica, é também uma herança cultural e social.

Numa perspectiva individual, a mulher hindu sente-se realizada ao confirmar a sua competência de gerar um ser e vê o seu estatuto elevado. A capacidade de dar vida e de continuar a família é vista como uma situação de graça, justificada pelo seu bom comportamento e pela sua conduta adequada. A mulher hindu concretiza-se no facto de ser mãe.

A gravidez é entendida como uma bênção de Deus, que traz alegria, sorte e felicidade para a mulher e para toda a família, e não apenas como uma consequência natural da sua condição de mulher. Este aspecto é destacado e valorizado por todas as entrevistadas, independentemente da idade. A condição de graça que é a gravidez está profundamente ligada à componente religiosa e espiritual, pois ter um filho é sinónimo que os deuses reconhecem e favorecem a mulher. Pelo contrário, a dificuldade

em engravidar surge profundamente ligada ao conceito de punição, de castigo, por más acções ou ainda ligada à inveja e ao mau-olhado feito por outras mulheres. A reflexão sobre este aspecto parece-nos conduzir para a importância que toda a comunidade hindu atribui ao nascimento e à representação simbólico-religiosa que é feita deste acontecimento.

A partilha inicial com os familiares mais próximos é estendida aos amigos e vizinhos que fazem gosto em participar nos cuidados, dar conselhos e contribuir para a felicidade da mulher grávida, pois acredita-se que a felicidade desta é reflectida para todos que para ela contribuem.

A maternidade é uma prática essencialmente feminina na cultura hindu, onde as mulheres mais velhas da família, como a sogra, a cunhada ou a mãe da mulher grávida, detêm os papéis mais importantes. É um universo feminino, onde as mulheres cuidam e orientam as futuras mães sobre a alimentação, os cuidados, as crenças que é necessário respeitar para que a gravidez vingue. O respeito pelas tradições mais antigas, tais como, proibições de ingerir certos alimentos ainda se mantêm apesar de já serem vistos com uma certa relatividade. Actualmente, existe uma maior participação por parte do elemento masculino do casal, embora que ainda ténue, e que se traduz sobretudo no acompanhamento das mulheres às consultas de gravidez e na presença no momento do parto.

Após o nascimento, é a criança que se torna o centro das atenções por parte de toda a família. Ela é entendida como a concretização de todos os desejos, como a materialização da bênção dos deuses e como uma continuação dos valores e dos princípios da família. É o renascimento de uma nova vida, que tem todas as oportunidades para seguir o seu *karma* e atingir a libertação não só física, como também espiritual, ansiada por todos hindus.

Na cultura hindu assistimos a uma divinização da criança. Ela representa a pureza, a ausência de maldade, a alegria, a força o que conduz a uma tolerância e mesmo a uma certa condescendência por parte dos adultos. Simultaneamente, a criança é vista como um ser frágil, puro que precisa de ser protegido de doenças, de maus olhados, de tudo o que é prejudicial. Assistimos pois, no discurso das nossas entrevistadas, confirmadas pelas observações fílmicas, fotográficas e participantes que efectuamos a um reforço de atitudes e de sentimentos em relação à criança, onde a pureza e a necessidade de protecção predominam. Existem rituais e práticas antigas que protegem a criança e que permitem que ela cresça e se desenvolva de forma saudável e forte. O conceito de que uma criança saudável é uma criança forte, com um bom desenvol-

vimento físico mantém-se, apesar de no discurso de algumas entrevistadas já se fazer referência à importância do desenvolvimento cognitivo da criança.

Os cuidados à criança baseiam-se em princípios de protecção, estimulação do desenvolvimento e estruturação como pessoa com valores familiares e princípios nobres e respeitadores da cultura. A ligação com a cultura hindu é um dos aspectos que a maioria das entrevistadas refere como essencial, indicando a língua e a religião como as principais características que devem ser ensinadas às crianças.

### **Práticas e Cuidados Relativos à Maternidade e à Criança – Influência da Cultura de Origem**

Os valores e princípios que são transmitidos desde criança permanecem ao longo dos tempos e são a base da estruturação da pessoa. São esses valores que o indivíduo vai buscar para enfrentar novas situações e novas experiências.

Ao imigrar as pessoas não deixam e não esquecem o que viveram e o que aprenderam, elas utilizam os recursos adquiridos para construir e enfrentar a sua nova realidade. A manutenção dos hábitos e das práticas do país de origem constituem parte da identidade cultural que não se esbate quando as pessoas migram para outro país. Pelo contrário, por vezes essas práticas reforçam-se e teimam em manterem-se inalteradas numa tentativa de preservar a cultura onde nasceram.

A comunidade hindu já está constituída há muitos anos em Portugal tendo a sua expressão máxima nos anos oitenta após a descolonização de Moçambique. Apesar de estar perfeitamente adaptada à realidade portuguesa, esta comunidade continua a manter as suas tradições e as suas crenças praticamente inalteradas, parecendo equilibrar de forma sábia os costumes do país de origem e os desafios impostos pelo contacto com uma cultura tão diferente da sua.

A maternidade é uma das situações que mais se ressentem em situação de imigração. Múltiplos factores interferem com esta condição, alterando dinâmicas e práticas que frequentemente são postas em causa.

Este estudo teve como um dos seus objectivos identificar quais as práticas relacionadas com a gravidez e os cuidados à criança que a comunidade hindu, e em particular, as mulheres hindus mantêm.

A abordagem efectuada parece apontar para a manutenção dos cuidados e pelo respeito de crenças relacionadas com a gravidez, cuja finalidade é sobretudo a protecção e a salvaguarda tanto da mulher grávida como da futura criança.

Os cuidados com a alimentação, nomeadamente a proibição de certos alimentos é fielmente cumprida, assim como algumas restrições físicas.

As crenças relacionadas com a gravidez surgem como um dos aspectos muito valorizados pelas mulheres, assim como as festas e celebrações que decorrem durante a gravidez. Apesar das mulheres mais novas não conhecerem todos os pormenores destas celebrações religiosas, todas têm a preocupação em questionar as mulheres mais velhas para cumprirem fielmente todos os passos relacionados com estes festejos, funcionando estas últimas como pilares de conhecimento de práticas antigas.

O período imediatamente antes do parto e o período de resguardo após o mesmo são respeitados, apesar de termos encontrado mulheres que não fazem o período de resguardo total correspondente a um mês e meio, optando por permanecer apenas quinze dias em casa dos pais ou de um familiar mais próximo e posteriormente regressar à sua casa.

Quando se reportam aos cuidados à criança, a maioria das mulheres segue os cuidados tradicionais de higiene e conforto como a massagem e os cuidados de protecção contra o mau olhado, como o uso de *cajal* nos olhos ou o uso de pulseiras pretas nas mãos. Segundo a opinião das mulheres entrevistadas estas práticas mantêm a sua validade e a sua eficácia, apesar de estarem noutra contexto cultural.

A religião, as práticas e as festas continuam a revestir-se da maior importância para os hindus. Relativamente à criança, a celebração do *Chatti* é a festa de maior destaque, pois, segundo a tradição acredita-se que a deusa vem escrever o destino da criança, sendo celebrada por toda a família e também por amigos mais próximos.

Foi interessante verificar a referência espontânea, por parte da maioria das entrevistadas, ao desejo de ter um filho do sexo masculino. No decorrer do seu discurso constatou-se que as mulheres sentem que ter um filho homem continua a ser uma forma de prolongar a família e o seu nome. O anseio de ter uma criança do sexo masculino continua a ser manifestado, apesar de uma forma mais subtil.

O contacto entre as duas culturas em situação de migração provoca alterações que não se podem negar. Apesar deste facto, podemos afirmar que em relação à cultura hindu, as práticas relacionadas com a maternidade e os cuidados à criança mantêm-se na sua essência inalteráveis. Esta constante, muito longe de ser confundida com imobilidade, resulta dos fortes laços relacionais e intergeracionais que existem na comunidade e na família hindu, reforçando as práticas da cultura de origem e constituindo bases de apoio para as novas gerações.

### **Práticas e Cuidados Relativos à Maternidade e à Criança – Influência da Cultura de Acolhimento**

A influência que uma cultura sofre quando em contacto com outra é inegável manifestando-se de uma forma mais ou menos intensa. Os hábitos e costumes tendem a ser modificados como forma de adaptação à nova realidade ou por outro lado, tornam-se mais rígidos e inflexíveis, isolando-se do exterior, formando uma protecção contra o desconhecido. Em qualquer dos casos, existe uma reacção causa-efeito, ocorrendo modificações que são fruto do contacto com outras formas de estar, de pensar e de agir.

Em situação de imigração, a dualidade impera trazendo inúmeros sentimentos de dúvida e insegurança ao migrante devido à divisão que sente entre o que sempre fez e o que lhe dizem que deve fazer.

A maternidade é uma das situações que mais é afectada com a imigração. A mãe, cujo único objectivo é cuidar do seu filho, protege-lo e ajudá-lo a crescer, encontra obstáculos ao seu modo de agir e de educar dificultando a sua tarefa e colocando-se em causa como mãe e como cuidadora.

No país de acolhimento, a mulher divide-se entre o modo como sempre cuidou e viu cuidar e o modo com lhe ensinam a cuidar do seu filho. No entanto, é de extrema importância ter em conta que o que é valorizado pela sociedade de acolhimento pode não ser o que é valorizado pelas mães migrantes. São duas realidades diferentes que se cruzaram e que não têm necessariamente que se uniformizar.

Neste estudo constatou-se que as mulheres hindus mantêm, na sua maioria, as práticas e os cuidados relativos à maternidade que lhes foram ensinados por mulheres mais velhas.

No entanto, foi interessante constatar que as mulheres hindus mais jovens, que nasceram em Portugal ou que cresceram neste país de acolhimento, seguem mais os costumes portugueses porque cresceram num país com um modelo de vida diferente, que aprenderam a conhecer e ao qual se acostumaram. Esta diferença também é particularmente evidente entre as mulheres que nasceram em Moçambique e as que são oriundas da Índia, estando estas últimas inegavelmente mais ligadas às tradições e crenças da cultura de origem do que as primeiras.

Também nas mulheres hindus que não coabitam com familiares mais velhos ou onde não existe uma proximidade física com familiares hindus, nomeadamente sogras e mães, verifica-se uma maior influência do país de acolhimento resultante de um afastamento, desejado ou imposto, das práticas e da forma de cuidar das crianças na cultura hindu. Nota-se a existência de um maior espírito crítico em relação às crenças e aos cuidados, questionando-os e optando, por vezes, por um caminho mais ocidentalizado.

Quando nos reportamos ao período que corresponde à gravidez, verifica-se que muitos dos cuidados referidos pelas mulheres hindus vão ao encontro dos conselhos que são dados pelos profissionais de saúde no país de acolhimento, proporcionando uma maior ligação entre as duas culturas. Paralelamente, os rituais e cerimónias religiosas e festivas hindus que acompanham a gravidez são mantidos. Há uma maior aproximação da cultura de acolhimento através das recomendações que os técnicos de saúde usualmente fazem à mulher grávida. A necessidade de ter que recorrer a um acompanhamento médico português, para o seguimento durante a gravidez, é determinante para um maior contacto com a cultura de acolhimento e para uma assimilação da forma de viver a gravidez, numa perspectiva diferente.

A reflexão sobre os dados sugere que muitas mulheres hindus, e em particular as mais novas, ficam em dúvida sobre quais os melhores cuidados a serem prestados à criança, dividindo-se entre o que sempre viram fazer e o que lhes é ensinado e valorizado no país de acolhimento. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos realizados sobre mães migrantes que confirmam estas dúvidas e modificações (Stork *et al.*, 1988; Ramos, 1993, 2004).

Ao imigrar muitas mulheres adquirem novos papéis e funções, trabalhando fora de casa, desenvolvendo outras actividades que interferem no tempo disponível para cuidar das crianças. As novas exigências económicas, sociais e familiares vão influenciar a relação mãe-filho alterando

a dinâmica e pondo em causa os cuidados prestados. Surge uma tendência para sobrevalorizar os cuidados do país de acolhimento, entendido como mais moderno, mais tecnológico e mais perfeito e menosprezar os cuidados do país de origem, conotados como arcaicos e desadequados à nova realidade. No entanto, da análise do discurso das entrevistadas sobressai a importância que estas mulheres dão à criança e ao modo como esta se desenvolve, preocupando-se em integrá-la na cultura em que irá crescer, mas também, ensinando os hábitos e costumes hindus. Surge, deste modo, uma estratégia de resolução que as mulheres hindus adoptam que é a de associar as práticas antigas, como a massagem, os símbolos e rituais de protecção aos cuidados que se fazem no país de acolhimento.

Nos cuidados à criança são particularmente notórias algumas influências do país de acolhimento. A importância da massagem ao bebé que é referida pela totalidade das entrevistadas sofreu algumas modificações resultantes de novas vivências e novas realidades. A massagem hindu, tradicionalmente realizada com a mãe ou a avó sentada no chão com a criança nas suas pernas, passou a ser feita em cima da cama ou de uma mesa, diminuindo a área de contacto corporal entre a criança e a pessoa que executa a massagem. A justificação desta alteração reside, segundo a maioria das entrevistadas, na alteração do clima que é mais frio e que não permite que as mulheres estejam muito tempo em contacto com o chão. Outra alteração ainda relativa à massagem é o uso de óleos comerciais para massajar, em contraposição aos óleos naturais que habitualmente se utilizam na Índia.

O aspecto do adormecimento das crianças também sofreu influência do país de acolhimento pois, actualmente a maior parte das crianças hindus adormece na cama ou no carrinho de bebé. Na Índia, a maioria das crianças adormece no *godio*. Em Portugal, poucas famílias hindus têm esse baloiço pelo que necessitaram de se adaptar e escolher objectos que permitissem que a criança adormecesse, tais como alcofas, carrinhos de bebé ou ainda cadeirinhas de bebé. Apesar de na cultura hindu ser considerado que a criança não deve adormecer nos braços, existe a referência por parte de algumas mulheres mais jovens, e que foram mães pela primeira vez, a este hábito.

Destaca-se ainda do discurso das entrevistadas o uso de medicamentos caseiros e de medicamentos comerciais para a resolução de problemas de saúde das crianças, referindo que ao ir ao médico optam por não dizer que utilizam os medicamentos tradicionais, feitos em casa.

Apesar das mulheres da cultura hindu manterem, em Portugal, a maioria dos cuidados e das práticas relacionadas com a gravidez e as crianças, constata-se que existem algumas influências da sociedade de acolhimento sobretudo no cuidar da criança. Estas influências resultam sobretudo do afastamento de familiares mais antigos, da ausência ou dificuldade em encontrar alguns produtos tradicionais e da valorização de outros aspectos que são parte integrante da cultura de acolhimento.

Ao longo do discurso das entrevistadas constata-se a inclusão das principais festas portuguesas como o Natal e o Ano Novo nas suas festividades, as quais são celebradas nas casas hindus seguindo as mesmas tradições do país de acolhimento.

### **Transmissão das Práticas de Maternidade e Cuidados às Crianças**

Na cultura hindu a maternidade e o cuidado da criança continuam a ser um espaço predominantemente feminino, onde não só a mãe, como também a sogra, as cunhadas e as tias continuam a desempenhar um papel fundamental no crescimento, na educação e no desenvolvimento da criança. Esta forma de cuidar no feminino tem vindo a ser transmitida de mulher para mulher, infiltrando-se nos comportamentos, nas formas de pensar e de agir. A transmissão de práticas relacionadas com a maternidade constitui uma forma viva e real de se estudar a cultura hindu e a sua evolução, pois apesar de se manterem ligadas ao passado sofreram modificações impostas pela modernização e pelo contacto com outras culturas.

Podemos considerar que ter um filho faz parte do plano de vida de qualquer casal hindu e, em particular, da mulher hindu. Desde o nascimento que é inculcado na mulher o gosto pelas crianças, a importância de constituir família e o valor de gerar e dar vida.

A consciência desta capacidade, valoriza o papel da mulher nesta cultura, acrescentando-lhe “poderes” considerados como mais elevados e mais sublimes. A importância da mulher é assim reconhecida e realçada, elevando-se da posição de gestora e organizadora da vida doméstica para ser sobretudo responsável pelo nascimento e formação de um novo membro da família que irá dar continuidade e fará valer os princípios que regem uma família hindu.

A forma como a mulher grávida é acarinhada durante toda a gravidez por todos os familiares e por outras pessoas transparece no carinho e afecto permanentes, que são renovados a cada nascimento.

A maternidade na cultura hindu é muito valorizada existindo inúmeras práticas e tradições que se mantêm constantes ao longo dos tempos. Estas práticas tiveram o seu fundamento na religião, onde se pedia a protecção e orientação dos deuses e na cultura popular, onde a vivência e a experiência das mulheres foram construindo atitudes e comportamentos que continuam a prevalecer.

É sobretudo através da observação, e do auxílio nos cuidados básicos à criança que as mulheres hindus vão interiorizando práticas, gestos e crenças. Com efeito, não podemos afirmar existir uma educação formal por parte das mulheres, visto a aprendizagem ser empírica, assimilada ao longo dos anos. A transmissão destas práticas baseia-se sobretudo na tradição oral e comportamental.

Analisando o discurso das entrevistadas constata-se que a maioria refere ter adquirido experiência e competência ao cuidar e ao ver cuidar de crianças mais pequenas ao longo da sua vida. Estas crianças eram sobretudo irmãos, primos e sobrinhos que contribuíram para a aquisição de confiança e segurança que se reflectem no cuidar dos seus próprios filhos. Esta ideia é reforçada pelas mulheres mais velhas que reafirmam a importância da transmissão de conhecimentos para se manter o verdadeiro cuidado hindu e manifestam a sua preocupação em ensinar às suas filhas e noras, tradições que também a elas lhes foram transmitidas e que constituem o que poderemos chamar de sub-cultura da própria família.

A preocupação em manter e perpetuar as práticas relativas à maternidade e aos cuidados à criança é bem visível e é acentuada em contexto de migração, numa tentativa de continuar o que lhes foi ensinado, mantendo inalteráveis valores e princípios que os ligam aos antepassados e constituem os guias de um caminho para o futuro.

Existe uma referência bastante explícita por parte da maioria das entrevistadas ao recurso aos elementos mais antigos da família para lembrar determinados aspectos da maternidade e de cerimónias com ela relacionados. São sobretudo estas pessoas que mantêm vivas práticas e comportamentos, orientando os mais novos nesta nova etapa.

Da análise das observações fílmicas e fotográficas constata-se que são sobretudo as mulheres mais velhas que prestam os cuidados de massagem e do banho à criança, sendo justificado este comportamento pela sua experiência e pelo domínio da técnica. As mulheres hindus reconheceram e referiram a importância da massagem como meio auxiliador

no desenvolvimento físico da criança, no entanto, muitas não seguem todos os passos tradicionais desta prática. Apenas se existir em casa uma mulher mais velha, a técnica da massagem é executada em toda a sua plenitude, seguindo todas as etapas.

A reflexão sobre os dados permitiu constatar que existe uma transmissão directa de práticas relacionadas com a maternidade, que é mais evidente na linhagem mãe-filha e sogra-mãe. Apesar de se encontrarem num país diferente existe uma preocupação evidente em manter esta transmissão e no caso das mulheres mais velhas da família não estarem presentes, existe sempre uma familiar ou uma vizinha que auxiliam e continuam a sucessão dessas práticas.

Paralelamente, ocorre uma interiorização por parte da mulher desde o seu período de pré-adolescência de valores e crenças, que apesar de não saberem fundamentar, fazem parte do seu modo de viver e de cuidar. São estas duas formas de agir que constituem o fundamento do cuidar feminino hindu.

As mulheres mais velhas são as detentoras da sabedoria e da experiência, sendo frequentemente consultadas pelas mulheres mais novas para orientarem e realizarem as cerimónias, sobretudo as religiosas.

## Sugestões

Este estudo possibilitou um melhor conhecimento da cultura hindu e o reconhecimento da riqueza desta cultura e desta comunidade. À medida que fomos desenvolvendo a investigação fomos descobrindo novos aspectos interessantes e actuais que mereciam atenção e uma compreensão mais realista. Deste modo, identificamos algumas possibilidades para desenvolver estudos relacionados com esta cultura. Estas temáticas constituem pistas que consideramos valer a pena desenvolver:

- Comunidade hindu — importância do simbolismo e da tradição;
- Jovens Hindus — a importância da tradição e do seu seguimento na sociedade actual;
- Percepção dos jovens hindus sobre a integração na sociedade de acolhimento, dificuldades, imposições e valores;
- Estudo de famílias hindus: transmissão de valores e conhecimentos.

A importância do conhecimento das minorias existentes na sociedade portuguesa foi uma constatação que ressaltou deste estudo. Diariamente convivemos com pessoas de outros países, de outras culturas que desconhecemos. O conhecimento dessas realidades permitirá uma aproximação entre todas as pessoas, uma maior tolerância sobre as suas atitudes e conseqüentemente um modificar de estereótipos e comportamentos (Ramos, 1997; 2001). Existem ainda muitas minorias que desconhecemos e sobre as quais seria importante investigar;

- A partilha e divulgação dos resultados obtidos nas Instituições e na Comunidade Hindu será outra sugestão que pretendemos executar no futuro. Não só para dar a conhecer o estudo, mas também para incentivar a participação noutras investigações;
- Implementar sessões sobre a comunidade hindu para conhecimento e sensibilização dos profissionais de saúde sobre aspectos culturais menos conhecidos.

Parece-nos importante realçar neste estudo que a cultura hindu é uma das culturas mais ricas em práticas e tradições, resultantes sobretudo da sua longa história e do valor atribuído por todos os hindus ao respeito e à necessidade de manter inalterados valores e princípios que são os alicerces desta filosofia.

Os dados obtidos excederam em larga escala os objectivos que nos propusemos atingir, contando-nos histórias de vida e desenhando linhas de compreensão sobre os percursos migratórios e sobre o perfil dos hindus em Portugal. O contraste da língua, das vestimentas, dos comportamentos diluiu-se através do conhecimento real e objectivo de uma cultura que faz parte da sociedade portuguesa e que ainda é muitas vezes olhada com desconfiança. A partilha de experiências e vivências tornou-se incontornável, enriquecendo o estudo e dando voz aos sentimentos e saberes das mulheres hindus.

A família em geral, e as mulheres mais velhas em particular, constituem a fonte de sabedoria, segurança e a ligação ao passado necessárias para qualquer mulher hindu, orientando, aconselhando e esclarecendo as dúvidas que as mulheres que estão grávidas possam ter.

A maternidade é entendida nesta cultura como um estado de aproximação ao que há de mais sagrado — a vida. O estudo da maternidade e dos cuidados à criança na cultura constituiu um desafio estimulante, mas também a consciencialização de que apenas abrimos a porta para um

mundo imenso, onde as crenças, as práticas e os hábitos dominam não necessitando de justificação.

As crianças são vistas como a continuação da família e tudo é feito para as proteger e para estimular o seu desenvolvimento físico e cognitivo.

Existem práticas e crenças relacionadas com a maternidade e os cuidados à criança que visam sobretudo a protecção da mulher e da criança e o pedido da bênção dos deuses.

O desenrolar desta investigação trouxe uma riqueza de conhecimentos e saberes sobre esta comunidade e desenvolveu competências como a escuta, a observação e a capacidade de relacionamento. Mais do que ver com os olhos, permitiu “ver” com todos os sentidos abrangendo uma realidade complexa, mas sempre actual. A introspecção e reflexão pessoal, necessárias, que foram sendo efectuadas ao longo do estudo contribuíram para a consciencialização de que o mundo é um todo, sem barreiras intransponíveis.

A nível profissional, o conhecimento mais profundo de conceitos como a maternidade e a criança, vistos sob a perspectiva de uma cultura diferente e sobretudo num contexto de migração, ajudaram no contacto com mães e crianças de outras culturas e sobretudo permitiram ir ao encontro das suas necessidades sociais e culturais, evitando a imposição e exigências impraticáveis.

O conhecimento das diferentes culturas é um dever de cada pessoa como cidadão do mundo. Numa época em que as sociedades se tornam cada vez mais multiculturais, é indispensável conhecer os problemas das famílias migrantes e os seus modos de cuidar. Torna-se pois imprescindível uma abordagem pluridisciplinar, orientada para as variadas vertentes, onde o caminho é o conhecimento, o espírito aberto e um olhar diferente...

## BIBLIOGRAFIA

ACHARUPARAMBILI, Daniel (1982) — *Espiritualidad hinduísta*. Madrid: La Editorial Católica S.A. Biblioteca de Autores Cristianos, pp. 3-30.

ALVES, Mariana e ÁVILA, Patrícia (1994) — «Indianos em Portugal: processos de (re)construção da identidade», in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*, Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia, Lisboa: APS, pp. 285-297.

ÁVILA, Patrícia e ALVES, Mariana (1993) — «Da Índia a Portugal: trajetórias sociais e estratégias colectivas dos comerciantes indianos.», in *Sociologia – Problemas e Práticas*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia n.º 13, pp. 115-133.

BAPTISTA, Luís; CORDEIRO, Graça (2002) — «Presentes e desconhecidos: reflexões socioantropológicas acerca do recente fluxo imigratório no concelho de Loures». *Sociologia: Problemas e Práticas*. N.º 40, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2002, pp. 23-43.

BARDIN, Laurence (1991) — *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 227 pp.

BASTOS, Susana (1990a) — *A Comunidade Hindu da Quinta da Holandesa – um estudo antropológico sobre a organização sócio-espacial da casa*. Lisboa: Lisboa: Grupo de Ecologia Social do LNEC, 93 pp.

BASTOS, Susana (1990b) — «Espaço doméstico, espaço simbólico e identidade – um olhar sobre o viver indiano na cidade de Lisboa», in *Actas do Colóquio Viver n(a) Cidade*. Lisboa: Grupo de Ecologia Social do LNEC/ Centro de Estudos Territoriais do ISCTE, pp. 17-31.

BASTOS, Susana (1992) — *A frigideira sagrada e o fio de algodão: a prática vrata cathã numa comunidade hindu gujarati do sul do Saurashtra: Diu*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural e Social e Sociologia da Cultura. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 322 pp.

BASTOS, Susana; BASTOS, José (1999a) — *Portugal Multicultural*. Lisboa: Fim de Século Edições, 227 pp.

BASTOS, Susana; BASTOS, José (1999b) — *Portugal Plural: Migração, etnicidade e reconstrução identitária – uma abordagem pluri-metodo-*

*lógica das estratégias identitárias de uma comunidade hindu tricontinental residente em Portugal*, Projecto de Investigação «Portugal Plural», FCSH/FCT, Relatório final, vol. 3, Lisboa.

BASTOS, Susana; BASTOS, José (2001) — *De Moçambique a Portugal. Reinterpretações identitárias do Hinduísmo em viagem*. Lisboa: Fundação Oriente, 374 pp.

BERRY, John (1989) — «Acculturation et Adaptation Psychologiques», in I. J. Retschitzky, M. Bossel — Lagos, P. Dasen (org.), *La Recherche Interculturelle*, vol. 2. Paris: L'Harmattan, pp.135-145.

BRUTO DA COSTA, Alfredo; PIMENTA, Manuel *et al.* (1991) — *Minorias étnicas pobres em Lisboa*. Lisboa: Departamento de Pesquisa Social, Centro de Reflexão Cristã.

CARMO, António (2001) — *Antropologia das religiões*. Lisboa: Universidade Aberta, 444 pp.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela (1998) — *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta. 1.ª ed, 353 pp.

CASTRO, Paula; FREITAS, Maria João (1991) — *Contributos para o estudo de grupos étnicos residentes na cidade de Lisboa — Vale do Areeiro, um estudo de caso*. Lisboa: Grupo de Ecologia Social, LNEC (reimpresso em 1992), 186 pp.

CHHAGAN, Mahendracumar (2002) — *Os pilares da religião hindu*. Maputo: edição do autor, 75 pp.

CONIO, Catarina (1986) — *O Hinduísmo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 94 pp.

COSTA, António (1986) — «A pesquisa de terreno em sociologia» in SILVA, Augusto; PINTO, José, (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*; Porto: Edições Afrontamento, pp. 129-148.

DUMONT, Louis (1975) — *La civilisation indienne et nous*. Paris: Librairie Armand Colin, 142 pp.

ESTRELA, Albano (1994) — *Teorias e prática de investigação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora, 4.ª ed., 479 pp.

FODDY, William (1996) — *Como Perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. 3.<sup>a</sup> ed. Oeiras: Celta Editora, 228 pp.

FORTIN, Marie-Fabienne (1999) — *O Processo de Investigação — da concepção à realização*. Loures: Lusociência, 388 pp.

FULLER, Christopher J. (1992) — *The Camphor Flame: Popular Hinduism and Society in India*. New Jersey: Princeton University Press 306 pp.

GHIGLION, Rodolphe; MATALON, Benjamin (1993) — *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta, 370 pp.

GONÇALVES, Aldina *et al.* (2003) — «Acesso aos cuidados de saúde de comunidades migrantes: problemas e perspectivas de intervenção». *Revista Portuguesa de Saúde Pública*. Vol. 21, n.º 1 Janeiro/Junho, pp. 55- 64.

GOSWAMI, Satsvarupa (2002) — *Introdução à filosofia védica*. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 155 pp.

HATTSTEIN, Markus (2000) — *Religiões do Mundo*. Colónia, Könnemann Verlagsgesellschaft mbH, 120 pp.

ITURRA, Raul (1986) — «A pesquisa de terreno em sociologia» in SILVA, Augusto; PINTO, José, (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*; Porto: Edições Afrontamento, pp. 149-163.

KNOTT, Kim (1986) — *Hinduism in Leeds: a study of religious practice in the Indian Hindu community and hindu related groups*. Leeds: Community Religious, Project, University of Leeds, 334 pp.

KNOTT, Kim (1998) — *Hinduism, a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 134 pp.

KURTZ, Stanley N. (1992) — *All the mothers are one : Hindu India and the cultural reshaping of psychoanalysis*. New York: Columbia University Press. 360 pp.

MACHADO, Fernando (1999) — «Imigrantes e estrutura social» in *Sociologia: Problemas e Práticas*. Oeiras: Celta Editora. 29, pp. 51-76.

MAGALHÃES, Maria Inês (1994) — *Goeses em Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta s. n. 208 pp.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (1993) — *Comunidades Indianas na Área Metropolitana de Lisboa — Geografia de um reencontro*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 281 pp.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (1996a) — *Imigrantes na região de Lisboa — os anos da mudança*. Lisboa: Edições Colibri, 238 pp.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (1996b) — «Communautés indiennes à Lisbonne», in *Revue Européenne des Migrations Internationales*. Volume 12, N.º 1, pp.141-158.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (2001) — *Arquipélagos migratórios: transnacionalismo e inovação*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras s. n. 610 pp.

MARQUES, Maria Margarida; ROSA, Maria João (2003) — «L'intégration des immigrés au Portugal: singularité ou retard?» in *Sociologia: Problemas e Práticas*. Oeiras: Celta Editora. N.º 41, pp. 9-36.

MASCARENHAS, Telo (1943) — *A mulher hindu: ensaios*. Colecção Cultura. Lisboa: Tipografia Severo Freitas Mega, 211 pp.

MAUSS, Marcel (1934) — Les Techniques du corps. In *Sociologie et anthropologie*. Paris : PUF, 1985, pp. 365-386.

MICHAELS, Axel (2004) — *Hinduism: Past and Present*. New Jersey: Princeton University Press, 429 pp.

MITTER, Sara (1995) — *Dharma's Daughters: Contemporary Indian Women and Hindu Culture*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press.

NETO, Félix (1993) — *Psicologia da Migração Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 232 pp.

OLIVEIRA, Isabel Nel de (2001) — *Indianos em Lisboa: trajetórias, modos de vida, práticas educativas e rituais*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta s. n. 239 pp.

PIRES, Sónia (2000) — *A segunda geração de imigrantes em Portugal e a diferenciação do percurso escolar: jovens de origem caboverdiana versus jovens de origem hindu*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Coimbra: Universidade de Coimbra. s. n. 2 volumes.

POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadette P. (1995) — *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem*. Porto: Editora Artes Médicas, 391 pp.

PRABHUPÂDA, A.C. (1976) — *O BHAGAVAD — GITA Como Ele É*. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 822 pp.

QUIVY, Raymond (1998) — *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2.ª ed. Lisboa: Gradiva Publicações Lda., 282 pp.

RAMOS, Natália (1990) — «Educação precoce e práticas de cuidados em meio urbano». *Actas do Colóquio viver (n)a cidade*. Lisboa: LNEC pp. 315-323.

RAMOS, Natália (1993) — *Maternage en milieu portugais autochtone et immigré de la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Paris: Universidade René Descartes s. n. v. 1-2.

RAMOS, Natália (1997) (Dir.) — *Educar para a diversidade — Goa*. Lisboa: Universidade Aberta, CEMRI. *Scripto* e vídeo.

RAMOS, Natália (2001) — «Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. 35-2, pp. 155-178.

RAMOS, Natália (2002a) — «Educação, saúde e culturas — Novas perspectivas de investigação e intervenção na infância», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. 36 n.ºs 1, 2 e 3, pp. 463-487.

RAMOS, Natália (2002b) — «Etnoteorias do desenvolvimento e da educação da criança. Uma perspectiva intercultural e preventiva», in *Psicologia, Sociedade e Bem-estar*. Leiria: Ed. Diferença, pp. 161-177.

RAMOS, Natália (2003) — «Perspectivas metodológicas em investigação: o contributo do método fílmico», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Ano 37 n.º 3, pp. 35-62.

RAMOS, Natália (2004) — *Psicologia clínica e da saúde*. Lisboa: Universidade Aberta, 367 pp.

RENOU, Louis (1981) — *O hinduísmo*. Coleção Saber. Lisboa: Publicações Europa-América, 130 pp.

REVEYRAND-COULON, Odile (dir) (1993) — *Immigration et maternité*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 129 pp.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1995) — *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 410 p.

RUQUOY, Danielle (1997) — «Situação de entrevista e estratégia do entrevistador», in Albarello, Luc et al., *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, pp. 84-116.

SHATTUCK, Cybelle (1999) — *Hinduísmo*. Lisboa: Edições 70, Lda., 126 pp.

SILVA, Augusto; PINTO, José (orgs.) (1986) — *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 323 pp.

STORK, Hélène (1986) — *Enfances Indiennes. Étude de psychologie transculturelle et comparée du jeune enfant*. Paris: Païdos/Bayard Éditions, 237 pp.

SUGIRTHARAJAH, Sharada (1999) — «Hinduísmo» in *A mulher na religião*. Jean Holm e John Bowker (coord). Mem Martins: Publicações Europa-América, pp. 91-116.

TRABULO, Marcia (1998) — *Cultura Empresarial na diáspora: Comunidades chinesas e indianas no comércio e restauração do comércio da cidade do Porto*. Tese de Mestrado em Relações Interculturais. Porto: Universidade Aberta, 161 pp.

VALA, Jorge (1986) — «A análise de conteúdo». in SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (Org.) — *Metodologia das Ciências Sociais*. 9.ª ed. Porto: Edições Afrontamento, pp. 121-126.

VERTOVEC, Steven (2000) — *The Hindu Diaspora: comparative patterns*. London: Routledge, 190 pp.

ZIMMER, Heinrich (2003) — *Filosofias da Índia*. São Paulo: Editora Palas Athena, 2.ª edição revisada e ampliada. pp. 50-68 e pp. 121-137.

## FILMOGRAFIA

BATESON, Gregory & MEAD, Margareth (1938). *Childhood rivalry in Bali and in New Guinea*. 35 mm, pb, 15 mn.

BATESON, Gregory & MEAD, Margareth (1938). *First days in the life of a New Guinea baby*. 35mm, pb, 14 mn.

BATESON, Gregory & MEAD, Margareth (1954). *Bathing babies in three cultures*. 35 mm, pb, 10 mn.

GIL, Pamela (1995). *Techniques de maternage en Amazonie brésilienne*. Betacam SP, c, 19 mn.

GOVINDAMA, Yolande (1993). *Le rituel du marlé chez l'enfant hindou de l'île de la Réunion*. U-Matic, c, 11 mn.

GOVINDAMA, Yolande (1994). *Les rites de l'enfance dans le milieu hindou de l'île de la Réunion*. U-Matic, c, 20 mn.

RAMOS, Natália (1993). *Bercements et berceuses en milieu portugais*. U-Matic, c, 30 mn.

RAMOS, Natália (1995). *Maternage Portugais*. Betacam SP, c, 35 mn.

RAMOS, Natália (1996). *Isabelle*. Betacam SP, c, 23 mn, versão Portuguesa e Francesa.

RAMOS, Natália (1996). *Autour des gestes de maternage*. Betacam SP, c, 25 mn.

RAMOS, Natália (1996). *Une famille portugaise à Paris*. Betacam SP, c, 20 mn.

RAMOS, Natália (1999). *As mãos que embalam. Ciganos em Florença*. Betacam SP, c, 14 mn.

RAMOS, Natália (1999). *Bercements tziganes*. Betacam SP, c, 12 mn.

RAMOS, Natália (2000). *Ishtar et Sotis. Premiers liens, premières découvertes*. Betacam SP, c, 13 mn.

STORK, Helène (1982). *Pour endormir Lakshmi*. 16mm, c, 19 mn.

STORK, Helène (1982). *Seliamedu. Petits soins aux bébés dans un village Tamoul*. 16 mm, c, 32 mn.

STORK, Helène *et al.* (1988). *Techniques de maternage dans différentes cultures*. Umatic, c, 52 mn.

STORK, Helène; RAMOS, Natália *et al.* (1994). *Bercements et berceuses dans différentes cultures*. Betacam SP, c, 24 mn.

STORK, Helène; RAMOS, Natália *et al.* (1999). *Le rituel du bain à travers les cultures – (Afrique, Asie, Europe)*. Betacam SP, c, 54 mn.

## ANEXO — GLOSSÁRIO

### A

*Agama* — texto ou colectânea de textos onde se encontram expostas as principais seitas religiosas hinduístas.

*Agarbati* — incenso.

*Ahimsa* — princípio de não violência quer seja por actos, palavras ou pensamentos.

*Ajma* — semente muito utilizada após as refeições ou após o parto para facilitar a digestão e eliminar as impurezas.

*Apa* — o mesmo que *roti*; mistura de farinha integral com água e óleo, que se assa; muito utilizada na cozinha hindu.

*Aparigraha* — rejeição de avariza.

*Aranyaka* — livro da floresta, textos explicativos dos rituais védicos; escrituras védicas percursoras dos *Upanishads*.

*Arjun/Arjuna* — o fabuloso arqueiro a quem *Krishna* revela a verdadeira sabedoria sob a forma de *Bhagavad-gita*.

*Artha* — desenvolvimento económico; busca de proveito; riqueza; possessão material.

*Āśrama* — uma das etapas da vida.

*Asteya* — não roubar, não cobiçar, não mentir.

*Atharvaveda* — um dos quatro textos védicos.

*Ayurveda* — textos complementares da área da medicina natural.

### B

*Baji* — hortaliça comum na Índia.

*Bajra* — conjunto de grãos de cevada.

*Bajró* — grão de cevada.

*Bet* — o mesmo que *paan*; folha de uma árvore tradicional da Índia.

*Bhagavad-gita* — obra popular do hinduísmo; diálogo entre *Krishna* e *Arjuna*, onde se encontram vários ensinamentos, sendo o mais importante o de devoção a Deus.

*Bhagavan* — Deus no seu aspecto pessoal supremo.

*Bhale Padharya* — boas-vindas.

*Bhoi* — nome de uma sub-casta em que a principal actividade era o trabalho em estaleiros.

*Brahma* — Deus hindu associado à criação, o Absoluto.

*Brahmacharya* — etapa do discípulo celibatário; contenção nas palavras, actos e pensamentos.

*Brahmacārī* — etapa da vida correspondente à fase de estudante.

*Bramacarin* — estudante.

*Brahman* — Deus no seu aspecto impessoal; energia cósmica e luz divina; poder criador ou verdade.

*Brahmana* — texto explicativo da origem, importância, realização e significado dos rituais védicos sagrados e de um grande número de sacrifícios.

*Brahmanes/brahmanes* — classe ou casta sacerdotal; considerada a casta mais alta.

*Brahamanismo* — 2.<sup>a</sup> fase do período pré-cristianismo associado ao hinduísmo religioso, caracterizado pela influência de outras culturas; filosofia seguida pelos brahmanes.

*Brahmavadinis* — mulher que aprende os *Vedas*.

## C

*Cajal* — creme de cor negra utilizado para evitar o mau-olhado e para limpar os olhos de impurezas.

*Catlani pati* — fitas da cama que sustentam o colchão.

*Chandalas* — o mesmo que *dalits*.

*Chandlá/Chandlô* — símbolo que se desenha na testa; pode ser feito de sândalo, açafão, *cajal* ou de *kum-kum* (pó avermelhado).

*Chatti* — cerimónia de entrada na vida religiosa, que é celebrada geralmente ao 6.<sup>o</sup> dia de nascimento da criança.

*Coroparvanum* — festa realizada no 7.<sup>o</sup> mês em honra da mulher grávida, apenas na primeira gravidez.

*Curtá* – vestimenta tradicional da Índia, usada pelas mulheres, composta por uma túnica e umas calças.

## D

*Dahra* – o que se deita por cima da cabeça para purificar ou abençoar.

*Dalits* – *párias*; casta dos intocáveis, que se considera impuros desde o nascimento pelo que são marginalizados.

*Dan rashi* – parte do horóscopo relacionado com a fortuna.

*Daró* – jarro de metal.

*Dharma* – lei, vontade, dever, comportamento correcto, religião.

*Dharma sastra* – conjunto de códigos legais que regulam a vida religiosa e social hindu.

*Dharma sutras* – textos que se referem à lei e à ética social; tratam das regras de comportamento e da conduta correcta dos seres humanos.

*Dobhi* – nome de uma sub-casta, associada a agricultores que perderam as terras; lavadeiros.

*Dotio/ doti* – traje habitual dos homens na Índia.

*Durga* – forma de *Parvati*, que é independente, autónoma e com força.

## F

*Fai Baa* – tia paterna.

*Faqui* – pó caseiro, geralmente dado às crianças com a função de evitar cólicas e parasitas intestinais.

*Fudamiá* – nome de uma sub-casta correspondente aos pedreiros originários de *Fudam*.

## G

*Gandharveda* – textos complementares na área da música.

*Ganesha* – deus que afasta os obstáculos e é guardião das casas.

*Garba* — conjunto de pessoas que dançam músicas tradicionais; rancho folclórico.

*Garga Upanisad* — textos sagrados.

*Garhuti* — mistura de água e *gor* que se coloca na boca da criança logo após o nascimento; tem função de ajudar a limpar das impurezas do parto que a criança ainda tem.

*Ghi* — manteiga pura, sem sal.

*Gor* — pasta de açúcar de cana.

*Godio* — cama de criança feita em madeira e em tecido onde se embala a criança até esta adormecer.

*Grhya* — rituais domésticos em honra dos Deuses.

*Grhya Sutras* — textos que orientam a realização de rituais domésticos.

*Grihastha/Grhastha* — fase da vida de responsabilidade familiar; etapa da vida que corresponde ao de ser pai de família e que segue os deveres e ensina-os aos seus filhos.

*Gujarates* — habitantes da região de Gujarate.

*Gujarati* — língua falada no Gujarate; língua mais utilizada entre os hindus migrantes em Portugal.

*Guru* — professor; guia espiritual.

*Gym* — cerimónia festejada após o *Holi*.

## H

*Haldi* — *hardar*; pó de gengibre amarelo utilizado na confecção dos alimentos e também em determinadas cerimónias religiosas.

*Hardar* — o mesmo que *haldi*.

*Hindi* — língua principal utilizada pelos hindus.

*Hindustan* — terra do leste do rio Sindhu.

*Holi/Hori* — nome de festival religioso que dá as boas vindas à Primavera.

## I

*Indus* — antigo povo do Industão.

*Isvara* — *Bhagavan*; outro nome que se dá a Deus.

## J

*Jati/jata* — casta.

*Jay Shree Krishna* — saudação religiosa utilizada de manhã, à tarde ou de noite; lembrança de Deus.

*Jagra* — o mesmo que *gor*; açúcar de cana.

*Jiru* — cominho inteiro.

## K

*Krishna/Krshna/Krsna* — a forma original de *Bhagavan*, aquela que falou o *Bhagavad-gita*; a pessoa suprema (*Purusutlama*); divindade popular, representada como uma criança; encarnação de *Vishnu*.

*Karma* — ações e seus resultados nesta e na próxima vida.

*Kama* — gozo dos sentidos.

*Kali* — nome de uma deusa-mãe; representa a mulher autônoma e independente.

*Khania* — nome de uma sub-casta cuja principal actividade era serem pedreiros.

*Kharva* — nome de uma sub-casta cuja principal actividade era serem pescadores.

*Koli* — nome de uma sub-casta; descendentes dos *kshatriyas*, dedicaram-se inicialmente à navegação pirata e depois foram agricultores e pedreiros.

*Kshatriyas/ksatriya* — classe ou casta de nobres e guerreiros.

*Kul devi* — deusa da linhagem.

## L

*Loaran* — nome de uma sub-casta.

*Lokasamgraha* — bem-estar de toda a sociedade; manutenção do mundo.

*Laxmiji* — deusa da abundância e da fortuna.

## M

*Mahabharata* — a grande história épica da Índia antiga, escrita por vários autores; aborda o tema da guerra entre duas famílias reais.

*Mandir/ Mandhir* — templo.

*Mantra* — palavra, hino ou fórmula sagrada dirigido a uma divindade, tendo como fim a meditação; som poderoso.

*Manu-samhita* — reedição das leis que regem a vida do indivíduo, da família, da sociedade e do estado.

*Matajitervanam* — descritivo da deusa que protege as mulheres grávidas e que representa a mãe de todas as hindus.

*Meixoeira* — o mesmo que *bajró*; cereal.

*Meti* — semente utilizada para evitar flatulência.

*Min rashi* — horóscopo correspondente ao signo de peixe.

*Moksha/ Moksa* — libertação do círculo da reencarnação; libertação espiritual.

*Mug* — lentilha.

## N

*Namakarana* — cerimónia que consiste na atribuição do nome da criança.

*Navrati /Navarati* — festividade que dura sete dias.

*Nivritti marga* — caminho da renúncia; a vida em reclusão como forma de atingir a perfeição espiritual.

*Niyama* — práticas como o estudo de textos sagrados e a devoção a Deus que permitem a purificação tanto do corpo como da alma para atingir com maior facilidade a libertação da alma; disciplina; estudo; ascetismo.

## O

*Om* — som sagrado; símbolo místico hindu do absoluto; do Deus supremo.

*Ori jori* — palavras que se utilizam na cerimónia de atribuição do nome (*ori jori piper pan Lisbon gam, fai baa e padyo* — dizer o nome).

## P

*Padsal* — sala principal da casa, situada em geral, na continuidade da porta de entrada.

*Panjoli* — cerimónia realizada após o nascimento da criança, onde se colocam pedras quentes junto à cama da mãe.

*Papa* — Também denominado de *pap*; pecado; desmérito resultante da prática de acções incorrectas.

*Paramatama* — Deus na sua vertente localizada dentro de todo o ser vivo.

*Párias* — o mesmo que *dalits*.

*Parno* — cama de criança que se baloiça; semelhante ao *godio*.

*Parvati* — consorte de Siva, que representa o ideal doméstico sendo uma esposa devota e solícita.

*Pativrata* — mulher que segue com rigor a lei de casada.

*Pindiá* — mistura de condimentos indianos.

*Pippala* — árvore da Índia.

*Prakrti* — o princípio feminino.

*Pravrtti marga* — caminho de acção positiva; caminho de boas acções para atingir a perfeição espiritual.

*Pūjā* — ritual religioso diário; culto; ritual de veneração às divindades na qual são feitas oferendas.

*Punjab* — vestimenta tradicional hindu composta por calças e túnica.

*Punya* — mérito que advém ao indivíduo da prática de boas acções.

*Purana* — colectânea de textos sobre a criação e o fim do mundo, a origem do homem mitos sobre deuses e os demónios, a reencarnação entre outras; narrativas mitológicas e genealógicas das divindades.

*Purusa* — *purush*; o princípio masculino.

*Purusharthas/ Purusartha* — ideais de natureza moral.

## R

*Rab* — mistura de *ghi* com *gor*, farinha de *bajró*, *ajma* e cravinho habitualmente oferecida às mulheres após o parto com a função de estimular a produção de leite.

*Rashi* — horóscopo.

*Radha* — companheira e o grande amor de *Krishna*.

*Ramayana* — épico da literatura hindu onde se conta a história de Rama.

*Rgveda* — um dos quatro textos védicos.

*Rgveda Samhita* — conjunto de hinos que na sua maioria invocam muitos deuses, personificações de fenómenos ou poderes naturais.

*Roti* — o mesmo que *apa*.

*Rotlá* — mistura de água com farinha de *bajró* utilizada na alimentação diária; semelhante a *roti*.

## S

*Samanya dharma* — inclui o perdão, o conhecimento espiritual, a ausência de raiva e ganância, a pureza, a capacidade de distinguir entre o bem e o mal.

*Samhita* — colectâneas védicas de hinos, canções, cânticos e fórmulas.

*Samsara* — ciclo da reencarnação, de renovação.

*Sâmaveda* — um dos quatro textos védicos.

*Samshara* — aperfeiçoamento.

*Samskaras* — rituais de passagem realizados ao longo das diferentes fases da vida.

*Sanji* — uma das cerimónias do casamento hindu, onde existem danças e onde se oferecem presentes aos convidados.

*Sannyasa* — corresponde à etapa de vida do retiro físico e espiritual; renúnciação.

*Sari* — vestimenta tradicional hindu.

*Sathiô* — cruz suástica; ver *svastika*.

*Satya* — conceito de fidelidade; a verdade mesmo que seja contra o interesse próprio.

*Savitr* — esposa fiel e delicada cujo maior desejo é que o seu marido regressasse á vida e que tenha muitos filhos; é-lhe atribuída uma grande força espiritual.

*Shiva/Siva* — divindade suprema para muitos hindus; deus de ioga, conhecido como Deus da destruição.

*Simanta* — rito pré-natal.

*Sindhu* — rio que fica onde hoje é o Paquistão.

*Sita* — mulher de Rama; personifica o ideal de mulher hindu.

*Smrti* — aquilo que é recordado, lembrado; revelação; escrituras transmitidas pela tradição, ensinadas pelos sábios e lembradas pelos discípulos.

*Sopari* — noz de bétel.

*Srauta/Sutra* — livro onde se encontra o modo correcto de realizar ritos solenes e públicos.

*Srimad Bhagavatam* — texto que explica que Deus pode ser visto de três maneiras distintas.

*Sruti/Shruti* — aquilo que é ouvido, revelação; escrituras antigas transmitidas por revelação divina.

*Stridharma* — a fé divina da mulher.

*Suá* — semente utilizada na cozinha hindu.

*Sudras* — classe ou casta dos artesãos; serviçais; criados.

*Sunthe* — pó de gengibre seco.

*Sutar* — nome de uma sub-casta cuja principal actividade era a carpintaria.

*Sutra* — livro onde estão as normas e regras sobre os sacrifícios védicos solenes e sobre as regras que se referem ao culto não védico, tais como cerimónias e sacrifícios que se devem fazer em acontecimentos de carácter familiar como um nascimento ou casamento.

*Svadharmā* — percurso traçado que o indivíduo tem de seguir para atingir tanto o seu bem-estar pessoal como o bem-estar da sociedade na qual o indivíduo se insere e por último para conseguir a libertação espiritual.

*Svastika* — símbolo em forma de cruz grega que é considerado favorável quando a extremidades dos seus braços estão orientados no sentido dos ponteiros do relógio (representa o Deus Ganesha e o Sol da Primavera); quando a direcção é contrária ao sentido dos ponteiros do relógio, é considerado nefasto e representa a deusa Kali.

## T

*Thal* — oferta de comida aos deuses, acompanhada ou não de cânticos religiosos.

*Tilak /tilaka* — marca na testa que significa pureza; sinal ritual, de pasta de sândalo ou *kunkuma* (pó vermelho) colocado na testa entre as sobrancelhas.

## U

*Upanishads/ Upanisad* — divisão da literatura védica (*sruti*) consistindo em 108 textos metafísicos.

*Upaveda* — tratado suplementar dos vedas.

## V

*Vaisyas* — casta de mercadores e agricultores.

*Vanaprastha* — etapa que corresponde a uma fase da vida mais calma; fase de retiro.

*Vanja* — nome de uma sub-casta cuja principal actividade era a tecelagem.

*Vania* — nome de uma sub-casta cuja principal actividade era o comércio.

*Varna* — classe social; as quatro divisões sociais e ocupacionais da sociedade védica.

*Vedanga* — estudos considerados como auxiliares dos Vedas, como por exemplo a gramática e a astrologia.

Vedas — as quatro originais escrituras védicas reveladas (*Rg, Sama, Yagur, Atharva*) que segundo, se afirma provieram inicialmente do Supremo.

Vedismo — 1.<sup>a</sup> fase do período pré-cristianismo.

Vedantismo — 3.<sup>a</sup> fase do período pré-cristianismo.

*Vishesha dharma* — inclui os deveres que são necessários cumprir de acordo com o nascimento e de acordo com a posição que o indivíduo ocupa na família e no trabalho.

*Vixnu/ Vishnu* — divindade suprema para muitos hindus, associado a dez encarnações; conhecido como aquele que preserva, que conserva; divindade que preside a tudo.

## X

*Xiva* — o mesmo que Shiva; o Deus destruidor.

## Y

*Yajurveda* — um dos quatro textos védicos.

*Yama* — abarca cinco conceitos essenciais que permitem não só uma progressão pessoal mas também um desenvolvimento do bem-estar e plenitude social.

**ANEXO**  
**Caracterização Geral da Amostra**

Entrevistada	Idade	Local de Nascimento	Profissão	Local de Habitação	Habilitações Literárias	Número de Filhos	Tempo que está em Portugal	Percurso Migratório
E3	25	Moçambique	Psicóloga	Casa da sogra	Licenciatura	1	23 anos	Moçambique- -Portugal
E4	30	Moçambique	Vendedora de feira	Casa própria (próxima da mãe e irmã)	4.ª classe	3	Não sabe precisar (+ de 25 anos)	Moçambique- -Portugal
E5	29	Moçambique	Doméstica (já foi vendedora mas desde que teve filhos está em casa)	Casa da sogra, cunhado, cunhada, filhos, marido e agora seus 2 filhos	4.ª classe	2	27-28 anos	Moçambique- -Portugal
E6	29	Índia – Gujarat	Doméstica	Casa da sogra	9.º ano	1	14 meses	Índia-Portugal
E7	65	Moçambique	Doméstica	Casa própria	4.ª classe	3	25 anos	Moçambique- -Portugal
E8	37	Índia – Gujarat	Dona de mini-mercado	Casa própria	Inter science (12.º ano)	2	14 anos	Índia-Portugal (motivo casar)

(continua)

*(continuação)*

Entrevistada	Idade	Local de Nascimento	Profissão	Local de Habitação	Habilitações Literárias	Número de Filhos	Tempo que está em Portugal	Percurso Migratório
E9	25	Moçambique	Rececionista	Casa própria	9.º ano	1	16 anos	Moçambique- -Portugal (após 25 Abril)
E10	40	Moçambique	Doméstica	Casa própria (bairro social)	4.ª classe	4	15 anos	Moçambique- -Portugal (melhores condições)
E11	68	Índia	Doméstica (faz massagem às mães e aos bebés)	Casa própria	4.ª classe	5	22 anos	Índia- -Moçambique- -Portugal
E12	33	Moçambique	Trabalha na loja do marido e dá aulas de estanho em casa	Casa própria	9.º ano	2	1.º – 10 anos 2.º – 8 anos	Moçambique- -Portugal- -Suazilândia- -Portugal
E13	36	Moçambique	Doméstica	Casa própria	11.º ano	1	21 anos	Moçambique- -Índia-Portugal

*(continua)*

*(continuação)*

Entrevistada	Idade	Local de Nascimento	Profissão	Local de Habitação	Habilitações Literárias	Número de Filhos	Tempo que está em Portugal	Percurso Migratório
E14	29	Moçambique	Doméstica (vende roupa e objectos indianos em casa)	Casa própria (bairro social)	7.º ano	3	12 anos	Moçambique- -Portugal (marido morava em Portugal)
E15	26	Índia	Doméstica	Casa da sogra	12.º ano	2	6 anos	Índia-Portugal (motivo casamento)
E16	56	Malawi – África	Doméstica	Casa própria	7.º ano antigo	2	21 anos	Malawi-Índia- -Moçambique- -Portugal
E17	29	Moçambique – Tete	Operadora de caixa no supermercado	Casa própria	12.º ano	1	20 anos	Moçambique- -Índia-Portugal
E18	31	Moçambique	Trabalha na loja do marido	Casa própria	10.º ano	1	24 anos	Moçambique- -Índia-Portugal
E19	28	Moçambique	Desempregada	Casa própria	7.º ano	1	4 anos	Moçambique- -Portugal

*(continua)*

*(continuação)*

Entrevistada	Idade	Local de Nascimento	Profissão	Local de Habitação	Habilitações Literárias	Número de Filhos	Tempo que está em Portugal	Percurso Migratório
E20	27	Índia	Trabalha nas limpezas	Casa própria (habitação social onde mora sogra, família com 2 filhos e cunhado)	8.º ano	2	6 anos	Índia-Portugal (marido vivia em Portugal)
E21	28	Moçambique	Doméstica	Casa própria	6.º ano	2	22 anos	Moçambique-Portugal
E22	26	Índia	Doméstica (trabalhava na loja, mas desde o nascimento do bebé está em casa)	Casa da sogra	10.º ano + curso de informática	1	4 anos	Índia-Portugal (4)-Londres (4)-Portugal
E23	29	Índia	Doméstica	Casa própria (habitação social onde coabitam 6 pessoas – casal, 2 filhos, 1 cunhado e a sogra)	4.ª classe	2	17 anos	Índia-Portugal

*(continua)*

*(continuação)*

Entrevistada	Idade	Local de Nascimento	Profissão	Local de Habitação	Habilitações Literárias	Número de Filhos	Tempo que está em Portugal	Percurso Migratório
E24	30	Moçambique	Doméstica	Casa própria (sogra, casal e filhos)	7.º ano	3	13 anos	Moçambique-Portugal
E25	26	Moçambique	Doméstica	Casa própria (habitação social, onde vive sogra, casal, filho)	9.º ano	1	18 anos	Moçambique-Portugal
E26	24	Moçambique	Trabalha num supermercado	Casa alugada, onde coabitam 4 pessoas – avó, mãe, filha, primo	9.º ano	1	4 anos	Moçambique-Portugal
E27	28	Índia	Doméstica (trabalhou na loja do marido)	Casa própria, onde vive sogro, casal e 2 filhos	Licenciatura em inglês	2	8 anos	Índia-Portugal
E28	25	Moçambique	Doméstica	Casa dos sogros (sogros, casal, avó, criança)	9.º ano	1	18 anos	Moçambique-Portugal

*(continua)*

*(continuação)*

Entrevistada	Idade	Local de Nascimento	Profissão	Local de Habitação	Habilitações Literárias	Número de Filhos	Tempo que está em Portugal	Percurso Migratório
E29	21	Portugal	Trabalha na loja da família	Casa dos pais, onde vivem pais, criança e mais um casal de cunhados	9.º ano	1	21 anos	Portugal
E30	24	Índia	Doméstica	Casa própria onde coabita o casal e as 2 filhas	12.º ano	2	4 anos	Índia-Portugal
E31	27	Índia	Doméstica	Casa própria onde coabitam os sogros, o casal, 3 filhas, 1 cunhada e 1 cunhado	9.º ano	3	6 anos	Índia-Portugal
E32	28	Mocambique	Doméstica	Casa dos sogros, onde moram os sogros, o casal e a filha	12.º ano	1	27 anos	Mocambique-Portugal
E33	26	Índia	Doméstica	Casa dos sogros, onde moram os sogros, o casal, a cunhada e o cunhado	12.º ano	1	2 anos	Índia-Portugal

*(continua)*

*(continuação)*

Entrevistada	Idade	Local de Nascimento	Profissão	Local de Habitação	Habilitações Literárias	Número de Filhos	Tempo que está em Portugal	Percurso Migratório
E34	56	Malawi	Doméstica (por vezes vai à loja do marido)	Casa própria (vive casal, filho com mulher e filhos)	9.º ano	5	20 anos	Malawi- -Moçambique- -Portugal
E35	29	Tanzânia	Doméstica	Casa própria (casal e filhas)	7.ª classe	3	7 anos	Tanzânia-Índia- -Tanzânia- -Portugal
E36	19	Índia – Diu	Doméstica	Casa própria (casal e filha)	4.ª classe	1	10 anos	Índia-Portugal
E37	29	Portugal	Trabalha na loja da família	Casa dos sogros, onde coabitam com a sogra-avó, os sogros e 3 filhos	12.º ano	3	20 anos	Portugal- -Moçambique- -Portugal
E38	25	Portugal	Doméstica	Casa dos sogros onde coabitam os sogros, o casal e a criança	9.º ano	1	25 anos	Portugal

